

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL –
PUCRS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSELAINÉ BRONDANI MEDEIROS

**MURMÚRIOS NA ESCURIDÃO:
A VOZ QUASE INAUDÍVEL DO
SOBREVIVENTE PRIMO LEVI
EM *É ISTO UM HOMEM?* E *A TRÉGUA***

Prof. Dr. Urbano Zilles
Orientador

Porto Alegre, janeiro de 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO
SUL – PUCRS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSELAINÉ BRONDANI MEDEIROS

**Murmúrios na escuridão: a voz quase inaudível do sobrevivente Pri-
mo Levi em *É isto um homem?* e *A trégua***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Letras, área de concentração: Teoria da Literatura.

Prof. Dr. Urbano Zilles
Orientador

Porto Alegre, janeiro de 2009

JOSELAINÉ BRONDANI MEDEIROS

Murmúrios na escuridão: a voz quase inaudível do sobrevivente Primo Levi em *É isto um homem?* e *A trégua*

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUCRS, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração: Teoria da Literatura.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Urbano Zilles - PUCRS

Prof. Dr. Jaime Ginzburg - USP

Prof.^a Dr. Rosani Úrsula Ketzer Umbach - UFSM

Prof.^a Dr. Vera Teixeira de Aguiar - PUCRS

Prof.^a Dr. Ana Maria Lisboa de Mello - PUCRS

DEDICATÓRIA

Ao meu bebê, que está em meu ventre e é o serzinho mais amado e desejado do mundo

Ao meu pai Adão José de Medeiros, *in memoriam*, e a minha mãe Celaine Brondani Medeiros por tudo que fizeram por mim: noites acordadas, balanços na rede para eu pegar no sono quando bebê, horas e horas de estudos juntos nos primeiros passos da aprendizagem (como é bom ter uma mãe professora!!!), conselhos na adolescência, incentivos a prosseguir os estudos SEMPRE. Enfim, vocês dois são exemplo de tudo para mim, de amor, de união, de respeito, de companheirismo... são meu porto seguro: um na terra, assegurando minha mão; outro no céu, iluminando meus passos. E eu sou a continuação de vocês e quero sempre orgulhá-los...

A todos os judeus, que não puderam escrever a sua História!

À família do escritor italiano Primo Levi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, da sabedoria e da força para lutar e vencer os obstáculos;

Ao meu pai, José, que está no céu e que tenho certeza que hoje é meu anjo da guarda. Pai, eu sinto o senhor dentro do meu coração, sua presença está no meu ser, sua energia é minha vitalidade e me dá forças para continuar seguindo os passos que me ensinaste;

A minha mãe, Celaine, e ao meu irmão, Zeca, pela paciência, pelos incentivos e pela lealdade diária;

Ao Danilo, meu amor, que tornou minha vida mais feliz, incentivando-me sempre a estudar e a vencer;

Pai, mãe, Zeca e Danilo, vocês são TUDO para mim! Obrigada por fazerem parte da minha vida e me aceitarem como eu sou: com defeitos, qualidades, erros, acertos; enfim, humana;

Aos meus avós, Ângelo e Amélia Brondani e Odilon Medeiros, pelo exemplo de vida, pela determinação e vontade de viver, sendo um espelho para minha vida e contribuindo, de forma direta e indireta, para o meu crescimento como ser humano e como profissional da educação;

A todos os meus tios, primos, afilhados, pelo carinho, pelo incentivo e pela disposição de sempre me ajudar em todos os momentos da minha vida;

A todos os meus colegas de doutorado e aos meus amigos, especialmente à Ana Lúcia Leal Buzzetto, À Rosane e ao José Eri Rodrigues, à Therezinha Maydana, à Lauren Fontoura, à Lisandra Brizolla, à Ligiane Mariani, à Leila Silveira, ao Rogério Reck, à Luciana Fernandes, à Cintia Toledo, ao Leandro Ortolan, ao André Mittidieri, à Jaqueline Scherf, à Marilei e ao Antônio Ferreira, pela amizade incondicional, sem cobranças, pois, muitas vezes, não tive tempo para lhes dar a devida atenção;

À Marina e à Fernanda Becker pelas risadas alegres, pelas brincadeiras e

palhaçadas nos momentos de descanso... vocês, crianças amadas, fazem a vida valer a pena!!!! e “a vida é bonita.. é bonita”!!!!

Ao professor Jaime Ginzburg por ter me “apresentado” a Literatura de testemunho e, sobretudo, as obras de Primo Levi e ter me incentivado a prosseguir meus estudos, acreditando no meu potencial;

À professora e amiga Rosani Ketzer Umbach, pelo apoio, carinho e pela leitura da tese; às professoras Vera Teixeira de Aguiar e Ana Maria Lisboa de Mello, pelas orientações pertinentes na qualificação da tese;

À professora Regina Zilbermann por ter aceitado orientar inicialmente esse trabalho, acreditando nas minhas idéias e na importância de se escrever uma tese sobre a Literatura de testemunho e sobre o sobrevivente-autor Primo Levi; e ao professor Urbano Zilles por ter prosseguido a orientação de forma tranqüila, segura e com muita sabedoria;

À Mara e à Izabel, secretárias do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pela delicadeza e pelo carinho;

À faculdade de Letras, ao PPGL da PUCRS, ao CNPq pela oportunidade de estudar e pela bolsa concedida para poder me manter financeiramente e continuar o sonho de estudar cada vez mais e concluir o doutorado;

A todos os professores, desde a Primeira Série do Ensino Fundamental, pois foram os alicerces para a minha formação pessoal e profissional. E agradeço, sobretudo, aos professores da PUCRS, que possibilitaram novos estudos e novos conhecimentos, preparando-me para o exercício do magistério superior com qualidade, profissionalismo e segurança.

Muito Obrigada a todos!!!

RESUMO

Nesta tese, tem-se como objetivo analisar as obras *É isto um homem?* e *A trégua*, do autor italiano Primo Levi. Ele sobreviveu aos campos de concentração nazistas e sentiu na pele o horror do totalitarismo, durante o período em que Hitler esteve no poder, no auge da Segunda Guerra Mundial. Na obra *É isto um homem?*, o escritor Primo Levi relata a sua experiência como *Häftling* (prisioneiro) no campo de concentração de Monowitz, onde fôra batizado com o nome de 174.517 e recebera uma tatuagem no braço esquerdo. Auschwitz é a catástrofe por excelência, é a desumanização e a degradação sem limites. Já em *A trégua*, ele conta como foi a evacuação alemã, a tomada dos campos pelos russos e a difícil jornada de volta para casa. Como sobrevivente, Levi sentiu a necessidade de contar para a humanidade a barbárie e as atrocidades vistas e vividas no campo. A lembrança não foi fácil, sendo pontilhada de dor, angústias e feridas não cicatrizadas, em decorrência do trauma. No entanto, ele sabia da sua responsabilidade para com os mortos de relatar os atos violentos, de dar voz ao inaudível, e para com as gerações futuras com o intuito de que atos bárbaros e perversos não venham a se repetir novamente. Com relação ao testemunho, pretende-se discutir questões relativas à memória, ao trauma ou, especificamente, à impossibilidade de reduzir esse evento ao meramente discursivo. Então, como representar algo que vai além da capacidade de imaginação e representação? Além disso, serão estudadas as fronteiras entre a memória, o testemunho, a autobiografia, cujas margens, muitas vezes, diluem-se. Finalmente, como alicerce teórico, serão mencionados os pensadores da Escola de Frankfurt, sobretudo Walter Benjamin e Theodor Adorno, e alguns autores da Literatura de testemunho como: Giorgio Agamben, Shoshana Felman, Dominick LaCapra, Cathy Caruth, Márcio Seligmann-Silva, dentre outros.

Palavras-chave: totalitarismo, linguagem, testemunho, Primo Levi

ABSTRACT

In this thesis, the purpose is to analyze the works *É isto um homem?* and *A trégua*, by the Italian author Primo Levi. He survived to the Nazi concentration camps and suffered the horror of the totalitarianism, during the time when Hitler was in the power, in the peak of the Second World War. In the work *É isto um homem?* the writer Primo Levi relates his experience as *Häftling* (prisoner) in the concentration camp of Monowitz, where he was christened with the name 174.517 and received a tattoo on his left arm. Auschwitz is the catastrophe par excellence, the inhumanity and the degradation without limits. On the other hand, in *A trégua*, he tells the way that happened the German evacuation, the capture of the camps by the Russians and the difficult journey of coming back home. As a survivor, Levi felt the need of telling to the humanity the barbarity and the atrocities seen and lived in the camp. Nevertheless, because of the trauma, his remembrance was not easy; it was dotted of pain, anguishes and not healed hurts. However, he knew about his responsibility with the dead people of relating the violent acts, of giving voice to the inaudible and with the future generations with the intention that the barbarian and wicked acts do not repeat again. In relation to the evidence, it is intended to discuss questions related to memory, trauma or, specifically, to the impossibility of reducing this event to the merely discursive. So, how is it possible to represent something that goes beyond the capacity of imagination and representation? Besides, it will be studied the frontiers among memory, evidence, autobiography, margins, many times, attenuate. Finally, as theoretical basis, the thinkers of the Frankfurt's School are mentioned, specially Walter Benjamin and Theodor Adorno, and some authors of the Literature of evidence with Giorgio Agamben, Shoshana Felman, Dominick LaCapra, Cathy Caruth, Márcio Seligmann-Silva, among others.

Key Words: totalitarianism, language, evidence, Primo Levi

SUMÁRIO:

<i>FRANJAS DA TAPEÇARIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS</i>	11
1 <i>O COMEÇO: PRIMO LEVI, SUA VIDA, SUAS OBRAS E A HISTÓRIA</i>	17
1.2 Preâmbulos: a História do Holocausto	30
1.2.1 Modernidade: ecos da fragmentação do ser	31
1.2.2 O Holocausto: totalitarismo por excelência	41
2 <i>O NÓ: UM FIAR E DESFIAR SOBRE O TESTEMUNHO, A MEMÓRIA E O TRAUMA</i>	56
2.1 Literatura de testemunho: entre o esquecer e o lembrar	62
2.2 O campo de Monowitz: memória em estilhaços	84
2.3 O inferno de Dante: os muçulmanos do campo	99
2.4 “Sem trégua”: a dor e a melancolia dos sobreviventes diante à dificuldade de voltar para casa	108
2.5 Se não agora, quando?: urgências e limites do ser humano em meio à devastação da guerra	123
2.6 Trauma: manchas eternas no tapete da memória	133
2.7 Vestígios do eu: Primo Levi e as rugas do tempo	148

3 *O FIM: POSSIBILIDADE DE REDENÇÃO E O CONHECIMENTO DE SI MESMO E DO OUTRO*

	162
3.1 Vítimas da opressão	163
3.1.1 Schespschel	164
3.1.2 Elias Lindzin	165
3.1.3 Henri	166
3.2 No limbo: o grego e César	167
3.3 Força e amizade: os lutadores do bem	170
3.3.1 Jean Samuel	170
3.3.2 Lorenzo	172
3.3.3 Alberto	173
3.3.4 Frau Vitta	174
3.3.5 Leonardo	175
3.4 O eu: nós que não desatam	177
<i>O ARREMATE DO TAPETE: CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	183
<i>REFERÊNCIAS</i>	192
<i>CURRICULUM LATTES</i>	201

“FRANJAS” DA TAPEÇARIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura se constrói através de idéias, da linguagem, da brincadeira com a palavra; uma brincadeira, na verdade, séria, pois leva o leitor a pensar, a projetar expectativas, a construir a sua história subjetiva, a sua identidade e, ao mesmo tempo, a História, dentro de uma coletividade. A literatura, através de um escritor engajado, consciente do seu papel social, tem o poder de representar a sociedade, contribuindo para a emancipação do ser humano. Ela é fonte de cultura, de conhecimento; é, enfim, paixão, prazer, deleite.

Com essa acepção de literatura, quer-se refletir sobre as obras **É isto um homem?** e **A trégua**, do escritor italiano Primo Levi. Ele foi um sobrevivente dos campos de concentração nazistas e, após a sua libertação, sentiu necessidade de relatar a barbárie a que foi submetido em Auschwitz¹. O seu relato é pontuado de tensões, silêncios, vazios, decorrentes do trauma, da dor e da falta de linguagem para representar a realidade de ser um prisioneiro e de estar no limbo entre a vida e a morte.

Primo Levi era formado em química pela Universidade de Turim, e a profissão o ajudou a sobreviver durante o período em que esteve confinado no campo. Ele foi enviado para Monowitz, campo de trabalho do complexo de Auschwitz, onde seria instalada uma fábrica de borracha, chamada Buna. Levi era um *Häftling*, ou seja, um prisioneiro, com um número tatuado no braço esquerdo, usando uma roupa listrada, com a estrela de Davi, vermelha e amarela, costurada no casaco, ressaltando, portanto, a sua condição judaica.

Após a libertação e a tentativa de retomada da sua vida de homem (no campo fôra rebaixado a um verme), a escrita, junto com as pipetas, buretas, erlenme-

¹ Ao longo do texto, várias palavras serão usadas para designar o massacre que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, com a criação dos campos de concentração de Auschwitz, dentre elas Shoah, Holocausto, barbárie, genocídio, extermínio. Sabe-se que Holocausto não deveria ser usado, devido à conotação de sacrifício, de imolação em chamas, como se os judeus tivessem se sacrificado em nome de alguma coisa. Nada mais equivocado do que dar qualquer sentido religioso ao genocídio praticado pelos nazistas. No entanto, se aparecer essa palavra ao longo da tese, é para evitar repetições. Ressalta-se que se tem consciência do seu significado e do seu uso indevido.

yer, tubos de ensaio, balanças, passou a fazer parte da sua vida. Ela se tornou uma chama acesa, um resquício de esperança para que os seus irmãos mortos recebessem uma sepultura digna e não fossem esquecidos. A escrita e os livros perduram anos e, mesmo que as suas páginas estejam amarelas, desbotadas ou até rabiscadas, sempre serão fontes de consulta. A escrita permanece, independente de a memória falhar ou de a morte se aproximar. A escrita foi a forma encontrada por Primo Levi para lutar contra o esquecimento, contra a velhice e contra a depressão, que queria derrubá-lo. Talvez a escrita fosse a única vida possível, eterna.

As duas primeiras obras do judeu Primo Levi: **É isto um homem?** e **A trégua** foram escritas alguns anos após a sua libertação e são um relato emocionante e, ao mesmo tempo, tenso e angustiante dos meses passados no campo de concentração. Essas duas obras estabelecem uma espécie de continuidade. A primeira relata a luta diária pela sobrevivência no campo de Monowitz. Todos os dias, os presos conviviam com a fome, a sede, o frio, as dores físicas e a pressão psicológica, que carcomiam o corpo e a alma. O campo era um castigo muito pior que a própria morte; quem ficava no campo sofria até virar um cadáver, sem força e sem esperança.

Já a segunda, conta como foi a evacuação dos alemães, a agonia dos sobreviventes que ficaram no campo, pois estavam enfermos e esgotados, sem expectativa de voltar para casa ou projetando um caminho doloroso pela frente. Realmente, o retorno ao lar foi difícil: as estradas e as cidades estavam destruídas; os povoados, na miséria; as estações de trem, abandonadas; os poucos trens existentes, sucateados e superlotados. As dificuldades continuaram fazendo parte do dia-a-dia dos sobreviventes. O lar, e a sua conotação de carinho, aconchego, descanso e paz, ainda estava longe de ser uma realidade. A casa era uma imagem distante, desfocada, esquecida, que povoava os sonhos e os momentos de descanso entre uma cidade e outra ou entre um trabalho e outro. Os homens estavam demolidos pelo campo e pelo seu Sistema, e andavam por cidades também demolidas. Voltar para casa era sinônimo de paciência, angústia e incerteza permanente.

Primo Levi não escreveu somente **É isto um homem?** e **A trégua**. Estas são, sem dúvida, as mais conhecidas, comoventes e profundas, por ser um testemunho direto do Holocausto, além de receber traduções em diversas línguas, como inglês, francês, espanhol, russo e alemão. As obras **A tabela periódica**, **Os afogados e os sobreviventes**, **Se não agora, quando?** também são interessantes e, de forma direta ou indireta, representam situações vivenciadas no campo e no percurso de volta à Itália. O escritor também produziu numerosos contos, publicados no jornal *La Stampa*, além de poesias, ensaios e crônicas. As obras de Levi são um testemunho vivo e sagaz, que apela à consciência de cada leitor para que reflita e lute por um maior reconhecimento dos crimes cometidos pelos nazistas, mesmo que não exista pena alguma à altura do que se perpetrou em Auschwitz.

É relevante trazer à baila a temática de Auschwitz e de Primo Levi como um todo, conhecendo sua vida, sua infância, sua profissão, sua identidade, sua história que não é só sua, mas que acaba se misturando com a de todo o povo judeu, marginalizado e discriminado, durante a era de Hitler e de seus súditos. Objetiva-se, em vista disso, no primeiro capítulo, fazer uma “minibiografia”, valendo-se de passagens de sua vida e de suas obras, bem como, para situar o contexto em que o autor viveu e lutou pela sobrevivência, sobretudo no período da Segunda Guerra Mundial, mostrar brevemente a “História do Holocausto”. Como não se deve estudar o texto desvinculado do seu contexto, é pertinente verificar como se deu a expansão do totalitarismo na Europa, a ideologia e o papel de Hitler e dos seus dirigentes, na maioria dos casos membros da elite alemã, o domínio psicológico, a guerra, a destruição das cidades e dos seres humanos até chegar aos campos de trabalho e de extermínio, auge da violência e da desumanização. Unindo a investigação histórica à análise da obra, pode-se entender, com mais clareza, a sociedade da época e as expressões utilizadas, como totalitarismo, malignidade humana, desumanização, barbárie, violência, dentre tantas outras. A História, a Sociologia e a Literatura juntas possibilitam um olhar mais profundo para as questões relativas à Auschwitz, à memória e ao testemunho. Reelaborando uma frase muito conhecida, coloquial: “a união faz a força” para “a integração

faz a força”, aspira-se tê-la como um lema, na medida em que possibilita mais discussão, reflexão e conhecimento.

O segundo capítulo é a chave mestra da tese, tendo discussões teóricas iniciais sobre Literatura de testemunho, diário íntimo, autobiografia, confissões. Após essas diferenciações de gênero, aprofundar-se-á na Literatura de testemunho, estreitando o olhar para o correlato: memória versus esquecimento. No caso de Primo Levi, também observar a resistência à memória, os vazios e silêncios, presentes nos seus textos, decorrentes da impossibilidade de verbalizar o ocorrido nos campos de concentração. Concentrar-se-á na importância da rememoração para dar voz às vozes emudecidas dos companheiros que não puderam dar o seu testemunho, sobretudo dos muçulmanos, a dor de sobreviver e ter a tarefa de lutar para que Auschwitz não se repita.

A vivência no campo de concentração destrói o maquinário da linguagem, pois como expressar algo que vai além da capacidade de imaginação? Daí a importância de se verificar os mecanismos usados por Primo Levi para criticar o sistema autoritário e o problema da relação entre o testemunho da experiência do autoritarismo e a criação literária para se entender as obras **É isto um homem?** e **A trégua**, dentro do contexto social europeu que o autor vivenciou (Segunda Guerra Mundial e experiência no campo de concentração de Auschwitz) e dentro do contexto do Pós-Guerra em que as obras foram produzidas.

À medida que se adentra no universo concentracionário, entra-se em contato com questões relativas às noções de “catástrofe”, “trauma” e “ruína”, que se distanciam de certos esquemas cômodos da historiografia literária, visando compreender não só a experiência de Levi no campo, como também a situação de desmoronamento, imposta pelo regime totalitário. Como o autor enfrentou uma realidade, marcada pela desumanização, as suas obras trafegam por uma zona cinzenta, sem cor e sem esperança, devido ao contato permanente com a morte. Elas têm esse tom cinza, mas, ao mesmo tempo, são luta e resistência à morte, sendo frutos do encarceramento e do

exílio interior do autor, que tenta, após Auschwitz, recuperar a sua própria humanidade.

Depois de afundar ou se “afogar”, como escreveu Primo Levi, há uma dificuldade muito grande de se voltar a ser humano. O limite entre o humano e o inumano permanece muito estreito, mesmo depois da tentativa de retomar a vida longe de Auschwitz. A culpa atormenta os sobreviventes, visto que sobreviveram os mais espartos, os que tiveram sorte. As verdadeiras testemunhas não estão vivas nem podem contar o que viveram: as câmaras de gás, os fornos crematórios as levaram. Os sonhos viraram fumaça.

A Literatura de testemunho nasce do vazio e do silêncio do sobrevivente. É ambígua, trafega entre a dor e a esperança, entre o dizível e o indizível. O sobrevivente precisa contar aos outros, precisa de ouvintes. Da oralidade, ele passa para a escrita, sentindo a necessidade de escrever a sua história, já que só assim ele mesmo e a sua experiência se manteriam vivos e a possibilidade de a catástrofe se repetir diminuiria. Pelos vazios, incertezas, dúvidas e tensões do cotidiano social, transferidos para a escrita, é válido estudar a Literatura de testemunho, diante dos seus limites e das suas invasões de fronteiras. Isso ocorre porque nem sempre é fácil relatar de forma clara, no sentido de a vítima ser entendida por aquele que não viveu no cárcere. Quem não viveu, não consegue dimensionar a imensidão do massacre; e quem viveu, sofre pelo passado e pelo presente. Às vezes é necessário ficcionalizar a experiência, às vezes o trauma é tão grande que não se sabe o que é ficção e o que é realidade. Os nós da vida e da História não são desfeitos com facilidade.

No terceiro e último capítulo, serão discutidas as relações humanas dentro do campo. Primo Levi gostava de observar o homem e, numa situação-limite, os seus desejos e os seus sentimentos mais recônditos tomavam forma e passavam a fazer parte do seu dia-a-dia. Há vários tipos de pessoas no campo: bandidos, presos políticos, pessoas de várias raças, etnias, crenças e posições sociais. Elas apresentam atitudes e comportamentos também variados. Suas características vão de oportunistas, más, desequilibradas emocionalmente, desumanizadas a trabalhadoras, fortes, com-

panheiras. Após passar pelo portão e conseguir sobreviver à primeira seleção, a luta pela sobrevivência passa a ser diária, os presos vivem intensamente o individualismo e a disputa selvagem, chegando ao ponto de delatar os companheiros aos soldados SS e, até mesmo, matar para poder permanecer mais um dia vivo no campo. A lei é a da selva (ou do capitalismo?); e quem pode mais vence, isso é o normal. No campo, os soldados são sádicos, violentos, desumanos e insensíveis, fascinados e cegos pelas ordens e ideologias dos superiores.

No entanto, diante da frieza e da violência do ambiente, despontam pessoas que não se deixam dominar pelo ódio, pelo rancor ou pela tristeza, não fraquejam, mesmo com dor, e ajudam os outros a se erguer. Elas são capazes de dar o seu próprio alimento para que o irmão do lado não sucumba, trabalham dobrado para ajudar o mais fraco a cumprir as tarefas, dando, dessa forma, amostras de que vale a pena viver e lutar. Esses prisioneiros vislumbram uma luz no final do túnel e se agarram à esperança de viver; doam-se aos outros, mesmo que a doação seja um toque na mão, um afago na cabeça, uma palavra de força ou uma fatia de pão. Algo tão pequeno, mas que se torna grande num ambiente onde o comum é a brutalidade e o individualismo. Primo Levi conheceu várias pessoas generosas, que o ajudaram a suportar a dor e, tanto em **É isto um homem?** como em **A trégua**, há uma singela homenagem a elas, mesmo sem nomes verdadeiros ou somente com apelidos. O importante é que, com isso, ele mostra que ainda é possível confiar na humanidade ou não deixar de ser humano, num ambiente onde predomina a animalização.

1 O COMEÇO: PRIMO LEVI, SUA VIDA, SUAS OBRAS E A HISTÓRIA

Primo Levi nasceu no dia 31 de julho de 1919, em Turim, no seio de uma família judaica e na casa de seus antepassados, onde permaneceria o resto de sua vida. Coincidentemente, no ano em que nasceu, houve a fundação do partido nazista na Alemanha e do fascista na Itália. Nesse mesmo ano, como comenta Myriam Anissimov², uma crise na vida dos cidadãos e na sociedade italiana acabou provocando uma série de greves violentas e, em seguida, muitos saques nas lojas e nos armazéns de produtos alimentícios. Também foi o ano de lançamento do diário comunista *L'Ordine Nuovo* por Antonio Gramsci, Angelo Tasca, Palmiro Togliatti e Umberto Terracini.

Em 1921, nasceu sua irmã, Anna Maria, a quem ele permaceria muito unido durante toda a sua vida. Dos seis aos onze anos, Primo Levi frequentou a escola primária, na rua Massena. A infância de Levi foi marcada pelo contato com os livros, porque o seu pai estimulava a leitura. Nascia em Levi a vontade de ler e escrever, acentuada após a experiência em Auschwitz. Na infância, também ficaram as lembranças da avó e dos seus bombons amargos, sem amor. A avó não dava atenção ao menino e sempre “tirava de um esconderijo a caixa de bombons, sempre a mesma, e me oferecia um. O bombom vinha estragado, e eu o metia no bolso cheio de vergonha”³. Ela nunca demonstrava os sentimentos e era de poucos carinhos. No entanto, sua vida amorosa era intensa, tanto que, segundo Myriam Anissimov⁴, ela era chamada de “strassacuore” (destruidora de corações), porque o primeiro marido, o avô do escritor, havia se suicidado. A causa provável fôra a infidelidade da esposa.

² ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**. Trad. Teresa Garín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001.

OBS: A tradução para o português de todas as passagens, presentes na obra **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**, escrita em espanhol, é de minha autoria.

³ LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 24.

⁴ ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**. Trad. Teresa Garín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001.

Levi era uma criança de aparência frágil, magra e de comportamento reservado e tímido. A timidez se acentuava por ser judeu, ficando receoso de estabelecer contato com as outras pessoas. Ele sofreu preconceito na escola e teve que suportar muitas brincadeiras dos colegas em decorrência da circuncisão. Contudo, ele vivia essa particularidade como “uma pequena anomalia divertida”⁵. O certo é que posteriormente tudo isso favoreceu para aumentar o seu complexo de inferioridade que, unido a uma exarcebada timidez, deixaram-no retraído diante dos possíveis relacionamentos amorosos.

Aos treze anos, o adolescente celebrou o seu *Bar mitsváh*, seguindo o costume dos judeus. Ele estudava, às quintas-feiras, o Talmud e a Torá, visando à preparação para o seu *Bar mitsváh*. Cesare Levi, o patriarca da família, freqüentava a sinagoga, mas não era um judeu praticante. Em vista disso, Primo Levi aprendeu a língua hebraica, mas logo a esqueceu por completo. De acordo com Anissimov⁶, ele teve que esperar as leis raciais a partir de 1938 e, sobretudo, a estada no campo de Buna-Monowitz para que o seu interesse novamente aflorasse.

Na época da adolescência de Levi, o contexto social de exclusão se intensificava. Os judeus eram vistos e tratados como seres invisíveis, à margem da sociedade, não podendo reclamar seus direitos de igualdade nem buscar a sua identidade. Em 1934, Primo Levi entrou para a escola secundária *D’Azegli*, objetivando especializar-se em estudos clássicos. A escola era conhecida por possuir professores liberais, que propagavam idéias contra o fascismo. Dentre eles, destacaram-se Norberto Bobbio e Cesare Pavese. Quando Levi chegou, os facistas haviam demitido muitos professores que negaram firmar juramento de fidelidade ao regime. Levi não teve dificuldades de aprendizado, já que fôra sempre muito estudioso. O contato com os livros continuou presente, sendo valioso para a formação

⁵ ANISSIMOV, M. *Primo Levi ou la tragedia de un optimista*. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 25.

⁶ ANISSIMOV, M. *Primo Levi ou la tragedia de un optimista*. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 31.

do seu pensamento: um legado de pai para filho, como rememorou em **La ricerca delle radici**⁷:

Eu lia muito, porque pertenço a uma família, na qual ler era um vício inocente e tradicional, um costume gratificante, um exercício mental, uma maneira obrigatória e compulsiva de preencher o tempo vazio. Uma espécie de fada morgana, de destino em direção à sabedoria.

Levi também era muito curioso e, como conta Maurício Dias⁸, com quinze anos e cursando o primeiro ano no liceu, ganhou do seu pai um microscópio. A partir daí, começou a nascer a fascinação pela química. O jovem examinou no microscópio tudo o que era possível colocar sobre as lâminas, como seu cabelo, uma asa de mosca, o pólen das flores, o sal, o sulfato de cobre, o bicarbonato de sódio, dentre tantas outras substâncias. Com dezesseis anos, ele e um amigo entraram pela primeira vez em um laboratório amador nos fundos de um pátio: “os vidros do laboratório nos encantavam e nos intimidavam. O vidro, para nós, era aquilo que não se deve tocar porque se rompe”⁹, talvez por isso representasse perigo, mistério e, ao mesmo tempo, prazer.

Na entrevista com Camon¹⁰, Levi releu esse gosto pela química na infância e na maturidade:

Interessa-me o contato com a matéria, entender o mundo que gira ao meu redor, interessa-me a química do corpo humano, a bioquímica. A ciência, enfim: Mas a ciência das partículas me diz muito pouco, enquanto que a descoberta dos mecanismos da genética me apaixona, o modo em que vem codificado o indivíduo, o fragmento minúsculo cujo alfabeto é feito de moléculas. Existe uma ponte entre lingüistas e geneticistas. (...). Mas os motivos que me levaram à química eram diferentes, então, porque era a química uma ciência diferente, decidi interessar-me por ela quando era ainda menino, 14-15 anos: porque me apaixonava o

⁷ LEVI, P. **La Ricerca delle radici** – Antologia personale. Turim: Einaudi, 1981 (tradução de minha autoria).

⁸ DIAS, M. S. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, P. **71 contos**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁹ LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 30.

¹⁰ CAMON, F. **Conversazione con Primo Levi**. Trad. Maria Franca Zucarello. Parma: Ugo Guanda Editore., 1997. http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf57.html. Acesso em 28 de agosto de 2008.

paralelismo entre a fórmula escrita no papel e o que surge no tubo de ensaio; parecia-me, já naquele tempo, algo de mágico, e a química era para mim a chave mestra para desvendar os segredos do céu e da terra, e ter lido que um espectroscópio permite conhecer a composição química de uma estrela, afigurou-se para mim um dos máximos poderes do homem.

Através da linguagem, Levi contou a história das suas moléculas pessoais, ou seja, a sua formação como profissional e como ser humano. Ele terminou a escola em 1937 e, posteriormente, ingressou na Universidade de Turim para cursar a faculdade de química. Ele achava as aulas de química muito prazerosas; e o laboratório, uma libertação. Em entrevistas, o autor apontou o seu pai, Cesare Levi, como um grande amigo e incentivador não só na profissão como também nos ideais. Cesare não havia podido exercer a carreira científica, mas agora se realizava ao acompanhar a evolução do filho.

Com a expansão do totalitarismo, surge um movimento chamado *Giustizia e Libertà*, cujos ideais eram antifascistas. O objetivo deles era reestruturar o país em torno de três ideais: “Liberdade, República e Justiça Social”. Muitos militantes do grupo desapareceram, sem deixar vestígios, ou estavam no exílio, como Giulio Einaudi, Leone Ginzburg, Carlo Levi, Augusto Monti. Primo Levi era simpatizante do movimento. Em 1938, Mussolini decidiu empreender uma política antisemita. Em vista disso, foram aprovadas numerosas medidas raciais, que proibiam, por exemplo, os cidadãos judeus de frequentar as escolas públicas. Nesse mesmo ano, houve o recenseamento de mais de dez mil judeus, que dispunham de seis meses para deixar a Itália. O país vivia sob a pressão das leis fascistas. Na escuridão da noite, desapareciam pessoas, muitas casas eram vasculhadas, os judeus foram obrigados a usar uma braçadeira com a estrela de Davi. O medo tomava conta dos habitantes das cidades. No clima, devido às conturbações e às violências já praticadas, havia uma espécie de premonição da catástrofe que se alastraria pela Europa.

Em 1938, Levi cursava a faculdade, e seu pai acreditava que, na Itália, devido à presença do Vaticano e da Igreja Católica, nada de trágico aconteceria para

os judeus. Mas não foi o que se sucedeu, já que o nazismo só se espalhou com mais força. Anissimov aponta que “os crimes cometidos pareciam tão enormes, tão monstruosos, que Levi e seus companheiros não acreditavam na metade do que se dizia” ¹¹. Na prática, ele já começou a sentir que o mal viria, pois, apesar de seu desempenho, teve dificuldade em encontrar um orientador para a sua tese. Todos os professores julgaram mais prudente não se comprometer, recusando ter um orientando de origem judaica. Somente Nicola Dallaporta, um professor de física, que tinha muitos amigos judeus, aceitou acompanhar os trabalhos de Levi. Ele emprestou seus livros ao estudante, pois, na biblioteca da universidade, era proibida a entrada de judeus, bem como deixou à disposição de Levi o laboratório de Física, de modo que ele pudesse fazer os seus experimentos. Foi dessa forma que Levi conseguiu concluir os estudos em 1941, com méritos.

As leis raciais impediram que Levi encontrasse uma ocupação permanente na faculdade, depois de formado. Ele buscou desesperadamente um emprego, para ajudar a sua família, que estava passando por dificuldades financeiras, sobretudo pela doença do seu pai, com câncer no estômago. Levi já possuía o seu diploma de licenciado em Química. Mas era um diploma ambíguo, pois, ao mesmo tempo que constavam as suas glórias e os seus méritos, sob letras ornadas, estava escrita a sua condição: “raça judaica”. Era, portanto, “uma metade absolvição, a outra condenação” ¹². O primeiro emprego de Levi foi em uma Mina, sem grande sucesso, devido à Guerra.

Em 1942, todos os judeus, com idade compreendida entre os 18 e os 55 anos, deveriam registrar-se para efetuar trabalhos forçados. Nesse mesmo ano, Levi encontrou um situação melhor em Milão. O jovem acabou entrando em contato com expoentes do antifascismo, credenciando-se no Partido da Ação. No ano de 1943, o fascismo engolia advogados, professores, operários, líderes de movimentos sociais; enfim, qualquer pessoa que expusesse o seu pensamento. Tudo se reduzia ao silêncio, à repressão, à censura. Era um silêncio imposto a quem não aceitava a condição de

¹¹ ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 72.

¹² LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 67.

escravo, a quem ousava denunciar a ditadura e a quem lutava pela paz. A Alemanha finalmente ocupou a Itália:

Aconteceram em março as greves em Turim, indicando que a crise estava próxima; vieram com o 25 de julho o colapso interno do fascismo, as praças cheias de multidão irmanada, a alegria extemporânea e precária de um país ao qual a liberdade fôra presenteada por uma intriga palaciana; e sobreveio o 8 de setembro, a serpente verdecinza das divisões nazistas pelas ruas de Milão e Turim, o despertar brutal: a comédia acabara, a Itália era um país ocupado, como a Polônia, como a Iugoslávia, como a Noruega¹³.

Primo Levi precisava fugir e, por ter noções de alpinismo, ele e um grupo de amigos (Aldo, Guido, Vanda e Luciana) foram para a montanha. Enquanto Primo Levi se refugiava na montanha, sua irmã Anna Maria e sua mãe escondiam-se em um lugar seguro, próximo de Borgofranco. Toda a família de Levi ficou dispersa pelo Piemonte durante a guerra. Ian Thomson¹⁴ acrescentou, em sua obra, que, nessa época, em Turim, havia uma onda de crimes, além de estar tomada por militares fascistas, que roubavam e saqueavam casas e lojas.

Levi tinha uma carteira de identidade falsa, porém os militares perceberam a fraude. Conseqüentemente, foi preso e encaminhado ao campo de concentração de Carpi-Fóssoli no dia 13 de dezembro de 1943. Nas proximidades de Módena, ele e os amigos permaneceram um mês. Primo Levi, na chegada a Fóssoli, pediu para os soldados guardarem o seu relógio: ele preferia viver à margem do tempo. Na prisão, o tempo parava, congelava-se, devido à tristeza e à iminência da catástrofe. Na cela gelada, a única companhia era uma ratazana que roía o pão velho do café da manhã. Na sua última noite em solo italiano, Levi sentiu que pertencia ao povo judeu e uniu-se aos seus irmãos pela dor que começava a crescer e sabia não ser só sua, mas de outros seiscentos judeus que com ele embarcariam nos vagões com destino ao maior campo de extermínio da Europa.

¹³ LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 130.

¹⁴ THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. New York: Picador Edition, 2004 p. 177. OBS: Todas as traduções são de minha autoria.

Para se ter uma idéia, nessa última noite na Itália, como Primo Levi relatou em **É isto um homem?**¹⁵, as mulheres lavaram as roupas dos filhos, deram-lhes banho e os alimentaram como se fosse a última refeição. Também elas brincaram e cantaram canções comemorativas junto com todos os membros da família. Era um sinal de aliança que, no amanhecer, seria rompido e talvez nunca mais restituído.

No dia da partida, todos os judeus foram identificados e encaminhados aos doze vagões que partiam de Carpi-Fóssoli. No pequeno vagão, já superlotado, entraram Primo Levi, Vanda Maestro, Luciana Nissim e Franco Sacerdoti. Em Auschwitz, todas as mulheres do mesmo comboio de Luciana morreram, inclusive sua amiga Vanda Maestro. Luciana Nissim e Vanda foram para Auschwitz II, conhecida como Birkenau, seis quilômetros de distância do campo de Primo Levi. Segundo Thomson¹⁶, lá a vida era brutal, e 90% das mulheres foram enviadas direto para a câmara de gás. Vanda não resistiu aos trabalhos forçados, estava esgotada, com as pernas inchadas, coberta de edemas e chagas pelo corpo esquelético e já sem vida. Ela tinha vinte e cinco anos quando, em outubro de 1945, foi enviada para a câmara de gás. Luciana Nissim conseguiu sobreviver por ser médica. Ela havia prometido, que, se saísse viva do inferno e se tivesse uma filha, iria colocar o nome de Vanda, em homenagem à amiga morta em Birkenau. A enfermaria do campo era a parte mais perversa e infernal, visto que havia as seleções feita pelo Dr. Mengele e seu assistente Dr. Köning. Se eles não gaseavam as mulheres, elas eram usadas para experimentos científicos. Luciana constantemente via o céu coberto de fumaça vermelha e cinza.

“Ao chegar na estação, Primo Levi havia visto cartazes nos vagões com a menção ‘Auschwitz’. A palavra não dizia nada. Esse nome designava um lugar desconhecido, o término da viagem”¹⁷. Essa palavra, a princípio, não dizia nada, mas depois designou tudo o que era possível em termos de malignidade humana. Após a

¹⁵ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

¹⁶ THOMSON, I. **Primo Levi: a life.** New York: Picador Edition, 2004 p. 181.

¹⁷ ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista.** Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 118.

descida do trem e a viagem de caminhão até o campo, eles caminharam em direção a um grande portão com uma frase iluminada: “*ARBEIT MACHT FREI*” – o trabalho liberta.

Nesse comboio, havia três pessoas idosas com mais de oitenta anos, algumas pessoas na faixa dos setenta e sessenta anos e muitos jovens. Também havia crianças de todas as idades e um bebê de dois meses. Muitos caíram enfermos, uns enlouqueceram e outros morreram devido às condições subumanas nos vagões. No comboio que chegou em Auschwitz, foram selecionados vinte e nove mulheres e noventa e seis homens para a realização de trabalhos forçados, os demais foram direto para a câmara de gás. Dos seiscentos e cinquenta judeus que partiram junto com Levi, somente vinte e três conseguiram regressar novamente a sua pátria.

O campo de Monowitz era um dos trinta e oito comandos pertencentes ao campo principal de Auschwitz. Para lá Levi foi enviado. Este *Lager* media aproximadamente seiscentos metros de lado e estava cercado por arame farpado e cerca elétrica. Os prisioneiros amontoavam-se nos compartimentos, sem as mínimas condições de higiene. Primo Levi teve sorte por ter chegado no campo já em 1944 quando as rações alimentares haviam sido aumentadas e se necessitava de mão-de-obra. As expectativas de vida também aumentaram: passaram de quatro meses para seis meses e meio.

A *IG Farben* foi a primeira empresa a se instalar em Auschwitz, usando os prisioneiros para a realização dos trabalhos tanto na construção da fábrica, como depois de instalada. Ela era uma das grandes potências da indústria alemã. Dentre os componentes fabricados, estava o *Zyklon B*, utilizado nas câmaras de gás. Todos eram obrigados a trabalhar, exceto os enfermos que estavam no hospital e, a qualquer hora, poderiam ser alvos de experimentos ou ser enviados para a câmara de gás. Os prisioneiros trabalhavam no verão e no inverno sem descanso, até quando durava a luz do dia. Os horários eram: no verão, das seis e meia da manhã até ao meio dia e, depois, das treze até as dezoito horas. No inverno, das oito da manhã até as doze horas e, à tarde, até as dezessete horas. A jornada de trabalho era exaustiva, deixando

os internos desgastados e sem vontade de pensar em rebelião ou tramar uma possível fuga do campo.

Em abril de 1941, os alemães decidiram construir em Auschwitz duas novas fábricas: uma de borracha sintética (Buna) e outra de ácido acético. A vida no campo era, portanto, trabalho até a exaustão, fome, cansaço e tristeza. Só para se ter uma idéia da degradação do ser humano, a expectativa de vida dos detentos judeus era de três a quatro meses quando realizavam trabalhos forçados na Buna e um mês nas minas de carvão. De acordo com os dados de Anissimov¹⁸, trinta e cinco mil detidos trabalharam na Buna e, pelo menos, vinte e cinco mil morreram de exaustão nela.

Muitos presos ficavam doente pelo desgaste físico, e os médicos decidiam se o enfermo teria condição de voltar a trabalhar ou se, para ele, só restava a câmara de gás. Alguns doutores e enfermeiros tentavam burlar as leis nazistas e salvar vidas, mas a maioria se integrou ao sistema e cumpriu as ordens servilmente. Para ganhar a consideração e a confiança dos soldados SS, eles insultavam e tratavam os judeus doentes como bichos imundos. Myriam Anissimov¹⁹ relatou, na sua obra, a indiferença dos médicos para com os doentes. O médico polonês Zenkteller enviava os doentes com disenteria para uma sala fechada, onde eles não recebiam nenhum alimento e só aguardavam a hora de ir para a câmara de gás. O cirurgião Wladislaw Dering cortava os testículos dos prisioneiros judeus e fabricava seus cigarros com a pele curtida dos escrotos. O doutor Samuel ajudava o professor Karl Clauberg nas experiências com os corpos dos judeus. Eles cortavam, sem anestesia, partes dos órgãos dos judeus para analisar e fazer experiências científicas. A desumanização, enfim, estava em toda a parte do campo.

Em janeiro de 1945, após inúmeros bombardeios e a derrota alemã, o campo já se encontrava aos pedaços. Os soldados SS fugiram, levando alguns

¹⁸ ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 134.

¹⁹ ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 166.

prisioneiros saudáveis consigo. Levi ficou, pois estava enfermo, o que, no fundo, foi a sua salvação. Os soldados russos encontraram o campo desolado, em ruínas: dos oitocentos e cinquenta doentes, que foram deixados para trás no momento da evacuação, poucos sobreviveram. Quase todos os amigos de Primo Levi estavam mortos. Ele mesmo quase morreu, devido às complicações renais e cardíacas. Também esteve quase inconsciente, efeito das febres constantes e muito altas. Cinco dias mais tarde, estando um pouco melhor, ele pôde comprovar que a maioria dos outros enfermos havia morrido. Como o químico tinha algum conhecimento na área da saúde, ficou ajudando os russos como enfermeiro.

A situação dos prisioneiros não mudou muito com a chegada dos russos, pois as violências continuaram sendo praticadas em nome do poder. A diferença, porém, era que o exército russo estava desorganizado, cansado das batalhas e sem estrutura adequada para dar apoio aos sobreviventes. Em junho, Primo Levi iniciou a viagem de regresso, que duraria até outubro, passando pela Rússia, Ucrânia, Romênia, Hungria e Áustria até, finalmente, chegar à Itália. Primo Levi partiu junto com dez homens, que foram transportados em uma carreta durante a noite até a estação de trem. No frio glacial, todos tremiam, sentiam fome, dores no corpo e na cabeça e ainda tiveram que esperar muitas horas até que a locomotiva chegasse.

No trajeto de volta para casa, em solo polonês, russo e alemão, as pessoas ficavam alojadas nos campos de refugiados, sob o comando dos russos. Estes campos eram abertos, sem higiene e em situação precária; não havia alimentos, água potável e medicamentos para tratar os ferimentos dos combatentes e as várias doenças dos sobreviventes. Os russos invadiram a Alemanha destruída com a guerra e roubaram o que ainda restava. Da mesma forma, os alemães, durante a evacuação, destruíram tudo o que encontravam pela frente, saqueando os vilarejos, matando e roubando os cidadãos já na miséria. A guerra, independente do lado, russo ou alemão, capitalista ou comunista, só trouxe como resultado destruição, miséria, dor e sangue. Ninguém pode ser considerado “santo ou demônio”, todos tiveram a sua parcela de culpa,

contribuindo para a devastação da natureza e do ser humano. A Guerra só trouxe mais guerras, atos insanos e violentos.

Primo Levi chegou à estação de *Porta Nuova*, na Itália, na manhã de 19 de outubro de 1945. Na sua casa, ninguém o esperava, pois seus parentes não sabiam o seu paradeiro, e as notícias, nessa época, custavam a chegar ou eram muito desencontradas. Durante os dias seguintes, os amigos vieram visitá-lo, e Levi falava muito, queria contar tudo o que vivera em Auschwitz. Na primeira noite, como declarou sua prima Giulia à Anissimov, ele foi se deitar e não conseguiu dormir: sentiu uma espécie de pavor ao ver a sua cama com colchão, lençol, fronha e cobertas macias e cheirosas. “Durante vários dias dormiu no chão, porque não conseguia se acostumar com a sua cama”²⁰. O catre do campo, duro, coletivo, cheio de pulgas e piolhos era uma lembrança viva. Primo Levi também tinha pesadelos à noite e acordava sobressaltado, achando que ainda estava no campo e era a hora do toque de levantar e marchar para mais um dia de luta pela vida. Experimentava, todos os dias, a sensação de estar de volta à barbárie.

As conseqüências de ter ficado quase um ano no cárcere eram uma chaga viva. No campo, a fome era intensa. O trauma foi tanto que, mesmo depois de alguns meses em casa, Levi sentia uma fome desenfreada, uma compulsão por comida. Quando ele saía ou ia procurar emprego, tinha medo de não encontrar algo para comer na rua, de sentir a mesma fome que quase o matou no confinamento; e, por isso, andava com os bolsos cheios de guloseimas. O desajuste emocional, advindo da estada no campo, era praticamente incurável.

Como a Itália estava devastada pela guerra, era difícil arrumar emprego. O comércio estava vazio, ninguém tinha dinheiro e havia racionamento de combustível e alimentos em geral. Levi voltou a exercer sua profissão de químico, em uma fábrica de vernizes, nas proximidades de Turim. Porém, sentia uma ansiedade inquietante, uma vontade de contar o que havia vivenciado no ano em que lutou contra a morte no

²⁰ ANISSIMOV, M. *Primo Levi ou la tragedia de un optimista*. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001 p. 343.

campo de concentração. A dor continuava consumindo-o todos os dias, tanto que vivia mal: “as coisas vistas e sofridas me queimavam por dentro; me sentia mais perto dos mortos que dos vivos, culpado de ser homem porque os homens edificaram Auschwitz”²¹. A dor de saber que Auschwitz havia engolido muitas vidas amigas fazia com que ele sentisse necessidade de purificar-se, sendo isso possível através da narração. Precisava deixar um legado que nunca se apagasse: escolheu a escrita, tanto que foi o primeiro sobrevivente de Auschwitz a publicar um livro sobre as suas experiências. Em 1947, acabou de escrever: **É isto um homem?**, que foi recusado pela editora Einaudi, uma aclamada e comunista casa editorial de Turim. Essa obra acabou sendo lançada por uma editora menor, com uma tiragem de 2500 exemplares. Nesse mesmo ano, ele casou-se com Lucia Morpurgo, com quem teve dois filhos: Lisa Lorenza e Renzo.

Primo Levi, com o passar dos meses, sentiu que o mundo realmente não queria escutar o que ele tinha para dizer. O homem estava mesmo morrendo, no sentido de não ser reflexivo, de não questionar os acontecimentos sociais, de viver isolado no seu mundo, sem ser participativo, sem se inteirar dos problemas e da História recente. Ninguém acreditava nas suas palavras: a imensidão da brutalidade gerava descrença nos ouvintes, que jamais imaginaram que o ser humano pudesse ser tão perverso. A indiferença em relação ao seu testemunho fez com que Levi deixasse de lado a escrita. A decepção foi tão grande que ele preferiu, por algum tempo, dedicar-se exclusivamente à profissão de químico. Só voltou a escrever em 1961.

A obra **É isto um homem?** foi reeditada, agora pela Einaudi, em 1958, obtendo um sucesso extraordinário. Em 1963, foi publicada **A trégua**, sendo muito bem acolhida pela crítica e, segundo Levi, era mais planejada, porque a linguagem foi trabalhada de forma árdua, obsessivamente. **A trégua** foi lançada quase 16 anos depois de seu primeiro livro e, no mesmo ano, Levi ganhou o prêmio Campiello. Comumente relacionado com **É isto um homem?**, **A trégua** conta a longa jornada de

²¹ LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 151.

Levi depois da libertação de Auschwitz: uma jornada exaustiva, cheia de percalços, armadilhas e tristezas.

No ano de 65, ele voltou a Auschwitz, para uma cerimônia em comemoração da libertação do campo. Em novembro de 1966, foi encenada no teatro Carignano a peça *É isto um homem?* que teve um grande sucesso. Levi acompanhou de perto a montagem e alcançou o seu objetivo: mostrar a falta de comunicação entre os deportados, o mundo hostil de Auschwitz e a degradação do homem. Também, nessa época, começou a ministrar palestras nas escolas e universidades sobre o que havia observado e vivido no campo de concentração.

Após o sucesso editorial, Levi passou a escrever artigos para o jornal *La Stampa*. Em 1978, publicou **Chave-inglesa**; em 1982, **Se não agora, quando?**; em 1984, **A tabela periódica** e, em 1986, **Os afogados e os sobreviventes**. **A tabela periódica** é composta por uma coleção de pequenas histórias, sendo que os episódios de sua vida estão relacionados, de algum modo, aos elementos químicos. Na Real Academia de Londres, em 2006, ela ganhou o prêmio de melhor livro de ciências, escrito nos últimos tempos. Com relação à obra **Os afogados e os sobreviventes**, tem-se uma releitura da sua experiência, sob um novo olhar, mais maduro, mas inquietante com o rumo da sociedade, com os problemas sociais e políticos tanto do passado como do presente (década de 80).

Em 1987, Levi se submeteu a uma cirurgia para retirada de um tumor na próstata. A partir daí, começou um ciclo de enfermidades na família. Nesse mesmo ano, acentuaram-se as suas crises depressivas, as suas insônias e a sua angústia ao ver a mãe e a sogra debilitadas. Ele estava bastante abalado psicologicamente, uma vez que era praticamente impossível superar o trauma de ter sido prisioneiro em Auschwitz. Levi se considerava um “Caim” por ter deixado que vários “Abéis” morressem nas câmaras de gás. Não encontrava respostas para explicar o porquê de ele ter sobrevivido e de tantos outros, morrido. A culpa o consumia, o sentimento de haver usurpado o direito de os outros viver fez com que ele entrasse em uma profunda depressão.

No final da vida, ele acabou achando que os seus companheiros mortos eram melhores do que aqueles que estavam vivos; e, diante desse fato, ele não tinha mais o direito de viver. Os verdadeiros testemunhas, os muçulmanos, que levavam e tiravam os corpos mortos da câmara de gás também haviam sido engolidos por ela. E a vida ia perdendo o sentido. Em abril desse mesmo ano, Levi ligou para o rabino Elio Toaff. Durante a conversa, Levi estava muito deprimido, nunca tinha sido um homem religioso, porém sentia necessidade de um conforto, de dizer as suas últimas palavras e as confiou ao rabino: “eu não agüento mais. Minha mãe está doente, com câncer – todo o tempo eu olho para ela e me lembro das faces degradadas dos homens estendidos nas tábuas-camas de Auschwitz”²².

Primo Levi foi encontrado morto no vão da escadaria do prédio onde vivia, não deixando nenhuma mensagem para os seus familiares. A autópsia realizada pelo Instituto Médico Forense confirmou que o escritor havia se suicidado. No túmulo de Primo Levi, a família mandou gravar o seu nome, a data de nascimento e de falecimento, bem como o número – 174.517 – que os nazistas lhe tatuaram no braço esquerdo durante a sua estada no campo de Auschwitz .

Assim como ele, vários escritores e poetas, que haviam conhecido pessoalmente as normas de segregação racial, os movimentos de resistência, os guetos e os campos de extermínio, suicidaram-se, dentre eles, Walter Benjamin, Paul Celan, Jean Améry. Pois como resistir, se os sentimentos, o coração, a memória e a vida ficaram presos em Auschwitz?

1. 2 Preâmbulos: a História do Holocausto

O século XX merece reflexão, pois, como afirma Eric Hobsbawn²³, foi, nesse período, que houve um sentimento de violência e destruição como jamais fôra possível conceber na História. Foi a era do extremo: sua História e suas possibilidades edificaram-se sobre catástrofes, incertezas e crises. O fascismo e o

²² THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. New York: Picador, 2004 p. 536.

²³ HOBBSAWN, E. **Era dos extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

nazismo despontaram e apontaram a falência da democracia. Com esses regimes no poder, houve a maior barbárie cometida em nome do progresso, do poder e de uma ideologia insana de purificação de raça: o Holocausto. Ben Abraham²⁴, em seu livro, lamenta essa atrocidade sem precedentes na história universal num país considerado – até a ascensão do nazismo – um dos mais civilizados do Velho Mundo. A História desse acontecimento está escrita, mas a intenção é tentar mostrar as suas entrelinhas, a ideologia, as circunstâncias não só históricas, como também políticas, éticas e morais, que levaram ao extermínio de ciganos, negros, homossexuais, doentes mentais e judeus.

No entanto, antes de se chegar ao evento em si, deve-se estudar a modernidade, pois ela alavancou a tecnologia, o conhecimento e, de certo modo, a insensibilidade dos homens feitos de ferro e de concreto, capazes de edificar a maior monstruosidade: a construção de Auschwitz. Com o progresso e a modernidade biológica, como afirmou Agamben²⁵, ocorreu uma espécie de animalização do homem, posta em prática através de sofisticadas técnicas políticas. O triunfo do capitalismo e do poder deu-se, portanto, através de tecnologias apropriadas e de “corpos dóceis”, fáceis de ser manipulados. O progresso possibilitou a concretização dos sonhos de poder e de domínio da Alemanha nazista.

1.2.1 Modernidade²⁶: ecos da fragmentação do ser

No início do século XX, houve um exacerbado crescimento populacional, servindo de mão-de-obra barata para as indústrias que proliferavam na Europa. As fábricas funcionavam em ritmo acelerado, o maquinário não parava durante o dia nem durante a noite, numa perfeita sincronia, visando aumentar a produção. As chaminés lançavam fumaças negras, resíduos industriais, químicos, altamente tóxicos,

²⁴ ABRAHAM, B. **Holocausto**: o massacre de 6 milhões. 6. ed. São Paulo: Sherit Hapleita, 1985 p. 9.

²⁵ AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. trad. Henrique Burigo. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002 p. 11.

²⁶ A Modernidade adotada nesse trabalho é a partir das obras de Zigmunt Bauman, sobretudo **Modernidade e Holocausto**. Não se pretende discutir conceitos sobre o termo.

poluentes do meio ambiente. Mas a destruição ficava mascarada em meio ao progresso. Tudo era felicidade, uma vez que o mundo crescia, desenvolvia-se, ganhava vida com fábricas gigantescas, automóveis modernos, vitrines luminosas e luxuosas, avenidas e ruas, formando galerias, propícias ao comércio. A modernidade poderia ser comparada a um contêiner, cheio de novidades, prazeres e diversão, que fascinava e envolvia o cidadão. Sua vida ganhava novos contornos e cores, ou seja, um arco-íris de luxo, praticidade e inovações ou um caleidoscópio de sensações e variedades.

A sociedade, voltada para o consumo, fazia com que os seus consumidores corressem cada vez mais, aumentando a velocidade em direção a uma linha de chegada, que, na verdade, era fictícia, pois sempre havia a substituição de uma mercadoria por outra, mais atrativa, mais prazerosa. Assim, os músculos tornavam-se “flácidos e os pulmões muito pequenos para correr velozmente”²⁷. A corrida era em direção à compra e à satisfação imediata dos desejos, que, diante de tantos produtos inéditos, com fórmulas milagrosas, tornavam-se insaciáveis. Isso vem ao encontro dos postulados de Freud²⁸ sobre o princípio do prazer e o princípio da realidade. O inconsciente do ser humano é governado pelo princípio de prazer e quer a satisfação de todas as necessidades e desejos por mais excêntricos que sejam. Há uma luta constante para a obtenção do prazer, evitando qualquer operação que possa dar origem a sensações de frustração ou de dor. Mas, como o meio social é repressivo, o indivíduo está exposto a uma série de policiamentos e castrações, que acabam afetando o princípio do prazer. O indivíduo chega à compreensão traumática de que uma plena satisfação de suas necessidades é impossível. E, após essa experiência de desapontamento, um novo princípio de funcionamento mental entra em cena: o princípio da realidade. Este deve ganhar espaço em relação ao princípio do prazer, uma vez que o homem deve aprender a renunciar ao prazer momentâneo e duvidoso, substituindo-o pelo prazer adiado, porém garantido.

²⁷ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 86.

²⁸ FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**: o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Na sociedade de consumo, ocorre uma inversão dos princípios. Há uma compulsão tão intensa, que os desejos e as fantasias tornam-se insaciáveis, não existindo limites para o vôo do princípio do prazer. As tentações estão em cada novo olhar à vitrine, e irresistível torna-se o desejo de experimentar, ter para si. O querer “completa a libertação do princípio do prazer, limpando e dispondo dos últimos resíduos dos impedimentos do princípio da realidade”²⁹. As pessoas estão fragmentadas, incompletas, desestruturadas, vendo no “possuir” a única maneira de suprir essa carência. O capital, o poder, o consumo e a competição geram uma sociedade nada inclinada à cooperação e à solidariedade. Aprende-se, nesse tipo de sociedade, a conviver com “visões diárias de fome, falta de teto, vidas sem futuro e dignidade e, ao mesmo tempo, viver felizes, gozar o dia e dormir tranqüilamente à noite”³⁰.

De acordo com Bauman³¹, na modernidade, tudo é líquido, fluido, volátil. A modernidade é como os líquidos que “‘fluem’, ‘escorregam’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’”. Os poderes globais sempre vão almejar essa dissolução, pois é a garantia da sua invencibilidade. À medida que o coletivo se torna frágil, quebradiço, desconectado das suas partículas, o poder sempre triunfará. Então, “o que o homem faz o homem pode desfazer”³². Resumidamente, Bauman acredita que a História da modernidade está ligada à fluidez ou à liquidez, porque tudo foi criado de modo instantâneo; e, por ser instantâneo, tudo pode estar condenado a desaparecer em poucos segundos, basta, por exemplo, a explosão de uma bomba atômica.

O mundo da modernidade fluida é representado por aquilo que é separado e não pode mais ser colado. Vale a metáfora de Benjamin³³ referente ao quadro de Klee, *Angelus Novus*. O anjo está com o rosto voltado para o passado, com os olhos arregalados e com as suas asas abertas, que alertam para o caos em que a História se

²⁹ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 89.

³⁰ BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 p. 272.

³¹ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 8.

³² Ibid. p. 37.

³³ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense [sd].

encontra. Onde se vê uma cadeia de acontecimentos, “ele vê uma catástrofe única, que acumula ruína sobre ruína (...). Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”³⁴. Essa situação mostra a necessidade de se olhar/recuperar o passado e colar os seus cacos para, a partir daí, tentar entender/mudar/melhorar o presente. A modernidade é constituída de fragmentos, uma vez que a sua base, que está no passado, é alicerçada de autoritarismo e de violência. Esses fragmentos estão dissociados, os cacos perdidos, não sendo mais possível criar uma unidade. Portanto, “abandonai toda a esperança de totalidade, tanto futura como passada, vós entraís no mundo da modernidade fluida”³⁵.

Em outros ensaios, Benjamin também discutiu as conseqüências do progresso para a humanidade. A idéia de ruína está calcada na sua vida e na sua escrita como um cimento, pois ele viu a modernidade se alastrar pela cidade. Ele condena a modernidade por estar associada a uma marcha sem um ponto de chegada, marcada por resíduos de combustíveis queimados e fuligem de chamas das indústrias. Assim, na sociedade, há uma grande tormenta de destruição, formando uma pilha de detritos que cresce até os céus: “uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”³⁶. A sociedade é formada por experiência e pobreza: experiência de morte e de destruição, adquirida nos silenciosos campos de batalha, “porque nunca houve experiência mais radicalmente desmoralizante que a experiência estratégica pela guerra de trincheira, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes”³⁷. E pobreza de experiências comunicáveis, de cultura, de amor e de humanidade. A pobreza de experiência impele o homem a “partir para a frente, a começar

³⁴ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense [sd].p. 226.

³⁵ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 29.

³⁶ BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense [sd] p. 115.

³⁷ BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense [sd] p. 115.

de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”³⁸.

Claude Levi-Strauss³⁹ também ressaltou que as contradições deram espaço para a modernidade se erguer. No tocante ao comportamento do ser humano diante dessa teia social, há duas estratégias adotadas na interação com o outro. A primeira consiste em vomitar o outro, visto como estranho, impedindo, portanto, qualquer forma de contato físico, diálogo ou interação social. Já a segunda, consiste em mastigar ou devorar esses corpos estranhos de modo a torná-los assimiláveis ou idênticos aos que estão fazendo a ingestão. Na modernidade, essas duas formas não são antagônicas. O que se depreende é que elas se completam de forma a tornar a sociedade mais fria, como se fosse um cristal intocável, e mais mecânica, como uma série de robôs enfileirados, cumprindo as ordens dos seus programadores.

A modernidade deveria acolher em seus braços uma sociedade civilizada, ou seja, sem violência, gentil, polida, branda, livre. No entanto, ela não conseguiu aparar as arestas “sabidamente ásperas da coexistência humana e portanto não pôs fim definitivo à desumanização do homem para com o homem”⁴⁰. A modernidade falhou, tanto que o Holocausto foi um produto do seu fracasso. A modernidade é ambivalente, contraditória. É aliada do progresso, que poderia ser positivo, à medida que possibilitasse conforto, melhoria na saúde, na educação e, enfim, na vida do cidadão, mas ele foi usado de forma negativa, para causar destruição. A criação e a destruição estão inseparáveis na civilização. Sem a civilização moderna e as suas conquistas ligadas à tecnologia, ao progresso e à desumanização, não teria acontecido o Holocausto. “O extermínio em massa foi a forma extrema de antagonismo e opressão”⁴¹.

A sociedade moderna foi criada com a idéia de liberdade: “sentir-se livre significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro im-

³⁸ BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense [sd] p. 116.

³⁹ LEVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1955.

⁴⁰ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p.112.

⁴¹ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p.110.

pedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis”⁴². Se as pessoas se sentem livres (uma liberdade ilusória), elas não vêem o que mudar na sociedade em que vivem; conseqüentemente esta continuará conservadora. A ordem, no seu conjunto, é entretecida de forma rígida, sendo desprovida “de qualquer liberdade de escolha. A ordem das coisas como um todo não está aberta a opções”⁴³.

Outro fator moderno é o de que as pessoas vivem em um permanente desencontro. Na sociedade moderna, há a desintegração das estruturas familiares e o desmoronamento dos anseios coletivos. Enfim, não há mais coletividade, o ser humano vive isolado, na sua casa, no seu trabalho, no seu dia-a-dia. Ou as pessoas se encontram como se fossem estranhas. “O encontro de estranhos é um evento sem passado. Freqüentemente é também um evento sem futuro”⁴⁴. O encontro é fugaz, dura só no ato, sem continuação ou aproximação. As pessoas vivem cercadas de muros, arames farpados, cercas elétricas e seguranças tanto nas suas residências, como nos seus sentimentos.

Surge, dessa maneira, o egocentrismo, ninguém olha mais para o lado, nem presta atenção ao que está a sua volta, tanto que não há mais questionamentos sociais. O que comanda a sociedade são as máscaras, que permitem a sociabilidade. Os cidadãos, independente da sua cultura e formação, trancam-se no seu castelo “de faz de conta”, ficando alheios à “falsa” liberdade, que mantém o sistema de poder. Eles se sentem livres das velhas gaiolas, porém se aprisionam em novas, mais sofisticadas, não tão visíveis como, por exemplo, os meios de comunicação, a publicidade, a diversão, obrigando-os a seguir regras e modos de condutas pré-estabelecidos. A modernidade, representada pelos meios de comunicação, tem a pretensão de dominar e manter a hegemonia. A civilização moderna parte do princípio de que a dominação deve ocorrer com o dissolvimento da alteridade.

Há, então, uma dissolução entre as fronteiras do público e do privado no mundo moderno. Adorno e Horkheimer já prenunciavam essa situação, tendo como

⁴² BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 23.

⁴³ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 11.

⁴⁴ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 111.

mote o filme sonoro. À medida que o cidadão entrava no cinema, ele esquecia a sua vida e passava a viver a dos atores. Isso tinha um motivo: adestrar o espectador, que se entregava às personagens e queria ser igual a elas. Nesse tipo de sociedade consumista, a futilidade, a moda e a diversão tinham valor. Além dessa atenção exacerbada para a moda, roupas, cabelos, maquiagem das modelos e das atrizes, só havia o corre-corre frenético rumo ao trabalho. A indústria cultural acabou deturpando a arte, que se tornou uma “barbárie estilizada”⁴⁵. “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”⁴⁶. A arte, feita pela indústria cultural, tinha por objetivo ocupar os homens da saída da fábrica à noitinha até a chegada ao relógio do ponto na manhã seguinte. Ser moderno significava ser incapaz de ficar parado.

Como as engrenagens dos motores que não param de se movimentar, os funcionários produzem incansavelmente, abastecendo o mercado e dando mais lucros aos patrões. Estes ficam milionários, podem crescer, expandir, abrir novas fábricas, novos mercados; e, como se fosse uma bola de neve, a cidade vira um emaranhado de prédios, indústrias, ruas e um circuito de movimento e de velocidade:

Quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, dos meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam, em princípio ser transgredidos. Apenas o céu (...) era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo⁴⁷.

⁴⁵HORKHEIMER, M; ADORNO, T. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985 p. 121.

⁴⁶HORKHEIMER, M; ADORNO, T. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985 p. 114.

⁴⁷BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 16.

Adorno e Horkheimer⁴⁸ reforçam que a indústria cultural só se interessa pelos homens enquanto clientes e empregados. As pessoas são simples materiais, que podem ser jogados fora a qualquer hora. E ambos continuam se voltando para o cinema, a rádio e as revistas, que viraram vítimas da dominação e da indústria cultural, uma vez que acabaram entoando um louvor no ritmo do aço. A rádio é dependente financeiramente dos empreendedores, o cinema, dos bancos; e todos acabam ficando à mercê do que os poderosos querem que seja veiculado. Em vista disso, é possível colocar em um mesmo plano os automóveis, as bombas e o cinema como elementos da modernidade e, dependendo da forma usada, da destruição. “Na Alemanha, a paz sepulcral da ditadura já pairava sobre os mais alegres filmes da democracia”⁴⁹. O que se vê é a degradação da cultura, tanto que o “Führer ordena de maneira mais moderna e sem maior cerimônia tanto o holocausto quanto a compra de bugigangas”⁵⁰. Acontece a triunfal reificação, devido à alienação dos cidadãos. O Holocausto está acontecendo todos os dias, com a prisão de muitas vítimas, com as articulações entre os grupos de poderes, porém os fantoches humanos não são capazes de olhar além do seu próprio umbigo.

Os homens podem ser manipulados por meio da coerção física, através de técnicas de tortura, mas a manipulação maior é a elaborada por meio de “persuadores ocultos”⁵¹, cujos exemplos são a televisão, a propaganda ou outros meios psicológicos de pressão, existentes em uma sociedade aparentemente livre. O intelectual, que deveria ter o papel de ser reflexivo e tentar fazer com que a sociedade fosse mais justa e igualitária, acabou também se acomodando ou, pior, servindo ao governo totalitário. Percebe-se que nada impede que o progresso e a técnica se sobreponham ao hu-

⁴⁸ HORKHEIMER, M; ADORNO, T. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

⁴⁹ HORKHEIMER, M; ADORNO, T. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985p. 118.

⁵⁰ HORKHEIMER, M; ADORNO, T. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985p. 149-50.

⁵¹ ARENDT, H. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 28.

mano e que, nas sociedades industriais em geral, acontece o domínio do homem sobre o homem.

Assim, a difusão e naturalização de preconceitos, as atitudes conservadoras e reacionárias e os massacres coletivos foram decisivos para a consolidação da política autoritária contemporânea. Ou seja, há, na contemporaneidade, tantos eventos violentos que, muitas vezes, os cidadãos não chegam nem a tomar conhecimento deles ou, então, eles passam despercebidos, porque a violência tornou-se assimilável. E o que mais choca é o fato de que “quando os mortos já morreram há bastante tempo, pode-se cuidar deles com zelo e piedade sem que esse culto ameace o conforto dos vivos”⁵². Não há uma recaída à barbárie e, sim, uma implementação dela, através das conquistas da ciência moderna, da tecnologia e, conseqüentemente, do aumento da dominação.

O governo, na era moderna, financiou muitas pesquisas científicas, tendo como aliados muitos pesquisadores, que ajudaram a realizar o massacre na década de 40. A ciência abriu caminho para o Holocausto: ela ajudou no desenvolvimento de métodos mais eficazes e rápidos de esterilização e de assassinato em massa, bem como soube aproveitar essa massa humana dos campos de concentração para testar as suas pesquisas médicas. Bauman⁵³ comprovou que, depois da ascensão de Hitler ao poder, as áreas das ciências biomédicas receberam incentivos e desempenharam não só um papel ativo, como também de liderança na administração e execução dos programas raciais nazistas.

A ciência, nesse período, não foi usada para fazer o bem à sociedade e, sim, contribuiu para a sua destruição. O progresso propiciou projetos grandiosos, gerando a cobiça e o desejo de ascensão social e política dos países. Isso pode ser verificado através do fato de que até mesmo a paz é uma espécie de continuação de outras guer-

⁵² GAGNEBIN, J. M. Palavras para Hurbinek. In: NETROSVKI, A. SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000 p. 103.

⁵³ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ras. Após a Segunda Guerra Mundial, “não se seguiu a paz, mas uma guerra fria e o estabelecimento do complexo de trabalho industrial-militar”⁵⁴.

Nessa sociedade moderna, científica, “os seres humanos precisam ser obrigados a respeitar e apreciar a harmonia, a limpeza e a ordem”⁵⁵. A busca da pureza na sociedade moderna alemã se concretizou ao penalizar as classes ditas “perigosas”, como os judeus, os negros, os ciganos e os homossexuais. Esses grupos eram vistos como “estranhos”, sendo pessoas deslocadas e não se encaixando nos padrões idealizados pela sociedade. Eles eram geradores de mal-estar, além de ser temidos, justamente por colocar em risco a ordem. “A exclusão se dá efetivamente pelo estado de todos os que se encontram fora dos circuitos vivos das trocas sociais”⁵⁶. O clima da década de 30 estava propício para a ocorrência da barbárie. Um pressuposto da visão da História, assumido por Norbert Elias⁵⁷, é o de que o processo civilizador não é sinônimo de “história-progresso”, pois está sujeito a regressões, tanto que o nazismo representa uma demonstração trágica desse fato, correspondendo ao colapso total da civilização.

“O poderio industrial e o conhecimento tecnológico de que se gaba a nossa civilização galgaram novas altitudes com a Solução Final ao assumir com êxito uma tarefa de magnitude sem precedentes”⁵⁸. Auschwitz pode ser comparada a uma grande indústria do mundo moderno, produtora, ao mesmo tempo, de bens materiais, decorrentes das fábricas instaladas nos campos de trabalho, e de mortes:

[Auschwitz] foi também uma extensão mundana do moderno sistema fabril. Em vez de produzir bens, a matéria-prima eram seres humanos e o produto final, a morte, com tantas unidades por dia cuidadosamente nos mapas de produção do administrador. As chaminés, que são o próprio símbolo do moderno sistema fabril, despejavam uma fumaça acre de carne humana sendo queimada. A malha ferroviária da Europa moderna, com sua brilhante organização, passou a transportar uma nova matéria-prima para as fábricas. E da mesma maneira

⁵⁴ ARENDT, H. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p. 17.

⁵⁵ BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 8.

⁵⁶ CASTEL, R. **Desigualdade e questão social**. São Paulo: EDUC, 2004 p. 22.

⁵⁷ ELIAS, N. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

⁵⁸ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 28.

que fazia com outros tipos de carga. Nas câmaras de gás as vítimas inalavam gases letais desprendidos por pelotas de ácido prússico, produzidas pela avançada indústria química da Alemanha. Engenheiros projetaram os crematórios; administradores de empresas projetaram o sistema burocrático, que funcionava com um capricho e eficiência que nações mais atrasadas invejariam. Mesmo o próprio plano global era um reflexo do moderno espírito científico desvirtuado⁵⁹.

A Shoah marcou a História dos genocídios do século XX. A dizimação em massa aconteceu e o mais triste é que foi acompanhada de um silêncio mortal de indiferença. Provavelmente essa catástrofe foi possível em decorrência da má administração da tecnologia moderna ligada às tensões e aos conflitos não resolvidos desde os tempos pré-modernos. Houve a reificação do ser humano que se tornou apenas “lubrificante para o andamento macio da maquinaria”⁶⁰.

Percebe-se que a experiência do autoritarismo esteve presente na formação de várias sociedades, sendo importante, assim, retomar a discussão do impacto da violência e da repressão na sociedade europeia, visto que o Estado controlou o cidadão não só exterior como interiormente. Caso contrário, a barbárie continuará triunfando. “A inconclusa engenharia social moderna pode muito bem irromper numa nova explosão selvagem de misantropia, com o apoio e não a oposição do egocentrismo e indiferença pós-modernos recém-legalizados”⁶¹.

1.2.2 O Holocausto: totalitarismo por excelência

Holocausto, Shoah, catástrofe, massacre, solução final são algumas definições conhecidas para se abordar o maior crime ocorrido no século XX. Cabe salientar que entre Shoah e Holocausto há distinções, como comprovou Márcio Seligmann-Silva⁶²: Holocausto vem do grego *holókauston*, significando, dessa forma, sacrifício em que a vítima é queimada inteira, enquanto Shoah é um termo hebraico, que signi-

⁵⁹ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 27.

⁶⁰ ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, W. et alii. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 p. 270.

⁶¹ BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 p. 275.

⁶² Professor da UNICAMP e estudioso da Shoah. Tem vários artigos publicados sobre esse tema como, por exemplo, *A história como trauma, A literatura do trauma, Auschwitz: história e memória*, dentro outros.

fica destruição ou ruína. Preferir-se-á Shoah, porque Holocausto pode significar mais um acontecimento inesperado, como um terremoto ou uma inundação, do que um ato criminoso deliberado. Porém, independente de classificações, acredita-se que o mais importante é ter em mente que foi um fenômeno político, extremamente totalitário, cujas dimensões ultrapassaram a capacidade de entendimento.

O governo é totalitário, conforme Hannah Arendt, quando há centralização de todos os poderes nas mãos de um único partido, ou seja, no caso da Alemanha, do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, comandado por Adolf Hitler. Nesse tipo de governo, havia a atuação da polícia secreta, a *Gestapo*, que se valia da repressão social e política, mantendo um clima de constante insegurança e terror. A censura era total; e só para se ter uma idéia, em 1933, foram queimados, em praça pública, livros proibidos pelo regime. O terror acabou se tornando a essência do governo totalitário e, mesmo depois de atingido o objetivo psicológico, ele continuou fazendo parte do cenário político: “o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada”⁶³.

O terror, durante a fase de formação e consolidação do governo, foi usado de modo sangrento, para amedrontar e derrotar os focos de resistência e os seus oponentes. Depois dessa fase, quando não havia mais nada a recear, o terror continuou sendo usado: o meio acabou se transformando em um fim. O terror acabou sendo parte da “metodologia” empregada pela polícia secreta, que tinha amplos poderes no governo totalitário. A sociedade era controlada; a liberdade individual, reduzida a nada; a polícia, altamente treinada para cumprir todas as tarefas e manter o status de ordem na cidade.

A polícia secreta, com o líder encabeçando as operações, manejava todos os cordões “de tal modo que o resto da humanidade poderia passar toda a vida movendo-se como marionetes”⁶⁴. Ela trabalhava, olhando a população como uma massa indistinta de suspeitos: qualquer atitude diferente ou pensamento levava determinado

⁶³ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 393.

⁶⁴ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 64-5.

cidadão a ser investigado. Portanto, pela noção lógica de que todo o ser humano é capaz de pensar, ele era visto como suspeito e poderia ser punido com repressão, com cerceamento da liberdade, com invasões constantes nas residências e apreensão de objetos comprometedores. Os direitos dos cidadãos, diante disso, nunca foram respeitados nem validados.

O governo totalitário também adotava uma técnica chamada de duplicação, que foi útil para destruir os resquícios de organizações atuantes, que, por ventura, ainda existissem no interior da Alemanha. Havia a infiltração de pessoas do partido nazista nessas instituições, que, como pólipos, ingeriam e esmigalhavam qualquer oposição ao governo. Os membros totalitários conseguiram, por exemplo, “destruir imediatamente as organizações de professores por meio de outras organizações de professores, os clubes de advogados por meio de um clube de advogados patrocinado pelos nazistas”⁶⁵. Com essa técnica, acabou qualquer oposição ao governo, tanto que os nazistas puderam mudar, da noite para o dia, toda a estrutura da sociedade alemã.

A tônica era eliminar uma possível rivalidade. Essa mesma estratégia foi usada para a conquista e o domínio de territórios estrangeiros. O governo nazista atuou como conquistador, explorando os territórios e punindo qualquer pronunciamento ou ato de traição contra o Terceiro Reich. Para conseguir o domínio total, antes mesmo de galgar o poder, o governo hitleriano usava elementos da polícia secreta e do serviço de espionagem, que eram encarregados de formar “quinta-colunas, dirigir ramificações do movimento, influenciar na política doméstica dos respectivos países”⁶⁶, preparando-os de modo geral para o dia em que o governo totalitário adentrasse como se estivesse na sua própria casa.

De modo geral, os líderes totalitários criaram um mundo próprio, com mentiras e ficções, que davam credibilidade diante da massa populacional. Havia, então, um apagamento da linha divisória entre a ficção e a realidade. Para a população, Hitler era uma figura suprema, infalível, dotada de sabedoria, inteligência e força para

⁶⁵ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 421.

⁶⁶ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 471.

conduzir a Alemanha ao sucesso e a mais conquistas territoriais. Ele, nos seus discursos, dizia-se responsável pelos atos do povo alemão. Adotava o princípio da liderança, segundo o qual cada funcionário era a sua encarnação viva. A propaganda nazista “concentrou toda essa nova e promissora visão num só conceito, que chamou de *Volksgemeinschaft*”⁶⁷, baseando-se na igualdade de todos os alemães. Hitler criou a ilusão de que todos participariam do governo, a massa, por exemplo, teria representação, não havendo uma separação entre o líder e o povo, diferentemente das tiranias, cuja população era privada do acesso ao poder.

Adolf Hitler era o porta-voz das multidões e se manteve no poder, porque teve apoio das massas. Os movimentos totalitários tinham como objetivo a organização das massas (e não das classes), pois a massa não pensava e podia ser conduzida como um dócil carneiro. Esse tipo de movimento necessitava de força bruta, de material humano quase inesgotável para alimentar a máquina do poder. Somente onde havia um grande contingente de massas supérfluas, estas poderiam ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento ou falta de mão-de-obra barata para o abastecimento do governo totalitário.

Durante a guerra, com as conquistas do Leste, houve um superpovoamento de massas, tornando ainda mais viável os planos de dominação de Hitler, que recrutou seus fiéis escudeiros dentro dessas massas, formando a linha de frente na difusão dos seus ideais. Isso foi possível, porque houve um fabuloso engenho ideológico, que incluía chantagens, uma completa lavagem cerebral e a veiculação de propagandas nos meios de comunicação. A massa, através dessas propagandas direcionadas, havia formado uma idéia de que era normal e necessária a eliminação de raças inferiores, como a de judeus, negros, homossexuais, ciganos e doentes mentais. Para estes, dentre as medidas empregadas, destacavam-se a esterilização e a eutanásia. A seleção racial, no nazismo, não podia parar e exigia uma constante radicalização dos critérios pelos quais era feita a seleção, culminando com o extermínio dos ineptos. Hitler ado-

⁶⁷ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 409.

tou, como pensa Morrus ⁶⁸, a mais crua visão darwiniana: a idéia de luta e de competição acirrada. Em um discurso, pronunciado em fevereiro de 1928, o líder dizia que a “luta é vencida pelos mais fortes, pelos mais capazes, enquanto os menos capazes, os mais fracos perdem” ⁶⁹.

Com a industrialização e crescimento das cidades, aconteceu a atomização social e a individualização, o ser humano passou a viver isolado, não sentindo falta de manter relações sociais com outras pessoas. Com isso, a dominação se concretizou de modo mais fácil, visto que havia um grande grupo “destituído de pensamento e de vontade – seja por meio da persuasão, da autoridade ou da violência” ⁷⁰. Hitler soube usar as massas, numa relação de confiança e cooperação mútua.

No entanto, não foram somente as massas que apoiaram o governo nazista, os intelectuais também compactuaram com o regime. Houve um grande número de homens ilustres, artistas da *avant-garde*, que sentiram atração pelos movimentos totalitários. O clima, na Alemanha e na Europa, era de miséria, desolação, frustração, tanto que os intelectuais acabaram achando que só restava a guerra. Sem a possibilidade de fugir pelo mundo afora ou isolar-se dos problemas, num escapismo às vezes doentio ou boêmio, como no Romantismo, eles acabaram vendo na destruição a possibilidade de salvação. Contraditoriamente, queriam combater a violência com mais violência. O terrorismo tornava-se atraente, uma espécie de filosofia, “através da qual era possível exprimir frustração, ressentimento e ódio cego, uma espécie de expressionismo político que tinha bombas por linguagem” ⁷¹.

Os próprios dirigentes do partido de Hitler, médicos, engenheiros, advogados, chefes militares, eram pessoas cultas, pertencentes à alta sociedade da época. A elite intelectual fez a guerra, a destruição e a carnificina. Esta era a questão crucial: num mundo civilizado, de seres pensantes, houve o maior massacre da História. Ou seja, civilização e barbárie estavam lado a lado na formação histórica, social e cultu-

⁶⁸ MORRUS, M. R. **A assustadora história do holocausto**. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

⁶⁹ HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: Moraes, 1983.

⁷⁰ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 375.

⁷¹ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 381.

ral das décadas de 30 e 40 européias. É muito triste ver que num mundo moderno, com uma cultura expoente, com escritores ilustres e pessoas interessadas em livros, leitura, pintura, cinema e arte em geral, houvesse a propagação de idéias tão retrógradas, tendo como base a desumanização, o preconceito e a violência. Mais uma vez fica transparente a contradição social e a cooptação de intelectuais por parte do governo para endossar o seu projeto.

Hitler usou a guerra conscientemente para propagar o governo totalitário. Ele considerava a carnificina da guerra uma excelente oportunidade para dar início ao seu programa de assassinato em massa do povo judeu. A História acabaria dando o suporte necessário para que a eliminação judaica fosse feita de modo rotineiro, como uma conseqüência da guerra. “O extermínio vira processo histórico no qual o homem apenas faz ou sofre aquilo que, de acordo com leis imutáveis, sucederia de qualquer modo”⁷². Não interessava que essas leis históricas tivessem como resultado a ruína de um povo, pois, segundo Hitler, ele não era digno de viver. O propósito da guerra passou a ser a destruição do inimigo, alcançado com um patriotismo exacerbado, que silenciava os anseios de paz:

A guerra havia sido sentida como aquela “ação coletiva mais poderosa de todas” que obliterava as diferenças individuais, de sorte que até mesmo o sofrimento, que tradicionalmente distinguia os indivíduos com destinos próprios não intercambiáveis, podia agora ser interpretado como “instrumento do progresso histórico”⁷³.

A idéia difundida ao longo dos anos era a de que a guerra era necessária para o progresso alemão. Cada pedaço de terra ainda sem dono era um convite à luta e à agressão. “Ao mundo entupido de nações e Estados-nações abominava o vazio nacional. Os judeus encontravam-se nesse vazio: eram o vazio”⁷⁴. A única comunicação possível, diante desse impasse, estava na boca das armas. A Alemanha estruturava-se

⁷² ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 399.

⁷³ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 379.

⁷⁴ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p 74.

de forma a apostar todas as suas fichas na guerra, tendo como coringa a ação da polícia secreta para manter o domínio interno e externo.

A polícia secreta era comandada por Reinhard Heydrich e apoiada pelos *Einsatzgruppen*, grupos especiais, dirigidos por Himmler com o objetivo de matar em grande escala. Para escolher os soldados SS, ele adotava alguns critérios do chamado “bom sangue”, além de ser consultada a árvore genealógica para ver a descendência. Os escolhidos tinham cabelos louros, olhos azuis, eram altos e fortes. Esses soldados representavam a casta dos homens puros e nobres e foram preparados para realizar a luta racial contra todos os que não tivessem essa origem ariana. Os nazistas eram reconhecidos pelo símbolo da suástica.

Historicamente, em 1935, foram publicadas as “Leis de Nuremberg”, que davam o respaldo legal para a exclusão social e econômica dos judeus na Alemanha. Com isso, os seus bens foram confiscados; as suas sinagogas e as lojas, queimadas e depredadas. Em 1938, aconteceu a “Noite dos Cristais”, com objetivo de aumentar ainda mais a repressão aos judeus no país. Eichmann foi enviado a Viena para trabalhar na “emigração forçada” “e as palavras queriam dizer exatamente isso: todos os judeus, independentemente de seus desejos ou de sua cidadania, eram forçados a emigrar – ato que em linguagem comum se chama expulsão”⁷⁵.

Resumidamente, a política anti-semita nazista foi caracterizada por três fases. A primeira, entre 1933 a 1939, caracterizada pela discriminação jurídica, espoliação econômica e ameaça física ao povo judeu. Hitler elaborou um decreto assinado em 1939, possibilitando o massacre. Também, nesse mesmo ano, foram criados centros em Brandenburgo, Hadamar, Sonnenstein e Eichberg, cuja meta era a eliminação de doentes mentais. A segunda, entre o início da guerra e a Batalha de Stalingrado, marcada pela expulsão territorial dos judeus. A terceira, de Stalingrado até o final da guerra, foi a fase do extermínio, com as execuções nas câmaras de gás. O ano de

⁷⁵ ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 p. 56.

1941 foi o auge das execuções em massa. Isso foi possível depois da “Operação Barrossa”, que consistiu na invasão do território soviético pelo exército alemão.

Biologicamente, os judeus deveriam ser eliminados, por serem inferiores. A concepção alemã primava pela purificação e hegemonia da raça ariana: o sangue era a base tanto da força como da fraqueza do ser humano. Essas idéias podiam ser observadas, através da fala de Himmler, membro da cúpula de Hitler: “a luta anti-semita é só uma luta contra parasitas. Livrar-se dos piolhos não é uma questão ideológica. É simplesmente uma questão de limpeza”⁷⁶.

Goebbels, chefe do Ministério de Cultura e Propaganda, partilhava das mesmas idéias, proferindo, em seus discursos, que era preciso amontoar os judeus em guetos, entregá-los à própria sorte ou, então, “liquidá-los, do contrário eles contaminariam a população sadia dos estados civilizados”⁷⁷. Também conclamou a população a acreditar que todos os judeus eram criminosos, ou uma espécie de anti-raça:

No caso dos judeus, não há alguns criminosos – como em qualquer outro povo –, todos os judeus nascem de raízes criminosas e são por natureza criminosos. Os judeus não são um povo como outro qualquer, mas um pseudopovo (...). A aniquilação dos judeus perda alguma representa para a humanidade⁷⁸.

O anti-semitismo, nas palavras de Bauman⁷⁹, representava um ressentimento irrefreável contra os judeus, vistos como “um grupo estranho, hostil e indesejável”. Ele parte das relações de um grupo maior e de outro menor, entre uma população vista como hospedeira e um grupo que vive no seu meio, mas que mantém uma identidade separada, tornando-se um elemento de oposição. Os judeus são como estrangeiros dentro de sua própria casa, como alguém que vive num bairro separado da cidade.

⁷⁶ CYTRYNOWICZ, R. **Memória da barbárie**. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. 2.ed. São Paulo: Nova Stella, 1991 p. 25.

⁷⁷ KRAUSE-VILMAR, D. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política. In: MILMAN, L; VIZENTINI, P. F. (org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: UFRGS, 2000 p 105.

⁷⁸ MORRUS, M. R. **A assustadora história do holocausto**. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003 p. 67.

⁷⁹ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 54.

“Eles eram o lado opaco de um mundo que lutava pela claridade, a ambigüidade de um mundo ansioso por certeza”⁸⁰.

O anti-semitismo, de alguma forma, estava ligado ao fenômeno da diáspora. Os judeus foram reassentados em muitos territórios e mantiveram-se afastados das comunidades locais. A permanente e irremediável falta de lar dos judeus foi parte integrante da sua identidade. Eles, ao longo dos tempos, foram, portanto, considerados um povo nômade, hostil, rival e anti-sociável, fatores que acabaram servindo de argumentos para os nazistas eliminá-los.

Os judeus não eram aceitos pelos alemães, desde a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Os arianos sentiram-se humilhados pela derrota – que não era compreendida, muito menos, aceita por eles – tendo que suportar o declínio do seu poder aquisitivo, enquanto os judeus ascendiam social e economicamente. No período entre as duas guerras, os judeus tornaram-se cada vez mais proeminentes, sobretudo no comércio. As diferenças sociais e financeiras aumentavam esse ódio, enraizado nos corações dos alemães. Carneiro⁸¹, sobre essa questão, falou que, com a perseguição aos judeus, os alemães não teriam mais concorrentes em diversas áreas, como no comércio, na medicina, na advocacia. Além do que, confiscando os bens dos judeus, os arianos ficariam novamente ricos.

O advento da modernidade, assim como o da guerra, serviu para pôr os judeus ainda mais perto do centro de erupção do vulcão, chamado destruição. Os judeus foram duplamente massacrados pela modernidade: eles foram acusados de ser os causadores do lado mau da modernidade (capital, poder, diferenças econômicas e sociais) e a modernidade os eliminou, através de sofisticadas “fábricas” de destruição. Os judeus foram apresentados e representados com poderio econômico, advindo, ao mesmo tempo, do progresso da humanidade e do fracasso alemão, causando ira e revolta nos arianos. Por um lado, a eliminação dos judeus foi endossada como sinônimo da rejeição à ordem moderna, por ele ser como um produto “mau”, “defeituoso”. Por

⁸⁰ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 77.

⁸¹ CARNEIRO, M. L. T. **Holocausto**: crime contra a humanidade. São Paulo: Ática, 2004.

outro, o racismo pôde se infiltrar na estrutura social graças à modernidade, à tecnologia e ao poder estatal. Assim, o judeu acabou sendo “estritamente um produto moderno”⁸².

A sociedade alemã estava estruturada no ódio e no ressentimento. Os regimes totalitários “tiveram como estratégia ideológica favorecer a formação de um ódio dominante, um ódio exclusivo, e exacerbá-lo com fins de mobilização coletiva”⁸³. Além do que, a mídia estimulava ainda mais o ódio da população alemã pelo povo judeu, que era visto como a encarnação do demônio e do mal. Nos discursos, Hitler apresentava os judeus associados a imagens de doença, infecção, infestação, pestilência, bacilos, micróbios da decomposição, vermes. A oposição aos judeus transformou-se em um *leitmotif* para o regime, sendo barbarizados tanto nas conversas entre amigos nos bares, nas tarefas cotidianas, como nas palestras oficiais, nos hinos patrióticos, nas revistas em quadrinhos e nos jogos infantis. Também os judeus eram representados em pôsteres, figuras e até em filmes na forma caricata de macacos, vermes, alienígenas, serpentes viscosas ou venenosas. Eles eram designados como seres imundos, pecadores, sendo necessária a realização de procedimentos sanitários. Os demônios precisavam ser exorcizados, necessitando de um poderoso aparato tecnológico e científico.

Essa idéia de comparar os judeus a demônios estava arraigada na cultura e vinha desde a Idade Média, onde muitos foram condenados pela Inquisição. Os judeus foram culpados por várias doenças, como a peste bubônica. Estava na tradição associar os judeus a doenças, a pestes e ao diabo, que era encarnação de coisas ruins. “Só crenças tão profundamente arraigadas e transmitidas culturalmente durante séculos, principalmente pelo cristianismo, podem explicar porque os judeus eram alvo que conseguia catalisar tanto ódio”⁸⁴. A característica diabólica do povo judeu, em cujas

⁸² BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 83.

⁸³ ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. Trad. Jacy Alves de Seixas. In: BRESCIANI, S; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, UNICAMP, 2001 p. 26.

⁸⁴ CYTRYNOWICZ, R. **Memória da barbárie**. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. 2.ed. São Paulo: Nova Stella, 1991 p. 29.

veias circula um sangue “ruim”, estava presente na obra de Hitler, intitulada **Minha luta**:

O judeuzinho de cabelos negros espreita, horas e horas, com um prazer satânico, a menina inocente que ele macula com o seu sangue, roubando-a ao seu povo. Não há meios que ele não empregue para estragar os fundamentos raciais do povo que ele se propõe a vencer (...), corrompendo mulheres e mocinhas, também não recua diante do rompimento de barreiras impostas pelo sangue, empreendendo essa obra em grande escala ⁸⁵.

A adjectivação de diabos, de povo satânico, que iria destruir a nação alemã, foi usada ardilosamente para a realização da seleção biológica. Os judeus eram vistos como inimigos do povo ariano, sendo necessária a eliminação urgente. Conseqüentemente, eles foram perseguidos e condenados à marginalização. Como se isso não bastasse, tiveram ainda que agüentar os trabalhos forçados ou perderam a vida em campos de extermínio. Aproximadamente seis milhões de judeus foram mortos durante a Segunda Guerra Mundial, o que representava, na época, cerca de 60% da população judaica na Europa.

Com a Europa ocupada, começaram as deportações dos judeus. Os primeiros campos de extermínio foram em Chelmno e Belzec, sendo que, neste último, as câmaras de gás começaram a funcionar no dia 8 de dezembro de 1941. Os médicos, contratados pelo governo, sentiam-se superiores a Deus e à natureza, achando-se no direito de tirar a vida de seres humanos como se estes fossem ratos de laboratório. Na rampa de Auschwitz-Birkenau, dois médicos esperavam a chegada dos comboios. Com um simples sinal, eles indicavam quem iria morrer e quem iria para os campos de trabalho forçado. O dirigente de Auschwitz até o ano de 1943, Rudolf Hoess, exercia a sua função com perfeição, tanto que dizia ser obcecado pelo seu trabalho (a única coisa que ele se esquecia de mencionar era que esse trabalho consistia em matar em escala industrial). Ele confirmou, durante o Julgamento de Nuremberg, no ano de 1946, o funcionamento das câmaras de gás e a morte de muitas vítimas:

⁸⁵ HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: Moraes, 1983 p. 210.

Visitei Treblinka para ver de que maneira faziam o trabalho de extermínio. O comandante do campo me disse ter liquidado 80.000 pessoas em seis meses. (...). Empregava gás monóxido e, em sua opinião, tais métodos não eram muito eficazes. Por isso, depois de mandar construir as instalações para o extermínio, decidi-me pelo uso do Cyclon B, ácido prússico cristalizado que introduzíamos na câmara de gás, conforme as condições climáticas. (...). Esperávamos habitualmente meia hora antes de reabrir as portas para retirar os cadáveres. Depois de transportados, nosso comando especial apoderava-se dos anéis e dos dentes de ouro dos cadáveres.

Hoess foi julgado e condenado no Tribunal de Nuremberg, porém muitos conseguiram fugir e refugiar-se em outros países, sobretudo na América Latina. Eichmann falsificou um passaporte e conseguiu chegar à Argentina. Foi enforcado em 1962, após ser preso pelo serviço secreto israelense. O médico Josef Mengele viveu na Argentina e no Brasil sem nunca ser preso. Hitler, Himmler e Goebbels também não chegaram a ser julgados, porque se suicidaram pouco antes do término da Segunda Guerra Mundial.

Com os campos de concentração, Hitler conseguiu minar totalmente os direitos dos cidadãos, cuja morte jurídica estampava a condição de estar inteiramente dominado. O homem não existia mais, o que se observava era um exemplar da espécie animal. Os judeus que morriam nos campos não tinham uma ficha, uma identidade, um sinal ou uma mancha impressa qualquer. Assim era como se eles nunca tivessem existido.

O genocídio aconteceu, fruto da engenharia moderna, que visava “produzir uma ordem conforme um projeto de sociedade perfeita”⁸⁶. A violência foi assimilada, tanto que as cidades e a suas populações mostraram uma espantosa habilidade para coexistir de forma pacífica e harmônica com o assassinato em massa. Na sociedade moderna, os seres humanos, vítimas do gerenciamento burocrático, foram reduzidos a cifras, a números desprovidos de qualidade, a objetos sem identidade, totalmente desumanizados.

⁸⁶ BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 114-5.

Saul Friedlander⁸⁷ entendeu que o Holocausto foi uma máquina de matar e de aniquilar, com uma tecnologia ímpar. A desumanização, nesse mundo, estava intrinsecamente ligada à moderna burocracia. Os homens modernos desarmavam-se diante da coerção. Um povo acuado acabava tendo medo de pensar e de questionar a realidade. A palavra emudecia junto às vítimas da violência e dos massacres coletivos. A modernidade falhou, mostrou-se incapaz de pôr freios aos terríveis poderes que trouxe à luz.

Sobre a matança dos judeus, é ilusão pensar que os alemães não sabiam o que estava acontecendo. Arendt⁸⁸ enfatizou que a população alemã estava ciente dos acontecimentos, sobretudo em relação aos judeus e, mesmo assim, não reduziu seu apoio ao regime:

Naturalmente a população como um todo e, em especial, os membros do Partido, conheciam os fatos gerais – que existiam os campos de concentração, que certas pessoas desaparecem, que inocentes são presos; ao mesmo tempo, todos num país totalitário sabem que o maior crime é falar a respeito desses segredos.

Os alemães e os representantes de outras nações preferiram ficar quietos, assim como o papa Pio 12, que, segundo o rabino Shear-Yashuv Cohen⁸⁹, preferiu ajudar na clandestinidade:

Não podemos esquecer o fato triste e doloroso de que muitos, inclusive grandes líderes religiosos, não levantaram suas vozes no esforço para salvar nossos irmãos, preferindo em vez disso manter o silêncio e ajudar secretamente. Não podemos perdoar e esquecer isso, e esperamos que vocês entendam.

Em vista desse silêncio e da situação dos presos, nos campos, ser inexplicável, pela degradação e dor extrema, surgiram correntes revisionistas. Muitos estudiosos e historiadores, após o fim da guerra, aproveitaram-se da situação de crise e de

⁸⁷ FRIEDLANDER, S. **Memory, History, and the Extermination of the Jews of Europe**. Bloomington: Indiana University Press, 1993 p. 82-3. Traduções de minha autoria.

⁸⁸ ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 p. 486.

⁸⁹ PULLELLA, P. **Rabino diz que Pio 12 traiu os judeus**. www.popnews.com.br. Acesso em 6 de setembro de 2008.

dúvida e adotaram essas posturas, tentando provar que o extermínio dos judeus não aconteceu. Os chefes nazistas, durante os seus depoimentos, também afirmavam não saber a realidade dos campos de concentração ou não ter culpa do massacre, pois estavam somente cumprindo ordens superiores. Infelizmente, ainda havia (e há) posições que tentavam eximir os regimes totalitários da responsabilidade pelos crimes cometidos.

Segundo o filósofo Luis Milman, o negacionismo ainda se faz presente em todas as sociedades e deve ser encarado como um assunto sério, obrigando os estudantes, professores e cidadãos em geral a refletir sobre o papel da “História e da memória para a educação humanista”⁹⁰. A cada dia, surgem mais seitas e facções sociais que lutam pela volta de regimes totalitários, situação que deve ser abolida em uma sociedade democrática. O negacionismo é uma construção ideológica de aparência histórica e, em decorrência disso, é elaborada uma versão fictícia da História, que produz efeitos políticos.

O que se deve ter em mente é que ainda há muita coisa a ser esclarecida sobre o Holocausto e o nazismo na década de 30, e é inadmissível negá-lo. Deve-se lutar para que haja informação e reflexão sobre os acontecimentos sociais e políticos tanto da era de Hitler, como do presente, tentando evitar a proliferação de ideologias extremistas.

Por isso, deve-se, sempre que possível, mencionar os relatos dos sobreviventes, pois eles são a fonte viva dos acontecimentos, comprovando a barbárie. Diante dos sobreviventes, dos seus rostos, mesmo que invisíveis, não há como negar o Holocausto. E os testemunhos não podem ficar esquecidos ou ser relativizados diante de obras pseudocientíficas, vazias, parciais e demagógicas, que fazem parte do arsenal dos negadores do Holocausto. Este trabalho tem como objetivo atingir este fim: mostrar a importância dos testemunhos para a História e dizer NÃO às correntes revisionistas. Sobre o assunto, valem as palavras de Deborah Lipstadt, citadas por Dietfrid

⁹⁰ MILMAN, L. Negacionismo: Gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual. In: MILMAN, L; VIZENTINI, P. F. (org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: UFRGS, 2000 p. 115.

Krause-Vilmar, durante a sua conferência em Porto Alegre: “nada é mais cruel do que negar a perseguição, a humilhação e o sofrimento de um indivíduo ou de um grupo. Por isso, essa negação supera em crueldade a própria perseguição”⁹¹.

⁹¹ KRAUSE-VILMAR, D. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política. In: MILMAN, L; VIZENTINI, P. F. (org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: UFRGS, 2000 p. 102.

2 O NÓ: UM FIAR E DESFIAR SOBRE O TESTEMUNHO, A MEMÓRIA E O TRAUMA

A Literatura atravessa vários rios, as suas águas se misturam com outros campos do saber, como o da História e o da Sociologia. E isso a torna mais completa, mais rica. À medida que há essa interseção, há mais troca e mais possibilidade de crescimento e de reflexão para o leitor. A História da Shoah deve ser lembrada, é uma tarefa do leitor refletir sobre ela, não deixar que as correntes revisionistas se proliferem na atualidade; Primo Levi lembrou; suas obras **É isto um homem?** e **A trégua**, que serão analisadas com mais detalhes nesse capítulo, são a lembrança através de letras e imagens do massacre. A dizimação dos judeus no início do século XX foi brutal, desumana. Tendo em vista o comprometimento social, os leitores devem tomar um posicionamento, fazer das memórias dos mortos a sua memória, atualizar esse evento, pensar o ontem, as consequências no hoje e a possibilidade desse ontem voltar no futuro, somente com outra roupagem. A violência continua sendo a personagem principal da sociedade.

A Literatura e os escritores, se engajados, trazem o passado, revivem, re-presentam os acontecimentos sociais, históricos e políticos. A fragmentação do texto literário aponta para uma fragmentação do contexto, ou seja, a fragmentação está ligada a uma motivação histórica, visto que esta está pulverizada, dissociada. “Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como problemas imanentes da sua forma”⁹². A modernização é contraditória, mantendo ranços conservadores. O escritor interioriza os conflitos e passa a ver o curso da História como um impasse.

“As obras autênticas são as que se entregam sem reservas ao conteúdo material e histórico de sua época”⁹³. As obras testemunhais, expoente dos sobreviventes

⁹² ADORNO, T. **Teoria estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Martins Pontes, 1988 p. 16.

⁹³ ADORNO, T. **Teoria estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Martins Pontes, 1988 p. 207.

tes do massacre nazista, retratam a história do sobrevivente e a História do século XX. Para isso, há um diálogo entre a História, a memória, a autobiografia, a confissão, o testemunho. Esses gêneros, na verdade, contaminam-se, sendo difícil separá-los de forma estanque. Todos tratam do “eu”, a escrita se torna uma forma de se conhecer melhor, de se descobrir e de se autoquestionar. Sobre isso, Ângela de Castro Gomes⁹⁴ acrescenta que as escritas do eu possibilitam, além do autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação do escritor consigo mesmo e com os outros. O panorama é amplo, tornando inadequado “o ícone tradicional de narciso, porque o espelho no qual o autobiógrafo se olha, ao invés de plano, pode revelar-se parabólico”⁹⁵.

Através dessa literatura, pode-se compreender não só uma vida particular, como também todo o processo civilizatório, uma vez que o ser humano espelha o mundo circundante. Todos esses gêneros abordados acabam tendo uma função social, pois os escritores/narradores estabelecem uma comunicação, mesmo que indireta, com outra pessoa independente do espaço e do tempo; há informações, na escritura, que serão apreciadas por outra pessoa. Uma observação de Levillain, assinalada por Ângela de Castro Gomes⁹⁶ é a de que o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, porém a idéia de que a vida é uma História é bem recente. É relevante diferenciar os gêneros: autobiografia, diário íntimo, confissões, memória e testemunho, partindo da premissa básica de que são escritas do “eu” e de que os gêneros se mesclam e invadem fronteiras.

Inicia-se com a autobiografia, que é uma escritura do eu, e Lejeune já propõe a definição de que é um “gênero retrospectivo em prosa, que alguém escreve, valendo-se da sua própria experiência, centrada na sua vida individual e na história de sua personalidade”⁹⁷. Em uma autobiografia, o tema fundamental deve ser a vida in-

⁹⁴ GOMES, A, de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004 p. 16.

⁹⁵ BATISTINI, A. **Lo Specchio di Dedalo**: autobiografia e biografia. Bologna: Il Mulino, 1990 p. 9-10.

⁹⁶ GOMES, A, de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004 p. 12.

⁹⁷ LEJEUNE, P. **El Pacto Autobiográfico y otros estudios**. Trad. Ana G. Loureiro. Madrid: Megazul-Endymion, 1994 p. 11. OBS: Todas as traduções são de minha autoria.

dividual do autor, a busca de si mesmo, o seu olhar de hoje em relação ao que passou e ao que viveu.

Como os caminhos entre a autobiografia e o romance autobiográficos (no qual há a presença de elementos ficcionais) são estreitos, Lejeune estabelece o “pacto autobiográfico”, com o intuito de tornar clara a autobiografia. O pacto é uma espécie de contrato entre o autor e o leitor. Assim, a identificação da autobiografia é baseada em um critério textual: a presença do nome, sendo que, quando o nome da personagem equivale ao nome do autor, está excluída a possibilidade de ficção. Dessa forma, o pacto se firma quando há coincidência entre a identidade do autor, do narrador e da personagem. Essa identidade é condição *sine qua non* da autobiografia.

Em estudos posteriores, como em **Le pacte autobiographique (bis)** e **Je est un autre**, Lejeune admitiu que o “pacto autobiográfico” nem sempre se cumpriu e que, em determinadas situações, a autobiografia e o romance se confundiam: um alimenta e completa o outro. No romance autobiográfico, nem sempre é mantida a equação identitária: autor = narrador = personagem, pois um eu fictício pode insistir em narrar, rompendo a veracidade e a linearidade do relato. Na primeira pessoa, geralmente há encoberta uma terceira pessoa. Na ficção autobiográfica, o leitor é convidado a fazer uma leitura ambígua. O certo, no entanto, é que há vários olhares e matices sobre a autobiografia e sobre o romance autobiográfico, e o leitor terá que fazer a sua leitura e as suas escolhas.

Georges Gusdorf, em *Condiciones y límites de la autobiografía*, afirmou que o homem que se interessa por desenhar a sua própria imagem é digno de um grande interesse. Pelo fato de ele se voltar para o “eu”, supõe-se que a sua existência é digna de créditos: “cada homem é importante para o mundo, cada vida e cada morte; o testemunho que cada um dá de si mesmo enriquece o patrimônio comum da cul-

tura”⁹⁸. Na autobiografia, a subjetividade está em voga, tanto que o escritor se torna juiz, parte interessada, objeto e sujeito, tudo ao mesmo tempo.

Também abordou, ao longo do seu estudo, que ao eu vivido acrescenta-se um segundo eu, o eu criado pela experiência da escritura, razão pelo qual concluiu que o mote da autobiografia deveria ser: criar e, ao criar, ser criado. Toda autobiografia vem alicerçada em um impulso criador e, em consequência, imaginativo. Volta-se mais uma vez para a discussão entre “verdade” e ficção. Independente de a autobiografia conter elementos ficcionais ou não, o certo é que ela centra-se em fatos do passado, na elaboração/representação que o escritor faz desses fatos no presente, no momento da escritura. Assim, a memória ganha relevo: ela atua como redentora do passado ao convertê-lo em um presente eterno.

Outro gênero similar é o diário íntimo, que é uma forma de escrita em primeira pessoa e que teve origem na França em meados do século XVII, alcançando seu apogeu entre o final do século XVIII e o início do século XIX, em decorrência da ascensão da burguesia. Ao estudá-lo, Béatrice Didier⁹⁹ comentou que o advento do Cristianismo favoreceu as confissões e as necessidades de se examinar a consciência. Nessa época, o eu vivia em uma constante crise interior. O diário se diferencia da autobiografia no que diz respeito à perspectiva de retrospectão, pois há uma mínima separação nele existente entre o vivido e o seu registro pela escrita. O diário é o presente e, justamente por isso, há uma possibilidade muito maior de exatidão, de fidelidade à experiência que está sendo enfocada.

De forma semelhante aos estudos de Béatrice Didier, em **Autobiografía y modernidad literária**¹⁰⁰, compilado por alguns estudiosos do assunto, o diário é visto como uma escrita privada, revelando a intimidade; são os registros de si: o diarista escreve para si mesmo, de forma espontânea, sendo, ao mesmo tempo, narrador, lei-

⁹⁸ GUSDORF, G. Condiciones y límites de la autobiografía. Trad. Ángel G. Loureiro. In: DOBARRO, A. **La autobiografía y sus problemas teóricos**: estudios e investigación documental. Barcelona: Anthropos, 1991. p. 10. OBS: Traduções de minha autoria.

⁹⁹ DIDIER, B. **Le journal intime**. Paris: Universitaires de France, 1976. Traduções de minha autoria.

¹⁰⁰ BIEZMA, J. del P.; CASTILLO, J. B.; PICAZO, M. D. **Autobiografía y modernidad literaria**. Castilha: Universidad Castilla-La Mancha, 1991 p. 239. Traduções de minha autoria.

tor e personagem principal. O estatuto do diário é o da confidência, uma vez que, do caráter íntimo e secreto dessa escritura, resulta um desabafo no qual o escritor mostra-se por inteiro, registrando seus pensamentos, seus anseios mais particulares e suas indagações em busca da própria identidade.

Já as confissões, são escritas religiosas, tendo como expoente as **Confissões** de Santo Agostinho. Elas são as experiências espirituais do escritor/autor/personagem, nas quais imperam as rezas e as meditações. O mundo exterior raramente aparece. Posteriormente, Anna Caballé ¹⁰¹ apontou que as confissões passaram a designar um saber de si mesmo que se revelava, sobretudo no que diz respeito aos aspectos mais desconhecidos e ocultos do coração do homem, como a sua intimidade. As **Confissões** de Santo Agostinho são “um mergulho profundo na construção de seu passado e de suas inquietações” ¹⁰². As confissões nem sempre são religiosas, porém, desnudam a vida de um homem transformada em escritura, a exemplo, as **Confissões**, de Jean Jacques Rousseau, cuja abordagem se estende para a perda da inocência original, a impossibilidade da transparência nas relações humanas civilizadas, a inevitabilidade da injustiça, bem como os perigos da alienação na sociedade.

Nas memórias ou nas recordações, cuja ligação com o testemunho e com a autobiografia é muito forte, têm-se tanto conhecimento da identidade do escritor, como informações sobre a sua experiência. De acordo com Karl J. Weintraub ¹⁰³, a memória diferencia-se da autobiografia pelo fato de que esta parte do suposto de que o próprio escritor está tentando refletir sobre a sua própria experiência, ou melhor, sobre a sua vida interior, enquanto que naquela, o escritor olha também os fatos exteriores, que constituem a sociedade. As memórias estão intimamente ligadas à História, sendo uma recuperação do tempo passado, “que pode pertencer tanto ao passado pri-

¹⁰¹ CABALLÉ, A. **Narcisos de tinta**: ensayos sobre la literatura autobiográfica en lengua castellana (siglos XIX y XX). Madrid: Megazul [sd] p. 26. Traduções de minha autoria.

¹⁰² REZENDE, A. P. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004 p. 84.

¹⁰³ WEINTRAUB, K. J. **Autobiografía y conciencia histórica**. In: DOBARRO, A. N. (coord). **La autobiografía y sus problemas teóricos**: estudios e investigación documental. Barcelona: Anthropos, 1991.

vado do escritor como ao passado coletivo da sociedade”¹⁰⁴. Georges May¹⁰⁵ afirmou que, na narrativa memorialística, destaca-se o fundo histórico-cultural, filtrado pela memória e pela subjetividade de um eu social. Também concluiu que muitas obras se situam num espaço híbrido entre memória e autobiografia. Novamente se esbarra em um gênero fronteiro. Os móveis da memória, da autobiografia e do testemunho aproximam-se e entrelaçam-se em muitos momentos.

Dominick LaCapra¹⁰⁶ estudou a memória interligada com a História, sobretudo da Shoah: a memória atuando na recuperação do passado e problematizando o presente. Ele se deteve na questão do trauma ou no significado de eventos traumáticos na História recente, eventos estes que as vítimas preferem esquecer. Especialmente para as vítimas, o trauma ocasionou lapsos, perda de memória, perda da identidade, que ficou abalada, estilhaçada, devido à monstruosidade praticada pelos nazistas. Assim, o lugar da memória é o mesmo do trauma. A memória está nas sombras da tragédia. Por isso, os lapsos, a tendência compulsiva de repetir e reviver as cenas do passado, as alucinações, os *flashbacks*, os sonhos, a perda da referência, que, de forma desordenada e fragmentada, recaem sempre sobre esse passado devastador. Como o autor disse, a Shoah foi única, com um grau de violência e de repressão inconcebíveis para uma sociedade dita civilizada. Esse evento traumático foi reprimido e negado, porém cabe às vítimas resgatar, nos escombros da memória, os fiapos da História para que os leitores possam refletir e repensar o hoje.

Por último, o testemunho, que será central nesse estudo e que, nas palavras de Giorgio Agamben¹⁰⁷, situa-se entre o dizível e o indizível da língua, entre uma possibilidade e uma impossibilidade de exprimir algo. Também trata do “eu”, mais precisamente do vazio presente no eu. Diante da possibilidade de falar, de relatar a experiência dos campos, o sujeito depara-se com a impossibilidade da palavra, ou seja, não há um vocabulário capaz de exprimir a vida em Auschwitz. A testemunha,

¹⁰⁴ BIEZMA, J. del P.; CASTILLO, J. B.; PICAZO, M. D. **Autobiografía y modernidad literaria**. Castilha: Universidad Castilla-La Mancha, 1991 p. 251.

¹⁰⁵ MAY, G. L' **Autobiographie**. Paris: P. U.P, 1979 p.128.

¹⁰⁶ LACAPRA, D. **History and memory after Auschwitz**. Nova York: Cornell University Press, 1998 p. 8-10. OBS. Traduções de minha autoria.

¹⁰⁷ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo**. Valencia: Pre-Textos, 2000.

além disso, carrega o peso de falar por aqueles que emudeceram. Auschwitz é “a existência do impossível, a negação mais radical da contingência, a necessidade, pois, mais absoluta (...). Auschwitz é a catástrofe do sujeito, sua anulação e sua permanência como existência do impossível”¹⁰⁸. A Literatura testemunhal tenta escutar não só a voz da testemunha, como também a lacuna do incomunicável, a presença “sem rosto” que todo o testemunho necessariamente contém.

Como se viu nessa breve introdução, todos os gêneros apresentados (autobiografia, confissões, romance autobiográfico, memórias) são bastante “móveis”, podendo migrar ou intercambiar, dependendo da leitura e da ótica adotada pelo leitor. A memória e o testemunho permeiam as obras **É isto um homem?** e **A trégua**, de Primo Levi. Ambas dão suportes teóricos ao estudo apresentado, bem como caminharão de mãos dadas com a História para se chegar a uma análise mais rica e contextualizada.

2.1 Literatura de testemunho: entre o esquecer e o lembrar

A Literatura de testemunho vem à tona para problematizar a época de catástrofes e faz com que toda a História da Literatura seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. A Literatura de testemunho representa ou tenta representar uma situação-limite, como a que ocorreu, durante a Segunda Guerra Mundial, com os judeus nos campos de concentração. Ela não deixa de ser vestígios de uma História em migalhas ou pistas para se tentar ver e entender o mundo catastrófico dos campos de concentração e das mortes na câmara de gás. O conceito de testemunho, de acordo com os textos de Márcio Seligmann-Silva, concentra em si uma série de questões que sempre polarizaram a reflexão sobre a literatura, questionando as fronteiras entre o literário, o fictício e o descritivo. E mais: o testemunho aporta uma ética da escritura.

¹⁰⁸ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz**: el archive y el testigo. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 155.

Shoshana Felman¹⁰⁹ acredita que, depois do Holocausto, mudaram-se os modos de relacionamento entre a narrativa e a História. A Literatura de testemunho tem a missão de não somente registrar, mas também de repensar, e, com efeito, nessa ação de repensar, transformar a História. Fala-se em “testemunha”, que passa a ser uma espécie de sujeito da História. A partir dessa nova abordagem, Felman comenta que se deve olhar o impacto do Holocausto nesses sujeitos da História, que não são quaisquer sujeitos: são pessoas que passaram por uma experiência traumática e se depararam com a impossibilidade de estabelecer um diálogo entre a História e a linguagem.

Felman, em *Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar*, continua abordando a designação do testemunho em seu uso mais tradicional e rotineiro, ou seja, no contexto legal, na situação de tribunal. Porém, o significado pode ser estendido à situação de testemunha da Shoah:

O testemunho é fornecido, e pedido, quando os fatos sobre os quais a justiça deve pronunciar seu veredicto não estão claros, quando há dúvida sobre a precisão histórica e quando a verdade como os elementos de evidência que a suporta são postos em questão¹¹⁰.

O testemunho dos sobreviventes é composto de pequenas partes da memória. A maior parte ficou oprimida, devido à dor, ao trauma, não se assentando como compreensão ou lembrança. Ele põe em xeque a História, porque comporta eventos em excesso em relação aos parâmetros referenciais normais. No testemunho, a linguagem, como no tribunal, estará em processo de julgamento: “ela não possui a si mesma como uma conclusão, como constatação de um veredicto ou como saber em si transparente”¹¹¹. Agamben¹¹² também usa a situação do tribunal ao falar do testemunho. Mais precisamente ele dá significado a duas palavras, a primeira “*testis*”, sendo

¹⁰⁹ FELMAN, S.; DORI LAUB, M. D. *Testimony: crises of witnessing in literature, psychoanalysis and history*. New York: Routledge, 1992. Traduções de minha autoria.

¹¹⁰ FELMAN, S. *Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar*. Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000 p. 18-19.

¹¹¹ FELMAN, S. *Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar*. Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000 p. 18.

¹¹² AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo*. Valencia: Pre-Textos, 2000.

aquele que se situa como terceiro em um processo ou em um litígio e não tem conhecimento da verdade. A segunda, “*superstes*”, faz referência ao que foi vivido em uma determinada realidade; a pessoa passou pelo acontecimento e, por isso, está em condições de oferecer um testemunho sobre ele. Primo Levi “não é um terceiro; é, em todos os sentidos, um sobrevivente”¹¹³. Benveniste¹¹⁴ se posicionou sobre essa questão, dizendo que se há uma disputa entre dois homens, e um diz “eu vi”, enquanto o outro diz “eu ouvi”, deve-se acreditar no que diz “eu vi”. Levi se considera um sobrevivente, ele viu, ele passou pela experiência, tanto que diz, nas entrevistas, que poderia se sentir culpado por ter sobrevivido, mas não por ter testemunhado. Ele se sente em paz consigo mesmo por ter testemunhado e deixado, dessa forma, um legado para a humanidade.

Paul Ricoeur reforçou a questão do testemunho ligado ao uso jurídico. E a partir daí, entrou em uma questão crucial: “até que ponto o testemunho é confiável? Essa questão põe diretamente na balança a confiança e a suspeita”¹¹⁵. A Shoah é de difícil compreensão, e isso é inegável, testemunhar se torna algo muito complexo e paradoxal. Pois não se consegue testemunhar com exatidão, e, muitas vezes, se é testemunha da testemunha. Levi, por exemplo, em algumas situações é essa testemunha “de segundo grau”, porque observou e depôs sobre os muçulmanos, aqueles que estavam submersos e não conseguiram se salvar. Eles estavam demolidos, sua morte havia começado antes mesmo da morte corporal. Em poucos dias e semanas no trabalho de retirar os corpos mortos dos irmãos, eles já não tinham forças para observar, recordar e se expressar.

Levi, então, presta o testemunho por eles, por delegação. É um relato visto de perto, mas não experimentado. Este testemunho contém uma lacuna; quem assume a carga de testemunhar pelos muçulmanos sabe que é preciso dar um testemunho da impossibilidade de testemunhar. Os que não chegaram ao fundo não sabem como foi

¹¹³ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo**. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 15.

¹¹⁴ BENVENISTE, É. **O Vocabulário das Instituições Indo-européias**. Volume II: Poder, Direito, religião, trad. D. Bottmann, Campinas: UNICAMP, 1995.

¹¹⁵ RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007 p. 171.

a degradação total, não podem contar verdadeiramente, e certos fragmentos acabam ficando presos no passado, junto aos mortos. Ninguém, dos mortos, voltou para contar a sua história, a sua versão, a sua dor. Há, por um lado, essa impossibilidade e incompreensão presente no testemunho.

Mas, por outro, o testemunho recupera a subjetividade e a confiança na primeira pessoa “que narra a sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada”¹¹⁶. O fardo de ser testemunha é único, não podendo ser intercambiável. É, nas palavras de Felman, “um fardo solitário”¹¹⁷. Ninguém pode testemunhar pela testemunha. Como o testemunho é dirigido a outras pessoas, a testemunha relata a sua experiência para os que não passaram por ela. Ser testemunha é ser um veículo de uma ocorrência, de uma realidade, de uma posição ou de uma dimensão para além dela mesma. Ela é talvez a única esperança de que Auschwitz, com suas desgraças inqualificáveis e inaceitáveis, não aconteça mais.

O testemunho escrito, com o aceite da ficção, não deixa de esboçar a confiança na voz e no corpo torturado. Sabe-se que muitas fontes foram queimadas, os campos só não desapareceram de vez, porque os alemães não tiveram tempo de destruí-los. Mesmo que nada material restasse, haveria alguns sobreviventes, e estes são os testemunhos fidedignos, são a memória não só individual, mas também coletiva. A primeira pessoa se torna um “nós”, isto é, uma forma privilegiada para a reconstrução desse passado catastrófico da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Paul Ricoeur¹¹⁸:

A testemunha pede que lhe dêem crédito. Ela não se limita a dizer: Eu estava lá, ela acrescenta: “acreditem em mim”. A autenticação do testemunho só será então completa após a resposta em eco daquele que recebe o testemunho e o aceita; o testemunho, a partir desse instante, está não apenas autenticado, ele está acreditado.

¹¹⁶ SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007 p. 19.

¹¹⁷ FELMAN, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: NESTROVSKI, A; SELIGMANN-SILVA, M. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000 p. 15.

¹¹⁸ RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007 p. 173.

O testemunho se torna, portanto, esse “nós”, e não um “eu” solitário, naufragado no submundo. O testemunho resgata a subjetividade, mas, ao mesmo tempo, saem da tumba os mortos, que asseguram a mão e reforçam a memória do sobrevivente na hora da escritura. E, nesse oceano turbulento de angústia, tristeza e infelicidade, aflora uma pequena ilha, que é a salvação, a voz torta, mas que tem a possibilidade de transmitir para a coletividade uma experiência única, que mostrou toda a maldade oculta do ser humano.

No século XX, houve o mais intenso pico de violência e desumanização, visto que milhares de judeus morreram nas câmaras de gás, nas valas comuns e no dia-a-dia, gradativamente, devido ao trabalho exaustivo, à fome, à sede, à dor física, à loucura e à depressão. A cada dia, o prisioneiro morria um pouco, ficava mais magro, mais debilitado, mais perdido e sem noção da realidade. Tornava-se um fantasma em forma de gente. Levi esteve no campo e seu corpo fraquejou, demoliu-se:

Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro. (...). Resolvêramos encontrar-nos, nós italianos, cada domingo à noite, num canto do campo, mas paramos logo com isso; era triste demais contar-nos, encontrar-nos cada vez em menor número, cada vez mais disformes, esqueléticos. E custava caminhar até lá, por mais perto que fosse; e ainda, encontrando-nos, aconteceria lembrar, pensar...melhor não¹¹⁹.

Levi se depara com a dor e, diante dela, constantemente ele se questionava se valia a pena lembrar, pensar, pois a “recompensa” era a depressão, a desilusão e a tristeza de ver tantos amigos morrendo. Quando Levi foi promovido para o trabalho no laboratório químico, gozou de alguns privilégios e não precisava mais empurrar vagões, carregar caibros, rachar pedras e remover terra com a pá. “Os companheiros do *Kommando* me invejam e com razão: acaso não deveria considerar-me feliz”¹²⁰. Porém, ele não se considerava feliz, pois sobrava mais tempo para pensar e consecu-

¹¹⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 35.

¹²⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 143.

tivamente para lembrar a vida: “o velho tormento feroz de me sentir homem que, logo que a consciência sai das trevas, me acua de repente como um cachorro que morde”¹²¹. Ter consciência da realidade fazia com que ele lembrasse essas situações de pesadelo, dor e medo.

Em Auschwitz, não havia trégua: todos lutavam minuto a minuto, segundo a segundo pela sobrevivência, não sabiam como seria o dia seguinte. Os presos tinham os pés cobertos de chagas infectadas, devido aos tamancos serem grandes ou pequenos demais, sendo mais um instrumento de tortura; o ventre inchado, devido à fome; a pele ressecada e enrugada, devido à temperatura excessivamente fria ou quente e ao envelhecimento precoce. O corpo era um esqueleto de pele e osso: a transformação era diária.

Nos depoimentos que Levi concedeu a Leonardo de Benedetti e Ferdinando Camon, ele sempre ressaltava que os prisioneiros estavam esgotados. Eles eram obrigados a cavar, sem nenhuma pausa, com picareta ou pá a terra do campo. Também carregavam sacos de cimentos, vigas para a construção de trilhos de trem, independente do sol, da chuva, do frio e do calor, tudo isso para que os presos ficassem com os músculos destroçados, sem força e resistência física e mental. A metamorfose era rápida, se algum detento ficava sem ver um companheiro, dois ou três dias, era capaz de não o reconhecer mais.

Na prisão, a maioria dos judeus não entendia alemão nem polonês e, em consequência disso, não compreendia as ordens dos carrascos. O não entendimento de uma ordem era motivo para o “novato” (aquele que ainda não conhecia as regras do campo) levar bofetadas, socos, ser ridicularizado e até enviado direto para a câmara de gás. Muitos italianos morreram nos primeiros dias de confinamento, justamente por não compreender o dialeto do campo e por não haver nenhuma tolerância por parte dos executores das ordens. A língua se tornava outra forma de morte:

¹²¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 144.

(...) o sofrimento do dia, feito de fome, pancadas, frio, cansaço, medo e promiscuidade, transforma-se, à noite, em pesadelos disformes de inaudita violência, como, na vida livre, só acontecem nas noites de febre. Despertamos a cada instante paralisados pelo terror, num estremecimento de todos os membros, sob a impressão de uma ordem berrada por uma voz furiosa numa língua incompreensível¹²².

O campo era incompreensível e isso se estendia para as ordens brutais, para a língua fria e tirânica, para os companheiros esgotados e em ruína física e mental. A língua, depois da saída do campo, também não era a mesma do homem livre, que antes não sabia o que era um campo de concentração. Agora, ela formava uma espécie de abismo, carregava uma falta, um buraco, decorrente da experiência e do embate com a catástrofe. “A língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora”¹²³. Escrever ou não? O sobrevivente sofria pela impossibilidade de achar palavras, que revelassem literalmente o que foi a tortura nazista no *Lager*, pela falta de vocábulos apropriados para nomear o que não tem nome, para narrar o tamanho do estranhamento e do horror. Conforme explica o escritor romeno Elie Wiesel, enviado como Levi aos campos de concentração de Auschwitz, e, depois, a Buchenwald:

Nós todos sabíamos que nunca, nunca diríamos o que era preciso dizer, nunca exprimiríamos em palavras coerentes, inteligíveis, nossa experiência de loucura absoluta. A caminhada pela noite abrasadora, o silêncio antes e durante as seleções, a prece monótona dos condenados, o Kaddish dos moribundos, o medo e a fome dos doentes, a dor e a vergonha, os olhares alucinados, os olhos esgazeados: nunca saberia dizê-los. As palavras me pareciam gastas, bobas, inadequadas, maquiadas, anêmicas; eu as queria ardentes¹²⁴.

A língua não era entendida; a fala, inaudível. A atualização era violenta, traumática, uma vez que representava a continuidade da opressão ou a lembrança e a “revivência” da opressão. As vítimas que ainda sobreviviam estavam tão fragilizadas

¹²² LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 62.

¹²³ SELIGMANN-SILVA, M. Catástrofe, História e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: _____. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 402.

¹²⁴ WIESEL, E. *Palavras de estrangeiro*. Trad. Celina Portacarrero. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984 p. 8.

e animalizadas, que nem conseguiam falar: a linguagem que havia sobrado era de grunhidos e gemidos. Em Auschwitz, Primo Levi tinha se esforçado para escutar e interpretar os balbucios inarticulados e a linguagem mutilada e obscura dos outros prisioneiros. Levi tentou manter a linguagem, a identidade quando começou a ensinar italiano a um colega, Jean Samuel. Levi sofreu com a degradação, entretanto tentou ser racional e manter a lembrança, a linguagem, mesmo com lapsos e lacunas, mesmo desdentada e precisando de pontes para ser preenchida.

Nem sempre a língua se mantém, ficando impossível entender os filhos da morte, como o menino Hurbinek, de aproximadamente três anos. Ele era um exemplo da demolição, não conseguia falar, não tinha nome (pois era um nome inventado por uma das mulheres do campo), estava doente, com o corpo paralisado e atrofiado, delgado como um graveto. Ele “era um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitz”¹²⁵. Hurbinek tentava emitir um som, uma palavra, lutando para entrar no mundo dos homens e, para entrar no reino dos homens, precisava deixar a sua condição animal. Mas ele não conseguira vencer, as palavras ficavam presas na dor e no campo coberto de sangue. Hurbinek não pôde testemunhar, porque não tinha língua: a única palavra que tentou proferir tinha um som incerto e privado de sentido: “massklo” ou “matis-klo”. “A impossibilidade de testemunhar, a lacuna que constitui a língua humana, desaba sobre si mesma para dar passo a outra impossibilidade de testemunhar: a do que não tem língua”¹²⁶. O menino sem nome, selvagem, com uma tatuagem no braço morreu em março de 1945, tanto que Levi escreveu em **A trégua**: “nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras”¹²⁷.

Muitos não conseguiram deixar o seu testemunho, porque morreram; muitos dos que vivem também não deram o seu testemunho, pois é doloroso, trágico e traumático. As lacunas sempre vão existir. Quem só viu parte da degradação não conseguiu superar a visão da dor. Imagina-se, então, quem viveu parte da sua vida, meses, anos ou que nasceu em Auschwitz e só viu a sua frente a escuridão e os escom-

¹²⁵ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 28.

¹²⁶ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz**: el archive y el testigo. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 39.

¹²⁷ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 31.

bros. Theodor Adorno, conforme comentou Márcia Tiburi¹²⁸, insere-se, no âmbito da filosofia do testemunho, em uma corrente pessimista, já que, para ele, era impossível ressuscitar os mortos e recuperar o passado perdido. O passado estava perdido nesses escombros e nessa escuridão infinita. Ele questionou também o significado da sobrevivência: “seria ela em sentido próprio vida após a legalização do assassinato no nazismo?”¹²⁹. Abriu, com isso, um questionamento sobre a ética e o tema dos mortos: “o que é a humanidade desde que os mortos não podem ser ressuscitados, não podemos fazer-lhes justiça e ocupamos o lugar de outros que poderiam estar vivos já que somos sobreviventes de profundos esquemas darwinianos a compor a sociedade?”¹³⁰. Esses questionamentos marcaram a vida de Levi durante a prisão, a liberdade, culminando com a sua morte, ou melhor, com o seu encontro definitivo com os mortos que não puderam dar o seu testemunho. Levi sentiu culpa e vergonha por ter sobrevivido.

Bettelheim¹³¹ expressa o paradoxo de sobreviver e sentir culpa:

O verdadeiro problema...é a irreduzível contradição da condição existencial daquela que sobreviveu, porque enquanto se mantém a razão, sabe perfeitamente que não é culpado, mas a sua humanidade se impõem em nível emotivo, sentindo-se preso de culpa. Não se pode sobreviver dos campos de concentração e não sentir culpado ter tido a sorte tão extraordinária quando milhões de pessoas, como nós, morreram e muitas vezes sob os nossos olhos... Nos campos de concentração, obrigava-se a contemplar dia após dia, ano após ano a destruição dos companheiros, com a sensação de que se podia intervir, mesmo sabendo de que não adiantaria. Daí o sentimento de culpa por nada ter feito e, sobretudo, por se sentir feliz cada vez que a morte não tocava a si próprio.

Elie Wiesel também disse que viver é sentir-se culpado, o sobrevivente está vivo, porque um amigo, um irmão ou um desconhecido morreu no seu lugar. O passado pode não falar de todos os mortos, pois este é um passado perdido, atormentado.

¹²⁸ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 57.

¹²⁹ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p 57.

¹³⁰ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p57-8.

¹³¹ BETTELHEIM, B. **Sobrevivir**. El Holocausto una generación después. 2. ed. Barcelona: Crítica, 1983 p. 217.

A missão está com o sobrevivente de relatar a barbárie. Entretanto, ninguém quer ser participante, ouvir, como Levi desabafou no início de **A trégua**.

O campo estava abandonado quando os russos chegaram. Levi contou que eles enxergaram a devastação, a miséria, a desumanidade e a morte, que impregnavam o solo de Auschwitz. A indigestão foi grande: o exército vermelho parecia sufocado, não sorria, seus olhos demonstravam piedade, confusão, devido à visão do cenário funesto. Os seus olhos abaixaram, “era a mesma vergonha conhecida por nós, a que nos esmagava após as seleções, e todas as vezes que deveríamos assistir a um ultraje ou suportá-la: a vergonha que os alemães não conheceram”¹³². Tudo era inacreditável, só as pessoas que viram poderiam imaginar Auschwitz nas suas dimensões reais. Só as testemunhas carregavam nos ombros, rotos, doloridos, a verdade. O testemunho é lembrar a morte. Hurbinek não conseguiu dar o seu testemunho; muitos também não deram.

Antes da fuga, os alemães tentaram destruir todos os vestígios do massacre, explodiram os fornos crematórios, as câmaras de gás; só não conseguiram destruir as provas completamente, porque não imaginavam que os russos estivessem tão perto. Graças a isso, há resquícios do massacre para que as vítimas tenham credibilidade:

A partir de vários indícios, é lícito deduzir a intenção primeira alemã de não deixar nos campos de concentração nenhum homem vivo; mas um violento ataque aéreo noturno e a rapidez da investida russa induziram os alemães a mudança de idéia, e a bater em retirada, deixando inacabados o próprio dever e a própria guerra¹³³.

Mesmo em destroços, as câmaras de gás e os fornos crematórios mostram que os massacres foram coletivos e inimagináveis. A intenção era reduzir os judeus a cinza, a pó. Os destroços eram de homens e de construções. Homens como construção, porque já eram peças, tijolos, cimento. O ar do campo estava impregnado de podridão, de sofrimento e de ruína.

¹³² LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 12.

¹³³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 10.

Com os russos, a situação de dominação continuou, só mudou o comando. No campo russo, os viajantes moribundos se acomodavam em estábulos e palheiros, “fizeram viver uma vida de cachorro. Comer pouco, e dezesseis horas por dia de pique e de pá, com sol ou chuva, com um russo por perto e com a metralhadora apontada”¹³⁴. Nas cidades pelas quais Levi passava, ele via “por toda a parte ruínas, esqueletos de cimento, traves de madeira carbonizada, barracões de zinco, gente em farrapos, de aspecto selvagem e famélico”¹³⁵.

Só quem viveu em Auschwitz, quem sofreu com o retorno para casa, pontuado de curvas sinuosas, sabe o que foi a destruição: “isto é o inferno (...). Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos”¹³⁶. A desfiguração física e mental era tanta que parecia não haver mais rumo ou saída para os sobreviventes. A Shoah foi singular e inigualável. A violência foi insuportável e, infelizmente, não foi a única nem a última. Vive-se num ambiente onde predomina a violência seja de forma velada, na democracia, ou visível, como nas ditaduras e nos períodos totalitários. Se Benjamin, na década de 30, já apresentava a concepção do tempo presente como um tempo de choque, caso ele tivesse vivido durante o auge do extermínio na década de 40 teria sofrido ainda mais, sobretudo por ver que, nessa fase, o choque era permanente, era regra e não exceção. O mundo virou caco estilhaçado em mil fragmentos, ruína sem fim; a catástrofe foi aniquiladora, tanto que Seligmann-Silva enfatizou que: “o ideal da vivência do choque é a catástrofe, esse ideal foi atingido com esse evento de um modo inimaginável”¹³⁷.

Em vista disso, surgem inúmeras perguntas: a literatura é capaz de representar o mal absoluto? Como representar a barbárie sem banalizá-la? Como alcançar a verdade através do relato, que é construído e, de certo modo, ficcionalizado? Como resguardar o peso da experiência e do vivido e controlar os efeitos de irrealidade que

¹³⁴ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 117.

¹³⁵ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 125.

¹³⁶ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 20.

¹³⁷ SELIGMANN-SILVA, M. Catástrofe, História e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: _____. (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 401.

se produz quando se pretende exatamente o oposto? Como a testemunha resolve a dicotomia entre a impossibilidade de narrar a sua vivência e a necessidade de fazê-la?

Theodor Adorno não respondeu às questões, mas lançou uma pista, afirmando que, depois de Auschwitz, não era mais possível escrever poemas¹³⁸. Os poemas normalmente têm conotação de beleza, de arte, de pureza; mas, depois do choque, escrevê-los tornou-se quase um ato bárbaro. Ele, com isso, queria dizer que não havia como traduzir a experiência de ser prisioneiro no *Lager* nazista. O homem, em Auschwitz, praticou atos inumanos e quem sofreu a inumanidade também foi obrigado a tornar-se inumano pela dor, pela fragilidade, pela tortura. Para comprovar a sua visão, ele citou o que Paul Valéry disse antes da última guerra: “que a inumanidade teria um grande futuro”¹³⁹. O futuro ficaria aprisionado, uma vez que as pessoas e os dirigentes teriam perdido a capacidade de amar. A sociedade moderna formou-se por “pessoas essencialmente frias, que devem negar no seu íntimo a possibilidade de amar e cortam o amor pela raiz, antes que possa desabrochar em outras pessoas”¹⁴⁰.

O amor foi destruído com a Shoah e, após ela, seria uma missão quase impossível resgatá-lo. Junto com a falta de amor, a linguagem ficou deturpada, pobre. A partir da incomensurável dor da Shoah, qualquer tentativa de representá-la seria uma traição à verdade, uma injustiça para com as suas vítimas, uma banalização insuportável. Por isso, não há como entender, como explicar, como verbalizar a dimensão da barbárie. Levi a enfrentou, lutou diariamente para que lhe restasse um pouco do humano. No campo, os judeus italianos eram estigmatizados como tendo “*Zwei Linke Hande*” (duas mãos esquerdas), pois não sabiam falar iídiche e eram fracos. Como não fraquejar, se a sua luta pela sobrevivência esbarrava na encruzilhada entre a vida e a morte?

Não sabemos, porém, para onde vamos. Talvez sobrevivamos às doenças e escapemos às seleções, talvez agüentemos o trabalho e a fome que nos consomem, mas, e depois? Aqui, longe (por enquanto)

¹³⁸ ADORNO, T. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, W. et alii. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril cultural, 1983.

¹³⁹ ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986 p. 40.

¹⁴⁰ ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986 p. 42.

das blasfêmias e das pancadas, podemos retornar dentro de nós mesmos e refletir, e torna-se claro, então, que voltaremos. Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem¹⁴¹.

Levi tentou denunciar, sem rancor, a maldade que o homem fez com o homem. Porém, a dor era imensa, escrevia somente com as duas mãos esquerdas, como os alemães falavam dos judeus. A natureza da ofensa sofrida pelos deportados foi tão grande que para sempre eles ficariam com manchas incuráveis, não recuperando o tão sonhado descanso. Levi citou o filósofo Jean Améry que argumentava que o torturado sempre permaneceria torturado, pois quem sofreu o suplício não conseguia voltar a viver no mundo como se nada tivesse acontecido, a abominação do aniquilamento nunca se apagava.

Os sobreviventes, após saírem do campo, depararam-se com uma dificuldade tão grande quanto a de ter vivido no inferno e conseguido sobreviver: a impossibilidade de recobrir o vivido com o verbal. Assim, o testemunho faz uma reviravolta na relação entre a literatura e a realidade, uma vez que se testemunha, ao mesmo tempo, um excesso de realidade e uma falta de linguagem para expressar o evento. As palavras somem ou saem pela boca em desalinho, em ziguezague, roucas, tortas, aos torvelinhos. A tensão externa foi tão grande que há uma descontinuidade lingüística. A linguagem se fragmenta e se desestrutura.

Primo Levi, já no prefácio de **É isto um homem?**, afirmou que a “necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares”¹⁴².

¹⁴¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 54-5.

¹⁴² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 7-8.

No caminho de volta para casa, Primo Levi queria contar para as pessoas que avistava o que havia sentido no campo de concentração, poucas paravam para escutá-lo, porque tinham que reconstruir suas casas, arrumar trabalho, reorganizar a sua vida destruída com a guerra. Todos estavam envoltos com a sua própria desgraça. Quando encontrou um padre na Cracóvia, conseguiu estabelecer um diálogo em latim, falara de tudo, numa sofreguidão, sem pausas, sem organização das idéias, “esquecera completamente a fome e o frio, tanto assim que a necessidade de contatos humanos deve ser incluída entre as necessidades primordiais”¹⁴³.

A linguagem, no entanto, voltava a ser a babel do campo, pois não era entendida pelo interlocutor. O testemunho queria resgatar o que existia de mais terrível no real para, assim, apresentá-lo, nem que, para isso, fosse necessária a literatura:

O campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como esse, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma de civilização¹⁴⁴.

Levi queria desmontar as engrenagens do campo, precisava de que os Outros o ajudassem. Acabou sofrendo mais, por ver que a maioria das pessoas duvidava das suas palavras. Em Katowice, encontrou um advogado, queria contar a sua experiência, falar sobre o campo, a maldade alemã, as mortes, o frio, a fome e a exaustão. Tinha necessidade de comunicação, tinha uma avalanche de coisas urgentes para contar ao mundo civil: “coisas minhas mas de todos, coisas de sangue, coisas que, me parecia, acabariam por fazer tremer toda a consciência e seus fundamentos (...) percebi logo que a tradução da minha história, embora sentida, não era fiel”¹⁴⁵. Ele mesmo acabava duvidando da realidade de tão grandiosa que era a brutalidade. Ninguém acreditaria mesmo, os alemães tinham razão ao afirmar que todos os sobreviventes passariam por mentirosos.

¹⁴³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 74.

¹⁴⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 39.

¹⁴⁵ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 81.

Na cidade natal de Levi, alguns vizinhos fingiam não vê-lo, fugiam ou chegavam a atravessar a rua para não ter que conversar com ele. Ninguém “acreditaria nas coisas que eu contasse, e então eu mostraria o número tatuado no braço, e então....Acabou-se”¹⁴⁶. A tatuagem falava por ele. Era a prova do massacre, assim como seu corpo esquelético e suas rugas prematuras. Não só os estranhos assustavam-se, a família de Levi também ficou tensa à medida que ele relatava fatos do dia-a-dia em Auschwitz. No campo ainda, Levi teve um sonho, ou melhor, um pesadelo: ele estava em sua casa em Turim, com toda a família reunida, mas ninguém o escutava:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do *kapo* que me deu o soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio¹⁴⁷.

No sonho, para o seu desespero, todos os amigos e familiares foram embora, não queriam saber dos acontecimentos de Auschwitz nem partilhar a experiência, não queriam, assim, “permitir que essa história, ofegante e sempre ameaçada por sua própria impossibilidade, alcançasse também a sua linguagem ainda tranqüila”¹⁴⁸. Por conseqüência, essas pessoas não quiseram ser também testemunhas. Testemunha é aquele que não vai embora, que ouve a narração, mesmo que seja insuportável, mesmo que o sofrimento seja indizível. Testemunha ajuda a suportar a dor, divide o peso do passado de forma a tentar que as tragédias presentes nele não se repitam no agora. Levi, no sonho, teve a percepção de que, se vivesse, enfrentaria a indiferença alheia.

¹⁴⁶ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 43.

¹⁴⁷ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 60.

¹⁴⁸ GAGNEBIN, J. M. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, S; NAXARA, M. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001 p. 93.

O sobrevivente acabou vivendo um ressentimento pelos danos físicos e morais, pela falta de credibilidade, pela angústia de não ser ouvido. Como contar a experiência, se todos fogem? Como testemunhar, se as pessoas não acreditam nas suas palavras e se ele passaria a ser taxado de inventor, mentiroso ou melodramático? Devido ao horror, ninguém conseguia realmente entender ou acreditar que, nos campos de concentração, a vida era pior que o inferno ou era pior que a própria morte. Quem não viu ou não tem no corpo e na alma as cicatrizes do extermínio não entende a sua monstruosidade e pode pensar que tudo não passou de pura “invenção”. É duplamente doloroso e angustiante para o sobrevivente ver as pessoas “comuns” e até os parentes achar que eles são mentirosos e que sua história é uma fraude.

Depara-se com uma grande incredulidade sobre a Shoah e tudo o que está ligado a ela. Parece que a memória apaga-se ou se sofre de uma amnésia profunda quando se retoma a questão do extermínio em massa. Essa situação de dúvida permite uma volta a Aristóteles e a sua poética, uma vez que, para ele, deve-se preferir o que é impossível, mas verossímil, ao que é possível, mas não é persuasivo. O ser humano não se emociona com aquilo em que ele não acredita. Como as situações apresentadas pelos sobreviventes eram demasiadamente reais, tão verdadeiras que pareciam inacreditáveis, elas acabaram causando sensações de descrédito e dúvida no espectador. Entra-se, nesse ponto, na questão da verdade e da mentira, do real e da imaginação. As visões do passado podem ser construções, uma vez que o tempo passado só irrompe no presente se for organizado por procedimentos da narrativa.

O testemunho, além do mais, era composto por aquilo que o sujeito se permite ou pode lembrar,

daquilo que ele esquece, cala intencionalmente, modifica, inventa, transfere de um tom ou gênero a outro, daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitem captar do passado, que suas idéias atuais lhe indicam que devem ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente, daquilo que ele utiliza como dispositivo retórico para argumentar, atacar, defender-se, daquilo que conhece por expe-

riência e pelos meios de comunicação, e que se confunde, depois de um tempo, com a sua experiência¹⁴⁹.

A narração reconstrói/repagina o passado e, portanto, defende-se que, mesmo as obras literárias, não são apenas imitações, são, sim, representações de uma realidade, construções do real. A Literatura de testemunho, nesse entremeio, não é só ficção e não é só documento, ela está numa espécie de “terceira coluna”, como expõe Seligmann-Silva em seus ensaios. Na Literatura de testemunho, há uma inserção e/ou conjugação entre a Literatura e a historiografia. Há uma reescritura, que se dá em camadas, como em um palimpsesto aberto a infinitas possibilidades.

A única possibilidade que não pode ser aceita é a de que o Holocausto não aconteceu. Da mesma forma que ele não pode ser jogado em uma vala comum junto com outras banalidades, como acidentes da natureza, sobreviventes de naufrágio, acidentes de carro, incêndios, pois são eventos diferentes. O extermínio nazista foi em massa, foi um evento único, inigualável, talvez o mais significativo da História. Ele não deve cair na mídia de forma a virar um jogo político ou um acontecimento tipo *reality show*. “A possibilidade de explicar o inaudito, o nunca antes acontecido, caminhará sempre em uma ínfima brecha em que, de um lado, está a História e, de outro, a trivialização”¹⁵⁰.

Esse é um ponto muito importante, porque se deve lembrar para que as gerações futuras tenham conhecimento da catástrofe, mas não se pode transformar a lembrança do horror em mais um produto cultural, pronto para ser consumido e ser objeto de lucro. Assim, o essencial é evitar que o “princípio de estilização artístico torne Auschwitz representável – isto é, com sentido assimilável, digerível – enfim, que transforme Auschwitz em mercadoria que faz sucesso”¹⁵¹. A dor não está à venda nem pode visar bens materiais, porém não é o que se constata ao se assistir a alguns filmes hollywoodianos.

¹⁴⁹ SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007 p. 59.

¹⁵⁰ CYTRYNOWICZ, R. O silêncio dos sobreviventes: diálogo e rupturas entre a memória e a História do Holocausto. IN: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 138.

¹⁵¹ GAGNEBIN, J. M. A (im)possibilidade da poesia. **CULT** – Revista de Literatura Brasileira: São Paulo, 1999 p. 51.

Há ainda filmes que propagam a idéia de que Hitler não foi tão culpado e que o massacre foi conseqüência da guerra, ajudando as pessoas a esquecer o totalitarismo da época, Auschwitz e os campos de concentração. É mais fácil passar uma borracha nessa fase da História e levar uma vida normal do que pensar nos que morreram ou nos que sobreviveram e estão tentando se readaptar ao mundo. Nessa concepção, nega-se a História e esquece-se da necessidade ou do dever de lutar contra a barbárie, contra os poderosos e contra a massificação, que, na modernidade, é a pior violência praticada, pois é sem feridas externas. A acomodação e a alienação são alguns dos males da modernidade. Agora, o que se vê é o fim da História, pois, como diz Vidal-Naquet, ela sofre do “inexistencialismo”¹⁵².

Acredita-se, contudo, apesar dessas discussões sobre o negacionismo de Auschwitz, como os nazistas quiseram difundir, que os testemunhos e os livros sérios, escritos realmente por sobreviventes, tenham mais força, não deixando morrer a realidade. Auschwitz existiu, o problema sempre residirá na capacidade de simbolizá-lo, na ausência de palavras, que se traduz na perda de referências coletivas: é como se a aniquilação dos corpos se estendesse às dimensões lingüísticas. Após Auschwitz, as características mais importantes do homem – a razão e a linguagem – não são mais as mesmas. Isso já é uma prova de que Auschwitz aconteceu.

Quando se fala em linguagem e escrita, importam os dados da memória e da História. A memória é aliada da História, o problema é que, na era industrial-individualista, elas tendem a ser seletivas e, muitas vezes, o homem prefere omitir ou esquecer determinadas versões tendo em vista o não comprometimento dos seus interesses. Vidal-Naquet¹⁵³ fala sobre o compromisso de se evitar as distorções da memória. Para ele, é necessário lutar contra o seu desaparecimento ou, pior ainda, contra o aviltamento da lembrança.

¹⁵² VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papyrus, 1988.

¹⁵³ VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papyrus, 1988.

No momento em que os historiadores e estudiosos em geral se debruçam sobre o estudo da historiografia da Shoah, não devem olhá-la como um historicista, ou seja, com uma visão tradicional, perfazendo um traço cronológico, linear, que tenha a pretensão de abarcar a totalidade, nem aceitá-la como um documento fiel à realidade. A História deve ser vista como fragmento, ruína, estilhaço, que permeia o seu percurso como catástrofe, como expôs Walter Benjamin. Como na Literatura de testemunho tem-se, logicamente, por base o testemunho de sobreviventes, há uma relação íntima entre a memória e o passado. A História deve ser vista sob o prisma da transitoriedade. A memória, devido ao choque, também é transitória, está calcada no esquecer e no lembrar, no duplo, no ambíguo.

Nem sempre é fácil lembrar, porém o não contar só perpetua a tirania do evento traumático. No caso específico da Shoah, de acordo com o pensamento de Arthur Nastrovski¹⁵⁴, há um contraponto: é preciso, por um lado, preservar a incompreensibilidade desses eventos dolorosos, não trair de fato o que é a força da experiência em si, mas também é preciso contar esse não-contar constantemente. Talvez o problema mais tocante do ponto de vista dos participantes é precisamente o fracasso que já está presente na estrutura do próprio evento, ou seja, o fracasso da testemunha de ser uma testemunha autêntica de si mesma. O caso específico do Holocausto é emblemático porque é um evento que cancela a própria possibilidade de testemunhar o evento, já que não existe um plano de referência que se possa usar para testemunhar.

Voltar ao passado é sempre conflituoso, mas, para Beatriz Sarlo¹⁵⁵, “não lembrar é como se propor a não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada”. A lembrança obriga a perseguição, pois nunca está completa. “A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável”¹⁵⁶. Freud, no ensaio *Das Unheimliche*, explicou que o termo alemão significa “tudo o que deveria permanecer oculto, secreto e que entretanto se

¹⁵⁴ NESTROVSKI, A. Catástrofe e representação. *Psicanálise e Literatura, Artes e Ofícios*. Porto Alegre. Ano VIII, N. 15, nov. 98 p. 51 a 65.

¹⁵⁵ SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007 p. 10.

¹⁵⁶ *Ibid.* p. 10.

manifesta (...) algo familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão”¹⁵⁷. E continua explanando que *unheimlich* é “tudo o que está relacionado com a morte, com cadáveres, com a aparição dos mortos, espíritos e os espectros”¹⁵⁸.

A Literatura de testemunho está ligada à memória e ao culto dos mortos, obrigando o estudioso ao mergulho no passado, ao estudo do tempo de forma entrecruzada e a uma releitura da relação entre a ficção e o real. Quando baseada na memória, a historiografia é a do choque, visto que “testemunha tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do presente”¹⁵⁹.

O escritor da Literatura de testemunho assume o papel do arqueólogo que cava nos escombros em busca de pistas, de peças para a composição do quebra-cabeça da experiência da Shoah. A memória é a pá que cava, rumo ao passado. O solo é a recordação das vítimas que foram gaseificadas ou morreram de exaustão. À medida que se revolve a terra, as camadas vão se sobressaindo e chega-se aos aposentos, onde o que é mais íntimo está guardado: o pesadelo toma forma, é Auschwitz que renasce dos escombros, a fumaça volta a sair das chaminés. Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato até alcançar as imagens e, se hoje há grama que recobre o campo, ele deve ter consciência que ela germinou do sangue dos que ali morreram e não puderam expor a sua versão sobre a História. As ruínas da lembrança, como aponta Benjamin¹⁶⁰, em parte soterradas, guardam o esquecido, fazendo com que aquele que rememora sinta duplamente a dor: no passado e no presente. O arqueólogo-testemunha, quando escava, não sai mais leve, pelo contrário, sai tenso, desgastado, como a gravura do anjo, *Angelus Novus*, de Paul Klee, cuja face antevê a destruição do passado e a possível falência do futuro.

¹⁵⁷ FREUD, S. O estranho In: _____. **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão. São Paulo: Imago, 1976 p. 301.

¹⁵⁸ FREUD, S. **Tomo III**, 1986 p. 2498.

¹⁵⁹ SELIGMANN-SILVA, M. Catástrofe, História e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: _____. (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 393.

¹⁶⁰ BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

De acordo com o pensamento do estudioso Márcio Seligmann-Silva, ao se adentrar no universo do testemunho, mergulha-se num ambiente cinza, nebuloso ou num caminho de sombras, pontuado de dúvidas, incertezas, silêncios e vazios. O sobrevivente, à medida que se defronta com as palavras, sente um vazio, pois como dizer o indizível. A barbárie foi mesmo incomensurável. E por mais que se estude e se conheça a História da Shoah, sempre se terá dificuldade de compreendê-la. “Se a visão for demasiadamente próxima cria pontos de cegueira incontornáveis, a distância excessiva pode afrouxar os laços que nos ligam aos desaparecidos, criando um escudo psíquico que faz com que passemos por fora da barbárie do século XX”¹⁶¹.

A Shoah foi o grau máximo de perversidade, diluindo-se a noção de humanidade. Auschwitz problematiza, em meio às cinzas dos que perderam a vida, a relação do homem com o mundo. Auschwitz cria uma incomensurabilidade. É o horror inexprimível. Após Auschwitz, há a consciência da precariedade da expressão, visto que como é possível representar uma experiência que é marcada constitutivamente pela repressão à capacidade de expressão? Assim, a Literatura de testemunho nasce, por um lado, da necessidade premente de narrar a experiência vivida e, por outro, da “percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos (inenarráveis) como também – e com sentido mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança”¹⁶².

Luiz Costa-Lima¹⁶³, em **Mimeses**: desafio ao pensamento, confirmou que:

Assim como há amores inesquecíveis, há pesadelos irremediáveis. O holocausto é o pesadelo do nosso fim de século. Depois de saber-se que ele foi possível, como, mesmo de um ponto de vista estritamente profano, ainda seria possível levar a sério uma história evolucionista da espécie humana?

A Shoah marca uma ruptura no homem: o antes e o depois. O homem, depois da experiência, viu a sua vida virar escombros. Levi viveu o pesadelo permanen-

¹⁶¹ WALDMAN, B; DE MARCO, V. A experiência do horror. **CULT** – Revista Brasileira de Literatura. Ano V n. 53 p. 16.

¹⁶² SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão. In: _____. (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 46.

¹⁶³ COSTA-LIMA, L. **Mimeses**: desafio do pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000 p. 247.

te, caiu num abismo sem fim, mas conseguiu, por sorte, pelo destino, por vontade do Eterno, agarrar-se a alguns fiapos de terra, conseguindo a salvação. Por isso, sentiu desejo de contar aos outros a sua experiência em Auschwitz, mas as palavras estavam endurecidas, como se a língua estivesse anestesiada. A língua também não era mais a mesma (a de antes e a de depois da experiência), ficando presa no campo, junto aos mortos.

A morte sempre espreitou Primo Levi, com olhos famintos. Daí volta à mente o correlato: lembrança e esquecimento. Os que sobreviveram depararam-se com a morte e a querem esquecer, mas a morte os acompanha, é uma ferida aberta na sua memória. Um possível caminho para cicatrizá-la é enfrentá-la, é contar aos outros. Mas como contar, se a experiência fica além do vocabulário usual? Depara-se, desse modo, com um problema complexo, onde se enxerga apenas a ponta do iceberg.

Diante de tantas interrogações, acha-se que a função de quem estuda a Literatura de testemunho e, de forma indireta, passa a ser testemunha é fazer justiça no sentido de não deixar que as marcas se apaguem. O tempo pode apagar as cicatrizes, os sobreviventes já não estão presentes com os seus números tatuados, com o seu vazio e com o seu silêncio. O estudioso/leitor reatualiza, revive, lembra os acontecimentos, remexe nas cinzas. Essa lembrança não é a mesma dos que passaram pela experiência, é uma espécie de “pós-memória” (sendo que o sentido de pós indica o que vem depois da memória daqueles que viveram os fatos e que, ao estabelecer uma relação de posteridade, também têm conflitos e contradições característicos do exame intelectual de um discurso sobre o passado e de seus efeitos sobre a sensibilidade), uma reconstituição talvez mesquinha pelo fato de não ter sentido na pele a degradação, mas é uma luz e uma luta no sentido de não deixar que Auschwitz, o *Lager* e a degradação do ser humano sejam esquecidos ou se repitam hoje, em governos democráticos, de forma mascarada.

Assim como os prisioneiros do campo viveram a experiência extrema e têm por dever, diante da humanidade, contar “o mais honestamente possível o que viram

e experimentaram, pois há um enriquecimento mesmo na experiência mais terrível: só o esquecimento definitivo traz o desespero”¹⁶⁴, os estudiosos dessas obras de testemunho, os professores e os leitores têm a obrigação também para com a humanidade de não deixar que essa experiência morra, uma vez que as vidas dos prisioneiros não foram vividas em vão. Eles contribuíram para a História, para a formação da identidade do povo e, sobretudo, para tentar tornar o mundo mais humano, igualitário e justo. Que suas histórias também sirvam para provar que os relatos sobre o mal façam as autoridades e os cidadãos pensar e tentar, no mundo de hoje, produzir o bem. “Para a educação, a exigência de que Auschwitz não se repita é primordial”¹⁶⁵. Com educação, conhecimento, cultura, a possibilidade de reincidência será superada.

2.2 O campo de Monowitz: memória em estilhaços

A memória pode ser vista como uma propriedade de conservar certas informações, além de, segundo Le Goff¹⁶⁶, remeter a “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas”. Para se entender a história da memória, é relevante reportar-se para a mitologia grega e para o significado de *mnemon*, que é “uma pessoa que guarda a lembrança do passado”¹⁶⁷. Segundo as lendas, o *mnemon* era um servidor do herói, tendo como função lembrar a ordem divina cujo esquecimento poderia trazer a morte. A memória tem como seu antídoto o esquecimento. “No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade”¹⁶⁸.

A memória é essencial e disso não há dúvida; ela forma uma identidade não só individual, como também coletiva. O dever da memória está ligado à memória dos fatos, das provas e dos sofrimentos suportados, que devem ser exortados para, assim,

¹⁶⁴ TODOROV, T. **Em face do extremo**. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1995 p. 111.

¹⁶⁵ ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986 p. 33.

¹⁶⁶ LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et.al]. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 419.

¹⁶⁷ LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et.al]. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 432.

¹⁶⁸ LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et.al]. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 434.

não cair no esquecimento. A memória aqui tratada é a dos sobreviventes do campo de concentração, dos seus vestígios de memória e da sua releitura. Para iniciar, valem estas belas frases de Antônio Torres Montenegro ao abordar a questão na memória nos sertões de Crateús, no Ceará: “a construção de uma memória segue muitas trilhas, algumas vezes obedecendo às margens que o tempo lhe ofereceu, outras rompendo limites e ocupando vastos territórios”¹⁶⁹.

O território da memória de Primo Levi é o da Guerra, e ele luta com a “guerra da memória”, que impõe limites, porque não é uma situação cômoda lembrar. Levi conta que tentou anotar, em algumas folhas, as coisas vivenciadas para não esquecer, porém todos os prisioneiros eram vigiados não só pelos guardas, como também pelos próprios colegas de quarto:

Eu tinha um caderno, mas os apontamentos não passavam de umas vinte linhas. Eu tinha muito medo, escrever era perigosíssimo. O próprio fato de escrever era suspeito. Então era mais a vontade de fazer anotações, ter nas mãos lápis e papel; era o desejo de transmitir a minha mãe, a minha irmã, a meus parentes aquela experiência desumana que eu estava vivendo. Mas não eram apontamentos. Seja como for, eu sabia que não podia conservá-los. Não era materialmente possível, onde conservá-los? Em que lugar...no bolso? Não tínhamos nada, a cama era mudada continuamente, até as roupas eram mudadas. Não havia maneira de conservar nada, exceto na memória¹⁷⁰.

A capacidade de lembrar é somente dos sobreviventes, é a sua tarefa (difícil, dolorosa, angustiante): recordar, contar e, mais que lembrar, reivindicar um olhar, por mais simples que seja, sobre a sua História e sobre o caráter do seu sofrimento. A memória da repressão é necessária para restauração dos laços sociais e comunitários destruídos no confinamento.

¹⁶⁹ MONTENEGRO, A. T. Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. In: GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004 p. 309.

¹⁷⁰ BRAVO, A, JALLA, D (orgs.). **La vita offesa**. Storia e memoria dei *Larger* nazisti nei racconti di duecento sopravvissuti. Trad. Maurício Santana Dias. Milão: Angeli, 1986 p. 259.

Segundo Dominick LaCapra¹⁷¹, há dois tipos de memória: primária e secundária. A memória primária é aquela da pessoa que viveu os eventos e os lembra de alguma maneira. Esta memória não é somente envolvida por lapsos, manifestos através de negação, repressão, contenção e evasão, como também pelo imediatismo e por uma força, que deve ser explorada. A experiência da Shoah foi traumática e, por isso, é comum a presença de brechas ou buracos na memória. A memória secundária resulta de um trabalho crítico sobre a memória primária. Incluem-se, nessa categoria, as pessoas que têm uma experiência relevante, de analista, observador, parente de testemunha e historiador. Elas devem debater a relevância da memória da testemunha ocular para a vida social e política no presente e no futuro.

Nas palavras de Beatriz Sarlo¹⁷², a memória é um bem comum, um dever e uma necessidade jurídica, moral e política. A narração das vítimas é necessária e tem seus méritos para que aconteça o enraizamento dos princípios de reparação e justiça. Elas denunciam o horror, os crimes sem prerrogativas cometidos pelos nazistas, a desumanização e o processo de aniquilamento do ser humano.

É isto um homem? é a primeira obra de Primo Levi sobre o *Lager*. Há uma descrição detalhada desde a saída de sua terra, na Itália, rumo ao desconhecido, a desumanização inicial, até a chegada na Polônia, onde a desumanização foi total. Ele descreveu a vida dos presos no campo, o trabalho, o alojamento, o comércio interno, analisando o homem que se viu perdido e só tinha como horizonte a morte ou a batalha ferrenha pela sobrevivência. No campo de concentração, o ser humano brutalizou-se, estando livre de pudores, de moral e de sentimentos. O campo misturou homens de diferentes origens, idades, culturas, línguas, hábitos e nivelou-os a animal-homem, reduzido ao silêncio. Depois disso, só havia duas categorias definidas: “a dos que se salvam e a dos que afundam”¹⁷³.

¹⁷¹ LACAPRA, D. **History and memory after Auschwitz**. Nova York: Cornell University Press, 1998 p. 20-21. OBS: Traduções de minha autoria.

¹⁷² SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

¹⁷³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 88.

Primo Levi, seguindo o conceito de Dominick LaCapra, viveu um ano no campo de concentração e foi testemunha ocular. Na obra, o corpo sofredor foi escutado, tornou-se discurso. Ele tentou colocar em palavras uma verdade, tanto que Todorov¹⁷⁴ afirmou que a experiência do campo poderia amadurecer mais rapidamente o ser humano, ensinando-lhe lições que não se aprenderia em situações cotidianas, de homem “livre”: “os sobreviventes com frequência têm a impressão de haver estado durante esse período, mais próximos da verdade que durante todo o resto de suas vidas”¹⁷⁵. A verdade vista pelas lentes de Levi foi a de um cenário de um filme de terror, com grades, cercas elétricas, violência, tormentos, guardas, presos, isolamento, carência física e afetiva. Um lugar onde o mais comum era optar pelos valores vitais em detrimento aos morais e éticos.

A memória de Levi salvou o cotidiano do universo de Auschwitz. No campo gélido, havia um mundo à parte, onde não se era mais uma pessoa, mas um embrulho que rolava em direção a um destino desconhecido. Na prisão, o tempo era outro, o corpo era outro, tudo mudava para uma ordem e para uma lógica, nas quais os judeus não eram mais nada. O vazio começava a ser vivido. A memória de Levi, depois de anos, sempre acabava voltando ao tempo do cárcere e projetava esse cenário vazio, aniquilador, no qual até a natureza se compadecia do sofrimento dos presos: o sol no inverno era fraco, tímido; o vento uivava à noite; a neve caía como finas lágrimas, representando o coração e a mente deles, congelados, encruzilhados entre o heroísmo e a covardia, entre a lucidez e a loucura. O medo era diário, até o olhar para o céu apavorava, já que estava vermelho da fumaça vinda das chaminés dos crematórios. Eram tantas pessoas que morriam que não havia mais espaço nos fornos e, em decorrência disso, muitas foram queimadas a céu aberto, exalando um odor de carne queimada que impregnava o ar. Era uma visão macabra, o inferno de Dante estava alcançando o céu.

¹⁷⁴ TODOROV, T. **Em face do extremo**. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1995.

¹⁷⁵ TODOROV, T. **Em face do extremo**. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1995 p. 51.

Levi recordou a chegada no campo: havia inspeções, interrogatórios, gritos, incertezas. As mulheres, as crianças e os velhos foram separados dos demais. Eles foram tragados pela noite: “de repente, à traição, desapareceram nossas mulheres, nossos pais, nossos filhos (...). Ainda os vimos um tempo, massa escura no fim da plataforma; logo depois não vimos mais nada”¹⁷⁶. Primo Levi tornou-se um *Häftling*, um prisioneiro, e seu nome passou a ser 174.517, tatuado no braço esquerdo. Os números dominavam Auschwitz, faziam parte de uma ciência macabra de destruição. O número revelava tudo e isso só se aprendia com o tempo. Os números de 30.000 a 80.000 deviam ser tratados com respeito, porém era conveniente abrir bem os olhos nas relações comerciais com os números: 116.000 e 117.000. Havia também uma divisão em três categorias: os criminosos, os políticos e os judeus. Os criminosos, além do número, levavam, costurado no casaco, um triângulo verde; os políticos, um triângulo vermelho; e os judeus, a Estrela de Davi, vermelha e amarela.

Todos, porém, tinham que se habituar ao tempo amargo, ao frio, à fadiga, à espera. Esperavam horas nas inspeções, nas contagens, nas filas para as refeições, para trocar um sapato, para buscar algum medicamento; esperavam, porém, minutos ou segundos para morrer. Havia, no *Lager*, uma contradição: os SS não queriam que nenhum preso se suicidasse, porque significaria liberdade. Eles queriam, sim, vê-lo morrer aos poucos, sofrendo, definhando até aceitar a sua condição de animal insignificante. “O objetivo do campo é precisamente a negação dessa liberdade e, portanto, dessa dignidade. Assim, ao mesmo tempo em que matam com tanta facilidade, os guardas impedem por todos os meios os suicídios”¹⁷⁷. Para eles, mais importante que a morte era desfrutar plenamente o poder sobre outrem.

Esse poder e essa sensação de autoridade e de superioridade estavam estampados na fisionomia e nas atitudes dos guardas, que executavam suas tarefas de forma perfeita, deixando, em segundo plano, qualquer sentimento humano. Os SS tinham que demonstrar dureza, força e jamais piedade e caridade, por serem sinôni-

¹⁷⁶ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p.19.

¹⁷⁷ TODOROV, T. **Em face do extremo.** Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszki. São Paulo: Papirus, 1995 p. 74.

mos de fraqueza. Eicke, responsável pela instalação dos campos, dizia que um SS devia ser capaz de eliminar, até mesmo, os seus parentes, caso eles se rebelassem contra o Estado.

O *Lager* era a negação dos direitos sociais, dos valores morais e éticos. Ele era como uma fábrica do mundo moderno. Para funcionar, o comandante tinha que ser racional, calculista, tecnocrata. Os peões, isto é, os escravos deveriam cumprir as tarefas com obediência e disciplina. A rotina começava cedo e terminava quando não havia mais sol; era interminável, dolorosa, com ordens berradas em alemão ou em polonês, que soavam como um tormento, como uma trovada em meio à tempestade. A língua era sinal de autoridade e servia para rebaixar ainda mais os presos. “A porta foi aberta com fragor, a escuridão retumbou com ordens estrangeiras e com esses bárbaros latidos dos alemães ao mandar, parecendo querer libertar-se de uma ira secular”¹⁷⁸.

A comunicação era estranha, já que prevaleciam os gritos, os socos e as bofetadas dos SS. A comunicação era ambígua, a língua, uma babel permanente. Entre os detentos e os *Kommandos*, havia pessoas de várias nacionalidades e, por isso,

aqui, a confusão das línguas é um elemento constante da nossa maneira de viver; a gente fica no meio de uma perpétua babel, na qual todos berram ordens e ameaças em línguas nunca antes ouvidas, e aí de quem não entende logo o sentido. Aqui ninguém tem tempo, ninguém tem paciência, ninguém te dá ouvidos; nós, os recém-chegados, instintivamente nos juntamos nos cantos contra as paredes, como um rebanho de ovelhas¹⁷⁹.

O rebanho de ovelha não tinha voz; dentre eles, muitos seriam selecionados para a câmara de gás ou para exercer, por algum tempo, a função de muçulmano. A língua era uma babel, no entanto, as vítimas, em determinadas situações, não precisavam da linguagem para se comunicar no campo: os olhos diziam tudo, eram olhos

¹⁷⁸ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 17.

¹⁷⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 36.

sem esperança, olhos amargos, tristes, carcomidos pela dor; as feições eram pálidas e enrugadas, com expressões de lamentação, de saudade e de ódio.

O campo era, desse modo, a negação do sentimento e da subjetividade. Tudo era escuro e frio. No ambiente interno, como nos alojamentos, Levi descreveu que todos ficavam amontoados, tendo que dividir a cama e o mínimo espaço com outros companheiros. O dormitório só continha beliches, eram cento e quarenta e oito beliches de três camas cada um, “encaixadinhos um no outro como células de colméia (...). As camas são de tábua removíveis, cada uma com um fino colchão de palha e dois cobertores”¹⁸⁰. Ainda havia os piolhos, as sarnas, as pulgas e os percevejos para atormentá-los durante as poucas horas de sono. As operações de desinfecção, realizadas de quatro em quatro meses, não conseguiam destruir as pragas, que continuavam se proliferando. Muitos presos estavam cobertos de crostas, que, de tanto coçar, sangravam e viravam feridas purulentas, outros estavam com tuberculose, outros ainda com disenteria. As cobertas, quando existiam, eram cheias de pus, sangue e excrementos dos que adoeceram e já não habitavam o inferno.

Recordar a noite no cárcere era sentir que o corpo estava fraco, dolorido e que as pragas molestavam, não deixando o sono chegar; e, quando este chegava, era invadido por Morfeu, não na forma de uma pessoa amada, mas na de um fantasma, como se fosse Tântatos. Os doentes gritavam, não agüentando suas dores, vomitavam sangue, urinavam-se, os pesadelos faziam com que eles gemessem e chorassem mesmo durante o sono. Além do que, dormia-se com um olho aberto e com o ouvido atento para não ser roubado e para não ter que esvaziar o balde, cheio de urina. A lei outorgava que o último a usá-lo no momento em que estivesse transbordando, tinha que esvaziá-lo na privada. Isso era mais uma tortura, já que era pesado, era um “obsceno tormento, uma vergonha indelével”¹⁸¹. A substância asquerosa e morna comumente caía nos pés e nas roupas dos presos, deixando o ambiente dos dormitórios ainda mais pestilento.

¹⁸⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 30.

¹⁸¹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 61.

O dia amanhecia, e o guarda ligava as luzes, pronunciando a condenação de cada dia: “- *Ausstehen!* (levanta) – ou, mais freqüentemente, em polonês: - *Wastawac!*”¹⁸². A dor, neste instante, era aguda, porque a palavra estrangeira caía como uma pedra no fundo da alma. Acordava-se e via-se que realmente o pesadelo continuava. “Vai começar mais um dia igual aos outros, tão longo, que o seu termo é quase inconcebível”¹⁸³. O trabalho recomeçava sem intervalo, independente dos músculos fraquejarem, das pernas bambearem, dos olhos turvarem. O campo fôra feito para destruir, para ninguém resistir e contar a sua História.

Algumas circunstâncias, normalmente irrelevantes para as pessoas “comuns”, no campo, tornavam-se uma tortura. Levi lembrou que, quando as unhas cresciam, eles tinham que cortá-las com os dentes; se desprendesse um botão do casaco, este deveria ser costurado com arame; a trouxa com os pertences pessoais, com a gamela e os talheres, tinha que ser carregada sempre junto, por causa dos furtos; se o sapato apertasse, o dono deveria, à noite, apresentar-se à cerimônia de troca de sapatos. Isso dependia da perícia do sujeito, pois, além de se trocar apenas um sapato, deveria ser medida a olho nu, não sendo permitida outra troca. “A morte começava pelos sapatos. Eles se revelavam para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após uma hora de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas à infecção na certa”¹⁸⁴.

A morte, nessa situação extrema, onde se estava só no mundo, à mercê do diabo, era a única certeza e podia vir pelo cansaço, pela fome, pela dor física e emocional ou pela chaminé. A apreensão era diária. A única coisa que deixava os presos parar de pensar na morte era a fome, ou melhor, a busca por comida, por uma ração suplementar de sopa. Eles comiam como bichos, em pé, com muita pressa, sem prender o fôlego, tanto que o verbo usado era “*fressen*”. A fome era intensa, por isso, essa animalização. O vazio do estômago fazia com que o corpo e a alma doessem mais: “como poderíamos pensar em não ter fome? O campo é a fome; nós mesmos somos a

¹⁸² LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 63.

¹⁸³ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 63.

¹⁸⁴ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 32-33.

fome, uma fome viva”¹⁸⁵. A fome enfraquecia o corpo, debilitava os músculos, aumentava a ansiedade, a tristeza e a saudade. Levi sentia o cheiro da macarronada da sua mãe. Paulo Franchetti¹⁸⁶, em um estudo sobre nostalgia, entendeu ser esta muito importante como resistência, como desejo ou sonho de regresso e de reintegração da ordem momentânea ou definitivamente perdida. Porém, no campo, tudo era como uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que se tentava resistir, a situação era tão extrema, que era uma angústia saber que o sabor, o tempero e o colorido (da comida e da vida) ficavam do outro lado do muro, muito longe, em um outro país.

A tortura era diária em Auschwitz e, como argumentaram Mauren e Marcelo Viñar¹⁸⁷, ela, “por seu caráter brutal, faz tocar este ponto limite onde o destino se conjuga com a saída dos processos sociais”. No campo, a sociedade era vegetativa, vazia, ambígua e animalesca. Ele foi criado para ser a negação dos processos sociais. O homem deixava de ser homem, carregava um olhar faminto, como o de um bicho pronto para pegar a sua presa. A disputa por um naco de comida, por exemplo, era “sem pudor, até que o mais forte engula e os demais vão embora frustrados, claudicantes”¹⁸⁸.

O que mais marcou a mente de Levi foi a música da banda do campo, executada no início da manhã e no final da tarde. Simbolizava a marcha para o trabalho e a recolhida, depois de um dia cansativo, com o gasto das poucas reservas de energia. Os alemães sentiam prazer em tocar instrumentos musicais, e as músicas eram clássicas, de compositores famosos, confirmando um gosto pelo estético. Na banda, as musicistas de Auschwitz sentiam-se mal por trazer o belo para um lugar tão horrível, de tanta dor. Como disse uma sobrevivente musicista em seu depoimento, a música “era a melhor e a pior das coisas. A melhor porque devorava o tempo, propiciava o esquecimento, à maneira de uma droga (...) A pior porque nosso público são os assassinos e

¹⁸⁵ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 74.

¹⁸⁶ FRANCHETTI, P. *Nostalgia, exílio e melancolia*: leituras de Camilo Pessanha. São Paulo: USP, 2001.

¹⁸⁷ VIÑAR, M; VIÑAR, M. *Exílio e tortura*. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992 p. 35.

¹⁸⁸ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 123.

suas vítimas...e a serviço de assassinos, não acabamos nos tornando carrascos?”¹⁸⁹. A orquestra, no campo de trabalho de Levi, tocava todos os dias, principalmente nos dias das seleções, no galpão, onde os selecionados eram contados e, a passos sincronizados, marchavam para a câmara de gás. A música retumbante, zunia na cabeça de Levi, fazendo-o perder o sono:

Elas estão gravadas em nossas mentes, serão a última coisa do campo a ser esquecida: são a voz do campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar, primeiro como seres humanos, para depois matar-nos lentamente¹⁹⁰.

As músicas ficaram guardadas na memória de Primo Levi, assim como a fome, o frio, o cansaço, as seleções. Em 1944, houve a “grande seleção” e “a chaminé do Crematório não parou de largar fumaça nos últimos dez dias”¹⁹¹. A insensibilidade dos SS, durante as seleções, era indescritível. Suas faces brancas ficavam horrendas, negras de ódio. Eles obrigavam os presos a novamente ficar nus por horas no frio. E, em uma fração de segundos, um SS julgava quem deveria continuar vivendo ou quem deveria morrer. O destino sempre era incerto. O lado esquerdo, nesse episódio, foi o infausto. Os selecionados receberam ração dupla, um privilégio antes da morte, talvez por pena, para aliviar a consciência, por puro descuido dos soldados ou, mais provavelmente, por prazer para depois vê-los sofrer. Os SS já haviam passado no bloco de Primo Levi. Ele conseguira se salvar assim como o velho Kuhn, que agradecia a Deus por não ter sido escolhido. Porém ele não percebia que, na cama ao lado, Beppo, de 20 anos, iria para a câmara de gás. “Não sabe, Kuhn, que da próxima vez será sua vez? Não compreende que aconteceu, hoje, uma abominação que nenhuma reza propiciatória, nenhum perdão, nenhuma expiação, nada que o homem possa fazer, chegará nunca a reparar”¹⁹².

¹⁸⁹ TODOROV, T. **Em face do extremo**. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszki. São Paulo: Papyrus, 1995 p. 115.

¹⁹⁰ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 50.

¹⁹¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 128.

¹⁹² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 132.

Onde estava Deus? Como permitiu tanto sofrimento? Essas perguntas eram feitas e refeitas pelos presos no campo. E até hoje são passíveis de questionamentos, quando se depara com os escombros de Auschwitz. O papa Bento XVI, em sua visita ao antigo campo de concentração de Auschwitz, perguntou-se: “por que, Deus, o Senhor permaneceu em silêncio? Como pôde tolerar tudo isso? Onde estava Deus naqueles dias? Como pôde permitir esse massacre sem fim, esse triunfo do mal”¹⁹³. É um paradoxo (onipotência de um Deus bondoso e a existência de males extremos) que sempre aflige e afligiu o ser humano. No entanto, há também outro paradoxo, presente no campo: em momentos limites, o homem tinha que se agarrar a alguma crença, a algo divino para poder ter força e acalantar o seu coração.

Não se pretende discutir a fundo questões religiosas, pensa-se que o Holocausto é a contradição, é a negação da vida, do amor e da humanidade. Nada se iguala em violência, tristeza e morte. Até o silêncio era doloroso. Todas as manhãs eram eternas e insuportáveis. E volta-se ao sobrevivente e a sua memória: como lembrar? A memória ficava vazia, sem rastros, sem vida. Levi sabia que a memória não conseguiria guardar tanta dor:

A memória é um instrumento estranho: durante o tempo passado no campo, dançaram na minha cabeça dois versos que um amigo meu escreveu há muito tempo atrás:

*“...infin che um giorno
senso non avrà più dire: domani”.*

Aqui é assim. Sabem como é que a gente diz “nunca”, na gíria do campo? *Morgen früh*: amanhã de manhã¹⁹⁴.

O escritor sabia que o amanhã era incerto, era um homem inteligente, culto e, mesmo que não fosse, tinha olhos: via a degradação, sentia-a no próprio corpo, via a fumaça, via os seus colegas sujos, cheirando mal, rastejando, gemendo, as suas vo-

¹⁹³ SABIMO, M. “Onde estava Deus?”. *Revista Veja*. 7 de junho de 2006 p. 106.

¹⁹⁴ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 135.

zes que já não conseguiam exprimir nenhum conteúdo distinto, só dor. Era a decadência de muitos; o triunfo de poucos.

O triunfo era conseguido de modo exclusivo, internamente no campo, devido ao sistema de comércio, com leis próprias e implacáveis. Os presos logo aprendiam que tudo podia ser roubado e que tudo era passível de compra e venda, o que poderia favorecer alguns prisioneiros, geralmente os mais astutos, corajosos e destemidos. Muitos objetos eram conseguidos, através do roubo e da cooptação dos soldados SS. O pão era a moeda oficial dos detidos. Dentre outros objetos comercializados, estavam as roupas, o cigarro e as colheres. Havia intrigas, delações, brigas entre os próprios amigos, porque lá ninguém era para ser amigo de ninguém, tanto que, quando os laços entre duas ou três pessoas se estreitavam, eram comuns as transferências. Isso para que não houvesse união e possibilidade de rebelião ou boicote. O regime e os SS queriam formar um batalhão de presos-robôs brutos, iguais aos homens da caverna, cuja luta era somente pela sobrevivência. O mais forte sobrevivia, o que tinha coragem de passar por cima do outro, o que pensava somente no seu bem-estar. A lei da selva era “cada um por si e ninguém pelo outro”, era individualista, desumana, hostil. Os mais fracos caíam; eram engolidos pela boca gigante dos fornos crematórios.

Como os indivíduos estavam em estado de escravidão, qualquer situação privilegiada, que apontasse para uma possibilidade de sobrevivência, era aceita. Os subjugados não pensavam duas vezes em trair ou entregar algum companheiro para a seleção, desde que a sua pele fosse livrada. O campo era cruel e, por conseqüência, tornava o homem cruel. No campo, não havia distinções entre certo ou errado, bem ou mal; essas palavras não existiam, isto é, não estavam no dicionário do campo e no vocabulário usual dos seres que lutavam por mais um dia de vida.

O *Ka Be*, sigla de *Krankenbau* (enfermaria), era o principal cliente e receptor dos roubos. Lá se entrava com a colher e se saía sem ela. Todos os objetos eram revendidos na bolsa (comércio negro) pelos enfermeiros. Eles também jogavam de novo no mercado as roupas e os sapatos dos “selecionados”. O *Häftling* que conse-

guisse adquirir algum produto no comércio negro poderia conseguir algum benefício ou suplemento de sopa para enganar a fome crônica. Por comida, o preso chegava a extrair as coroas de ouro dos dentes, sem anestesia. Esta dor era fraca perto da dor da fome.

Também havia o tráfico de mercadorias com os trabalhadores externos, que faziam parte de *Kommandos* especiais e não tinham contato com os *Häftlinge* judeus. Eles não morriam por esgotamento e tinham boas chances de retornar ao mundo dos homens. Levi contou que esses homens não se comunicavam com os judeus: “se pudessem comunicar-se conosco, isso representaria uma brecha no muro que nos torna mortos para o mundo, e uma fresta no mistério que reina entre os homens livres quanto às nossas condições”¹⁹⁵.

Os trabalhadores externos eram funcionários do campo e regressavam aos seus lares após a jornada de trabalho. Eles sabiam da existência dos judeus, porém preferiam ficar isolados para não se prejudicar com o governo e, sobretudo, para manter a consciência tranqüila. Eles, na verdade, sentiam desprezo pelos judeus, uma vez que achavam que os internos carregavam alguma culpa gravíssima. Além de “tirar o corpo fora”, de não “ver” a fumaça dos fornos, eles ganhavam dinheiro extorquindo os presos. Eles ouviam as várias línguas que soavam como gritos de bichos, além de ver os judeus “escravizados ignobilmente, sem cabelo, sem honra nem nome, a cada dia espancados, a cada dia mais abjetos”¹⁹⁶. Os homens livres calavam-se; e a lei da selva continuava soberana no campo, sendo a dos que podem mais, a dos que têm meios lícitos e ilícitos para manipular e dominar os pequenos, os já enfraquecidos e insignificantes.

O trabalho, além de físico, continha um emaranhado de leis, tabus e problemas, que dificultavam ainda mais a vida dos condenados. A maioria deles trabalhava duro, mesmo doente, cansado e com fome. E havia os *Kommandos* bons e ruins, os *Kommandos* de especialistas e os *Kommandos* fáceis de ser subornados. O

¹⁹⁵ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 83.

¹⁹⁶ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 123.

chefe do trabalho geralmente tomava suas decisões na base de critérios misteriosos e duvidosos e “na base de preferências e subornos”¹⁹⁷. A organização do campo revoltava o escritor, pois a regra usada era a de que “os privilegiados oprimem os não-privilegiados. Na base desta lei, sustenta-se a estrutura social do campo”¹⁹⁸.

Sobre o laboratório de química de Buna, onde o escritor Primo Levi passou os últimos meses de confinamento, ele contou que os trabalhadores enfrentavam muitos problemas. Mesmo sendo as tarefas mais especializadas, elas não deixavam de ser cansativas e perigosas. No depósito, por exemplo, havia sacos de uma substância à base de fenol, que, se misturado ao suor, produzia queimaduras e descamação nas partes descobertas. A pele, em geral, ficava sensível e dolorosa, com manchas vermelhas, porque ninguém usava proteção para executar suas tarefas no complexo químico. A contaminação e até a morte eram inevitáveis. “Somos químicos, por isso trabalhamos com os sacos de fenilbeta (...); o fenilbeta grudava-se na pele suada, por baixo da roupa, e nos roía como uma lepra, a pele soltava-se dos nossos rostos em grossas escamas queimadas”¹⁹⁹. Os trabalhadores tinham que carregar sacos muito pesados para o laboratório e, quando não tinham mais forças, eles acabavam sendo aviltados, como o jovem farmacêutico morto a golpes, por um *kapo*, com supervisão e gozo de um SS.

Após machucar o pé esquerdo, Levi rememorou a sua estada na enfermaria, cujos rituais eram parecidos com os da chegada no campo: os doentes eram contados inúmeras vezes, despídos, mesmo no frio, raspados a barba, a cabeça e os pêlos do corpo. Também eram obrigados a tomar uma ducha e ir para a desinfecção. Só depois desses procedimentos, os doentes eram examinados pelo médico. A vida no *Ka Be* era uma vida no limbo. O silêncio e a escuridão dominavam: “desde que estou no Campo, a alvorada pega-me no meio de um sono profundo; acordar é regressar do nada”²⁰⁰. As seleções eram uma realidade e não uma possibilidade. Vários compa-

¹⁹⁷ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 33.

¹⁹⁸ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 43.

¹⁹⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 138.

²⁰⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 49.

nheiros convalescentes foram enviados para a câmara de gás, e Levi viu quando um soldado SS fazia uma cruzinha ao lado do número, indicando o caminho da morte. Schmulek foi marcado com a cruz e “quando foi embora, deixou-me a faca e a colher; Walter e eu evitamos olhar-nos e ficamos um tempo em silêncio”²⁰¹. Aliás, o silêncio como o fenilbeta acabava corroendo a mente, pois possibilitava o pensamento, a reflexão. Pensar, lembrar, recordar sempre eram atos tristes, já que estavam associados à saudade do lar, da família e da identidade roubada. Recuperar a consciência era sofrer duplamente, perceber que lhe fôra tirada a paz, aprender que a personalidade corria maior perigo que a própria vida. “O bloco de madeira, apinhado de humanidade sofredora, está cheio de palavras, de lembranças e de uma dor diferente. *Heimweh*, chama-se em alemão essa dor. É uma palavra bonita; significa ‘dor do lar’”²⁰².

O lar continuava distante, mesmo com a fuga dos alemães e com a proximidade do fim da Guerra. Os alemães, antes de partir, pegaram todas as sobras das rações, deixando os doentes sem nada. Como havia semanas que não ingeriam nem a sopa minguada, todos estavam famintos. Os russos, quando se apossaram do “campo-escombro”, trouxeram alimentos, que não eram vistos há meses, como carne bovina. A fome era tanta que os sobreviventes devoravam como animais e logo caíam mortos: os seus estômagos estavam atrofiados, e o organismo não conseguia metabolizar a comida. Os menos doentes olhavam os membros da Cruz Vermelha com medo, pois estavam só acostumados a brutalidades, andavam sem rumo, como se não soubessem para onde ir, o que fazer. O pesadelo foi tão devastador, que, mesmo às vésperas da liberdade, eles se sentiam perdidos, tontos, desorientados.

Todos esses episódios, mesmo que em *flashes* ou fragmentos, ficaram presos na memória do químico Primo Levi, que os tornou públicos na obra **É isto um homem?** Ele falou de Auschwitz, sentiu a necessidade irrefreável de contar o que havia sucedido. Ele primeiro queria contar aos familiares, aos amigos, a quem encon-

²⁰¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 53.

²⁰² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 54.

trava na rua, no mercado, no trabalho; depois, passou a escrever à máquina, à noite, para não esquecer nada, para deixar registrado. Estes registros são, contudo, apenas fagulhas, devido à impossibilidade de expressar com palavras os acontecimentos exatamente como eles ocorreram. A realidade excede os seus elementos factuais. Como escreveu Lewental, e Agamben o parafraseou: Esta é a aporia de Auschwitz, “a verdade inteira é muito mais trágica, ainda mais espantosa”²⁰³.

2.3 O inferno de Dante: os muçulmanos do campo

A situação de degradação de homens e, principalmente, de mulheres, crianças e velhos no complexo de Auschwitz era tão cruel que parecia irreal: no campo não havia mais seres humanos, mas animais domesticados, sem vontade própria, que tinham que trabalhar à força, humilhar-se por restos de pão e água e, até mesmo, matar. As mortes eram por cansaço, depressão e câmara de gás, e os corpos não tinham sepultura. Isso, como ressaltou Agamben²⁰⁴, era mais uma das humilhações que os detentos tinham que suportar. O corpo morto era condenado a apodrecer no solo, a ser comido por bichos ou queimado a céu aberto. Os funerais, desde a Antigüidade, eram importantes, sendo rituais religiosos e fazendo parte da cultura, tanto que deviam ser exercidos com respeito e dignidade.

Contudo, nada no campo era respeitado. A desumanização não foi somente nele, mas, sim, em todos os momentos, desde a prisão em suas cidades de origem, estendendo-se à viagem nos trens sem as mínimas condições de higiene e humanidade. Na chegada ao confinamento, todos os pertences dos judeus foram retirados (documentos, roupas, dinheiro, jóias) e enviados ao III Reich. Para lutar contra esse nivelamento, a testemunha precisava tentar reencontrar o seu nome, a sua identidade, a sua assinatura, no entanto tudo lhe tinha sido roubado. Como encontrar o seu “eu”, se agora era um animal domesticado?

²⁰³ AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo*. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 9.

²⁰⁴ AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo*. Valencia: Pre-Textos, 2000 p.82.

O preso recém-chegado era recebido com hostilidade, com brincadeiras de mau gosto, golpes e gritos. Era uma cerimônia de iniciação, na qual o homem destituía-se dos seus pertences, da sua vida, da sua identidade, do seu futuro. O corredor levava para o inferno, e ele entrava nu, como uma criança desprotegida, arrancada dos braços quentes da mãe. A partir daquele momento, não havia mais esperança, todos os dias eram de tormentos, gritos, pancadas, situações vexatórias e incertezas. Levi e os outros prisioneiros não tinham dúvidas: estavam ali para morrer. Porém antes de morrer, eles eram humilhados, torturados, escravizados e aniquilados. O objetivo dos alemães era ofendê-los, torná-los o mais insignificante possível.

A tortura física e a verbal se mesclavam, tanto que a língua usada pelos alemães acabava sendo um poderoso instrumento de violência e de poder. Michel de Certeau²⁰⁵ afirmou que a tortura situava-se na relação triangular entre o corpo individual, o corpo social e a palavra, que vinha para ratificar o contrato entre os dois. Assim, o gesto do carrasco gravava na carne a ordem que, posteriormente, era enviada para o cérebro, que assimilava a submissão, o medo, o temer a morte ou a vida nas mesmas proporções.

A tortura não era só física, com marcas e chagas pelo corpo, ela se estendia nas pragas, no comércio avassalador, na língua, na desumanidade. Os alemães berravam em uma língua estranha, para mostrar que os judeus realmente eram animais, e os chamavam por números, para intensificar o grau de reificação das suas vítimas. Em Auschwitz, todo o aparato lingüístico estava corrompido para rebaixá-los. A burocracia usava uma língua própria: “assassinato em massa era ‘tratamento especial’, câmaras de gás eram ‘casa de banho’, ‘banho de desinfecção’, ‘ações’ ou ‘tratamento apropriado’. As vítimas eram chamadas de ‘peças’, ‘carregamento’, ‘mercadoria’”²⁰⁶. As palavras, utilizadas pelos SS, confirmavam a reificação, visto que os judeus eram tratados por peças e mercadorias, e jogados no campo como se fossem sacos de bata-

²⁰⁵ CERTEAU, M. Le corps torture, parole torturé. In: _____. **Cahiers pour un temps**. Paris: Centro Georges-Pompidou, 1987.

²⁰⁶ CYTRYNOWICZ, R. O silêncio dos sobreviventes: diálogo e rupturas entre a memória e a História do Holocausto. IN: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 128-129.

tas podres. Em decorrência disso, Agamben²⁰⁷ sublinhava que Auschwitz era “a refutação radical de todo princípio de comunicação obrigatória”.

Os prisioneiros estavam transformados em bonecos, miseráveis, fantasmas que não se reconheciam, porque, a cada dia, ficavam mais disformes, mais sem vida. Então, “nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação do homem”²⁰⁸. “(...) Chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos”²⁰⁹. Os alemães roubaram deles o nome, a fé, a esperança, para que não sobrasse “alguma coisa de nós, do que éramos”²¹⁰, ou seja, não existia mais nada, estavam reificados, demolidos.

Felman comentou que a reificação estava na própria essência do apagar e do aniquilar. Levi sentiu que todos os judeus estavam aniquilados e desabafou: “destruir o homem é difícil, mas vocês, alemães, conseguiram. Aqui estamos dóceis sob o seu olhar; de nós, vocês não têm mais nada a temer. Nem revolta, nem palavras de desafio, nem olhar de julgamento”²¹¹. Nada mais tinha sentido, os judeus estavam vencidos, quebrados, esgotados. A reificação era tanta que nem a morte fazia a diferença: “todos são colocados num mesmo plano, pessoas morrem como números; não como nomes próprios”²¹². Todos tinham medo das seleções, o perigo era constante, porém, depois de um período no campo, tudo se tornava indiferente; “não se tratava de resignação consciente e sim do torpor opaco dos animais de carga, domados à força de golpes, que já não sentem mais a dor das pancadas”²¹³.

Nada no campo era como a vida de um cidadão livre. As palavras soavam diferentes, tinham outra carga semântica, eram vividas com toda a intensidade. Falar em “frio” era passar frio ao extremo; sentir “fome” era passar fome até desmaiar, fra-

²⁰⁷ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz**: el archive y el testigo. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 67.

²⁰⁸ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 24.

²⁰⁹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 25.

²¹⁰ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 25.

²¹¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 152.

²¹² FELMAN, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: NESTROVSKI, A; SELIGMANN-SILVA, M. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000 p. 64.

²¹³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 121.

quejar; sofrer com a dor, era sentir uma dor aguda, enfrentando tanto a tortura física como a psicológica:

Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas. Se os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora para explicar o que significa labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cuecas, casaco e calça de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega ²¹⁴.

O homem livre jamais conseguiria entender a dimensão da Shoah, ela continuava sendo sempre inimaginável, inigualável e incomparável. Só quem viveu pôde tentar descrevê-la, mas a descrição saía fragmentada, faltavam palavras para dar forma, vida, dimensão. A língua maltratou o prisioneiro não só no campo, como também depois, na saída, na recuperação da sua meio-vida. A língua, após a saída do submundo, não se perdeu, ela tornou-se muda, passou pela escuridão dos discursos que traziam a morte, não conseguindo emitir palavras comunicáveis. Aos sobreviventes, faltavam respostas sobre o que aconteceu em Auschwitz.

Mesmo após a saída dos alemães do campo, do bombardeio, da chegada dos russos e de membros da Cruz Vermelha, a degradação continuava: cadáveres estavam amontoados em todas as partes, não havia alimentos nem água, todos estavam debilitados, com diarreia, muitos desmaiavam de tanta fome e estavam enrijecidos do frio; as feridas desfiguravam faces, pernas e mãos. O campo exalava um fedor pútrido: lixo, excrementos, corpos, destroços se misturavam com a neve que começava a derreter, formando uma lama negra, cor da morte. O degelo era temido havia dias e, à medida que a neve ia desaparecendo, o campo transformava-se num charco esquáli-

²¹⁴ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 125-6.

do. Os cadáveres e as imundícies deixavam o ar nevoento. “Nem a morte cessara de ceifar vidas: os doentes morriam às dezenas em seus frios beliches”²¹⁵.

Quando não era a morte a “puxar os pés”, era a despersonalização, que devastava as vítimas. Ela se dava no sentido do torturado se curvar à vontade onipotente do torturador. Acontecia, como já mencionado, a perda da identidade, alternada com a loucura, advinda do esgotamento, da fome, da sede e do calar-se. “Na luta acirrada pelo segredo de uma palavra, de um pensamento ou de um corpo, os sentimentos de humilhação, de vergonha e de ódio são inelutáveis”²¹⁶. A ruptura da identidade foi definitiva, e o silêncio passou a ser a única expressão do despersonalizado. “Frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio”²¹⁷. Cada qual vive, no dia-a-dia do campo, só, “desesperadamente, cruelmente só”²¹⁸.

Os muçulmanos, em Auschwitz, foram os mais demolidos. A demolição, para os psicanalistas Maren e Marcelo Viñar, foi uma experiência de desmoronamento e de loucura. O indivíduo era deslocado repentinamente de um mundo amado, do lar e da proteção familiar e social, e jogado em “um buraco sinistro, repleto de vergonha, de humilhação, de urina, de horror, de dor, de excrementos, de corpos e órgãos mutilados”²¹⁹. O tempo para o detento era infinito. Os presos só viviam situações de destruição e de abandono. O espaço vivido, sobretudo pelos muçulmanos, era incommensurável, tendo como características o pesadelo e o espaço onírico, geralmente aguçado pela embriaguez. Os próprios *kapos* ofereciam bebidas alcoólicas aos muçulmanos para que estes pudessem agüentar a tarefa de conduzir os irmãos à morte:

Sucumbir é mais fácil: basta executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do campo. Desse modo, a experiência demonstra que não se agüenta quase nunca mais de três meses. A história – ou melhor, a não história – de todos os “muçulmanos” que vão para o gás, é sempre a mesma: simplesmente,

²¹⁵ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 19.

²¹⁶ VIÑAR, M; VIÑAR, M. **Exílio e tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992 p. 143.

²¹⁷ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 88.

²¹⁸ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 89.

²¹⁹ VIÑAR, M; VIÑAR, M. **Exílio e tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992 p. 47.

acompanharam a descida até o fim, como os arroios que vão até o mar²²⁰.

O estudioso Giorgio Agamben dedicou um capítulo do seu livro **Lo que queda de Auschwitz** aos muçulmanos do campo. No início, ele definiu o significado literal do termo, sendo que o muçulmano era aquele que perdeu a vontade e a consciência. Eles eram realmente as vozes inauditas, devido à situação extrema. Eles estavam num umbral entre a vida e a morte, entre o homem que passa a ser não-homem. Esses homens eram a coluna vertebral do campo, eles transportavam os selecionados para a câmara de gás. Mais uma forma de atordoar os deportados era o fato de que a qualquer momento eles pudessem ser escolhidos para exercer a função de muçulmano. Assim, eles escondiam as enfermidades, as chagas e prostrações, buscando ocultar o muçulmano que nascia de dentro de si mesmo, sem ele mesmo perceber. “Toda a provação do campo é, na verdade, mais que um imenso torvelinho que gira obsessivamente em torno de um centro sem rosto”²²¹. O muçulmano era, dessa forma, esse homem sem rosto. Os submersos ou muçulmanos não tinham história, eles se tornaram uma:

multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já que se apagou nelas a centelha divina, já estão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para compreendê-la²²².

Ao se pensar no próprio título da primeira obra de Primo Levi: **É isto um homem?** pode-se imaginar o muçulmano, visto que é aquela pessoa destituída da qualidade humana, é o não-homem, que realmente viveu a situação extrema e não pôde dar o seu testemunho. Eles viveram de modo brutal, oprimidos até o fundo e por um período relativamente curto, não restando memória. Em todo o testemunho há uma lacuna, porque o muçulmano não pôde falar, e o sobrevivente não conseguiu se-

²²⁰ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 91.

²²¹ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo.** Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 53.

²²² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 91.

pultá-lo nem lhe dar um simples adeus. Levi questionou a condição humana, tanto que, no título, há esta interrogação: será que é possível continuar sendo homem depois de Auschwitz? Os muçulmanos não conseguiram, eles perderam qualquer resto de vida afetiva ou de humanidade. Eles aceitaram a morte tanto moral quanto física.

Levi comparou os muçulmanos às Górgonas, alcunha dada a três das filhas de Fórcis e Ceto. Uma das filhas deles era Medusa. Atenas a transformou em um monstro, com serpentes em vez dos seus belos cabelos, presas pontiagudas, mãos de bronze, asas de ouro, porém o que mais chamava atenção nela era o fato de que o seu olhar petrificava quem olhasse diretamente em seus olhos. A visão produzia a morte, e Perseu foi encarregado de decepar a cabeça da Medusa sem olhá-la. No campo, não se podia olhar os muçulmanos, já que se estava vendo a morte. A Górgona não tem rosto assim como o muçulmano não tem rosto. Ela designa, segundo Agamben, algo que estava no campo ou aconteceu nele e que somente o muçulmano havia visto e os demais sobreviventes não. Esse algo o cegou. O muçulmano foi aquele que tocou no fundo e se converteu em um não-homem. “O muçulmano não vê nada, não conhece nada, salvo a impossibilidade de conhecer e ver. Por isso, para o muçulmano, testemunhar é aventurar-se a contemplar a impossibilidade de ver”²²³. Levi afirmou que os muçulmanos ficaram na sua memória como homens sem rosto, próximos do fim: “sabe-se que eles estão aqui de passagem; que dentro de umas semanas, deles sobrarão apenas um punhado de cinzas em outro Campo próximo e, no Registro, um número de matrícula riscado”²²⁴.

Era muito comum, no campo, os judeus ouvirem as expressões: “máquina de morte”, “máquina de extermínio”, “indústria de Auschwitz”, “fabricação de cadáveres”. Os muçulmanos foram transformados em uma “máquina vegetativa”, já que de humanos passaram a ser seres não-humanos. Levi ratificou tal situação ao dizer que o campo foi “uma notável experiência biológica e social”²²⁵. A morte, para os chefes nazistas, era algo trivial, burocrático e cotidiano. Ela também estava sob o

²²³ AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz**: el archive y el testigo. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 55.

²²⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 90.

²²⁵ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 88.

domínio da técnica, daí a expressão “produção de cadáveres”. Tudo, no campo, era produzido dentro de uma lógica biopolítica nazista. Isso vale não somente para a morte e para o extermínio, como também para a produção do muçulmano, para a elaboração do sistema biológico, político e para a construção das câmaras de gás.

Os muçulmanos deixaram de ser homens, acarretando, com isso, a morte moral, a perda do respeito e da dignidade. O muçulmano era, então, o guardião do umbral de uma ética e de uma forma de vida que começava aonde terminava a dignidade. Em resumo, o maior experimento do campo foi o muçulmano, porque foi uma figura limite, uma espécie particular, na qual se perderam todos os sentidos tanto em relação à dignidade e ao respeito quanto a própria idéia de um limite ético.

Em Auschwitz não se morria, produziam-se cadáveres: sem morte, não-homens, cujo falecimento era evidenciado como produção em série. “Não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem”²²⁶. O homem foi reduzido a mera peça, que, quando quebrada ou desgastada, era jogada fora. Agamben²²⁷ usou a expressão “morte forçada como se fosse um aborto”. E, interpretando a vida nos campos, a morte era como um aborto, pois, assim como o feto, sem defesa, era eliminado pela mãe, que não o queria conceber, os presos eram aniquilados, porque não tinham mais utilidade, não podiam trabalhar, sendo, então, usados para experimentos biológicos ou, simplesmente, mortos por maldade. O aborto ocorreu de forma cruel, porque lavou o solo polonês de sangue das vítimas que não tiveram a opção de se defender e viver.

Assim, em Auschwitz, “desaparece radicalmente toda a diferença entre próprio e impróprio, possível e impossível”²²⁸. No campo, não havia distinção entre certo e errado, lá as leis eram próprias. Sobre os arames farpados, “milhares de indivíduos, diferentes quanto à idade, condição, origem, língua, cultura, hábitos, e ali submetam-nos a uma rotina constante, controlada, idêntica para todos e aquém de

²²⁶ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 173.

²²⁷ AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo*. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 76.

²²⁸ AGAMBEN, G. *Lo que queda de Auschwitz: el archive y el testigo*. Valencia: Pre-Textos, 2000 p. 78.

todas as necessidades”²²⁹. O resultado era um “comportamento do animal homem frente a luta pela vida”²³⁰. Para se salvar, era necessário “ajeitar as coisas, merecendo não apenas as vantagens materiais e a reputação, mas também a tolerância e consideração dos poderosos do campo”²³¹. Quem não conseguia ser *Organisator*, *Kombinator*, *Prominent* acabava desmoronando e chegando à função de muçulmano.

Dois fatores ajudaram Levi a lutar contra a reificação, a loucura e a possibilidade de se tornar um muçulmano: as amizades e o conhecimento, com o estudo da **Divina Comédia**, a pedido de Jean. Este queria aprender o italiano, sendo, para Levi, uma alegria, uma forma de não esquecer a sua língua, as suas origens e o seu “eu”: “o canto de Ulisses. Quem sabe como e por que veio-me à memória, mas não temos tempo para escolher, esta hora já não é mais uma hora. Se Jean é inteligente, vai compreender, vai: hoje sinto-me capaz disso”²³². Era prazeroso explicar ao jovem quem era Dante, a relevância da **Divina Comédia** e da sua organização, enquanto ambos trabalhavam:

*considerate la vostra semenza:
Fatti non foste a viver come bruti,
ma per seguir virtude e conoscenza.*

(...)

Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me ajudando. Ou talvez algo mais: talvez tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos nós os homens que sofrem e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho²³³.

A lembrança do passado, a cultura e o conhecimento acabavam dando forças para que ele não caísse no buraco profundo da dor e da anulação do ser humano. “Nessas lembranças, a gente pode pensar”²³⁴. A mente não deveria ficar enferrujada como o corpo, porque só ela era capaz de salvar e de libertar. A

²²⁹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 88.

²³⁰ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 88.

²³¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 90-1.

²³² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 114.

²³³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 116.

²³⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 117.

lembrança não podia se apagar, devia, sim, deixar pegadas para que o próprio sobrevivente e as gerações futuras pudessem persegui-las, atar-lhes as pontas, decifrá-las, e, desse modo, não esquecer os mortos, os muçulmanos, os que não se salvaram e não tiveram sepultura.

O autor italiano sobreviveu ao extermínio e tentou lutar com todas as forças para manter faíscas de lembranças. Ele observou o homem, viu o muçulmano se afogar na dor e quis escrever para deixar um legado e tentar se purificar, visto que tantos outros morreram, e muito jovens. Como diz a letra *Love in the afternoon* de Renato Russo, vocalista do grupo **Legião Urbana**:

*É tão estranho
Os bons morrem jovens
Assim parece ser
Quando me lembro de você
Que acabou indo embora
Cedo demais.
(...)
- Vai com os anjos, vai em paz*

2.4 “Sem trégua”: a dor e a melancolia dos sobreviventes diante à dificuldade de voltar para casa

A trégua é uma continuação de **É isto um homem?**, e o autor, Primo Levi, conta, em tom testemunhal, a sua experiência no campo, já destruído pelos bombardeios, e sua trajetória de volta para casa, após a libertação dos sobreviventes de Auschwitz pelo comando russo. A primeira patrulha russa chegou ao campo no dia 27 de janeiro de 1945 e, nesse período, começava o degelo. Eles encontraram o campo transformado em um charco, junto com as mais diversas imundícies (fezes, restos de comidas podres, excrementos, sangue) e muitos doentes abandonados, pois não havia médicos nem remédios. “Tudo o mais era deserto silencioso, esmagado sob o céu re-

pleto de lama, chuva e abandono”²³⁵. O futuro era temido e objeto de angústia. A melancolia, ou seja, o sentimento de luto estava por toda a parte do campo devastado e coberto de mortos e doentes.

Levi permanecia doente, devido à escarlatina. Mas, com o passar dos dias, a febre baixou, e ele foi se sentindo melhor, voltando à vida, mesmo que parcial: depois da experiência em Auschwitz, não se vivia completamente, se era um meio-homem, meio-feliz, meio-livre. Era, assim, um homem estranho, usando a carcaça do outro Levi, o do passado. Tornara-se um ser melancólico, pois já não tinha tranqüilidade quanto ao presente, muito menos, quanto ao futuro. O presente estava marcado pela tristeza. Tudo caminhava para a destruição. E, como pontuou Guardini²³⁶, a ausência de orientação para o sujeito acabava levando-o ao desejo de deixar de existir.

Já fazia um mês que os russos tomaram o campo, e Levi estava ajudando como enfermeiro, não podendo fazer muita coisa: as doenças e os doentes eram muitos. Ele e os demais companheiros viviam em uma inércia, desanimados. “Havia uma espécie de ruína humana”²³⁷, as pessoas estavam envoltas em uma couraça de insensibilidade, de depressão ou de loucura. O estado de melancolia dos deportados era geral. Sobre a melancolia, Ginzburg, baseando-se em W. Szilasi, afirmou que o “melancólico teria como meta enfrentar a própria ignorância e inércia, e a cada etapa desse percurso o conduz à consciência do que ele não pôde alcançar”²³⁸.

Nas longas paradas, Levi sentia que o ócio tomava conta dele, não dando forças para prosseguir a viagem. Nesses dias perdidos no tempo, a nostalgia era penetrante:

A nostalgia é um sofrimento frágil e suave, essencialmente diverso, mais íntimo, mais humano do que as outras dores que havíamos suportado até então: frio, golpes, fome, terror, doença, privações. É uma

²³⁵ LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 23.

²³⁶ GUARDINI, R. *De la mélancolie*. Paris: Seuil, 1953.

²³⁷ LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 50.

²³⁸ GINZBURG, J. *Olhos turvos, mentes errantes* – elementos melancólicos em *Lira dos Vinte anos*, de Álvares de Azevedo. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

dor límpida e clara, mas urgente: invade todos os minutos do dia, não concede outros pensamentos, e nos incita às evasões²³⁹.

A evasão de si mesmo, da luta e da vida, a solidão e a sensação de dormência faziam parte do cotidiano dos sobreviventes, sobretudo, porque, nos caminhos, eles estavam envoltos por florestas, campos, bosques; e essas paisagens atraíam a solidão. “Talvez porque recordasse para nós outros bosques, outras solidões de nossa existência anterior”²⁴⁰. As excursões pelo bosque, os banhos no pântano, “as mesmas conversas, os projetos para o futuro, não bastavam para abreviar o tempo daquela espera, e para aliviar o peso que aumentava dia após dia”²⁴¹.

Os dias eram sem novidades, eles viviam no marasmo, no sono (ou no pesadelo?), a não ser em momentos singulares, como o da chegada de um marinheiro. Muitos italianos ficaram em volta do jovem marinheiro russo, que estava contando um episódio da guerra. Ele se expressa mais com gestos do que com palavras, tanto que “exprime-se com os músculos, com as rugas precoces que lhe marcam o rosto, com o brilho dos olhos e dos dentes, com saltos e gestos, donde nasce uma dança solitária, cheia de ímpeto e de fascínio”²⁴². Nessa situação, em que havia a expressão da oralidade, lembra-se de Benjamin ao se reportar para o narrador: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”²⁴³. Entre estes, destacaram-se dois grupos: os viajantes (como o marinheiro) e os velhos (Levi ao escrever, por exemplo, a obra **Os afogados e os sobreviventes**, na qual fez uma releitura da sua vida e, em consequência, da História), que já viram e ouviram muitas histórias. Le Goff²⁴⁴ também escreveu sobre a sua veneração pelos marujos e pelos velhos, que, segundo ele, eram homens-memória. Levi não foi um marujo, mas navegou por mares insólitos, cheio de ondas tortuosas.

²³⁹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 245.

²⁴⁰ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 245.

²⁴¹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 267-8.

²⁴² LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 271.

²⁴³ BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense [sd] p. 198.

²⁴⁴ LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et.al]. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

No transcorrer dos meses de espera e de nostalgia, o narrador fez amizade com um grego, Mordo Nahum, que seria seu companheiro de viagem. Chegou a hora de voltar para casa, de esperar a chegada do trem e embarcar na locomotiva rumo ao sonho, como fez Ulisses, após a guerra de Tróia, tentando voltar a Ítaca e rever os seus entes queridos. A *Odisséia* de Primo Levi não tinha figuras fantásticas, como Poséidon, o Ciclope Polifemo, a feiticeira Circe, que tentava impedir o regresso de Ulisses, com ventos, uivos, feitiçarias; mas era composta de situações concretas, de fome, frio, tristeza, medo, mortes, cidades destruídas, ligações férreas interrompidas, vagões lotados, espera, cansaço e muita incerteza.

Na psiquiatria, o termo “emoções negativas” se referia às emoções que produziam uma experiência emocional desagradável como, por exemplo, de ansiedade, raiva e tristeza. A definição de tristeza, nas palavras de Constantinus²⁴⁵, é a de uma perda do muito intensamente amado, e o medo está relacionado à suspeita de que algo ocasionará dano. Para os viajantes, a perda era a do referencial, em meio ao deserto sem-fim, e do próprio “eu”, e o medo era o de não conseguir rever os seus pais e parentes:

A liberdade, a improvável, impossível liberdade tão distante de Auschwitz, que apenas nos sonhos ousávamos imaginar, chegara: mas sob a forma de uma impiedosa planície deserta. Esperavam por nós outras provas, outras fadigas, outras fomes, outros medos²⁴⁶.

Levi era um homem livre, só que era uma liberdade precária. Michel Malherbe, baseando-se em Hobbes, defendeu que era considerado livre todo ser em movimento que não encontrava obstáculo exterior. Assim, “um homem é livre quando o poder que tem para realizar seus fins não é contrariado”²⁴⁷. No caso de Levi, havia impedimentos exteriores: os russos com sua língua e suas armas, representando poder e dominação, o campo com características semelhantes ao de Auschwitz: arame far-

²⁴⁵ CONSTANTINO EL AFRICANO. *De melancholia*. Buenos Aires: Fundación Acta, 1992.

²⁴⁶ LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 54.

²⁴⁷ MALHERBE, M. *Liberdade e necessidade na filosofia de Hobbes*. Trad. Maria Isabel Limogi. Nantes: *Lettres et Langues*. [sd]. p. 47.

pado, guardas e violência; e impedimentos internos: dor, angústia, ansiedade, melancolia. Os obstáculos não paravam por aí.

Levi sofreu de dor física, os músculos estavam fracos, não tinha força para caminhar nem para fazer atividades que exigissem mais esforços físicos; e os sentimentos e as emoções estavam estraçalhados, embaralhados, diante de tantos obstáculos. Freud, em **Luto e melancolia**, escrito em 1914 e publicado em 1917, afirmou que essas duas palavras estão muito ligadas. Segundo ele, o sujeito que sofre com a melancolia estabelece uma relação complicada, conflituosa e ambivalente com o objeto. O sujeito melancólico exprime um “desânimo profundamente penoso, a cessação do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade”²⁴⁸. O luto, para Freud, era uma reação geralmente à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém. Acredita-se que Levi perdeu partes da própria vida e da esperança, porque, depois da experiência no campo, a superação da dor foi muito difícil, quase inatingível. O luto sofrido por Levi não se concretizou somente em relação à perda dos amigos queridos e à dor de ver tanta gente morrer em escala industrial, mas também à narração. Ou seja, o dilema do sobrevivente “reside no caráter incomensurável e irresolúvel dessa mediação entre experiência e narração”²⁴⁹. A narrativa acabou presa numa falta incapaz de capturar a dimensão do luto.

No trabalho da melancolia, o ego se degradou e se enfureceu contra si mesmo. Houve também a perda da auto-estima, já que a pessoa se via de mãos amarradas. E, diante de tudo isso, a língua também se tornava vazia, não sendo entendida; o ser melancólico era “um estrangeiro na sua língua materna”²⁵⁰. Volta-se à questão de que a crise do testemunho emerge do abismo entre a necessidade de narrar e a percepção angustiante de que a linguagem não pode expressar completamente a experi-

²⁴⁸ FREUD, S. **Luto e melancolia**. Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974 p. 281-2.

²⁴⁹ AVELAR, I. **Alegorias da derrota**: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: UFMG, 2003 p. 235-6.

²⁵⁰ KRISTEVA, J. **Sol negro**: depressão e melancolia. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989 p. 55.

ência e de que o interlocutor não consiga capturar a dimensão real ou nem sequer escutar o relato com atenção. A língua ficou enterrada em uma cripta junto com os que foram esquecidos, ela se tornou indizível. Isso aconteceu com Levi, em Auschwitz e na viagem, porque não estava em suas mãos solucionar os problemas. Ele viu a morte e os cadáveres e tentou contar, mas não tinha palavras para expressar a profundidade da dor. Ele era apenas um ser humano, frágil, doente, como o anão corcunda, descrito por Benjamin em *Sobre o conceito da História*.

Levi não podia mudar o curso da História, pois esta sempre esteve atrelada ao poder. Entretanto, ele podia guardar os fatos na memória. As reminiscências podiam, de alguma forma, despertar o passado adormecido e acender as centelhas da esperança, desde que, como profetizava Benjamin, o ser humano estivesse convencido de que “também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”²⁵¹.

Levi viu o inimigo a toda hora, tentando vencer e dominar. O trem parava constantemente; o vagão, onde Levi viajava, estava gelado, com camadas de neve, deixando as suas pernas paralisadas, e o frio era interminável. O destino era a cidade de Cracóvia, ainda na Polônia, onde teve contatos com pessoas e sentiu “uma nova e saborosa vontade de conversar, de estabelecer contatos humanos, de ostentar e gastar a minha desmedida liberdade”²⁵². Era o primeiro contato do químico com o mundo fora do campo, com pessoas que não viveram lá dentro, que não experimentaram a degradação, com pessoas ditas “normais”, já que eles eram tratados como “diferentes”. Os olhares delas expressavam sentimentos de pena, de dúvida, de angústia e de desinteresse.

O sentimento de solidão continuou e foi essa a constatação de Levi, uma vez que ele agora podia falar, denunciar, gritar ao mundo a sua dor, porém não era ouvido. Sentiu agora, em liberdade, uma solidão ainda maior, misturada com uma sensação de frustração e de medo. A tristeza o dominava. Segundo Constantinus, a

²⁵¹ BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. 4. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense, [sd] p. 224-5.

²⁵² LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 71.

noção de tristeza estava relacionada à perda. As pessoas melancólicas eram aquelas que “perderam seus filhos e amigos queridos, ou algo precioso que não puderam restaurar”²⁵³. Como não ser melancólico após ver os seus amigos e até irmãos irem para a câmara de gás? Como não ser melancólico se a vida foi partida ao meio, se não havia mais possibilidade de se reestruturar após o trauma de viver em Auschwitz? Como curar a melancolia se só restavam tristeza e dor no coração?

Essas perguntas, sem respostas, ficaram fixas na memória de Levi, que vivia o luto e a melancolia. No ensaio de Freud²⁵⁴, a questão da perda foi abordada. Segundo ele, havia duas atitudes diante da experiência da perda. A primeira seria o sentimento de luto, onde havia, após algum tempo, a busca do reequilíbrio, sendo que essa restituição geralmente se dava com a substituição do objeto perdido por outro. No segundo caso, o sujeito melancólico não aceitava a perda, vivia em desânimo, deprimido, sem auto-estima. Esse era o caso do escritor Primo Levi, pois era impossível aceitar a barbárie, com numerosas perdas de amigos, parentes ou pessoas anônimas, que, no entanto, tinham um nome, um sobrenome e uma história e que só queriam ter o seu território, o seu trabalho e um pouco de paz. Em Auschwitz, muitos prisioneiros vivenciaram a perda, viram os seus pais, amigos e irmãos morrerem de cansaço, esgotados, ou serem enviados para a câmara de gás e, depois, virarem fumaça. Julia Kristeva²⁵⁵ também apontou que, para o melancólico, era insuportável, intolerável a dor, a perda e, portanto, ele era levado a um estado-limite.

O estado-limite não foi só no campo. A sensação de perda, desânimo e frustração percorreu todas as viagens e as suas longas paradas. O sujeito não tinha como não se entregar à melancolia, pela frustração de expectativas, pelo reconhecimento da transitoriedade e da finitude da vida. O esforço, muitas vezes, era em vão, o que deixava os sobreviventes ainda mais desvitalizados e prestes a oscilar para a morte. Nas vilas onde Levi e os amigos ficavam acampados, eles só sentiam tristeza e

²⁵³ CONSTANTINO EL AFRICANO. *De melancholia*. Buenos Aires: Fundación Acta, 1992 p. 15.

²⁵⁴ FREUD, S. *Luto e melancolia*. Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

²⁵⁵ KRISTEVA, J. *Sol negro: depressão e melancolia*. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

solidão: “(...) quando cessam o trabalho e o tormento, e nada protege o homem de si mesmo; talvez porque se reconhecesse a impotência e a nulidade da nossa vida, e o perfil torto e arqueado dos monstros gerados pelo sono da razão”²⁵⁶.

Todos estavam acostumados à inércia e ao medo, visto que o trem apitava, e eles seguiam lentamente o seu caminho rumo ao desconhecido. Os sobreviventes foram para Katowice. Toda a caravana vivia em harmonia, sem horários e sem regras nas adjacências do campo. Havia uma aparente felicidade ou, pelo menos, uma vontade de Levi superar a dor. Nos argumentos de Susana Kampff Lages²⁵⁷, estudiosa de Walter Benjamin, a idéia de felicidade sempre abrigava alguma duplicidade: ela era considerada em função de sua contrapartida, a infelicidade, o sofrimento, o fragmento. O “químico-enfermeiro” se sentia fraco, doente e sujo. Sabia do seu aspecto miserável, da sua barba malfeita, das suas roupas rasgadas e infectadas de Auschwitz. Era impossível não lembrar, uma vez que o corpo era o mesmo, as roupas eram as mesmas e a cicatriz doía todas as noites. Também, sabia que, em meio à piedade, sobretudo de algumas enfermeiras, havia os olhares de repulsa da grande maioria dos ajudantes do campo russo. O medo no olhar, a fraqueza no corpo, a fome desenfreada e o peso de sobrevivente nas costas seriam eternos. Ele era um homem de Auschwitz.

Levi acabou tendo um comportamento dúbio, o que era natural em um homem que vinha de um ambiente contraditório: ao mesmo tempo em que sentia um grande desejo de se recuperar, viver e reagir, ele se deixava abater, e a frustração absorvia o seu eu. Com esse comportamento, ele nunca deixaria de ser um homem de Auschwitz e um sujeito melancólico. “Por viver em uma desmedida, procura transcender seus próprios limites, mas se frustra, é impedido pela sua precariedade”²⁵⁸. Levi permaneceu com um comportamento melancólico, pois a experiência da dor nunca pôde ser redimida. Ele, então, tornou-se pessimista, diante da irrecuperabilidade do passado.

²⁵⁶ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 297.

²⁵⁷ LAGES, S. K. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. São Paulo: USP, 2007 p. 139.

²⁵⁸ TELLENBACH, H. **La mélancolie**. Paris: PUF, 1979. (traduções do prof. Jaime Ginzburg).

Mesmo podendo sair do campo e conhecer territórios vizinhos, Levi e o amigo de Buna, César, só presenciaram um cenário assustador: “a cada passo topávamos com os vestígios da impressionante tragédia, que nos tocara e miraculosamente nos poupava”²⁵⁹. Havia túmulos a cada esquina, sem cruz, em meio aos destroços da guerra. A cidade de Katowice sofrera com o pesadelo da ocupação nazista e com o furacão da passagem do front. Toda a Polônia estava destruída. Como sentir-se livre em meio aos destroços da Guerra? Como não se sentir deprimido e ansioso em relação ao futuro? Como ter esperança se, por todo o canto, havia cenas de destruição?

Sempre havia questionamentos trabalhando, martelando na mente de Levi, deixando-o ainda mais nervoso, tenso. Quando sentiu as forças voltando e uma garra interior invadindo o seu ser para deixar a acomodação de lado e voltar a caminhar rumo a sua casa, ficou novamente doente. Ele não conseguia respirar nem fazer algum movimento. Teve que ficar deitado e imóvel por vários dias, com dores por todo o corpo, sobretudo nas costas, sintomas de uma pleurite seca, que se alastrava pelos dois pulmões. O organismo de Levi não estava resistente, a doença era consequência do campo, isto é, de sofrer com o frio, de trabalhar no gelo sem uma vestimenta adequada, de tomar banho frio em pleno inverno, de andar nu durante as inspeções, com o gelo cobrindo o caminho. O corpo sentia a degradação, os órgãos estavam emperrados, funcionando lentamente. A doença tomava conta do corpo e o entristecia mais:

Era triste ficar entre quatro paredes, enquanto o ar lá fora estava cheio de primavera e de vitória, e dos bosques próximos o vento trazia cheiros estimulantes, de musgo, de erva nova, de cogumelos; era humilhante ter que depender dos companheiros até mesmo para as necessidades elementares, para pegar comida no refeitório, para ter água, e, nos primeiros dias, até mesmo para mudar de posição na cama²⁶⁰.

A liberdade ficara ainda mais distante com a doença. Levi estava preso em uma cama, sem poder respirar o ar do bosque verde, significando vitalidade e força

²⁵⁹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 124.

²⁶⁰ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 159.

vinda da natureza. O sofrimento dele permanecia, mesmo longe dos muros de Auschwitz. Depois de vários tratamentos médicos, Levi sobreviveu à doença e pôde continuar a viagem e recordar: havia uma luz no fim do túnel, uma esperança de reencontrar a sua família e de contar às outras gerações e aos povos o que viveu em Auschwitz. “Na estação de Katowice um trem nos esperava: um trem de vagões de carga, de que nós, italianos (éramos aproximadamente oitocentos), tomamos posse com alegria”²⁶¹. O trem partiu em meados de junho de 1945.

A viagem prenunciava dias de muito cansaço, fome e condições de higiene e comodidade precárias. Todos tinham que dormir no chão, não havia lugar para fazer as necessidades básicas; eles comiam os restos de alimentos, distribuídos pelos russos antes da partida. Levi sentiu a viagem mais penosa, pois ainda não estava com a saúde totalmente recuperada e, todas as noites, tinha febre intensa, acordava prostrado, semiconsciente e com fortes dores pelo corpo. Por isso, tinha que ficar deitado no chão do trem ou no cimento das plataformas nas horas das paradas. A dor continuava afligindo o “futuro escritor”, cheio de lembranças para testemunhar.

Na parada de Lvov, todos puderam observar a destruição da cidade polonesa; era como um ambiente de esqueletos: os cadáveres a céu aberto mostravam a devastação, conseqüências dos bombardeios. O abismo tomava conta da cidade, dos poucos habitantes e dos recém-chegados, já demolidos pela experiência do campo. A melancolia caracterizava-se por “um abismo de tristeza, dor incomunicável que às vezes nos absorve, em geral de forma duradoura, até nos fazer perder o gosto por qualquer palavra, qualquer ato, o próprio gosto pela vida”²⁶². O sol era negro, como a expressão usada por Kristeva na sua obra.

O trem avançou, e os sobreviventes agora estavam em território soviético. As cidades avistadas eram Ternopol, Proskurov. Novamente, Levi sentiu os tremores, os arrepios e as dores no corpo, sintomas da febre, que, todas as noites, invadia o seu corpo. O médico Gottlieb apareceu com um novo remédio para Levi: meio litro de

²⁶¹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 181.

²⁶² KRISTEVA, J. **Sol negro**: depressão e melancolia. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989 p. 11.

vodka, que havia comprado dos camponeses. O líquido fez com ele perdesse litros de suor. “O tratamento singular devia ter tido pleno sucesso: a febre e as dores haviam desaparecido definitivamente, e não voltaram mais”²⁶³.

Na cidade de Zhmerinka, uma grande aldeia agrícola, os viajantes permaneceram por três dias e foram reduzidos à mendicância. A estação estava superlotada de turistas e gente bem vestida; eles, os sobreviventes, aos frangalhos, sendo vistos como: pobres, indigentes, sem passaporte, documentos e dinheiro para pagar a viagem. Eles tiveram que esperar a boa vontade dos russos, atrapalhados no comando, tanto que os italianos foram conduzidos por um percurso mais longo, via o norte. O destino continuava impreciso, vago; todos estavam com o coração apertado, “todos em poder da indecifrável burocracia soviética, obscura e gigantesca potência, que não era malévola contra nós, mas desconfiada, insipiente, contraditória, e cega nos efeitos tal uma força da natureza”²⁶⁴.

Na praça da cidade, os judeus avistaram uma dezena de prisioneiros alemães, que estavam abandonados à própria sorte. Os alemães também estavam esfarapados; dos uniformes das forças armadas da Alemanha, restavam trapos. Então, os que eram acostumados a comandar, combater e exercer autoridade, agora estavam impotentes, esvaziados e inertes; misturavam-se ao lixo. Eles vieram ao encontro dos judeus e pediram pão. Ninguém queria ouvi-los, porém Levi viu o seu amigo Daniel ajudá-los:

Daniel não recusou: Daniel, a quem os alemães haviam matado a mulher, o irmão, os pais, e não menos que trinta parentes; Daniel, que, da razão no gueto de Veneza, era o único sobrevivente, e que desde o dia da libertação alimentava-se com a sua dor, tirou um pão e mostrou àqueles fantasmas, e o pôs no chão. Mas pretendeu que viessem pegá-lo, arrastando-se no chão: o que fizeram docilmente²⁶⁵.

Nesse episódio, Daniel mostrou o seu lado humano, que, mesmo com a dor, não desaparecera. No campo de Auschwitz, o normal ou o comum fôra a perda da

²⁶³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 191.

²⁶⁴ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 194.

²⁶⁵ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 199.

humanidade, da sensibilidade e da dignidade, independente das relações sociais. Mas, como diz o ditado popular que em toda regra há sempre exceções, alguns presos não se corromperam e mostraram humildade, desprendimento e amor ao próximo.

Os alemães, com a guerra e após a derrota, sentiram na pele a destruição. Eles tiveram que rastejar para pegar comida como era a rotina diária dos judeus no campo. Esses alemães desgarrados talvez agora tivessem consciência do que foi a maldade por eles praticada de modo injustificado quando ainda estavam esbanjando poder. Sabe-se que, após a derrota na Guerra, os alemães também sofreram, viram as suas famílias e o seu país desmoronar. Claro que permanecem algumas versões sobre as posições deles no governo de Hitler. Por um lado, muitos realmente estavam cegos, surdos e mudos, hipnotizados pelo governante e pela propaganda veiculada na mídia. Por outro lado, havia os que não apoiaram o projeto biológico e de segregação racial adotado. Por isso, não se pode generalizar os fatos, apontar TODOS os alemães como culpados pelo massacre em Auschwitz, muito menos ser parcial e julgar só um lado: tanto os judeus como os alemães têm qualidades e defeitos.

Com relação à Rússia, outro país totalitário, a população também sofreu com a Guerra da mesma forma que a da Alemanha. Os dois países ficaram destruídos e tiveram que se reerguer. Levi, em 1945, viu a destruição: cidades abandonadas, escolas e comércios fechados. Viu também milhares de mulheres e crianças ucranianas que queriam voltar à Alemanha, nos vagões de carga já abarrotados. Elas estavam desesperadas, seus corpos jovens estavam cansados, seus rostos fechados, dominados pela fome, dor, humilhação e resignação. “De animais humilhados e domados constituía-se a própria inércia, o próprio afastamento (...). Nós assistíamos com piedade e tristeza à sua passagem, novo testemunho e novo aspecto da pestilência que prostrara a Europa”²⁶⁶.

A degradação atingiu tanto judeus, alemães, russos, poloneses e ucranianos, como outros povos, muitas vezes nem mencionados na História. Apesar de se ter consciência de que vários povos sofreram com a Guerra, nesse estudo, quer-se olhar

²⁶⁶ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 202.

especificamente para os deportados judeus, que foram dizimado em Auschwitz e que não tiveram a possibilidade de reconstruir as suas vidas. Também se restringe a esse grupo, pelo fato de Primo Levi ser um desses judeus, que viveu no campo, mas sobreviveu, podendo, posteriormente, testemunhar. O viés seguido é o de analisar aqueles que sofreram com o confinamento, com a fome, com o trabalho exaustivo, com a iminência da morte na câmara de gás, com a saudade do lar, da família, dos amigos e, sobretudo, com a precariedade da vida.

Levi viveu e pôde contar essa longa viagem, triste e dolorosa, pelos países aniquilados. Levi registrou em **A trégua** que o comboio partiu de Zhmerinka no final de junho. O destino continuava incerto, a única coisa certa era que iam para o norte. Os olhos transbordavam lágrimas de desilusão, saudade e cansaço. Pararam em Berezhina, sob um dilúvio, numa escuridão absoluta, rompida somente com os raios e relâmpagos. Após essa parada, os vagões deslocaram-se para Slutsk, já em julho. No campo da cidade, eles permaneceram por dez dias, considerados vazios, sem encontros, acontecimentos e certezas reais. Os italianos caminharam setenta quilômetros até Stáryie Doróghi. A estrada, uma reta até o horizonte, estava abandonada. Era como se estivessem no nada indo para o nada. Só encontravam resquícios da guerra: “nos dois lados da estrada, jaziam, informes, peças enferrujadas, artilharia, carros, arame farpado, latões, capacetes: as sobras dos dois exércitos, que por tantos meses se enfrentaram naquelas paragens”²⁶⁷.

A longa viagem deixou-os muito cansados e com os pés cheios de calos e chagas. Os italianos permaneceram em Stáryie Doróghi dois meses: de 15 de julho a 15 de setembro de 1945. Foram dias sonolentos, nostálgicos, cujo pensamento estava longe, em outra terra, em outras paisagens e com outras pessoas. As “férias forçadas” estavam cansativas. A ansiedade tomava conta dos caminhantes sem destino. Segundo Ballone²⁶⁸, ela pode ser considerada como uma reação natural que se produz diante de certos tipos de situações, nas quais a pessoa necessitaria de recursos adaptativos

²⁶⁷ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 231.

²⁶⁸ BALLONE, G. **Da lesão à emoção**. Disponível em: www.psiqoweb.med.br. Acesso em 14 de setembro de 2008.

extras. As situações que desencadeiam a reação de ansiedade têm em comum a previsão subjetiva de possíveis conseqüências negativas para o indivíduo, podendo ocorrer a perda da atenção, da percepção, da memória, do pensamento e da linguagem.

A ansiedade aumentava com a fome, não de comida, porque havia carne dos cavalos, deixados pelos alemães, mas de casa, de contato humano, de expressão, de novidades. Eles estavam vivendo no “nada”, esquecidos, sem esperança alguma em relação ao futuro. As perguntas, assim como as incertezas, eram muitas: quando afinal voltariam? O resto era silêncio. E o céu continuava cinza, como nos tempos de Auschwitz.

Os sobreviventes, perdidos no caminho do repatriamento, sofreram com a impotência e a nulidade da vida. Os dias eram penosos, com informações desconstruídas sobre a próxima partida. “Tudo era extremamente vago, e bastante ambíguo. Mesmo admitindo que uma partida era iminente, quem assegurava que se tratava do repatriamento, e não de uma nova transferência sabe-se lá para aonde?”²⁶⁹. A tristeza e o medo aumentavam com a proximidade do inverno, pois era mais um inverno que Levi passaria longe de casa, sentindo frio, dores pelo corpo, que poderiam anunciar a volta dos problemas pulmonares.

Mais uma viagem, com passageiros apáticos, porque não tinham estrutura psíquica para suportar tanta incerteza. Os traços mentais característicos do melancólico, segundo Freud²⁷⁰, são: perda da auto-estima, desânimo, cessação de interesse pelo mundo exterior e inibição de toda e qualquer atividade. O tormento da dúvida deixava os nervos à flor da pele. Após passar por cidades russas e romenas, finalmente o comboio rumou para o sul. A fome era tanta, que o bando, quando desceu num vilarejo agrícola, esvaziou os poços, retirou a lenha existente e roubou os alimentos ainda comestíveis, como se fossem bárbaros. O trem havia estragado e não se movia: “tínhamos frio, fome, e nos sentíamos abandonados e esquecidos”²⁷¹. Enfrentavam ain-

²⁶⁹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 301.

²⁷⁰ FREUD, S. **Luto e melancolia**. Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

²⁷¹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 338.

da dificuldades de comunicação: os países e as cidades tinham língua, cultura e moeda diferentes das dos seus países de origem. A babel continuava sendo parecida com a do campo.

Em Viena, eles observaram somente destruição. A tristeza da cidade era parecida com a que eles estavam experimentando e vivendo dia após dia. Era uma “sensação pesada e grave de um mal irreparável e definitivo, presente por toda a parte, aninhado como uma gangrena nas vísceras da Europa e do mundo, semente e danação futura”²⁷². O trem ficou imóvel, estagnado na cidade por três dias. Parecia que até os seres inanimados se contaminavam com a melancolia que emanava das pessoas e do ambiente.

A Áustria fazia fronteira com a Itália. Em 15 de outubro, Levi começou a se sentir mais próximo de casa. Embora ainda todos estivessem esgotados, tomados por “uma náusea definitiva dos trilhos, dos sons precários nos assoalhos de madeira, dos solavancos, das estações. (...). Estávamos cansados de todas as coisas, cansados especialmente de ultrapassar fronteiras”²⁷³. Estavam também cansados de ver as pessoas das cidades olharem para eles com ar indiferente, “entrincheirados entre as próprias ruínas, como num fortim de desejado desconhecimento, fortes, ainda, capazes de ódio e desprezo, prisioneiros ainda do antigo nó de soberba e culpa”²⁷⁴.

Na fronteira com a Itália, Levi sentiu uma felicidade misturada com medo, pois, em suas veias, fluía o sangue extenuado de Auschwitz e, a partir daí, não sabia se conseguiria arrancar do seu interior forças para continuar vivendo e para enfrentar os olhares surpresos, curiosos ou duvidosos das pessoas. “Nós nos sentíamos velhos de séculos, oprimidos por um ano de lembranças ferozes, esvaziados e inermes”²⁷⁵. Levi chegou em Turim no dia 19 de outubro; teve carinho, apoio, amor, contudo não cessaram os sonhos, os pesadelos e os assombros. À noite, ouvia “o ressoar de uma voz, bastante conhecida; uma única palavra, não imperiosa, aliás breve e obediente. É

²⁷² LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 346.

²⁷³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 353.

²⁷⁴ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 354.

²⁷⁵ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 357.

o comando do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantem ‘*Wstavach*’”²⁷⁶.

2.5 Se não agora, quando?: urgências e limites do ser humano em meio à devastação da guerra

A obra **Se não agora, quando?** é um romance, no entanto, ao longo da narrativa, há muitos traços autobiográficos, sobretudo em relação à viagem de volta para casa, feita pelo autor Primo Levi. **A trégua** e **Se não agora, quando?** são semelhantes, só com personagens diferentes, pois nesta não há o tom confessional de Primo Levi nem ele é a personagem: o escritor se vale de uma outra pessoa para contar o drama dos viajantes pela Polônia e Rússia. Nesta obra, ficção e realidade se misturam de forma mais acentuada ao contar uma história, “inventada” pelo escritor Primo Levi sobre os sobreviventes na década de 40, que enfrentaram o frio, a neve, a fome, o cansaço até conseguirem ser repatriados e descansar no aconchego dos seus lares.

A intenção desse subcapítulo é mostrar que, independente dos gêneros, sempre há a possibilidade de se contar a “verdade”. A História está inscrita nas linhas e entrelinhas. “O romance precisou concentrar-se naquilo de que o relato não dá conta. Só que, em contraste com a pintura, a linguagem lhe põe limites na emancipação do objeto”²⁷⁷. Narrar algo significa “ter algo especial a dizer”²⁷⁸, desde que não seja impedido “pelo mundo administrado, pela estandartização e pela mesmidade”²⁷⁹. Adorno continuou argumentando que o narrador tem o poder de erguer a cortina para que o leitor participe das coisas acontecidas, como se este estivesse de corpo presente.

²⁷⁶ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 359.

²⁷⁷ ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, T. [et. al.]. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 p. 269.

²⁷⁸ ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, T. [et. al.]. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 p. 270.

²⁷⁹ ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, T. [et. al.]. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 p. 270.

O leitor pode descortinar a História em **Se não agora, quando?**, pois são narrados fatos violentos, cujas personagens estão perdidas em meio ao caos da Guerra. A obra vai contra o historicismo, rompendo a linearidade, trafegando entre as lembranças passadas e o presente, a narração anda em ziguezague como os passos incertos dos viajantes. Além disso, não é alienante e mostra a realidade dos sobreviventes, fazendo com que o leitor se posicione sobre os fatos ocorridos.

A história de **Se não agora, quando?** é a dos migrantes judeus, que iniciou em julho de 1943, auge da Segunda Guerra Mundial, e terminou em julho de 1945, quando ocorreu o término da Guerra. O protagonista é o relojoeiro Mendel Nachmanovic, que havia se desgarrado do exército soviético na Bielo-Rússia em 1943. Levi se baseou na história de um amigo russo que migrou durante a guerra e, posteriormente, juntou-se a um bando de judeus, que peregrinava pelo território devastado pela guerra e pela disputa entre alemães e soviéticos. Eles atravessaram cerca de dois mil quilômetros, passando pela Polônia e pela Alemanha, até chegar à velha Milão, na Itália. O objetivo era fugir da morte, porém, em muitos momentos, os fugitivos se defrontaram com ela. A luta pela sobrevivência era constante; e as dificuldades, enormes em meio ao gelo, à neve, à falta de alimentos e de água potável. O resultado foi um ser humano falível, medroso e fragilizado pelo esforço diário da sobrevivência.

Mendel “equivale a Menachém, que significa consolador”²⁸⁰, mas, segundo ele, nunca havia consolado ninguém nem tinha forças para tal façanha. A guerra só havia lhe presenteado com tristeza e desolação, além de ser uma luta nômade pela sobrevivência. Em sua andança sem rumo, caminhando por caminhar, ele encontrou Leonid. Eles se tornaram amigos e andaram juntos em busca do bando de Gedale. Durante a conversa de Mendel e de Leonid sobre a participação deles na Guerra e as suas condições de desertores, o escritor, através da voz do narrador, faz uma crítica à historiografia oficial, cuja importância era dada aos grandes generais e feitos heróicos:

²⁸⁰ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 11.

(...) E a guerra é sobretudo uma grande confusão, no campo de batalha e na cabeça das pessoas também; muitas vezes nem se sabe quem venceu e quem perdeu, isso é decidido depois pelos generais e por quem escreve a história²⁸¹.

Em outras passagens, também havia essa crítica e, até mesmo, uma certa ironia por saber que a História acabava sempre enaltecendo os vencedores; eles, os vencidos, os prostrados, ficavam esquecidos, soterrados junto aos escombros da Grande Guerra. Durante uma pequena batalha entre os desgarrados e os soldados alemães, Dov, companheiro de guerra, gritou para Mendel: “Dispare tudo, agora. Sem economizar. Estamos combatendo por três linhas nos livros de história”²⁸². Isso comprovava que a História privilegiava os vencedores, enquanto que os outros ficavam com apenas notas de rodapé nos livros oficiais.

Mendel estava em busca do bando de resistência, porque tinha vontade de se juntar a ele e lutar, sentia-se no dever de participar da causa. Entretanto, estava cansado, tinha medo, repugnância de armas e de violência: já havia sofrido demais, estava sozinho no mundo, não sabia quem era amigo ou inimigo. Perdera a mulher que estava em uma vala comum, e se considerava feliz por não ter tido filhos, pois estes nem nasceriam ou acabariam também na vala. Leonid era um muro de silêncio, não deixando transparecer os seus sentimentos. Ele não falava da sua família, tanto que Mendel acreditava que deveria haver “uma cicatriz interna, algum tipo de nódoa, talvez um halo dolorido”²⁸³ no seu interior. Leonid criara um bloqueio interior, não querendo lembrar a família nem o passado, uma vez que era doloroso e lhe trazia tristezas, mágoas e arrependimentos.

Os dois caminhantes encontraram um judeu em uma aldeia no pântano. O velho Adam tinha uma enorme vontade de contar a sua experiência e ouvir o que os forasteiros sabiam sobre os rumos políticos. A vontade de falar, de contar sempre acompanhou os sobreviventes, sempre acompanhou o escritor Primo Levi. Mendel

²⁸¹ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 17-8.

²⁸² LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 79.

²⁸³ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 33.

conversou com Adam, que havia resistido a interrogatórios, ficara preso por dois anos e, depois do exílio, voltara para Minsk, contudo a cidade estava sob o domínio dos alemães, que “tinham feito uma coisa que ele não podia contar. Não podia, e não queria, e não devia”²⁸⁴. “Se continuássemos a contar uns aos outros o que vimos ficaríamos doidos e, em vez disso, temos que manter a sanidade mental”²⁸⁵. O fato de lembrar a experiência de dor poderia acarretar a loucura. O ser humano acabava não tendo resistência suficiente para suportar a tragédia e, conseqüentemente, enlouquecia ou se entregava à morte.

Adam contou que o bando de Gedale estava debilitado, que havia um grande número de mulheres, velhos, crianças e doentes, que estava sofrendo com o inverno rigoroso e com a fome e que só alguns jovens sabiam manusear as armas. Quando o encontrou, Mendel conferiu que a vida de todos era precária, faltava tudo: água, comida, agasalhos e armas. No entanto, eles eram solidários entre si pela religião e pela vontade de sobreviver. Eles peregrinavam pelo pântano, como se fosse uma peregrinação bíblica em busca da tão sonhada terra prometida, no caso, a Itália. E foi essa força que transformou os homens destroçados pela Guerra em valentes, determinados a vencer e sobreviver diante de tantas adversidades. Diferentemente da imagem do judeu passivo, Levi deu vida a homens, que, após anos de sofrimento, tinham endurecido, mas não desistido de lutar. Eram sobreviventes de uma civilização, que o nazismo tinha destruído pela raiz, extenuado, porém eles tinham consciência da sua dignidade. Eles combatiam para se salvar dos alemães, para se vingar, mas, sobretudo, como Mendel apontava, “por dignidade”²⁸⁶.

As notícias dos campos de concentração eram avassaladoras. As chaminés de Auschwitz funcionavam a todo vapor. Quando o vento mudava de direção, a fumaça chegava até eles, e todos podiam sentir o cheiro de carne queimada. Diante disso, onde estava Deus? Constantemente, eles se questionavam:

²⁸⁴ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 57.

²⁸⁵ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 58.

²⁸⁶ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 218.

E o Eterno, bendito seja Ele, por que continuava oculto atrás das nuvens cinzentas da Polessia em vez de socorrer o Seu povo? “Você nos escolheu entre todas as nações”: por que justamente nós? Por que o ímpio prospera, por que o massacre dos indefesos, por que a fome, as valas comuns, o tifo, e o lança-chamas das SS nos esconderijos repleto de crianças aterrorizadas? E por que húngaros, poloneses, ucranianos, lituanos, tártaros, roubam e massacram os judeus, arrancam-lhes as últimas armas das mãos, em vez de se unir a eles contra o inimigo comum?²⁸⁷

A história do povo judeu era conhecida através da Bíblia. De acordo com as escrituras sagradas, por volta de 1800 a.C., Abraão recebeu um sinal de Deus para abandonar o politeísmo e viver em Canaã, que posteriormente, chamar-se-ia Israel, nome dado por Jacó. Os doze filhos de Jacó deram origem às doze tribos que formavam o povo judeu. Com o rei Davi, Jerusalém foi transformada em um centro religioso. Através de revelações proféticas, ele sabia que um dia o Messias, o Salvador, viria de sua descendência. Jesus nasceu judeu, comprovado pela passagem bíblica: “deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne”²⁸⁸. Jesus nasceu judeu e não foi por acaso: a sua vinda ao mundo trouxe consigo uma profunda alegria para todos aqueles que reconheceram que Ele era realmente o Cristo, o Filho de Deus. Sua vinda foi a garantia da existência de um plano divino, bem como a certeza de que Deus iria cumprir todas as promessas que faltavam. O judaísmo defendia uma relação especial entre Deus e o povo judeu, manifestada através de uma revelação contínua que passava de geração em geração.

O povo judeu sempre manteve fortes laços com a religiosidade, seguindo a Torá ou Pentateuco, que, de acordo com os judeus, era o livro sagrado, revelado por Deus. Diante de tanta fé, de ser aclamado como o povo escolhido, esse povo sentiu-se abandonado, em consequência de tantas injustiças e tantos sofrimentos. Como o abismo estava sempre a um passo, os judeus nunca encontravam um pouco de paz e de conforto. Sofreram no pogrom, no campo de concentração, no exílio, nas fugas diante

²⁸⁷ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 74.

²⁸⁸ BIBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo, 1990. Romanos (9:3-5).

da neve, enfrentando continuamente a morte. Eles, durante a perseguição, não tiveram um segundo de descanso, já que a batalha pela sobrevivência era árdua. A cada dia que passava, surgiam mais incertezas em relação ao amanhã. Por isso, o questionamento sobre a existência de Deus e se Ele os havia abandonado. Em um dos esconderijos, Mendel encontrou estas palavras rabiscadas com carvão na parede: “Maria, não dê à luz na Polônia, se não quiser ver seu filho pregado numa cruz ao nascer”²⁸⁹. Mendel ficou pensativo, confuso. Só restava para ele pensar, meditar: “que a guerra termine, Senhor, em quem não creio. Se de fato existe, faça esta guerra terminar. Logo e em toda a parte”²⁹⁰.

Na Polônia, as dores não tinham margem, nem fundo, e ninguém estava livre delas. A desilusão tomava conta do povo judeu, que não tinha mais casa, pátria e um futuro possível. As únicas lembranças eram as da devastação. Assim, “por que continuar vivendo, por que combater? Em prol de que casa, de que pátria, de que futuro?”²⁹¹. A saudade de casa era uma ferida aberta, que sangrava todos os dias, sem cicatrizar. Eles sentiam fome, uma “fome-nostalgia, um desejo surdo de verdura fresca, de pão saindo do forno (...). A saudade de casa se fazia sentir, pesada para todos, dilacerante para o grupo de judeus”²⁹². A saudade, sofrida pelo bando, era a mesma sentida por Levi tanto em Auschwitz como no percurso até Turim. Os alemães não só destruíram vidas, como também sonhos. Um povo foi dizimado por preconceito, por maldade e por ganância. Sobre a guerra, Mendel, com o “sobrenome” Levi, (porque a voz atrás era a de Primo Levi, tentando entender o porquê dos atos bárbaros dos chefes alemães; eles, Mendel e Levi, equivaliam a “nós” do testemunho, passando para o leitor que se agrupava a esse “nós”), questionou:

Seria necessário entender os alemães e eu jamais consegui. Os alemães pensam que um judeu vale menos que um russo e um russo menos que um inglês, e que um alemão vale mais que todos; pensam

²⁸⁹ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 222.

²⁹⁰ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 222.

²⁹¹ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 115.

²⁹² LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 114.

também que, quando um homem vale mais que outro homem, tem o direito de fazer dele o que quiser, até mesmo escravizá-lo ou matá-lo²⁹³.

A Guerra dizimara famílias inteiras, destroçara o bando de Gedale, que estava cansado, faminto e esfarrapado. Também entre eles, havia uma história, que, em muitos pontos, tocavam-se:

Cada um deles, homem ou mulher, tinha atrás de si uma história diversa, mas incandescente e pesada como o chumbo derretido; cada um deveria ter chorado cem mortos se a guerra e três invernos terríveis tivessem lhe deixado tempo e fôlego. Estavam cansados, sujos e pobres, mas não derrotados; filhos de comerciantes, alfaiates, rabinos e cantores, tinham se equipado de armas tiradas dos alemães, haviam conquistado o direito de vestir aqueles uniformes rasgados e sem patentes, e tinham saboreado várias vezes o alimento amargo do ato de matar²⁹⁴.

Os judeus às vezes tiveram que matar para continuar sobrevivendo. Mendel chorou quando matou o primeiro homem, porém era ele ou o alemão. Mendel não se achava nenhum herói. O seu objetivo era lutar para não sucumbir ao rápido e violento processo de desumanização ao qual seu povo teve que se submeter. Aprendeu a matar, uma vez que a luta era desigual: era “uma guerra de mil alemães contra um judeu e de mil mortos judeus contra um morto alemão”²⁹⁵. Os alemães estavam armados e bem equipados, enquanto eles, os judeus, necessitavam resistir entrincheirados em pântanos, rastejando no gelo feito rãs, escondidos em catacumbas, onde não conseguiam respirar direito. Suas ações eram através de emboscadas aos alemães, sabotagens em ferrovias e desvios de lançamentos de pára-quedas.

Em todas as cidades das redondezas, havia cartazes, espalhados, com fotos de Gedale. Os alemães queriam capturá-lo e matá-lo. A recompensa para quem o entregasse era alguns quilos de sal. A vida de um ser humano era medida pela quantida-

²⁹³ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 91.

²⁹⁴ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 126.

²⁹⁵ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 128.

de de sal. Isso comprovava, mais uma vez, que, durante o período da Guerra, a vida era insignificante, não valendo nada ou, quanto muito, alguns poucos quilos de sal. O relojoeiro temia a morte de Gedale. Mas, não tinha forças para protegê-lo, estava vazio, longe de sua terra, do aconchego do lar, da família e dos amigos. O relojoeiro era Levi sozinho, no meio das planícies russas, sem saber quando passaria o próximo trem para levá-lo à Itália. Assim como Mendel perdera Leonid durante um confronto com os alemães, Levi perdera Daniel, Alberto e o grego, dentre tantos outros amigos. Mendel já não sentia no peito o vigor do jovem e do soldado, só o cansaço e o medo de que a guerra não terminasse mais. Ele sentia correr em suas veias, em vez de sangue vermelho de soldado-combatente, um sangue pálido, sem vigor, como se estivesse congelado pelas constantes nevascas. Estava cansado também de caminhar e de se esconder, cansado de ser, enfim, Mendel. A tristeza tomava conta do seu coração, e os pesadelos tumultuavam as suas noites. Quando acordava, ele se sentia sufocado, perdido, sem identidade, porque “não lembrava mais o próprio nome, nem onde nascera, nada”²⁹⁶.

A terra polonesa, no final de 1944 e início de 45, estava exaurida por cinco anos de guerra e de ocupação impiedosa. Varsóvia fôra destruída. O caos imperava em toda a parte. Os refugiados multiplicavam-se, sem pão e sem teto. A Polônia vegetava nos subterrâneos, num poço, cujo fundo era cada vez mais embaixo. Essa era a mesma paisagem descrita por Levi em **A trégua**: cidades e vilas destruídas e mortos espalhados pelas ruas, sem sepultura.

O bando de Gedale avançava em meio aos destroços, num terreno repleto de mortos, alguns já frios e rígidos, outros mutilados e feridos gravemente. Pelas estradas, vagueavam almas penadas, magras, abatidas, fedorentas. Além do ambiente degradante, os piolhos se proliferavam numa progressão geométrica, sendo mais um instrumento de tortura: “os piolhos nascem da desmoralização, e criam outra desmoralização”²⁹⁷. A fuga era urgente, necessária, tanto que Gedale gritou: “se não for

²⁹⁶ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 198.

²⁹⁷ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 225.

assim, como será? E se não agora, quando?”²⁹⁸. Essas frases faziam parte de uma canção, cuja letra remetia ao que os judeus viveram no passado e ao que estavam vivendo agora, nos campos de concentração:

Vocês nos reconhecem? Somos as ovelhas do gueto,
Tosadas durante mil anos, resignadas à ofensa.

Somos os alfaiates, os copistas e os cantores
Murchos à sombra da Cruz.

Agora aprendemos as trilhas da floresta,
Aprendemos a atirar, e acertamos o alvo.

Se não me defendo, quem me defenderá?

Se não for assim, como será? E se não agora, quando?

Nossos irmãos subiram ao céu
Pelos caminhos de Sobibor e de Treblinka,
Cavaram um túmulo nos ares.

Só poucos sobreviveram
Para honra do nosso povo submerso
Para a vingança e o testemunho.

Se não me defendo, quem me defenderá?

Se não for assim, como será? E se não agora, quando?

Somos os filhos de Davi e os obstinados de Massada.

Cada um de nós carrega no bolso a pedra
Que arrebatou a testa de Golias.

Irmãos, deixemos a Europa dos túmulos:
Subamos junto para a terra

Onde seremos homens entre os outros homens.

Se não me defendo, quem me defenderá?

*Se não for assim, como será? E se não agora, quando?*²⁹⁹

Levi “inspirou” Gedale para cantá-la e, ao mesmo tempo, reverenciar os mortos que viraram fumaça e desapareceram, sem túmulos, pelos ares da Polônia. Auschwitz, Treblinka, Sobibor eram os campos mais sangrentos, e os judeus tornavam-se restos humanos, sujos, cansados, esmagados pela fome, pela sede e pelo cansaço.

Ao longo da História, o povo judeu foi visto como uma ovelha negra. Eles foram expulsos do seu território, destituídos dos seus pertences e recriminada a sua

²⁹⁸ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 251.

²⁹⁹ LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p.144.

religião. Independente do período, os judeus acabaram sofrendo algum tipo de aviltamento. Em Massada, considerada uma fortaleza, “lugar seguro”, pela imponência de suas muralhas e de seus penhascos naturais, os judeus foram descobertos pelos romanos e, para não ser presos e escravizados, eles preferiram o suicídio coletivo. Mas, em meio a tantas dificuldades, brotava um fiapo de força, uma necessidade de resistir um pouco mais. O refrão: *Se não agora, quando?* reforçou a urgência, sentida pelos judeus, de se libertar, de voltar para a sua pátria e tentar reconstruir as suas vidas.

Mendel e os outros integrantes do bando puseram-se a caminho em maio de 1945. A Alemanha, antes soberba e próspera, estava devastada. Continuaram enfrentando dificuldades, devido à falta de alimentos e transportes nas cidades destruídas. “Desde que entraram em terras alemãs tinham percebido que era quase impossível comprar víveres nos grandes centros, semidestruídos, quase desertos e famintos”³⁰⁰. Nas ruas abarrotadas de gente, desfilavam velhos, crianças e mutilados. “Não se via homens válidos. Também as janelas estavam repletas de rostos temerosos e desconfiados”³⁰¹. Os entulhos estavam espalhados por toda a parte, com cartazes colados: “não pisar: corpos humanos”³⁰².

No início de junho, os gedalistas chegaram à linha ferroviária Berlim-Munique-Brenner e partiram no dia 20 de junho rumo à Itália. Devido à destruição das linhas férreas, havia poucos trens, que estavam sempre abarrotados de gente, amontoadas como uma mercadoria, na esperança de chegar, salva, em casa. Mesmo com o fim do III Reich, continuava a reificação do ser humano, que não valia nada. Levi passou pela mesma experiência ao viajar em vagões superlotados, além das vias férreas estar interrompidas e malconservadas, tornando a viagem um calvário. Levi refez a viagem com Gedale, Mendel e com os outros companheiros de luta e de resistência.

³⁰⁰ LEVI, P. *Se não agora, quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 265.

³⁰¹ LEVI, P. *Se não agora, quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 266.

³⁰² LEVI, P. *Se não agora, quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 270.

Quando o bando chegou à estação central de Milão, todos perceberam que o caos continuava. A cidade estava suja, totalmente destruída, por causa dos bombardeios. O clima era de desolação. Em todo lugar, onde a visão alcançava, eles viam restos humanos: fracos, cansados e famintos. Mendel e os outros membros do grupo receberam informações desencontradas. No escritório da Assistência, os refugiados amontoavam-se, esperando para ser atendidos. “Todos precisavam de tudo”³⁰³.

Mendel, Gedale e alguns integrantes do grupo se salvaram, assim como Levi, que pôde escrever esse romance e outras obras, deixando o seu testemunho. Levi ainda estava crente no ser humano, dando vida a outra vida, mesmo que de forma ficcional. Ròkhele, integrante do bando, estava no último mês de gravidez e começava sentir as primeiras contrações. Na clínica obstétrica da região, ela dera à luz a um menino. Em meio às cinzas, ao caos e ao lodo, a esperança renascia, na forma de uma criança, que vinha ao mundo – um mundo sedento por paz, justiça e humanidade. A semente da paz estava lançada, bastava ser cultivada. O jornal do dia 7 de agosto de 1945 trazia “a notícia da primeira bomba atômica lançada sobre Hiroshima”³⁰⁴.

2.6 Trauma: manchas eternas no tapete da memória

É preciso lembrar. “O apelo a lembra-se – o famoso *Zakhor* –, é martelado muitas e muitas vezes pela Bíblia”³⁰⁵, mais especificamente em passagens do Deuterônimo. E como diz Hannah Arendt:

(...) se acha em jogo é a sobrevivência, a perseverança na existência (...) e nenhum mundo humano destinado a perdurar após o curto período de vida dos mortais seria capaz de sobreviver sem que os homens estivessem propensos a fazer aquilo que Heródoto foi o primeiro a empreender conscientemente, a saber, (...) dizer o que é. Nenhuma permanência, nenhuma perseverança da existência podem ser concebidas sem homens decididos a testemunhar³⁰⁶.

³⁰³ LEVI, P. *Se não agora, quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 290.

³⁰⁴ LEVI, P. *Se não agora, quando?*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 305.

³⁰⁵ RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007 p. 409.

³⁰⁶ ARENDT, H. *Entre o passado e o presente*. São Paulo: Perspectiva, 1972 p. 285.

O testemunho foi a forma encontrada pelo sobrevivente para se manter vivo. “A escrita de si é uma forma de produção de memória que merece ser guardada e lembrada”³⁰⁷. No entanto, Hannah Arendt mostrou-se preocupada com o grau de aniquilamento sofrido na prisão, visto que poderia dificultar a lembrança e a compreensão das relações entre o passado e o presente. Havia, no sobrevivente, uma incapacidade de articular um sentido para a sua experiência, de discernir o real e o irreal, sendo a consciência posta em crise de sustentação. “A perda humana do Holocausto, jamais superável, leva escritores a romper as estruturas convencionais de representação, a suspender as referências de delimitação da realidade, e a refletir melancolicamente”³⁰⁸.

A perda imensurável ocasionou o trauma, que sempre será uma ferida aberta na memória. Essa idéia foi defendida por Cathy Caruth³⁰⁹, já que ela acreditava que o trauma não era só uma ferida no corpo, uma marca, uma cicatriz que poderia desaparecer com o tempo, mas, sobretudo, uma marca na mente, na memória. No corpo, as marcas pequenas poderiam ser curáveis; na mente, as marcas eram para sempre, ficaram grudadas à experiência que de tão inacreditável, inexplicável e inverossímil acabava fazendo com que o sobrevivente se sentisse envolto por pesadelos, ações repetitivas, atos falhos e silêncios.

Caruth³¹⁰ também notou que as vítimas tinham dificuldade de assimilar os acontecimentos e entravam em crise. Memória, esquecimento e trauma estavam interligados. A memória do sobrevivente ficou perturbada, petrificada, ele tentou evitar a lembrança, havendo, por um lado, esquivas, fugas. Entretanto, por outro, os eventos traumáticos voltavam a se repetir na mente, sugerindo, assim, um luto sempre inacabado, que se estendia para além do que podia simplesmente ser visto ou conhecido. O

³⁰⁷ GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo In: _____. **Escrita de si, escrita da História. Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 19.

³⁰⁸ GINZBURG, J. Autoritarismo e Literatura: a História como trauma. **VIDYA**. Santa Maria – RS. Jan/Jun.2000 p. 47.

³⁰⁹ CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: trauma, narrative, and history. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996 p. 4. OBS: Todas as traduções são de minha autoria.

³¹⁰ CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: trauma, narrative, and history. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996 p. 92.

trauma era incompreensível, sendo essa ferida sempre aberta, tanto que permanecia no centro dessa visão repetitiva. Freud³¹¹ falou em compulsão de repetição, porque as situações traumáticas vivenciadas ficavam reprimidas no inconsciente para não serem recordadas, porém elas eram inevitáveis e acabavam sendo rememoradas. O sobrevivente precisava tentar superar a situação de perigo que o espreitava sempre, vencer a resistência à recordação. Ele vivia em um conflito diário, que sugava as suas forças, as suas energias e a sua vontade de viver.

Paul Ricoeur analisou o trauma, sob a ótica da psicanálise freudiana, e percebeu que o passado podia, sim, retornar à mente, isso valia para as partes mais refutadas e perdidas. “Uma das convicções mais firmes de Freud foi mesmo que o passado vivenciado é indestrutível”³¹². O problema maior era caminhar pelo território além das palavras, por territórios ladeados de penhascos, onde qualquer descuido poderia levar o sobrevivente a novamente se confrontar com a morte.

O brasileiro Márcio Seligmann-Silva, da mesma forma que a autora norte-americana e que o estudioso francês, deteve-se no trauma, baseando-se em Freud, e apontou que ele era caracterizado pela incapacidade de recepção de um evento extremo, sem limites e que, portanto, chegava a ser algo sem forma. Era comum, no sobrevivente, a repetição da cena traumática. Isso ocorria porque o trauma estava intrinsecamente relacionado tanto ao choque quanto ao fato de ser um “distúrbio de memória no qual não ocorre uma experiência plena do fato vivenciado que transborda a nossa capacidade de percepção”³¹³.

Cathy Caruth³¹⁴ observou os testemunhos orais e escritos dos sobreviventes que sofreram experiências traumáticas e pôde afirmar que eles repetiam determinadas palavras, como “partida”, “cair”, “queimar”, “acordar” ou “despertar”. Primo Levi as repetiu inúmeras vezes ao falar da partida do trem que o levou para Auschwitz, da

³¹¹ NAGERA, H. (org). **Conceitos psicanalíticos básicos da Teoria dos Instintos**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix [sd]. v. III p. 88-9.

³¹² RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007 p.453.

³¹³ SELIGMANN-SILVA, M. A História como trauma. In: NESTROVSKI, A; SELIGMANN-SILVA, M. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000 p. 85.

³¹⁴ CARUTH, C. **Unclaimed Experience: trauma, narrative, and history**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

partida dos vilarejos ou cidades durante a volta para casa. A “partida” era certa. Já a chegada, incerta, pois ele não sabia se sobreviveria, se agüentaria o trabalho, o sofrimento, o isolamento e a desumanização. “Cair” também fazia parte do vocabulário de Levi, uma vez que ele caiu várias vezes, desde o momento em que adentrou no inferno, sendo uma queda vertiginosa, só em direção ao nada; caiu de tristeza, caiu de cansaço, caiu de dor, devido às condições adversas e aos problemas de saúde. “Queimar” era sinônimo de dor, da presença da cicatriz no braço esquerdo, que queimava todos os dias e fazia com que Levi soubesse da sua condição de escravo, cujo destino era a câmara de gás. “Acordar”, “despertar”, para os sobreviventes, era um tormento, o início da luta por mais um dia de vida. Assim, acordar era triste: abrir os olhos era ver que o campo era real, que ao seu lado só havia farrapos humanos e que os guardas já estavam berrando ordens em polonês para eles marcharem ao trabalho. Por isso, como esquecer a frase, gravada no portão de Auschwitz: “*Arbeit Macht Frei*” ?

Além dessas palavras, muitas outras fizeram parte do vocabulário diário do campo, e Primo Levi ouvia, por exemplo, eles serem chamados de insetos, vermes, peças da engrenagem, números, bonecos, farrapos humanos. Primo Levi também repetia as cenas marcantes de Auschwitz; ele as reconstruiu nas obras e na memória, tentando suturar as cicatrizes ainda em carne viva, vertendo lágrimas dos mortos sem túmulos. Assim, a condição de escravo, os gritos, os golpes, as dores, a fome, o frio eram constantemente reiterados. “(...) Nós somos os escravos dos escravos, que todos podem comandar, e o nosso nome é um número que levamos, tatuado no braço e costurado no peito” ³¹⁵. A humilhação, a vergonha, o ultraje, a escravidão, a violência, tudo era sinônimo da vida que ele tentava suportar no complexo gelado.

A luta pela sobrevivência também foi repetida várias vezes, justamente porque eles eram os escravos e tinham que lutar para tentar permanecer vivos por mais um dia. Eles trabalhavam até cansar, até não ter mais resistência física; e, no outro dia, eram obrigados a levantar cedo e continuar sem trégua, sem resmungo ou

³¹⁵ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 73.

desânimo: “a luta contra a fome, o frio e o trabalho deixa pouco espaço para os pensamentos”³¹⁶. “A disciplina do campo e da fábrica não relaxa em nada; o trabalho, o frio, a fome bastam para absorver nossa atenção, nossos espaços”³¹⁷. A rotina não deixava tempo para os homens pensarem: era somente uma luta frenética pela sobrevivência, em meio à jornada de trabalho perversa e à dor física e emocional.

O campo como “inferno” apareceu em muitas passagens das obras em estudo. O inferno, na Antigüidade, era a morada dos mortos, que tinham penas a pagar ou um lugar de grande sofrimento e lamento. No Novo Testamento, o termo *Inferno* designava um lugar de castigo sem fim para os anjos maus e para os homens mortos em estado de pecado mortal. No Antigo Testamento, o *Inferno* era o *Sheol*³¹⁸, palavra hebraica que significava a residência dos mortos, um lugar inquietante e triste, mas desprovido de castigos, não possuindo, assim, a forte conotação que passou a ter no Novo Testamento de um lugar onde os pecadores pagavam por seus erros.

O campo, ao mesmo tempo, era um lugar triste e um lugar onde até os não pecadores pagavam por pecados inimagináveis: “Isto é o inferno”³¹⁹. “Frente a este mundo infernal, minhas idéias se confundem”³²⁰. Como agüentar o inferno se ele era diário? Era o amanhecer, o anoitecer, o trabalho exaustivo, o medo, a fome, as seleções: “sentimos que as seleções estão chegando. *Selekcja*: a palavra híbrida, latina e polonesa, ouve-se uma, duas, muitas vezes, no meio de falas estrangeiras. No começo não se percebe, logo ela chama a atenção; por fim torna-se um pesadelo”³²¹. Por ter mistura de raças, tudo se tornava estrangeiro. O ser humano, na prisão, era um estrangeiro sem pátria, um estranho, que já não conhecia a si mesmo nem os Outros, com quem convivia e partilhava a experiência.

Com relação à loucura, muitos prisioneiros enlouqueceram nos trens, na viagem, na entrada do campo. Na chegada, os prisioneiros se viam sozinhos, mesmo

³¹⁶ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 127.

³¹⁷ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 128.

³¹⁸ LOUREIRO, K; SCARAMUSSA, Z. *O diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri* (séculos XIII e XIV). <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num2/lulioedante.html> Acesso em 11 de setembro de 2008.

³¹⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 20.

³²⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 40.

³²¹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 126.

em meio a uma multidão. Diante do medo, falavam sem pensar, falavam por falar, porque não sabiam o que aconteceria com eles. Falavam como bonecos atônicos, repetiam frases, caminhavam em círculos nus. A loucura era geral. Levi repetiu palavras desconexas e viu seus amigos fazerem o mesmo: “Estamos sozinhos; pouco a pouco o assombro cede, falamos, todo mundo pergunta, ninguém responde”³²². “Caminhamos de um lado para outro e falamos, cada um fala com os demais, e isso resulta num grande barulho”³²³.

Os prisioneiros viveram uma situação extrema, levando-os à loucura, às falas desconexas, ao caminhar em círculos, como se não estivessem acreditando que a vida, de uma hora para outra, havia desmoronado. “No campo, a gente enlouquece”³²⁴. Levi contou, nas suas obras, que muitos amigos enlouqueceram, o medo os consumiu. Ele só não enlouquecera totalmente, pois contara com a ajuda de amigos. Além disso, tentou ser mais racional e controlar os seus impulsos. Não havia saída, a loucura vinha aos poucos com as doses repetidas de crueldade. Cada alvorecer era um novo suplício:

O alvorecer surpreendeu-nos como uma traição. (...). Os diversos sentimentos que se agitavam em nós – consciente aceitação, de revolta sem saída, de religioso abandono, de medo, de desespero – confluíam agora, depois da noite insone, numa coletiva, descontrolada loucura³²⁵.

Levi chamou a atenção, em **A trégua**, para a loucura de um menino, Kleine Kiepura, que beirava a esquizofrenia, pois ele não sabia mais diferenciar o real do irreal. Os psicanalistas Mauren e Marcelo Viñar afirmam que as crianças, quando sofrem tortura, misturam essas duas dimensões: “os relatos que daí emanam lhe conferem um lugar limite entre o real e o fantástico, um suspense e uma incerteza que são a mistura do delírio e dos acontecimentos reais”³²⁶. O menino de Auschwitz apresen-

³²² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 22.

³²³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 22.

³²⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 24.

³²⁵ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 14.

³²⁶ VIÑAR, M; VINÁR, M. **Exílio e tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992 p. 51.

tava alucinações auditivas e delírios que se manifestavam na forma de idéias falsas e improváveis, mas que ele acreditava como sendo verdadeiras, lógicas, não havendo nada que o convencesse do contrário:

O Kleine Kiepura falava sozinho, como num sonho: o seu sonho era ter feito carreira, ter se transformado num *kapo*. Não compreendíamos se aquela era uma loucura ou um jogo pueril e sinistro: sem trégua, do alto de seu beliche junto ao teto, o menino cantava e assobiava as marchas de Buna, os ritmos brutais que escandiam nossos passos cansados todas as manhãs e todas as noites; e vociferava em alemão imperiosos comandos para uma tropa de escravos inexistentes³²⁷.

O menino de doze anos berrava com uma voz arrogante: “levantem, porcos, entenderam? Arrumem as camas, rápido: limpem os sapatos (...) Em fila, cobertos, alinhados”³²⁸, “este é um *Lager* alemão, chama-se Auschwitz, e daqui ninguém sai senão pela chaminé”³²⁹. Ou seja, ele de tanto sofrer assimilou a voz do carrasco. O sujeito se constituía a partir de Outro, no caso do menino foi o de assumir a voz do carrasco. Houve uma espécie de enlaçamento de horror com fascinação:

Nessa situação, o único ser disponível de quem o sujeito pode esperar alguma coisa de retorno é o torturador. Ao nível dinâmico, o conflito se dá entre a aceitação de um vazio desesperado e uma crença cega no torturador – único ‘outro’, objeto disponível imediatamente – como fonte de reparação. O ódio e a submissão fascinada pelo torturador se articulam então a partir do terror e do desamparo³³⁰.

Estabeleceu-se, na mente do menino, uma relação doentia, de uma cumplicidade perversa entre ele e o *kapo*. Depois de tanto sofrer e de se imaginar um soldado a dar ordens, Kleine Kiepura desaparecera do campo; virara um cadáver: “tenta-

³²⁷ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 37.

³²⁸ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 37.

³²⁹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 37.

³³⁰ VIÑAR, M; VIÑAR, M. **Exílio e tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992 p. 49.

mos, em vão, arrancá-lo de seu delírio: a infecção do *Lager* fizera nele grande progresso”³³¹.

O caminho da loucura era o normal no campo. A maioria enlouquecia devido à dor, não conseguindo superar o trauma, mesmo após a libertação. A experiência da loucura era a perda ou a ameaça da perda da própria identidade. Trauma e loucura acabavam sendo palavras correlatas, pois se apresentavam como algo que se passava na subjetividade para a qual o sujeito não conseguia encontrar uma linguagem capaz de defini-los. Dessa forma, pode-se inferir que essa experiência situa-se no plano da linguagem: linguagem enquanto sentido que se dão aos códigos sociais interiorizados. “Enlouquecer é ser submetido à angústia e ficar prisioneiro do universo do não sentido, em que nossa linguagem fica aquém da possibilidade de interpretar o que experimentamos”³³².

Se o dia era uma loucura no campo, com pancadas, fome e trabalho massacrante, à noite, o sono virava loucura em forma de pesadelos e delírios. Caruth³³³ enfatizou que, no sono, os pesadelos eram como uma luta corporal, que deixava o preso esgotado e ainda mais debilitado. O sono de Primo Levi era entrecortado por pesadelos, delírios e angústias. O terror podia vir à noite, por isso a vigília; dormia-se tenso, com medo do roubo, da morte e da escuridão. O campo era o desespero e o pesadelo. Em várias passagens das obras **É isto um homem?** e **A trégua**, o sono do narrador foi interrompido pelos pesadelos, pela sensação de abandono, de angústia e de desordem:

Renuncio, portanto, a fazer mais perguntas, e em breve mergulho num sono amargo e tenso. É sono, mas não é descanso: sinto-me ameaçado, a cada instante estou para me contrair num espasmo de defesa. Sonho, e me parece dormir no meio da rua, de uma ponte, atravessado no limiar de uma porta por onde vai e vem muita gente³³⁴.

³³¹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 38.

³³² BIRMAN. O lugar do psíquico na experiência da loucura. **Ciências Hoje** n. 4, 1983 p. 30-36.

³³³ CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: trauma, narrative, and history. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996 p. 92.

³³⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 37.

O meu sono é leve, leve como véu. (...). Pronto: estou acordado; só um pouco, entre a insensibilidade e a consciência. Tenho os olhos fechados; não quero abri-los, não, para que o sono não fuja de mim, mas ouço os ruídos: este apito ao longe sei que é de verdade, não é da locomotiva do sonho³³⁵.

(...) logo que fechamos os olhos, percebemos novamente que o cérebro recomeçou a trabalhar, independentemente da nossa vontade; zune e martela, sem descanso, constrói fantasmas e signos terríveis, sem parar os traça e os agita numa névoa cinzenta na tela dos sonhos³³⁶.

Nessas três passagens de **É isto um homem?**, percebe-se que o sono em Auschwitz era tenso. Os presos não descansavam nunca, porque, à noite, vinham os pesadelos, o delírio e o medo. Levi permanecia em estado de vigília, e o apito do trem zunia na sua mente, trazendo mais judeus, talvez algum amigo ou parente para fazer parte da colméia de escravos. Quando conseguia dormir mais profundamente, não relaxava e, assim, de acordo com Schmidt³³⁷, não atingia o estágio de recuperação mental e psicológica. A privação do sono poderia acarretar distúrbios de memória, aprendizagem, concentração e criatividade.

Em **A trégua**, os pesadelos continuaram nas noites geladas, ao relento, nas plataformas dos trens, nos campos russos. Quando Levi teve problemas pulmonares e febre alta, o delírio e o sonho materializavam-se na forma de paraísos inverossímeis:

Nas longuíssimas noites polonesas, o ar da enfermaria, denso de tabacos e odores humanos, saturava-se de sonhos insensatos. Este é o fruto mais imediato do exílio, do desenraizamento: a prevalência do irreal sobre o real. Todos sonhavam sonhos passados e futuros, de escravidão e redenção, de paraísos inverossímeis³³⁸.

No sonho, havia uma desordem profunda, tudo estava perdido, o medo do presente odiado se tornava ainda mais intenso. No sonho, a mistura do real e do irreal

³³⁵ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 59.

³³⁶ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 62.

³³⁷ SCHMIDT. Vigília, sono e sonhos. In: **Neurosifisiologia**, São Paulo: EDUSP, 1979. p. 316-326.

³³⁸ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 171.

era comum. Caruth³³⁹ sugeriu que o choque de uma visão traumática revelava no ângulo da subjetividade humana uma deficiência na relação ética com o real. O sonho sempre demonstrou aspectos da vida emocional, tendo a sua linguagem própria e, de alguma forma, estando relacionado com o temor e com o medo.

Segundo Freud³⁴⁰, todo material que compõe o conteúdo de um sonho era derivado, de algum modo, da experiência. Ele acreditava, por exemplo, que o pesadelo era uma tentativa do ego de controlar um material reprimido, que causava extremo sofrimento ao homem. Nesse ponto, ele entrou na questão temporal dos pesadelos, pois, para a pessoa que sofreu com eles, ficava a sensação de perseguição, de algo passado que sempre retornava, sendo uma verdadeira tortura mental que nunca se esgotava. O psicanalista Braunstein³⁴¹ também acreditava que os sonhos repetiam o trauma, pois “há um núcleo duro, um molde inevitável, que os produz e os reproduz: compulsão de repetição”. E continuou explicando que o sobrevivente voltava constantemente ao mesmo ponto, ao que foi mais doloroso, inapagável: “rosca espanada de um parafuso que não avança. Fixação, cola, grude”³⁴². O inconsciente de Primo Levi estava cheio da cola do trauma, e essa cola era insolúvel, tanto que a sua mente estava sobrecarregada do vazio e da carência. No lugar da esperança, da vontade de viver, esse espaço era preenchido, cada vez mais, pelo medo, pelo pânico, pela perda da referência e pela loucura.

Além da loucura e/ou associada a ela, ocorria a perda da referência. Os sobreviventes perdiam a noção do tempo, do presente, do passado e não se imaginam vivendo em um possível futuro, uma vez que este era praticamente improvável. Havia um apagamento do tempo, como se pode verificar nestas passagens: “Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar

³³⁹ CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: trauma, narrative, and history. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996 p. 92.

³⁴⁰ FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

³⁴¹ BRAUNSTEIN, N. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <http://nestorbraunstein.com/escritos/> Acesso em 10 de julho de 2008.

³⁴² BRAUNSTEIN, N. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <http://nestorbraunstein.com/escritos/> Acesso em 10 de julho de 2008

da nossa mente o passado e o futuro”³⁴³. “Quantos meses passaram desde a nossa entrada no campo? Quantos, desde o dia em que recebi alta na enfermaria? E desde o dia da prova de Química? E desde a seleção de outubro?”³⁴⁴. “Passamos em Slutsk uns dez dias. Eram dias vazios, sem encontros, sem acontecimentos para ancorar a memória”³⁴⁵.

Também o escritor Primo Levi misturava, em suas falas, situações vividas no campo com o presente, isto é, com o momento da escritura: “Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo -, hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido”³⁴⁶. O trauma foi tão grande que ele já não conseguia distinguir as coisas. “(...) Então aconteceu algo importante, vale a pena contá-lo agora, talvez pela mesma razão pela qual valeu a pena que acontecesse, naquele dia”³⁴⁷. Mesmo depois da liberdade e da tentativa de retomada da vida, a perda do referencial continuou presente no dia-a-dia de Levi como se fosse vertigens, que iam e voltavam, dançando, rodopiando na memória:

Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho, ou no campo verdejante: um ambiente, afinal, plácido e livre, aparentemente desprovido de tensão e sofrimento; mas, mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas as vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa, tudo agora tornou-se caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento³⁴⁸.

Levi vivia, ao mesmo tempo, no *Lager* e na sua casa em Turim, porque o campo era lembrado em todos os afazeres, desde o simples ato de se levantar e de se deitar. Levi vivia um sonho dentro do outro, ouvia uma voz ressoando palavras em polonês, ouvia as ordens dos carrascos. Não conseguia deixar de ser um *Häftling*, uma

³⁴³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 35.

³⁴⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 138.

³⁴⁵ LEVI, P. **A trégua.** Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 212.

³⁴⁶ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 105.

³⁴⁷ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 136.

³⁴⁸ LEVI, P. **A trégua.** Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 359.

peça, como diziam os alemães: “*Wieviel Stuck?*”³⁴⁹. As peças na entrada eram seiscentas e cinqüenta. Nesse dia, eles receberam as primeiras pancadas, com um profundo assombro: “como é que, sem raiva, pode-se bater numa criatura humana?”³⁵⁰. Depois de poucos dias nos portões fechados do inferno, restavam poucas almas atormentadas, diluídas na fragmentação e na dificuldade de verbalizar o ocorrido, essa era a “desgraça que pesa sobre nós”³⁵¹.

Os verbos esquecer/lembrar tornaram-se recorrentes no testemunho e na vida de Primo Levi, devido ao trauma. Eles pontuaram a sua narração: “(...) contou-me a sua história e já a esqueci”³⁵². “Os dias que não deixam lembranças, tão longos enquanto passavam, tão breves depois que tinham passado”³⁵³. “Também o dia de hoje, esse hoje que, de manhã, parecia insuperável, eterno, o atravessamos durante todos os seus minutos; agora jaz, acabado esquecido, já não é um dia, não deixou rastro na memória de ninguém”³⁵⁴. Auschwitz foi um evento insuportável, tanto que Levi se tornou um sujeito despedaçado a quem faltava um cerne pessoal contínuo. Pessoas que passaram por essa experiência, segundo a psicanalista Edelyn Schweidson Kramer³⁵⁵, sofreram da emergência de conjuntos dissociados de memórias que pareciam ter registrado todas as circunstâncias do trauma em estado congelado. Quem estava sob o efeito do trauma, pertencia a um passado inacessível à linguagem dialógica. Lacan³⁵⁶ afirmou que o trauma sobrevém *après-coup*, isto é, acaba sendo uma efração imaginária, uma fratura que não se integra no sistema verbalizado do sujeito. Na medicina, o trauma é uma lesão, uma efração dos tecidos, “é um deslocamento da capa de celulóide, capa que permite que, por debaixo dela, se conservem os escritos da experiência”³⁵⁷.

³⁴⁹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 14.

³⁵⁰ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 15.

³⁵¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 15.

³⁵² LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 65.

³⁵³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 105.

³⁵⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p.135.

³⁵⁵ KRAMER, E. S. Silêncio de um passado petrificado. **International Forum of Psychoanalysis 7**, Scandinavian Univ. Press, 1998.

³⁵⁶ LACAN, J. **Seminário I**. Editora Cidade. 1954.

³⁵⁷ BRAUNSTEIN, N. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <http://nestorbraunstein.com/escritos/> Acesso em 10 de julho de 2008.

Diante da dificuldade de lembrar ou verbalizar as situações catastróficas, muitos sobreviventes preferiram deixar a experiência guardada no fundo da memória, como em um túmulo lacrado e cimentado. Sempre havia a dúvida se valia a pena lembrar, e Levi se perguntava se lembrar não era um reencontro com a dor, um tormento a mais. No campo, era melhor não pensar:

No campo pensar não serve para nada, porque os fatos acontecem, em geral, de maneira incompreensível; pensar é, também, um mal, porque conserva viva uma sensibilidade que é fonte de dor, enquanto uma clemente lei natural embota essa sensibilidade quando o sofrimento passa de certo limite ³⁵⁸.

Desde a chegada ao campo, os sobreviventes só guardaram seqüências de lembranças duras, “continuamente confirmadas pela experiência presente, como feridas que tornassem a abrir-se a cada dia ³⁵⁹. Cada um via, “a vontade de viver, se esvaír, a mente se ofuscar” ³⁶⁰. As feridas da experiência ocasionaram as marcas de dúvidas e incertezas, presentes nos textos de Levi. Há repetições, por exemplo, de: “parecia”, “não sei”, “não me recordo”. “Não posso dizer que recorde exatamente (...)” ³⁶¹. A memória ficou fragmentada, pelo trauma sofrido, que, ao revisar os acontecimentos, eles pareciam irreais, duvidosos: “parecia que o cansaço e a doença, como animais ferozes e vis, tivessem esperado, escondidos, o momento em que me despia de todas as defesas, para me atacarem pelas costas” ³⁶². As dúvidas quanto aos lugares que os comboios passavam, durante o regresso para casa, também eram constantes na mente de Levi:

(...) o trem partiu em Kazatin. Esse nome não me soava novo: onde o havia lido ou ouvido? Nos boletins de guerra? Mas, mesmo assim, tinha a impressão de ter uma recordação mais próxima e mais atual, como se alguém tivesse falado havia pouco a seu respeito: depois, e

³⁵⁸ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 173.

³⁵⁹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 118.

³⁶⁰ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 119.

³⁶¹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 47.

³⁶² LEVI, P. **A trégua.** Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 20.

não antes do corte de Auschwitz, que rompia em duas partes a corrente de minhas lembranças³⁶³.

O trauma rompeu o antes e o depois de Auschwitz, na vida do escritor italiano. O sujeito-sobrevivente-traumatizado não tinha mais a mesma identidade, era um “Outro”, mesmo sendo ele próprio. Isso pelo fato de que o trauma cortou a vida em duas partes: o antes e o depois. Só que aquele que respirou o depois não era o mesmo do de antes: um morreu; outro ficou em seu lugar. A perplexidade fez dele uma presa quando se defrontou com as muitas lacunas e faltas inexplicáveis em seu relato.

Caruth³⁶⁴ estudou Freud, Lacan e Pierre Janet, confrontando a noção de trauma. A conclusão que chegou foi a de que o trauma não é somente uma simples patologia, mas também um enigma presente na psiquê do sobrevivente em relação à realidade. Em casa, alguns amigos, como conta Nardo³⁶⁵, perceberam que Levi estava traumatizado, pois ele estava sem vida, sem cor. Inesperadamente, as memórias da perseguição tomavam conta da aparência de Levi, que voltava à compulsão por repetir os acontecimentos, a viver na sua tristeza e na sua dor, enclausurado no seu passado. Essa situação de opressão obrigou-o a tomar medicamentos para se acalmar, pois ele não conseguia dormir; a insônia o deixava mais enfraquecido. As suas noites eram intermináveis; pesadelos e fantasmas o perturbavam, enlouquecendo-o. O verdadeiro arame farpado não era o do campo, que demarcava o dentro e o fora, “mas o que dividiu, de uma vez por todas, o antes do depois. E, se assim fosse, o homem de hoje seria irreparavelmente estranho ao homem de antes”³⁶⁶.

Conforme Braunstein³⁶⁷, em um trauma, alguém (um corpo) atravessou uma situação na qual poderia morrer, mas viveu e carregava a dor de viver. Portanto, do trauma, o sujeito foi um sobrevivente, um morto potencial que, apesar disso, con-

³⁶³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 320.

³⁶⁴ CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: trauma, narrative, and history. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996 p.91.

³⁶⁵ THOMSON, I. **Primo Levi**: a life. New York: Picador, 2004 p. 221.

³⁶⁶ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005 p. 183.

³⁶⁷ BRAUNSTEIN, N. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <http://nestorbraunstein.com/escritos/> Acesso em 10 de julho de 2008.

tinuava vivendo. Diz-se, então, “sobrevivente”, aquele que, tendo vivido uma experiência extrema e inenarrável, não se podia concebê-lo mais como ser humano inteiro. Ou seja, ele apresentava um lado morto e outro desconhecido ou irreconhecível. O psicanalista espanhol definiu o sobrevivente como aquele que perdeu a sua identidade, apesar de o nome próprio ter sido preservado. Em acontecimentos traumáticos, o sobrevivente estava condenado a não mais reconhecer-se porque “o espelho já não funciona”.

O espelho interior do sobrevivente estava esfacelado, contudo ele carregava, na consciência, a função de fazer o luto por aqueles que se foram e não voltaram. Ele precisava lutar para que a memória permanecesse viva, apesar da embriaguez, do delírio e do mundo de sombras que o rodeava. Assim, aquele que voltou a nascer “é um sonâmbulo que carrega os restos mortais daquele que não voltara mais”³⁶⁸. A palavra desalinhada e capenga continuava sendo a única tentativa de cicatrização, de dar voz aos emudecidos, de gritar por liberdade e justiça.

O escritor Jorge Semprun reservou, em seu livro **A escrita ou a vida**, um capítulo dedicado a Primo Levi, que se suicidou em 11 de abril de 1987, em sua casa. Semprun confessou que preferiu o esquecimento por mais de 15 anos, usou a estratégia da amnésia voluntária, tornando-se um Outro para poder permanecer ele mesmo. Primo Levi, ao contrário, sentiu logo a necessidade de relatar, sendo, por isso, admirado pelo amigo espanhol. A língua e a escrita fizeram com que Levi trouxesse ao conhecimento de todos os acontecimentos de Auschwitz e deram a oportunidade para ele dar nome e revanche aos derrotados da História.

No entanto, num sábado, Levi escolhia morrer, jogando-se no vão da escada de sua casa de Turim. Esta foi a primeira notícia que Semprun escutou no dia seguinte, no domingo, e logo se questionou sobre o porquê de ele ter conseguido esquivar-se da morte através da escrita durante tanto tempo e, quarenta anos depois da libertação, ter cedido ao desamparo radical:

³⁶⁸ BRAUNSTEIN, N. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <http://nestorbraunstein.com/escritos/> Acesso em 10 de julho de 2008.

Por que quarenta anos depois, suas recordações deixaram de ser uma riqueza? Por que ele perdeu a paz que a escrita parecia ter lhe devolvido? O que ocorreu na sua memória, que cataclismo, naquele sábado? Por que lhe foi de repente impossível assumir a atrocidade de suas recordações? Uma última vez, sem recurso, sem remédio, a angústia se impusera, pura e simplesmente. Sem esquiva nem esperança possíveis. A angústia cujos sintomas ele descrevia nas últimas linhas de **A trégua**. “*Nulla era vero all’infuori del Lager. Il resto era breve vacanza o inganno dei sensi, sogno...*”³⁶⁹.

Com a morte de Levi, Semprun teve a certeza de que não adiantava fugir dela; a sombra, a escuridão, os fantasmas, a fumaça das chaminés de Auschwitz não estavam somente no passado, mas também compunham o presente. A dor venceu e levou Primo Levi assim como no futuro o levaria também. A morte era uma espécie de punição ou apagamento da culpa de ter sobrevivido.

2.7 Vestígios do eu: Primo Levi e as rugas do tempo

Para terminar o capítulo, escolheu-se a obra **Os afogados e os sobreviventes** que não faz parte do corpus de análise propriamente dito. No entanto, tem um significado especial: foi a última obra escrita por Primo Levi. Ela foi publicada em 1986, pouco antes da morte do escritor em abril de 1987. De acordo com os pensamentos de Jorge Semprun, os relatos ou são escritos na “urgência do testemunho imediato que perde o fôlego e às vezes esgota na reconstrução minuciosa de um passado pouco crível, positivamente inimaginável”³⁷⁰ ou, então, “no recuo do tempo, na tentativa interminável de prestar contas de uma experiência que se distancia no passado, da qual certos contornos ficam, porém cada vez mais nítidos”³⁷¹. É o que ocorre com a obra **Os afogados e os sobreviventes**, que foi escrita bastante tempo após a experiência no campo de concentração de Monowitz, onde Levi trabalhou primeiro construindo trilhos, depois no laboratório químico. A experiência continuava ainda

³⁶⁹ SEMPRUN, J. **A escrita ou a vida**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 p. 244.

³⁷⁰ SEMPRUN, J. **A escrita ou a vida**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 p. 229-30.

³⁷¹ SEMPRUN, J. **A escrita ou a vida**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 p. 230.

entranhada no corpo e na memória, porém agora Levi podia olhá-la e reavaliá-la, vendo o seu reflexo no espelho do tempo.

Primo Levi, já doente e com uma certa idade, reviu, então, a sua vida no hoje e no ontem. Olhou para o passado, rememorou a sua estada no campo de concentração e o posterior trajeto de repatriamento, após a fuga dos alemães do campo, fazendo uma espécie de síntese das passagens mais marcantes de **É isto um homem?** e **A trégua**. Levi revia, além da sua vida, a sua escritura, refletindo sobre as primeiras obras, escritas no calor dos acontecimentos. Por que repetir passagens dessas obras? Porque elas foram e continuam sendo partes da própria vida de Levi, lembradas todos os dias. Elas queimavam assim como a cicatriz. Os músculos ainda sentiam a dor do trabalho pesado, o corpo ainda estava debilitado, a memória cheia de questionamentos e dúvidas. Levi não conseguia entender como o ser humano podia ser tão mau, sendo capaz de matar o Outro, por motivos raciais e por poder. A dor ainda estava latejando; e, para tentar se libertar, ele optou mais uma vez pela escrita.

Nasceu o livro **Os afogados e os sobreviventes** da vontade de Levi deixar mais um testemunho. Ele se defrontou com uma realidade que ultrapassava a imaginação, não sendo totalmente assimilada. Ele precisava repetir constantemente, exaustivamente a cena violenta, em decorrência do trauma. Como escreveu Seligmann-Silva³⁷², Levi abriu essa obra “lembrando a incredulidade do público de modo geral diante das primeiras notícias, já em 1942, sobre os campos de extermínio nazistas”. A sociedade e os dirigentes do governo de Hitler agiam como o cão de Pavlov, que foi condicionado a salivar mesmo sem ter fome. A sociedade assimilou o mal. “O mal banal caracteriza-se pela ausência do pensamento (...). O praticante do mal banal age como mera engrenagem”³⁷³.

Diante disso, era importante o papel da testemunha, que sobreviveu, que tem o dever da memória e o dever de lembrar, de pensar e de resistir. Levi incorporou a fala de Elie Wiesel, que “utilizou a dupla negativa para sua promessa – ‘nunca me

³⁷² SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão. In: _____. (org.). **História, memória, literatura: o testemunho da Era das Catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 51.

³⁷³ AGUIAR, O. A. Violência e banalidade do mal. São Paulo. **CULT: Revista Brasileira de Literatura**, 2008 n. 129 p. 56.

esquecerei’ – ao invés da forma afirmativa: ‘vou me lembrar’”³⁷⁴, Levi nunca se esqueceu de como chegou ao campo, a sua nudez, os gritos dos soldados SS, as pancadas, a fome, a sede, a fadiga e o medo da morte. “(...) vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo, e o espaço para pensar, raciocinar, para ter afeto tinha sido anulado”³⁷⁵.

O tempo congelava, Levi reforçava os fatos dolorosos, havia a necessidade de repetir de forma alucinatória, como foi a viagem para Auschwitz a fim de que o leitor não se esquecesse jamais. O “não esquecer” de Elie Wiesel passava para Levi que repassava para os seus leitores de modo que eles não se esquecessem do que o escritor estava lhes contando. Levi insistiu dizendo para si mesmo e para os seus leitores, que já no trem, a caminho do campo de concentração, as vítimas tinham uma amostra da desumanização e do aniquilamento a que estavam condenadas. Cada vagão continha de cinquenta até cento e vinte pessoas apinhadas, não podendo se mexer direito, muito menos, dormir. Também não havia latrinas, por isso todas eram obrigadas a urinar e a defecar no próprio vagão, à vista de todos os ocupantes do comboio. Levi insistiu que era uma situação bastante constrangedora, sobretudo para as pessoas mais idosas. Quando o vagão parava, as pessoas saltavam e agachavam-se onde podiam: nas plataformas, nos trilhos do trem, sob a mira dos alemães, que se divertiam com a situação e as chamavam de porcos. Através do corpo, ficava legitimado que os judeus eram um não-ser, e o lugar, no espaço, ocupado, por eles, era o vazio.

No espelho do tempo, ele se reviu no campo, a sua chegada, sem destino, o seu confinamento, junto com os outros judeus, a nudez a qualquer hora: nas revistas quase diárias, nas contagens para a seleção, no controle dos piolhos, da sarna e no banho gelado (quando havia água). A nudez era proposital, servindo para humilhá-los ainda mais. “(...) No *Lager* a raspagem era total e semanal, e a nudez pública e coletiva era uma condição recorrente, típica e cheia de significado. Também esta era uma

³⁷⁴ SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão. In: _____. (org.). **História, memória, literatura: o testemunho da Era das Catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 53.

³⁷⁵ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 65.

violência”³⁷⁶. A nudez era para mostrar que o judeu não significava nada, estava nu, sozinho no mundo, sem dinheiro, sem nome, sem casa, sem família. A língua também se tornava nua, assim como a memória, tanto que os primeiros dias, no campo, ficaram impressos como um “caleidoscópio de personagens sem nome nem face, mergulhados num contínuo e ensurdecido barulho de fundo, sobre o qual, no entanto, a palavra humana não aflorava”³⁷⁷. A lembrança do *Lager* era como um filme desfocado, em cinza e negro, sonoro, mas não falado. Mesmo quarenta anos depois, Levi ainda recordava o vazio e a carência de comunicação. A garganta seca, a cicatriz e a fala inaudível persistiam.

O foco do espelho, de repente, mudou, e Levi se via de uniforme listrado. Ele era um novato, não sabia as regras do campo. Relembrou que, no dia-a-dia, qualquer dificuldade poderia se tornar um tormento. Por exemplo, a falta da colher para tomar a sopa era uma situação vexatória, obrigando os novatos a ingeri-la, sorvendo-a como fazem os animais. Tudo, no campo, era maquinalmente pensado de modo a humilhar os judeus, mostrando, a todo o momento, a sua insignificância. Levi não compreendia o porquê de tanta humilhação, repetia para si mesmo, e a própria repetição carregava uma falta, um silêncio.

Além dessas situações, nas quais o ser humano era relegado à condição de animal, ele sentiu necessidade de, mais uma vez, mencionar a zona cinzenta, ou seja, a vida nebulosa no ambiente concentracionário, cheia de facetas, intrigas e perigos. Dentro da prisão, não se podia confiar em ninguém, o vizinho de cama, a qualquer momento, poderia se tornar um delator, pronto para entregar, sem remorso, um amigo ou até um parente. Era uma luta constante pela sobrevivência, uma luta que já não era humana. Os homens animalizavam-se, carcomidos pelo medo e pelos anos de sofrimento. Os prisioneiros, nesse meio extremo, voltavam ao primitivismo, à selvageria e à irracionalidade, sendo capazes de matar um companheiro de cela por um suplemen-

³⁷⁶ LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 98.

³⁷⁷ LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 81.

to de sopa. O amor, a solidariedade, a fidelidade desapareciam. As lembranças dessas cenas eram duras como a própria lei da sobrevivência no escuro do *Lager*.

Esse ambiente escuro, cinza, de intrigas e de negócios sujos marcou a vida de Levi, e ele sentiu necessidade de relembrar. O lugar era propício para trocas, comércio negro, intrigas, uma vez que se misturavam, em Auschwitz, bandidos, presos políticos, de guerra e, em grande número, o povo judeu. Os criminosos comuns e os presos políticos, enfraquecidos por muitos anos de confinamento, sucumbiam-se à função de *kapos*, detentores de certos poderes. Dentre as suas atividades, cumpridas militarmente, estava o espancamento nos novatos, sobretudo no nariz, nas canelas e nos genitais. Geralmente, os *kapos* batiam por prazer, para produzir humilhação e sofrimento, mostrando o lado mais perverso e mau do ser humano – um gosto por aplicar um castigo, esmagando e machucando o Outro.

Levi, de certa forma, repetiu as palavras de Saul Friedländer, um dos maiores estudiosos da Shoah: “não possuímos hoje em dia nenhuma perspectiva mais clara, nenhuma compreensão mais profunda do que imediatamente após a Guerra”³⁷⁸. Nada ainda estava claro sobre o que aconteceu nos campos de extermínio, nem no passado, nem no presente, pois o trabalho do luto estava fadado sempre a recomeçar. O sobrevivente não podia deixar de ser melancólico, diante da tendência ao esquecimento e diante do avanço das idéias negacionistas.

O indizível se tornou a base da língua do sobrevivente. Porém, mesmo diante da disjunção entre significado e significante, Levi tentava enlutar os mortos, sobretudo os “sem nome” e os “sem rosto”, como os muçulmanos. E ainda, no hoje, não conseguia compreender a função destinada a esses judeus tão despersonalizados. Essa lembrança ainda era viva, fazendo com que Levi escrevesse sem parar, para denunciar e para homenagear os que morreram, já que ele não exerceu essa função nem podia descrevê-la nos mínimos detalhes. “Falamos nós em lugar deles, por delegação. (...),

³⁷⁸ SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. São Paulo. CULT: Revista Brasileira de Literatura, 1999 n. 23 p. 43.

por uma espécie de obrigação moral para com os emudecidos (...): com certeza o fazemos por um impulso forte e verdadeiro”³⁷⁹.

Nesse caso, era o testemunho do que viu, mas não sentiu. Ele sabia que era uma tarefa muito difícil, já que os judeus eram obrigados a tirar os corpos dos seus irmãos das câmaras de gás para extrair os dentes, separar as roupas, os sapatos. Também eles cuidavam do funcionamento dos fornos, retirando as cinzas e limpando-os, para que a próxima “carga” pudesse ser enviada. Eles trabalhavam com a própria morte. “Os judeus é que deveriam pôr nos fornos os judeus, devia-se demonstrar que os judeus, sub-raça, sub-homens, se dobram a qualquer humilhação, inclusive a destruição de si mesmos”³⁸⁰. Depois, eram eliminados pelo esquadrão sucessivo, que queimava os cadáveres dos predecessores, para que estes nunca testemunhassem a barbárie sem limite. A experiência era a da solidão ao extremo. “O real se manifesta na negação”³⁸¹.

O narrador reafirmou o que viu e o que viveu, deixando transparecer a sua tristeza, visto que tantos não voltaram para dar o seu testemunho pessoal. Ele viu a morte de vários amigos e “quando o corpo aparece morto é que a totalidade absoluta do silêncio se desnudou”³⁸². “Se o silêncio dos cemitérios, dos campos de batalha, é a dor, a voz incansável da morte é o seu silêncio a gritar a verdade muda da vida nua, da matéria aniquilada”³⁸³. Os amigos estavam aniquilados e sem túmulo. Primo Levi relembrou que ele mesmo quase morreu e iria ter o mesmo destino: uma vala comum ou, simplesmente, virar pó, lançado em direção ao nada. O esquadrão da morte carregava o morto e a morte. Como afirma Márcia Tiburi³⁸⁴: “o silêncio, de certa forma, cimenta as dimensões negadas da História”.

³⁷⁹ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 73.

³⁸⁰ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 44.

³⁸¹ SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. São Paulo. **CULT: Revista Brasileira de Literatura**, 1999 n. 23 p. 43.

³⁸² TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 38.

³⁸³ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 39.

³⁸⁴ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 39.

O último esquadrão foi formado em outubro de 1944, depois os fornos foram demolidos para que não houvesse pistas do massacre. Levi lembrou a fala de um soldado SS aos prisioneiros, narrada por Simon Wiesenthal³⁸⁵:

Seja qual for o fim dessa guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar o testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito... Ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros e propaganda aliada e acreditarão em nós que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager* (campos de concentração).

“O vencedor é dono da verdade, pois pode manipulá-la como lhe convier”³⁸⁶. Além do que: a irrealidade era tanta que o soldado alemão poderia convencer o mundo de que o massacre não havia acontecido. A morte na câmara de gás, por exemplo, era uma situação inimaginável. Assim, para Levi, mesmo que já houvesse transcorrido mais de quarenta anos desde a libertação dos presos do confinamento, o massacre precisava ser repensado, suscitando esclarecimentos. Pois como imaginar a função de muçulmano, como dar voz a esses judeus despersonalizados, que, segundo Levi, foram pouquíssimos os que sobreviveram e, em decorrência da situação insuportável e irrepresentável, não queriam lembrar ou contar? O silêncio, o indizível, o vazio, a sombra e a morte eram o seu corpo e a sua linguagem. “O silêncio que esconde e mostra, une mundos da linguagem e do não-lingüístico, da letra e do espírito, do verbo e da carne”³⁸⁷. O silêncio, portanto, revelou a mudez, como fala da morte e verdade do indizível. “O silêncio é esse lugar da verdade da linguagem que escapa à comunicação”³⁸⁸.

Diante disso, Primo Levi confirmou o total aniquilamento e aviltamento do ser humano. A loucura era total, devido aos excessos de sofrimento, à crueldade e à humilhação. Os que sobreviveram, após a saída do campo, questionavam-se se ti-

³⁸⁵ SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. São Paulo. *CULT: Revista Brasileira de Literatura*, 1999 n. 23 p. 43-4.

³⁸⁶ LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 11.

³⁸⁷ TIBURI, M. *Filosofia cinza: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita*. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 37.

³⁸⁸ TIBURI, M. *Filosofia cinza: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita*. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 37.

nham o direito à liberdade. Levi sentia culpa por sobreviver, sentia culpa por não ter ajudado outros a sobreviver, por ter sido egoístas e, até mesmo, mau. A dor da culpa acabava matando-o aos poucos, minando a sua vontade de viver. Entre os sobreviventes, havia uma síndrome de auto-acusação, um sentimento de ter falhado no aspecto da solidariedade humana, uma culpa por viver, sabendo que muitos estavam debaixo da terra, sem lápide e sem História.

Levi envelhecera muito nos dois anos de ausência, o sofrimento do campo e a luta para voltar ao lar, com dificuldades e mais desilusões, faziam-se notar no corpo magro, no rosto enrugado e na memória enfraquecida. Muitos amigos não o reconheceram quando ele retornou de Auschwitz. Seu corpo trazia a marca da dor, a lembrança da fraqueza, do flagelo dos homens que eram reduzidos a nada, raspados os seus cabelos, destituídos dos seus pertences e do seu eu, sendo apenas um número, tatuado no braço. Levi trazia a tatuagem, que era uma ferida para sempre aberta com o significado da desumanização, da impotência e da violência. Olhar para ela era sempre relembrar a passagem pelos campos, e o autor contou que nunca quis tirá-la, justamente pelo fato de ser a lembrança viva, a chama para que a memória não esquecesse os acontecimentos da Shoah. Assim como o corpo tem a marca, a cicatriz que queima e arde como fogo, a linguagem se tornou cicatriz.

A linguagem se embaralhava em meio à dor; a recordação era traumática, evocá-la doía, era perturbador, tanto que muitos sobreviventes preferiram “deter-se nas tréguas, nos momentos de alívio, nos interlúdios grotescos, estranhos ou relaxados, esquivando-se dos episódios mais dolorosos”³⁸⁹. Levi tentou descer até o fundo, contar para si mesmo e para a humanidade tudo o que viu e sentiu, a sua dor e a dor de tantos outros companheiros. Mas a dúvida, a incerteza e o questionamento estavam sempre na sua mente, tanto que se perguntava se eles mesmos, sobreviventes, seriam capazes de “compreender e de fazer compreender nossa experiência?”³⁹⁰. Primeiro eles tinha que compreender o que havia acontecido para depois transmitir

³⁸⁹ LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 27.

³⁹⁰ LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 31.

aos outros. O vazio já partia deles, a linguagem emudecia, o real era além de palavras, era além do explicável, da comunicação. “Se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. Nele a morte – o indizível por excelência (...) – recebe novamente o cetro e o império sobre a linguagem”³⁹¹.

No espelho do tempo, Levi saiu do passado, do campo e se voltou para o presente. O espelho mudou a direção e refletiu o hoje, o momento da escritura. A ida ao passado foi, sem dúvida, um reforço e uma avaliação: um reforço para que a luta pela paz e pela vida sem guerras continue e uma avaliação do presente. Isso porquê, ao mesmo tempo em que houve essa volta ao passado, ao período em que o autor esteve no campo de concentração, houve um cruzamento com fatos presentes, com a realidade no momento da escritura (década de 80), com o intuito de mostrar que atos violentos e insanos continuam sendo praticados em vários países do globo. Como exemplo, ele comentou a situação dos países árabes e africanos, cuja sede pelo poder vem destruindo milhares de inocentes:

O exemplo hitleriano demonstrou em que medida é devastadora uma guerra travada na era industrial (...); nos últimos vinte anos, a desgraçada aventura vietnamita, o conflito das Falkland, a guerra Irã-Iraque e os fatos do Camboja e do Afeganistão são a confirmação disso³⁹².

Levi via se espalharem grandes ondas de violência, “gerada pela intolerância, pela vontade de poder, por razões econômicas, por fanatismos religiosos ou políticos, por atritos raciais”³⁹³. A indignação de Levi era a de um cidadão que via a acomodação da maioria da população e das autoridades mundiais, que continuavam deixando que atrocidades acontecessem sem lutar: elas simplesmente tapavam os olhos e deixavam que as injustiças se propagassem como células cancerosas. Como comentou Newton Bignotto, ao se basear nas idéias de Hannah Arendt³⁹⁴:

³⁹¹ SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. São Paulo. CULT: Revista Brasileira de Literatura, 1999 n. 23 p. 45.

³⁹² LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 174.

³⁹³ LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004p. 172.

³⁹⁴ BIGNOTTO, N. Arendt e o totalitarismo. CULT: Revista Brasileira de Literatura, 2008 n. 129 p. 51.

Ainda hoje, a figura de cidadãos sem direitos em países ditos democráticos é um alerta quanto aos riscos que corremos ao aceitar dividir o mundo entre os que têm direitos e os que vivem numa terra de ninguém onde todos os excessos são possíveis.

Levi parecia ter um dom premonitório, pois, ao se olhar para o presente, para o século XXI, verifica-se uma “ressurreição” de Hitler, através de governos autoritários e de uma sociedade marcada pela violência cotidiana. Atos terroristas atormentam a vida das pessoas, ataques suicidas, bombas fazem parte da modernidade. Há uma ameaça permanente da catástrofe, como a que aconteceu em 11 de setembro nos Estados Unidos. Sobre isso, há vários ensaios de Eric Gans³⁹⁵, onde ele frisa que a violência ainda está latente na sociedade: 11 de setembro é a demonstração de que o horror pode ser produzido em grande escala e com o mesmo fanatismo da era nazista.

Primo Levi, já deprimido, declarou que não era fácil viver, tendo sobre os ombros o peso de dez anos intermináveis da História. E mais: era doloroso não ser escutado, ser alvo de dúvidas e repulsas, sobretudo pelos jovens. As costas, hoje corcundas, arqueadas, ainda sentiam a indiferença e a incredulidade das pessoas. A cicatriz doía, e ele a olhava, lembrando que foi a partir de 1944 que os prisioneiros judeus receberam a marca no braço esquerdo, imprimindo a condição de escravos e de animais destinados ao matadouro. Muitos queriam ver a tatuagem ou perguntavam o motivo dele não ter tirado. A resposta dada por ele era a de uma testemunha, que tinha a História no corpo e na memória:

Quarenta anos depois, minha tatuagem se tornou parte do meu corpo. Não me vanglorio dele nem me envergonho, não a exibo nem a escondo. Mostro-a de má vontade a quem me pede por pura curiosidade; prontamente e com ira, a quem se declara incrédulo. Muitas vezes os jovens me perguntam por que não a retiro, e isto me espanta: porque deveria? Não somos muitos no mundo a trazer esse testemunho

³⁹⁶

³⁹⁵ GANS, E. **Chronicles of love and resentment**. Disponível em: [www. Anthropoetics.ucla.edu](http://www.Anthropoetics.ucla.edu). Acessada em dezembro de 2006.

³⁹⁶ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 103.

Também nas entrevistas, concedidas aos estudantes, aos jornalistas e aos historiadores, muitos perguntavam o porquê dos judeus não fugirem do campo, de não terem se rebelado ou, então, emigrado do seu país antes de serem capturados. Essas perguntas, para Levi, não tinham respostas, porque as pessoas que não viveram a monstruosidade do evento não sabiam a dimensão da catástrofe e, portanto, não conseguiam compreendê-la totalmente. Como não ser melancólico se o “sujeito melancólico é um sujeito tenso em sua existência evidente e sua morte a cada momento sentida”³⁹⁷? Primo Levi, diante de tantos questionamentos, descobriu-se, no final da vida, um sujeito que pensava, mas que se via estranho, um nada perdido em meio a tantos vazios e lacunas.

A única resposta que podia dar aos jovens e aos entrevistadores era a de que, na década de 30-40, era muito difícil fugir da Europa. Para fazê-lo, era preciso ter muito dinheiro e boas relações com as pessoas do local do destino para que, ao chegar, tivesse onde se hospedar, como se alimentar e sobreviver. Depois de estar no campo, a vítima se tornava um farrapo, um trapo humano, não tendo forças para pensar em fuga, reservando suas míseras energias para tentar sobreviver em meio a tantas adversidades. Com relação à estrutura do campo, além do arame farpado e da cerca elétrica, havia as torres com vigias, as sentinelas, os soldados com metralhadoras e os cães adestrados. Uma fuga também poderia significar um risco à vida das pessoas que ficariam no campo. Assim,

(...) uma fuga representava um empreendimento difícil, sendo inverossímil que o fugitivo não tivesse cúmplices ou que ninguém se desse conta dos preparativos. Seus companheiros de alojamento ou, às vezes, todos os prisioneiros do campo eram obrigados a ficar em pé, no local da chamada, sem limites de tempo, talvez durante dias, sob a neve, a chuva ou sol de verão até que o fugitivo fosse capturado vivo ou morto³⁹⁸.

³⁹⁷ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 42.

³⁹⁸ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 132.

Geralmente, o fugitivo era capturado morto e, junto com ele, por vingança e maldade, outros tantos acabavam perdendo a vida. Além do mais, se alguém tentasse fugir, aonde se refugiaria, visto que o país estava tomado pela Guerra; as cidades, destruídas; as pessoas passando fome, sem abrigo e sem profissão para poder se manter. O exterior era distante, vago, quase um sonho impossível, principalmente para quem tinha menos poderes econômicos.

Nem sempre era fácil responder os porquês, Levi era simplesmente uma testemunha. E os porquês confundiam-se entre si, uma vez que a realidade em Auschwitz foi dura, única, monstruosa, resultando nas numerosas dúvidas e na incredulidade da população em geral. A experiência dos sobreviventes de ser porta-voz da miséria humana era estranha para a maioria das pessoas após a libertação e o término da Segunda Guerra Mundial. Nos anos posteriores, com o distanciamento, pouco foi comentado sobre o Holocausto, ficando legado aos livros de História, muitas vezes tendenciosos ou parciais. Os jovens, atualmente, não param para escutar os velhos. A modernidade corre em um ritmo alucinante: o trabalho, a mídia, o lazer (shoppings, bares, boates) fazem com que as famílias quase não se encontrem nem tenham mais tempo para dialogar e trocar experiências. Por isso, Levi clamou, quase para um deserto: “devemos ser escutados: acima de nossas experiências individuais, fomos coletivamente testemunhas de um evento fundamental e inesperado, fundamental porque inesperado, não previsto por ninguém”³⁹⁹. Ninguém queria escutá-lo, a dor era grande, a cicatriz queimava. Ele estava sozinho num mundo onde o revisionismo crescia; e a violência e o autoritarismo se proliferavam. Auschwitz aconteceu, “logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer”⁴⁰⁰.

Levi achava que faltava diálogo entre os seres humanos e entre os povos. “O diabo não é necessário: não se precisa de guerras e de violências, em nenhum caso, não existem problemas que não possam ser resolvidos em torno de uma mesa, desde que haja boa vontade e recíproca confiança”⁴⁰¹. Os representantes, presidentes,

³⁹⁹ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 172.

⁴⁰⁰ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 172.

⁴⁰¹ LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 p. 173.

líderes deveriam discutir os problemas sociais e políticos, de forma democrática, com participação e interação da população. Mas nada disso acontecia: as pessoas preferiam ficar trancadas no seu mundo, e os governos mantinham os seus ranços autoritários, dominando sozinhos. A modernidade se transformou num jogo político, Auschwitz virou apenas algumas páginas relegadas aos livros. E: a leitura, principalmente em países pouco desenvolvidos ou ditatoriais, continuava sendo pouco incentivada, explorada. Em uma passagem de **Se não agora, quando?**, o narrador representou uma fala de Hitler e Himmler, na qual eles haviam decidido que os poloneses não deveriam estudar, pois ambos acreditavam que: “saber ler e escrever era inútil, ou melhor, nocivo”⁴⁰². Um povo sem conhecimento era mais fácil de ser dominado.

Levi se viu no deserto do esquecimento, perdido, porque sua fala não era compreendida, porque os testemunhos estavam acabando, e os sobreviventes eram poucos. Ele era uma voz dissonante, quase inaudível, que tentou lutar para que não houvesse tantas injustiças e barbáries no mundo. Primo Levi deu a sua contribuição, deixou o seu testemunho nas páginas deste e de outros livros, sendo assim uma forma da sua voz se perpetuar na História e não cair no esquecimento. Porém, Primo Levi não agüentou a dor de ser sobrevivente, a dor da cicatriz sempre a queimar, a dor de não ser ouvido e escolheu se juntar aos mortos, não conseguiu superar os seus próprios fantasmas. O fosso do elevador era escuro tanto quanto a sua vida. As escadas escorregadias, e seus passos incertos não conseguiram alcançar a paz. “A melancolia aparece no terreno negro do sem sentido da existência. A certeza que nutre é a do vazio de tudo”⁴⁰³. “O eu melancólico é o fantasma. Persegue-lhe o dever-ser dizendo-lhe que a ordem do mundo é outra e ele um estrangeiro desse mundo dos vivos. O melancólico é o túmulo flutuante de si mesmo”⁴⁰⁴. Primo Levi apagou a luz, Saturno o levou, pois este é o planeta da escuridão, a solidão venceu.

Assim, conclui-se o capítulo sobre a memória, o testemunho e o trauma, uma vez que Levi testemunhou, sofreu com a lembrança e com a sua antípoda o es-

⁴⁰² LEVI, P. **Se não agora, quando?**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 p. 213.

⁴⁰³ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 42.

⁴⁰⁴ TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004 p. 54.

quecimento. A memória estava embaralhada, o passado e o presente se confundiam na sua mente. Ele estava no presente, mas o passado sempre o atormentava. O trauma de lembrar era doloroso. “A memória – assim como seus atos falhos, torneios de estilo, silêncios etc. – não existe sem a sua resistência”⁴⁰⁵. Levi tentou lutar contra a resistência da memória de guardar a dor no fundo, bem no fundo. Levi quis manter a memória viva e, com isso, manter o passado ativo no presente. Em vez da tradicional representação, ele tentou “*apresentar, expor* o passado, seus fragmentos, cacos, ruínas e cicatrizes”⁴⁰⁶. Levi testemunhou o despertar para a realidade da morte. A memória, o testemunho, e a História estão junto com os mortos. Ou estão adormecidas precisando de um sopro de esperança. Alguns dos cacos são as lembranças dor; outros, da morte; outros da opressão; outros são dos amigos, que também são testemunhas da carnificina do século XX.

⁴⁰⁵ SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. São Paulo. **CULT**: Revista Brasileira de Literatura, 1999 n. 23 p. 45.

⁴⁰⁶ SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. São Paulo. **CULT**: Revista Brasileira de Literatura, 1999 n. 23 p. 47.

3 FIM: A POSSIBILIDADE DE REDENÇÃO E O CONHECIMENTO DE SI MESMO E DO OUTRO

A partir do estudo sobre a memória, o testemunho e a experiência do escritor Primo Levi, objetivou-se fazer uma ligação entre a linguagem e a História vivida no ambiente fatídico e contraditório do confinamento. A memória tornou-se ruína assim como a História da Shoah. Primo Levi sofreu no campo de Monowitz e, na saída, viu que o seu mundo não era mais o mesmo. O seu corpo e a sua mente estavam esfacelados.

A vida de Primo Levi, ou melhor, uma parte dela, foi pintada com tintas escuras: o preto e o cinza impregnaram a tela de sombras, dor, incertezas e morte. Auschwitz foi uma descida ao inferno e à escuridão. Depois de Auschwitz, não havia mais uma vida completa, havia tormentos, pesadelos, marcas que não se apagaram no corpo e na memória. Primo Levi lutou contra a dor, através da escrita, do contato com as outras pessoas, porém não resistiu. O sofrimento não se apagou. De acordo com Freud, o sofrimento ameaça o ser humano a partir de três direções:

De nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez seja mais penoso do que qualquer outro⁴⁰⁷.

Freud continuou dizendo que, com relação à interação entre os seres humanos, era comum o homem tentar evitar o sofrimento, afastando-se do Outro. Numa espécie de autodefesa, ele se isolava, fechando-se para a comunhão com o seu próximo. Se em uma situação de aparente “normalidade”, na era moderna, as pessoas acabavam vivendo sozinhas, imagina-se, então, o grau de enclausuramento interior do

⁴⁰⁷ FREUD, S. **O mal-estar da civilização**. Obras completas. São Paulo: Imago. CD Rom.

ser humano em uma situação extrema, onde ele estava entre a vida e a morte, sem poder confiar em ninguém, nem mesmo em si próprio, porque, no *Lager*, às vezes os instintos falavam mais alto do que a razão.

Em Auschwitz, grau máximo da perversidade, os condenados viviam a lei da selva, da intolerância, em uma luta diária pela sobrevivência. Lá o ser humano voltava ao seu estado bruto, deixando aflorar todo e qualquer tipo de sentimento. Os corações estavam congelados pelos anos de repressão, sofrimento e angústia. No campo, “a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só”⁴⁰⁸. A solidão tornava os homens brutos, insensatos, doentes. A luta contra a solidão era através da união, rara no campo, mas que, quando havia, era sincera, leal, sendo como uma janela aberta a um novo horizonte, florido, iluminado, com esperança no amanhã e na humanidade.

Havia, no campo, vários “eus”, uns contaminados pelos anos de confinamento, outros ainda humanos. Quer-se olhar esses “eus”, que conviveram com Primo Levi e ele os analisou, tentando entendê-los e, ao mesmo tempo, entender o campo, suas regras, sua moral. Volta-se para o eu em uma outra dimensão: o eu que olha o Outro e se auto-avalia. O testemunho agora é o de olhar dentro de si mesmo. O movimento de olhar não é só ambíguo, como também fragmentado, lançado para o exterior e para o interior. A visão é sobre o ponto de vista de um homem que viu a morte, e esta quis furar-lhe os olhos para que ele não olhasse o futuro nem o próximo.

3.1 Vítimas da opressão

A opressão fez muitas vítimas que deixaram o seu lado humano e tornaram-se animais. Os presos lutavam com todas as forças para sobreviver; “era preciso nadar contra a correnteza, travar batalha a cada dia, a cada hora, contra o cansaço, a fome, o frio e a inércia resultantes disso; resistir aos inimigos e não ter pena dos rivais”⁴⁰⁹. A rivalidade tornou os homens cruéis, desumanos, numa luta extenuada de

⁴⁰⁸ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 89.

⁴⁰⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 92.

cada um contra todos. Vale citar alguns homens que tiveram atitudes e comportamentos imprevisíveis ou, ao contrário, “normais” em uma situação extrema:

3.1.1 Schespschel: vivia no campo há quatro anos e viu morrer, ao seu redor, muitos amigos e parentes. Ele tinha “mulher, cinco filhos e um próspero negócio de selas”⁴¹⁰, tudo, no entanto, desabou quando Hitler e o seu comando subiram ao poder e condenaram os judeus à morte; sua família evaporou-se em poucos segundos. No campo, Schespschel tornou-se subumano, roubava o que podia para conseguir um complemento de ração ou a amizade de algum *kapo*, tendo em vista conseguir benefícios extras. A sua vida estava perdida, e ele já não tinha mais sentimentos ou moral:

Quando a oportunidade chegou, não hesitou em deixar açoitar Moischl (que fora seu cúmplice num roubo na cozinha), na vã esperança de adquirir méritos perante o Chefe do Bloco e de candidatar-se à função de lavador de panelas⁴¹¹.

Uma simples oportunidade de subir de cargo fazia com que o preso deixasse de ser amigo, entregando qualquer pessoa aos superiores, pois a luta era pela sobrevivência. As suas atitudes eram instintivas – “um instinto destrutivo, instinto de dominação ou vontade de poder”⁴¹² – que o faziam um refém dos SS sem ele ter consciência do mal que estava fazendo a si mesmo e aos seus irmãos de raça. Seu comportamento era visto, por Freud, como sádico, estando relacionado ao desejo de humilhar, subjugar ou infligir dor. Nele, o estigma darwiniano se delineava com nitidez, porque trazia um impulso pela sobrevivência tão forte que resistiria a tudo: a possível debilitação do organismo e ao trauma moral, provocado pela falência do valor da civilização. Para ele, não havia mais valor (no sentido humano), ética, moral, desde que conseguisse se “safar” com expedientes miúdos e algumas regalias.

⁴¹⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 94.

⁴¹¹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 94.

⁴¹² NAGERA, H. *Conceitos psicanalíticos básicos da Teoria dos Instintos*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix [sd] v. III p. 119.

3.1.2 Elias Lindzin: era um homem pequeno, com o número 12812, tatuado no braço. Ele era quase um anão, mas que se destacava pela sua robustez: “seu corpo serviria de modelo para um Hércules”⁴¹³. Por ter uma força descomunal, trabalhava dobrado e com afinco. O trabalho, para ele, era um prazer, uma satisfação. Ele era indestrutível, um homem de aço, produto do campo. “Resistiu à aniquilação interna porque é demente. Ele é, portanto, um sobrevivente: o mais apto, o espécime humano mais adequado a esta maneira de viver”⁴¹⁴. Para Levi, Elias era, ao mesmo tempo, um louco e um besta, que cumpria as ordens dos carrascos com perfeição. Como os demais, ele roubava, sumia freqüentemente sem ninguém saber para onde e voltava com os bolsos salientes. Também ele recebia visitas misteriosas e vivia na sua luta diária pela vida.

Poderíamos nos perguntar: quem é esse homem? um louco, incompreensível e extra-humano, que veio parar no campo? Ou algo atávico, fora do nosso mundo atual, e mais apto às primordiais condições de vida no Campo? Ou, pelo contrário, um produto do Campo: o que todos nós acabaremos sendo, se não morrermos aqui, se o Campo não acabar antes de nós?⁴¹⁵

O questionamento de Levi, em relação ao colega de prisão, era sobre a aparente felicidade diante do trabalho, a facilidade de adaptação ao lugar, à brutalidade, ao dia-a-dia de morte e de dor. Seria ele humano? Ou já era um animal? Levi acreditava que Elias já era um produto do campo, um ser programado para cumprir as ordens e desobedecer quando permitido. Elias só sabia viver no confinamento, executando as suas tarefas de modo organizado e servilmente, caso saísse provavelmente iria parar em um presídio ou em um hospício. No campo, mantinha-se feliz; e talvez fosse essa a forma mais adequada de sobrevivência: não pensar, não ser homem, não amar, não ter amigos. A lei do campo era a da imoralidade, da loucura e do individualismo. E ele se adaptou a essa vida.

⁴¹³ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 96.

⁴¹⁴ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 98.

⁴¹⁵ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 98.

3.1.3 Henri: tinha somente 22 anos e, desde que viu o seu irmão morrer na fábrica, durante o inverno, fechou-se dentro de um casulo. Ele “fechou-se em si mesmo como dentro de uma couraça e luta pela vida sem se descuidar”⁴¹⁶. A tristeza fez com que ele se tornasse um homem duro, frio, sem sentimentos, “desumanamente astucioso e incompreensível como a Serpente da Gênese”⁴¹⁷. Na Bíblia, nos primeiros capítulos do Gênese, no Velho Testamento, ocorre a criação do mundo. E a serpente destrói a mulher por ser astuta:

A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Javé Deus havia feito (...). A serpente enganou a mulher e esta comeu o fruto proibido. Então Javé Deus disse para a serpente: “Por ter feito isso, você é maldita e entre todos os animais domésticos e entre todas as feras. Você se arrastará sobre o ventre e comerá pó todos os dias de sua vida”⁴¹⁸.

Henri estava sempre pronto para dar o “bote” como a serpente, para conseguir algum benefício e se dar bem, mesmo que, para isso, tivesse que se rastejar ou passar por cima de outras pessoas. Suas feições eram sempre frias, construídas na frente do espelho, para não deixar transparecer nenhum sentimento ou emoção. Ele era aço, gelo, sombra como as construções e os comandantes de Auschwitz. Henri era dissimulado, sabendo tirar vantagens dos presos e dos *kapos*. Ele via o ser humano como um instrumento manipulável em suas mãos, subordinado a sua indústria pessoal. Henri recorreu “a um oportunismo intransigente, tanto mais cínico quanto menos aparente”⁴¹⁹.

Segundo Ian Thomson⁴²⁰, o nome verdadeiro de Henri era Paul Steinberg, e ele se movia habilmente tanto em um círculo de lisonjeadores e protetores como de parasitas. Henri tentava descobrir as falhas dos alemães como, por exemplo, as situações de homossexualidade, para, a partir daí, tirar proveitos próprios. Sua força psíquica era indestrutível, bruta. A sua inteligência e a sua habilidade estavam voltadas

⁴¹⁶ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 100.

⁴¹⁷ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 101.

⁴¹⁸ BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo, 1990. (cap. 3: 1-15).

⁴¹⁹ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005 p. 185.

⁴²⁰ THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. New York: Picador, 2004 p. 182-3.

para se fortalecer e vencer a qualquer custo, tendo, como Schespschel, comportamentos e instintos sádicos.

3.2 No limbo: o grego e César

Essas duas personagens fizeram parte da vida de Levi durante a viagem de regresso ao tão sonhado lar. Os dois homens tinham comportamentos duvidosos: eram sagazes, mercadores, antagônicos, porém se tornaram amigos do químico e o protegiam, demonstrando lealdade e companheirismo. Eram não só seres ambivalentes, estando na fronteira entre o bem e o mal, entre o amor e o ódio, como também apresentavam impulsos ora carinhosos, ora hostis, dependendo do momento e da pessoa, que atravessava o caminho deles. Apesar desses comportamentos extremos, eles sempre foram amigos de Primo Levi e o ajudaram no percurso da vida e no regresso à Itália.

O grego, Mordo Nahum, era um vendedor:

um pouco trapaceiro, esperto na vigarice, desprovido de escrúpulos, egoísta e frio; mas mesmo assim sentia florescer nele, favorecido pela simpatia do auditório, um calor novo, uma humanidade insuspeitada, singular mas genuína, rica de promessas ⁴²¹.

O grego ajudou Levi, ensinou-lhe táticas de comerciante, porém era inclinado ao contrabando, ao furto e à trapaça. Era um aventureiro, um homem sem destino, um homem de Auschwitz e, por isso, aprendera a ser “frio, solitário e racional” ⁴²². A sua vida sempre fôra uma guerra, por isso tinha que ser de ferro, tanto que dizia: “‘guerra é sempre’, o homem é lobo do homem: velha história” ⁴²³. O homem embrutecia com a experiência do campo de concentração. Mordo Nahum vivera dois anos em Auschwitz e tinha a marca da resistência e da frieza na pele, nos sentimentos, na vida que levava, não comentando a sua dor, nem mesmo com o amigo Primo Levi.

⁴²¹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 66.

⁴²² LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 77.

⁴²³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 77.

Os dois eram muito unidos; e juntos procuraram, durante semanas, comida e abrigo. A Polônia estava destruída, um país de velhos e de viúvas, e os poloneses estavam arredios e hostis. Diante de tantos problemas, eles não tinham tempo para sentir pena dos judeus nem para ajudá-los, dando um prato de comida ou um trabalho qualquer. Entre Levi e Mordo Nahum, havia um sentimento de amizade, de gratidão e de respeito, que permaneceu, mesmo com o passar dos anos e com a possibilidade do esquecimento. Na despedida, o grego deu de presente para Levi um par de calças do tipo usado em Auschwitz e depois desaparecera, em busca de mercados e chances de ter uma vida melhor. Levi gostava dele e observava o seu temperamento: sem saber, estava germinando o escritor que observava o homem “que age não segundo a razão, mas segundo os próprios impulsos profundos”⁴²⁴. Levi olhava o homem como se fosse um naturalista a estudar as atividades de um animal a partir de todos os seus instintos.

Thomson⁴²⁵, em sua obra, comentou que o nome de Mordo era Leon Levi. O escritor Primo Levi trocara os nomes das personagens para não comprometê-las. Mesmo sendo o nome uma ficção, a História relatada foi vivenciada, com as suas amarguras, dúvidas, dores e incertezas em relação ao futuro.

A outra personagem relevante, na vida de Levi, foi César. Com ele, Levi dividiu o beliche em Auschwitz, sofreram juntos com o frio e com a fome. Quando chegara de Birkenau, César estava muito debilitado; e Levi trouxera-lhe água e juntara restos da sopa para ver se ele se reanimava. Levi o reencontrou em Bogucice: “as suas capacidades de melhora deviam ser extraordinárias, pois o encontrei no campo de Bogucice dois meses depois, não somente curado, mas pouco menos do que vivaz e saltitante como um grilo”⁴²⁶. César fôra humilhado pelos russos, considerado saudável e pronto para o trabalho, “recebendo um tapa e um chupe nas canelas”⁴²⁷, além de ter de trabalhar exaustivamente, com sol e chuva, sob a mira dos russos com me-

⁴²⁴ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 92.

⁴²⁵ THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. New York: Picador, 2004.

⁴²⁶ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 114.

⁴²⁷ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p.116.

trahadoras apontadas. César sofrera no corpo a violência tanto dos alemães como dos russos. Tanta dor o deixara revoltado e fechado, mas não o fizera desistir da luta.

Depois desse episódio, César, usando a sua esperteza, fingiu estar doente, com febre e dores pelo corpo. Foi uma artimanha usada para não trabalhar e poder sair do campo e realizar a sua tarefa predileta: o comércio. Ele dominava todos no mercado público, devido ao seu fascínio, e usou esse dom para tirar vantagens pessoais. Ele era um charlatão nato, um trapaceiro, que extorquia dinheiro dos colonos e dos alemães que perambulavam pelas ruas. No entanto, ajudava quem precisava, tinha um coração humilde e generoso, um exemplo disso foi quando vendia peixes na feira e uma mulher magra e pálida se aproximou dele. O olhar dela revelava a miséria, e ele foi até a casa dela, um casebre sem nada, imundo. E ainda viu que havia três meninos de olhinhos arregalados e famintos. Dera-lhe o peixe, visto que “a mulher dera a entender que desejava o peixe, mas que não tinha nada para lhe dar em troca, e que ela e os meninos não comiam fazia dois dias”⁴²⁸. Humano era o atributo que qualificava essa atitude de abertura e disponibilidade em relação ao Outro.

César seguia seus instintos, era filho do vento, “filho do sol, amigo de todo mundo, e não conhecia o ódio nem o desprezo, era variável como o céu”⁴²⁹, era, assim, filho da natureza. Também guardava dentro de si a concepção de que, na sociedade, havia trocas, um contrato social, que, de certa forma, contrapunha-se à inumanidade e a toda forma de negação ou coerção violenta. Apesar de algumas falcatruas e idéias engenhosas, visando ganhar dinheiro para poder comer e beber, César sempre se manteve amigo de Levi até, enfim, cada um seguir o seu caminho e os seus sonhos. César sumira (nascera para o mundo e fôra em direção a ele), “declarou estar cheio de Curtici, dos russos, do trem e de nós”⁴³⁰. Deixara um vazio doloroso, e Levi se sentia culpado por tê-lo deixado partir. “Na sua ausência ninguém sabia o que dizer, nin-

⁴²⁸ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 242-3

⁴²⁹ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 128.

⁴³⁰ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 338.

guém mais conseguia vencer o tédio da viagem interminável, o cansaço de dezenove dias de comboio, que agora pesavam nas costas”⁴³¹.

3.3 Força e amizade: os lutadores do bem

O “normal” no campo, como se pôde observar, era o aviltamento, sendo que a vítima sucumbia à opressão e à demolição. A lei da sobrevivência era esquecer a moral, a ética e os sentimentos. Existia, em contrapartida, no fundo da escuridão, uma réstia de luz, que se transformava tanto em um processo de descoberta do próximo, quanto de revisão de si mesmo. Essa descida ao fundo possibilitou Levi observar o homem no seu limite, num lugar onde a divisão entre o bem e o mal se esfumava. Havia duas parcelas: uma em que se sobressaíam pessoas duras, de coração mau e outra de pessoas íntegras, honestas, que eram capazes de ajudar os amigos, sem pedir nada em troca, sem interesse; pessoas que não perderam a capacidade de doar-se ou de amar.

3.3.1 Jean Samuel: chamado de Pikolo, era um jovem que não passava dos 17 anos. Thomson⁴³², na sua obra, contou que o menino tinha a incumbência de satisfazer as necessidades sexuais dos *kapos*. Como moço de recados e escriturário, cabiam, para ele, várias funções, como limpar o barracão, entregar as ferramentas, lavar as gamelas e manter a contabilidade das horas de trabalho dos prisioneiros em dia. Jean era um sobrevivente, que, pouco a pouco, ganhou certa confiança do comandante do campo. Também tinha relações de amizade e confiança com o *kapo*, Alex. Samuel era não só um bom articulador, como também sabia ser maleável, sendo ora extrovertido, ora quieto, de acordo com o momento e com os acontecimentos, características que o tornavam um interno popular.

Ele e Levi tornaram-se grandes amigos. Ambos estudavam juntos, o que possibilitou a não descida total de Levi ao inferno e à loucura. Eles estudaram o itali-

⁴³¹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 339.

⁴³² THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. New York: Picador, 2004 p. 180.

ano, através da obra de Dante Alighieri, **Divina Comédia**, fazendo uma interpretação do canto XXVI do *Inferno*. Como complementou Andrea Lombardi⁴³³, “o inferno do campo de concentração se apresenta mais monstruoso e *unheimlich* (‘sinistro’, não familiar) do que a própria fonte literária”. Levi tentou traduzir, sentiu angústia, já que não conseguia juntar os fragmentos de sua memória. Contudo, esse trabalho de repensar, de forçar a memória fez com que Levi conseguisse manter a sua lucidez. “No inferno de Auschwitz, as palavras de Ulisses lançavam uma humanidade e uma dignidade sublime”⁴³⁴. Talvez de forma inconsciente, o garoto fez com que Levi não sucumbisse, não esquecesse a sua língua materna e, junto com ela, a sua identidade, o seu passado e a esperança de um futuro longe dos campos.

*“Considerate la vostra semenza:
Fatti non foste a viver come bruti,
ma per seguir virtude e conoscenza”.*⁴³⁵

Era como a voz de Deus que o libertava. “Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me ajudando”⁴³⁶. Esses versos se referem a “todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós”⁴³⁷. Samuel, Dalla Volta e Levi formavam um trio, uma espécie de “tríplice aliança” contra a desumanização e a decadência. Para isso, estudavam, liam, praticavam suas línguas de origem, ajudando a salvar a moral e a identidade. O estudo, o diálogo, a leitura e a tentativa de recuperação do lado “humano”, em detrimento à assimilação de que eram “coisas”, como o sistema hegemônico queria, tornavam Levi e Pikolo mais fortes, mais unidos, com mais resistência psicológica ao *Lager* e menos vulneráveis ao naufrágio espiritual. Levi e Jean Samuel não se tornaram brutos, inumanos, justamente por perseguir a virtude e o conhecimento.

⁴³³ LOMBARDI, A. A ética da memória. *CULT: Revista Brasileira de Literatura*, 1999 n. 23 p. 56.

⁴³⁴ THOMSON, I. *Primo Levi: a life*. New York: Picador, 2004p. 231.

⁴³⁵ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 116.

⁴³⁶ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 116.

⁴³⁷ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 116.

“Enquanto os outros prisioneiros conversavam amenamente ou reparavam as suas roupas, Samuel preferia discursar sobre matemática”⁴³⁸. Samuel usou o seu intelecto e a ciência como armas contra a demolição. O nazismo marcaria o seu corpo, com a cicatriz, com a exaustão, mas não a sua mente. Para ele, a mente estando livre da desumanização e da reificação, nunca perderia a consciência, a verdade, a razão e a esperança de libertação e de vida. O conhecimento salvou Levi da degeneração e do delírio, como concluiu Barenghi⁴³⁹: “o conhecimento é a única âncora de salvação, ainda que seja impossível – e justamente porque é impossível”. Os dois tentaram alcançar êxitos intelectuais, esconjurando o risco de que a memória da experiência extrema produzisse um efeito devastador na consciência.

Levi e Jean Samuel continuaram amigos tanto que este e sua esposa Claude freqüentavam a casa de Levi e de Lucia. Samuel notou, com o passar dos tempos, a mudança no comportamento de Levi, agora retraído, tenso, “como um homem com uma grande sobrecarga de infelicidade”⁴⁴⁰. Os problemas se acumulavam na cabeça do escritor: a doença da mãe, da sogra, a dor de não ser ouvido e, sobretudo, a atroz preocupação sobre o avanço das correntes revisionistas. Agora, o conhecimento e o diálogo sobre cultura, artes e ciências não conseguiram salvar Levi; Jean Samuel se sentia impotente por não conseguir ajudar o amigo, que não queria mais ser um sobrevivente no mundo moderno.

3.3.2 Lorenzo: era um homem simples, bom, gostava de fazer ações boas, sem esperar nada em troca. Tinha um coração grande, deixava de comer para ajudar os mais necessitados. Como os prisioneiros eram escravizados, bichos na canga, sem honra, sem nome, espancados e ignorados, a revolta, a falta de fé e de esperança eram presenças vivas, ardentes no coração. Apesar de toda essa perversidade, Lorenzo, mesmo esfarrapado, esfomeado, não perdia a humanidade. Primo Levi devia a Lorenzo a vi-

⁴³⁸ THOMSON, I. *Primo Levi: a life*. New York: Picador, 2004 p. 180.

⁴³⁹ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. *Novos Estudos*. Novembro de 2005 p. 181.

⁴⁴⁰ THOMSON, I. *Primo Levi: a life*. New York: Picador, 2004 p. 482.

da, a continuação dela fora do campo. Para Levi, segundo Mario Barenghi⁴⁴¹, Lorenzo era um homem de coragem, enfrentando com determinação e persistência o sofrimento e a possibilidade de sucumbir a cada segundo. Enfim, “Lorenzo era um homem; sua humanidade era pura, incontaminada, ele estava fora desse mundo de negação. Graças a Lorenzo, não esqueci que eu também era um homem”⁴⁴². Em Auschwitz, o que os mantinha vivos era o fato de não se esquecer de que eles eram homens.

Lorenzo ajudava Levi com suplementos de sopa, que conseguia nos “subterrâneos” do campo. Thomson⁴⁴³ ressaltou que foi essa ração extra de sopa, com cerca de 500 calorias, que permitiu Levi sobreviver. No entanto, não foi só isso que o cativou, foi, sim, o fato de ele sempre lembrar que existiam fagulhas de um mundo lá fora, de um mundo justo e que existia “algo, alguém ainda puro e íntegro, não corrompido nem selvagem, alheio ao ódio e ao medo”⁴⁴⁴. Através da ajuda de Lorenzo, Levi conseguiu enviar uma carta a sua mãe, usando remetente e destinatário falsos e obteve resposta, deixando o seu coração mais aliviado. Lorenzo, assim como Pikolo, não deixou que a desumanização tomasse conta do seu ser, permanecendo um homem digno e íntegro.

3.3.3 Alberto: companheiro inseparável de Levi no laboratório de química. Alberto era estudante do terceiro ano e, junto com Levi, que já era formado *summa cum laude*, passara no exame de química e iria trabalhar na fábrica, sob o comando do *Doktor Ingenieur Pannwitz*. Ambos gostavam de analisar o doutor: “eu me perguntava qual seria sua íntima substância de homem”⁴⁴⁵. O olhar frio assustava-os, pois era um olhar trocado entre pessoas de mundos diferentes. Alberto e Levi mantinham uma amizade sincera, além de ter um pacto: “cada bocado arranjado é dividido em duas partes rigorosamente iguais”⁴⁴⁶. Em *Cério*, componente de **A tabela periódica**, Levi contou sobre o trabalho no laboratório. Os dois conseguiram sobreviver, graças ao roubo do

⁴⁴¹ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. *Novos Estudos*. Novembro de 2005.

⁴⁴² LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 124.

⁴⁴³ THOMSON, I. *Primo Levi: a life*. New York: Picador, 2004 p. 184.

⁴⁴⁴ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 124.

⁴⁴⁵ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 107.

⁴⁴⁶ LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 141.

cério, que tinha alto valor comercial no campo. Assim, eles faziam isqueiros clandestinos e, como pagamento, recebiam suplementos de sopa e de pão. O cério lhes possibilitara permanecer no campo, lutando pela vida.

Alberto foi uma personagem inesquecível na vida do escritor/narrador. Eles compartilharam a cama e cada grama de comida extra que conseguiam. Levi e Alberto trocavam confidências, lembranças de casa, resistiam junto ao vento, ao frio, à neve; tropeçavam, caíam, mas tinham um ao outro para desabafar nos momentos em que a saudade e a dor apertavam mais fundo o coração. “Na maior parte do tempo, o imperturbável otimismo de Alberto vencida a desolação e a incerteza e mostrava o verdadeiro significado de uma amizade”⁴⁴⁷. Levi estava com escarlatina, quando o campo foi evacuado, e Alberto gozava de uma boa saúde, sendo obrigado a ir junto com o comboio dos alemães. “Despedimo-nos; não havia necessidade de muitas palavras porque cada um já sabia tudo do outro”⁴⁴⁸. Alberto estava confiante. Todos os saudáveis, apesar do esgotamento, “partiram na noite do dia 18 de janeiro de 1945 (...). Quase todos desapareceram durante a marcha de evacuação, Alberto entre eles”⁴⁴⁹. Na memória de Levi, estava Alberto, com sede de liberdade, o sangue correndo livre demais nas suas veias, “seu instinto leva-o para longe, rumo a outras soluções, ao imprevisto, ao extemporâneo, ao novo”⁴⁵⁰. Alberto ficara na lembrança de Levi, eternamente. “Talvez algum dia alguém escreva a sua história”⁴⁵¹.

3.3.4 Frau Vitta: enfermeira que Levi conheceu, depois da chegada dos russos ao campo. Era amável com todos os seres humanos, olhava com carinho os esfarrapados e despedaçados meio-homens que restavam em Auschwitz, tanto que todos a chamavam de frau Vida. Ela já sofrera muito, pois “fôra destinada ao transporte dos cadáveres, dos pedaços de cadáveres, dos miseráveis despojos anônimos”⁴⁵². Essas imagens não saíam da sua mente traumatizada, porém continuava os seus passos, ajudando os

⁴⁴⁷ THOMSON, I. *Primo Levi: a life*. New York: Picador, 2004 p. 191.

⁴⁴⁸ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 157.

⁴⁴⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 157.

⁴⁵⁰ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 141.

⁴⁵¹ LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 157.

⁴⁵² LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 41.

outros, com olhar simples e fraterno. Era o seu jeito de ser: “ela era a única pessoa que se ocupava dos doentes e dos meninos; fazia-o com piedade frenética”⁴⁵³. Frau Vitta não conseguia ficar parada, cuidava dos doentes, ajudava na cozinha, limpava as janelas, lavava o chão. Se ficasse parada, seus olhos se enchiam de lágrimas: lembranças tristes de morte e de dor. À noite, quando não conseguia resistir à solidão, “dançava sozinha, de uma cama para outra, ao som de suas próprias canções, apertando afetuosamente ao peito um homem imaginário”⁴⁵⁴. Segundo as informações de Thomson⁴⁵⁵, o nome de Frau Vitta era Laura Austerlitz e havia sido transportada para Auschwitz em março de 1944. Através de Laura, Levi tomou conhecimento do nome verdadeiro do pobre menino Hurbinek, Heinrich Iwan. O nome verdadeiro ou fictício não importava para Levi, porque todos, independente de sexo, idade e condição social, tinham a tatuagem no braço esquerdo, as roupas esfarrapadas, a face desfigurada e os olhos tristes, por causa da intensidade da dor. As mudanças de nomes das personagens nas obras de Levi tinham a finalidade de não comprometer as pessoas, contudo acabavam ressaltando que o nome, na situação em que elas viveram, na década de 40, pouco importava; todos os sobreviventes eram números, peças da engrenagem, bichos domesticados.

3.3.5 Leonardo: fôra médico em Buna, e agora Levi o reencontrara no campo de Bogucice. Ele havia sido submetido a duros trabalhos braçais, passara por três seleções e sobrevivera. “Suportava com dificuldade a fadiga e o gelo, e fôra internado diversas vezes na enfermaria, por edemas nos pés, feridas infectadas e debilitação geral”⁴⁵⁶. Era um homem de sorte, mas, além disso, apresentava “uma ilimitada capacidade de resignação, uma coragem silenciosa (...), uma paciência viril”⁴⁵⁷. Era um homem de caráter, persistência e organizava todas as atividades no campo russo, tentando ajudar todos os doentes, mesmo diante do caos. O trabalho era duro, porque havia muitos

⁴⁵³ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 41.

⁴⁵⁴ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 41.

⁴⁵⁵ THOMSON, I. **Primo Levi: a life**. New York: Picador, 2004 p. 206.

⁴⁵⁶ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 95.

⁴⁵⁷ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 95-6.

doentes; e ele ainda tinha que controlar as epidemias de sarna e de piolho. Parafraseando Caetano Veloso na música *Haiti*: “*Haiti é aqui, Haiti não é aqui*”, Auschwitz é aqui, é no campo russo, é no hoje, poderá ser no futuro.

Assim como Levi, Leonardo tinha uma vontade de comer descontrolada, devido ao fato de ter passado muita fome no campo de concentração. A comida se tornava uma obsessão, uma compulsão. As conseqüências dos maus-tratos, da condição de escravo e da fome crônica no campo de Monowitz acompanhariam sempre as suas vidas. As seqüelas da dor eram incuráveis.

“Ao longo das semanas, Levi desenvolveu uma extraordinária amizade com Leonardo”⁴⁵⁸. Foi o médico que ajudou a salvar Levi quando este, mais uma vez, teve problemas de saúde. O químico, no início, não conseguia respirar livremente, depois teve febre todas as noites e dores intermináveis pelo corpo em decorrência de uma pleurite seca. Leonardo “fez, então, muito mais do que normalmente esperamos de um médico, transformou-se num comerciante clandestino e num contrabandista de remédios”⁴⁵⁹, percorrendo dezenas de quilômetros de um endereço a outra à procura de sulfamidas e cálcio endovenoso. Encontrou o Dr. Gottlieb, “que possuía um consultório não muito legal, mas bem aparelhado”⁴⁶⁰. O Dr. Gottlieb era envolto de mistérios e também já estivera em Auschwitz: “era um médico dermatologista, um judeu poliglota e excêntrico, chamado Adolf Einhorn”⁴⁶¹. Os dois médicos trouxeram de volta a saúde de Levi, depois de muitas tentativas de tratamento. Ainda durante a convalescença, Levi fez os seus 26 anos, o seu segundo aniversário longe da sua casa e da sua família. Leonardo seguiu viagem com Levi, sofreu, cansou, mas sempre teve confiança e a transmitia aos Outros, que estavam desanimados. Todos estavam cansados, com os pés inchados e chagados. Só viam pela frente ruínas, mas Leonardo acreditava em um final feliz. Leonardo era um amigo para se guardar no coração,

⁴⁵⁸ THOMSON, I. **Primo Levi**: a life. New York: Picador, 2004 p. 207.

⁴⁵⁹ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 156.

⁴⁶⁰ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 156.

⁴⁶¹ THOMSON, I. **Primo Levi**: a life. New York: Picador, 2004 p. 215.

como Alberto, Lorenzo e Pikolo. Enfim, como fala a canção dos brasileiros Milton Nascimento e Fernando Brandt:

*Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração,
(...)
Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito,
mesmo que o tempo e a distância, digam não,
mesmo esquecendo a canção.
O que importa é ouvir a voz que vem do coração.
Pois, seja o que vier,
venha o que vier
Qualquer dia amigo, eu volto a te encontrar
Qualquer dia amigo, a gente vai se encontrar.*

3.4 O eu: nós que não desatam

A história de Primo Levi no campo, sob o comando dos alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, e após a libertação, sob o comando russo, foi pontilhada de angústias, tensões, momentos nostálgicos e de sofrimento. Tanto em Monowitz como em Bogucice, Levi ficou doente, porém tivera o apoio e a solidariedade de amigos, mostrando que, mesmo no abismo, não se podia perder a esperança.

Levi sempre viveu no centro de um vulcão em erupção, inicialmente por ser judeu, tanto que projetou, em sua mente, a rejeição, a inferioridade, a submissão. A criança e o adolescente introspectivo, reprimido e, de certo modo, infeliz sempre esteve em contato com fatos tristes, com dores que eram praticamente impossíveis de ser assimiladas ou guardadas de modo integral na memória: a perda do pai, a ascensão do nazismo, a fuga sem sucesso, a prisão, a ida para o campo de Auschwitz, o sofrimento contínuo por um ano, as viagens intermináveis pelo solo polonês e russo, sem destino, sem amanhã. O menino tímido guardou imagens da infância: da avó, dos amigos, do contato com o laboratório de química clandestino. Posteriormente, já adulto, o laboratório químico e humano que Levi observou foi em Auschwitz: viu uma

galeria humana desfilar sobre os seus olhos, atravessando ruas e becos escuros (que revelavam as dúvidas e as incertezas das personagens, que se encontravam na encruzilhada entre o bem e o mal, entre o certo e o errado), com entradas subterrâneas (que revelavam a alma do ser humano) e curvas perigosas (pessoas que faziam qualquer coisa para se manter vivo no campo, não se preocupando em matar ou humilhar o Outro).

No campo, não havia uma demarcação precisa entre o humano e o inumano. Porém, Levi tinha certeza de que, para sobreviver, precisava manter, pelo menos, alguns traços de humanidade. E, mantendo os traços de humanidade, poderia fazer uma espécie de raio X das pessoas com quem convivia. Como existiam figuras de todas as classes, algumas despertaram repulsas, pelas atitudes e pelos comportamentos; outras se revelaram pela generosidade e nobreza de sentimentos. No transcorrer da experiência no campo de concentração, Primo Levi se viu como homem no seu limite e avaliou as pessoas que fizeram parte da sua descida à morte, sendo estas repudiadas, elogiadas ou acarinhadas no momento da rememoração. O convívio com tanta adversidade possibilitou um aprendizado sobre a vida, que talvez Primo Levi nunca imaginasse ter.

A escrita só foi possível porque ele encontrou no campo, cercado de arame farpado e guardas com metralhadoras, rostos anônimos, que lhe ensinaram a crer (ou descreer totalmente) no homem. Sabe-se que o escritor tinha dificuldade de se relacionar com as pessoas, desde a infância, e o confinamento serviu, então, como uma espécie de laboratório (tão comum na sua profissão), na qual ele pôde pesquisar ou olhar no seu microscópio interior o ser humano. Numa situação extrema, a cada momento, era solicitado um desvendamento completo, pondo, às claras, as qualidades e as lacunas de outro modo refreadas, revelando a essência do ser humano. As réstias de luz tornavam-se esperança; e, no ambiente onde o homem se reduzia a um bicho, fermentavam traços de humanidade.

Ferdinando Camon⁴⁶², na entrevista concedida por Levi, perguntou-lhe sobre a experiência no campo, se havia a possibilidade de considerar o aprendizado e as amizades feitas ao longo do cárcere como um lado positivo, mesmo que às avessas. O lado negativo era notório, que trouxe a dor e o trauma. Sua dúvida residia na questão do trauma, da convivência com ele e se havia chances dele ter sido amenizado pelas amizades humanas ou, posteriormente, ter regredido, após o contato familiar. A resposta de Levi foi contundente, pontuada por uma ironia leve:

Auschwitz não foi somente negativo para mim, ensinou-me muito. Acima de tudo, antes de Auschwitz, eu era um homem sem mulheres, depois encontrei aquela que se tornou minha esposa. Eu tinha muita necessidade de ser ouvido, e ela me ouvia mais do que os outros. Por isso, no bem e no mal, estou ligado a ela pela vida. Antes eu era um complexado, não sei porque: talvez porque era judeu. Era menosprezado, enquanto judeu, por meus companheiros de escola: não apanhava, não era insultado, mas desprezado. Depois do retorno de Auschwitz, eu tinha uma necessidade enorme de falar, encontrava aqui os meus velhos amigos e os enchia de histórias; lembro-me que eles diziam: “Que estranho! você continuou o mesmo de antes”. Acredito ter sofrido um amadurecimento, tendo tido a sorte de sobreviver. Porque não se trata de força, mas de sorte: não se pode vencer com as próprias forças um campo de concentração.

Este foi o aprendizado do cárcere: em meio às trevas, à decomposição e ao sufocamento da vida, brotava uma flor; e, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, ela era feia, sem cor e suas pétalas, a princípio, não queriam abrir-se. Entretanto, ela iludiu os SS, os *kapos*, os russos e rompeu o asfalto. “É feia. Mas furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”⁴⁶³. A flor, que germinou em meio à barbárie, rompeu os arames farpados, a dor, expandiu-se no tempo e não deixou que a memória coletiva se apagasse. As pétalas abriram-se e iluminaram novas perspectivas e, mesmo a-

⁴⁶² CAMON, F. *Conversazione con Primo Levi*. Trad. Maria Franca Zucarello. Parma: Ugo Guanda Editore, 1997. http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf57.html Acesso em 28 de setembro de 2008.

⁴⁶³ ANDRADE, C. D de. *A rosa do povo*. São Paulo: Jose Olympio, 1988 p. 114.

mareladas ou corroídas pelo “bicho-tempo”, guardavam a lembrança e a possibilidade de se reavaliar a História.

Primo Levi venceu o tempo, sobreviveu, mas o seu questionamento interior, como apontou Thomson ⁴⁶⁴ sempre o rodeou como uma sombra escura, nebulosa: por que eu e não outro? Levi sobreviveu, enquanto tantos outros morreram; a vida, para Levi, tornou-se uma vergonha, um peso e uma dor. Os nós do tapete chamado vida não puderem ser desfeitos, visto que a carga era muito pesada: ser sobrevivente era viver sentindo-se morto. As amizades foram importantes, assim como a volta ao lar, a tentativa de retomada da vida, da felicidade, sobretudo após o nascimento dos filhos. Levi amadureceu e tentou seguir o curso que a vida lhe indicava, deixando a correnteza do rio levar, sem saber aonde ela poderia chegar.

E, nesse curso da vida de Levi, pode-se incluir, nos questionamentos, fragmentos de uma canção da banda *Cidade Negra* e o filme *A Vida é bela*, de Roberto Benigni. A música *Girassol* é bastante instigante e remete à esperança:

(...)

*verdade prova que o tempo é o senhor
dos dois destinos, dos dois destinos
já que pra ser homem tem que ter
a grandeza de um menino, de um menino
no coração de quem faz a guerra
nascerá uma flor amarela
como um girassol
como um girassol
como um girassol amarelo, amarelo*

A humanidade seria recuperada, no momento em que brotasse o amor e a paz no coração de quem fez ou faz a guerra. O menino simbolizava a pureza, a inocência; e o girassol amarelo, a esperança. Com isso, o mundo seria mais feliz e hu-

⁴⁶⁴ THOMSON, I. *Primo Levi: a life*. New York: Picador, 2004 p. 223.

mano. Mas, no coração de Levi, não brotava um girassol, a flor feia, negra que rompia, no asfalto cinzento, atormentava-o.

Maria Franca Zuccarello⁴⁶⁵ recuperou, no seu ensaio: *A literatura de Levi e o cinema de Benigni*: vida e morte nos campos de concentração nazistas, trechos de entrevistas de Benigni, no qual ele apontava que o caminho era a esperança, simbolizada pela criança/menino do seu filme: “(...) porque a vida é bela, e também no horror há o germe da esperança, há algo que resiste a tudo, a qualquer destruição”.

O duplo – vida e morte – não pode ser visto como um jogo, igual ao que a personagem Guido estabeleceu com o seu filho Giosué. Ele usou a sua imaginação, para que o menino, apaixonado por tanques de guerra, acreditasse estar participando de uma grande brincadeira, com o intuito de protegê-lo do terror e da violência que dominava o país. O ato do pai em si foi bonito. Entretanto, a Shoah não pode ser transformada em comédia ou brincadeira pueril. A Shoah foi negra, deve ser lembrada para que, no futuro, o girassol possa florescer, se a humanidade se voltar para o bem.

Primo Levi lutou, tentou vencer o trauma e apontar caminhos em direção ao girassol amarelo, à esperança: suas obras são os girassóis amarelos, são a esperança. No entanto, ele, como ser humano, não conseguiu suportar a dor e a culpa de ter saído vivo do *Lager*, enquanto “os bons” morreram. Sobreviveram quase sempre os piores, os colaboradores da “zona cinzenta”, os espíões, e Levi, mesmo não tendo ligação com esse grupo e praticado apenas pequenos furtos para sobreviver, não se achava digno do dom da vida. Por isso, vivia em uma busca eterna por respostas e justificativas perante os seus olhos e o dos Outros. Levi, como sobrevivente, sentiu vergonha de suas atitudes e da sua transformação. No campo, a transformação era viver a sua vida e tolerar a morte alheia. Levi preferiu a morte, e como disse Sartre⁴⁶⁶, a

⁴⁶⁵ ZUCCARELLO, M. F. *A Literatura de Levi e o cinema de Benigni*: vida e morte nos campos de concentração nazistas. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/ciencialit/encontro.htm> acesso em 29 de agosto de 2008.

⁴⁶⁶ SARTRE, J-P. *Ser e o Nada*: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

morte era a nadificação do ser, a aniquilação das possibilidades e a vitória definitiva dos Outros sobre o eu interior e exterior.

O italiano Mario Barenghi⁴⁶⁷, em seu ensaio *A memória da ofensa*, concluiu que era impossível ser a mesma pessoa aquém do arame farpado. As cercas do *Lager* também demarcaram uma fronteira interna no sujeito, um limite entre a humanidade e a desumanidade. Então, como encontrar o *Paraíso* em algum lugar, depois de ter descido até o mais profundo dos *Infernos*? Ou depois de ter perdido o seu nome, a sua raiz, o seu corpo e a sua alma? O sobrevivente perdeu tudo o que um homem podia perder. Será que, depois de tudo isso, seria possível afirmar que a vida ainda era bela. Tudo são incógnitas.

⁴⁶⁷ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005.

O ARREMATE DO TAPETE: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite
encontram comida quente e rostos amigos,
 pensem bem se isto é um homem
 que trabalha no meio do barro,
 que não conhece paz,
 que luta por um pedaço de pão,
 que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
 sem cabelos e sem nome,
 sem mais força para lembrar,
 vazios os olhos, frio o ventre,
 como um sapo no inverno.*

*Pensem que isto aconteceu:
eu lhes mando estas palavras.
gravem-nas em seus corações,
estando em casa, andando pela rua,
ao deitar, ao levantar,
Repitam-nas a seus filhos.
 Ou, senão, desmorone-se a sua casa,
 a doença os torne inválidos,
 os seus filhos virem o rosto para não vê-los.*

Esse poema inicia a obra **É isto um homem?**⁴⁶⁸ e tem um significado muito especial, pois é quase uma prece, uma oração ou uma intimação ao leitor, que adentrará no universo dos campos de concentração e será um co-testemunha do intes-
temunhável. O escritor faz um apelo moral, tenta atingir a sensibilidade, quer a res-
ponsabilidade do leitor para não esquecer o que aconteceu durante a era nazista e as-
sumir, desse modo, um compromisso de contar para os outros, de fazer uma espécie
de “corrente do bem” para que Auschwitz, atrocidades semelhantes e guerras não a-
conteçam jamais. Conforme Mario Barenghi, o poema foi o verdadeiro portal do li-

⁴⁶⁸ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 9.

vro, sendo inspirado na oração hebraica *Shemá* e em outros poemas compostos por Levi. Segundo Andrea Lombardi, o poema possui um estilo fortemente bíblico, seu título inicialmente seria *Salmo*, depois que passou a ser *Shemá*. “O texto *Shemá* foi formulado pela primeira vez em Gênesis, 49 (...) e *Shemá* é interpretado como texto que funda a noção de testemunho”⁴⁶⁹. “*Shemá* significa ouve”⁴⁷⁰, sendo, então, um convite ao leitor para ele ouvir os murmúrios dos muçulmanos e as vozes dos que tiveram que se calar à força e não tiveram o direito a uma sepultura, com lápide e nome.

A tarefa designada ao destinatário é “considerar”, “meditar” e “repetir”, ou seja: examinar os eventos ocorridos, refletir com atenção sobre o fato de que efetivamente aconteceram, e fazer de tudo para que a sua memória seja preservada, cultivada e transmitida às gerações futuras⁴⁷¹.

O leitor acabou esbarrando em uma duplicidade: aceitar o desafio de ler a fundo, no sentido de mergulhar no submundo do confinamento, na podridão do cárcere e do ser humano que maltrata, sentir a dor do que é humilhado; ou escapar, fechar o livro, desviar a atenção e seguir a sua vida normal, no ritmo da modernidade; e o Holocausto acontecendo todos os dias. A modernidade quer um homem “líquido”, que escorra pela História, sem memória, sem lutar ou refletir.

O leitor, ao se debruçar nas páginas de **É isto um homem?** e **A trégua**, irá sentir uma angústia e uma dor semelhantes a dos presos, não tendo resistência emocional e, por isso, como uma reação instintiva, reduzindo a importância do evento e, até mesmo, negando o horror. Este era o maior desejo das correntes revisionistas, que o horror assustasse tanto que a sensação de repulsa e de incredulidade dominasse em relação aos fatos do passado.

Pode-se, nesse ponto, retomar algumas questões cotejadas no início da tese, como a do contraponto entre a verdade e a mentira ou entre a imaginação/ ficção e a

⁴⁶⁹ LOMBARDI, A. A ética da memória. São Paulo. **CULT: Revista Brasileira de Literatura**, 1999 n. 23 p. 56-7

⁴⁷⁰ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005 p. 178.

⁴⁷¹ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005 p. 179.

História. A literatura, desde os primórdios, foi marcada pelo descomprometimento com a verdade, sendo ressaltada a preocupação com a construção da linguagem. Já, na História, o discurso pretendia sempre uma objetividade e um compromisso com a verdade e com a reconstituição factual de determinado evento. No entanto, com o passar do tempo, Hayden White⁴⁷² defendeu que a História não podia ser vista como uma ciência exata, com fórmulas pré-concebidas nem como depositária de fatos e datas. Afinal, ela não era neutra e, sim, era parte integrante da vida da humanidade, estando intimamente relacionada à natureza do homem, a sua essência e a sua constituição social. No ensaio *As ficções da representação factual*⁴⁷³, o historiador afirmou que “a história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica”.

Na verdade, uma complementa a outra, e ambas estão entrelaçadas, ligando-se também com a Literatura de testemunha, com a memória e com a autobiografia. Nesse emaranhado, nesse nó, puxam-se os fios de **É isto um Homem?** e **A trégua**, bem como os das demais obras de Levi, mencionadas ao longo do estudo. Contar histórias é muito antigo, acompanhou o homem há muitos séculos, pois era uma forma de ele se redescobrir, de reviver a sua vida e de desenhar os contornos da sua própria identidade. A narrativa memorialista acabou sendo uma forma de o sujeito interpretar a si mesmo e a sua vida. Só que no caso a Literatura de testemunho, era o relato de alguém que perdeu a identidade, ou melhor, a sua identidade foi negada, apagada: virou número, cicatriz ou fumaça.

A Literatura de testemunho era a “*literatura par excellence* da memória”⁴⁷⁴. Mas não de uma memória qualquer, era a memória do choque, sendo incompleta e, às vezes, incerta. “Essa literatura trabalha no campo mais denso da simultânea ne-

⁴⁷² WHITE, H. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Trad. José Laurênio de Melo. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1992.

⁴⁷³ WHITE, H. *As ficções da representação factual*. In: _____. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo : EDUSP, 2001 p. 138.

⁴⁷⁴ SELIGMANN-SILVA, M. *A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória*. In: DUARTE, R; FIGUEIREDO, V. (orgs.) **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001 p. 365.

cessidade do lembrar-se e da sua impossibilidade”⁴⁷⁵. Essa lembrança acabava vindo entrecortada por fracassos, rupturas, fragmentos; enfim, era uma memória em ruínas, devido ao fato de ser a recordação da dor, da morte, da destruição, da desumanização e da perversidade do homem para com o seu semelhante.

A dor de quem viveu em Auschwitz foi inexplicável; sobreviver era, como Levi dizia, uma exceção. O campo foi feito para destruir, demolir o homem. Primo Levi sobreviveu, foi, então, uma exceção à regra, e foi um homem valente, uma vez que enfrentou a dor de recordar a experiência extrema. Em **É isto um homem?** ele contou como viveu dentro do campo, sob a pressão constante da morte, que espreitava os fracos, os cadavéricos, os doentes, os sem sorte ou os sem alguma proteção; sob a tensão das seleções inesperadas e quase diárias; sob a ameaça constante dos SS, dos *kapos*, e, até mesmo, dos próprios colegas, que, pela sobrevivência, faziam intrigas e entregavam qualquer pessoa. Levi enfrentou a saudade de casa, a demolição psicológica, a deformação física e a reificação, pois “não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem”⁴⁷⁶.

Os sobreviventes que ficaram no campo, destruído pelos bombardeios russos, estavam quebrados, vencidos, domados, sem força, “já merecedores da morte inerme que nos aguarda”⁴⁷⁷. Junto com os soldados do exército vermelho, vieram enfermeiros e médicos para tratar dos doentes. No entanto, a dificuldade continuou: eram muitos doentes amontoados em pequenos alojamentos, em meio aos escombros; o campo estava em péssimas condições de higiene, não havia água nem comida. Assim como os sobreviventes, o lugar estava destruído, fétido e abandonado.

No início de **A trégua**, Levi ainda estava em Auschwitz, doente, e sentia, diante da devastação, uma forte dor: “a dor do exílio, da casa distante, da solidão, dos amigos perdidos, da juventude perdida, e da multidão de cadáveres nas proximida-

⁴⁷⁵ SELIGMANN-SILVA, M. A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, R; FIGUEIREDO, V. (orgs.) **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001 p. 365.

⁴⁷⁶ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 173.

⁴⁷⁷ LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re.3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 p. 152.

des”⁴⁷⁸. Após a recuperação, ele começou o retorno para o lar, com passos incertos, porque ele e os outros viajantes eram homens destruídos, arruinados, cujos olhos projetavam o vazio. O caminho era cheio de empecilhos, os pés doloridos pelas chagas não agüentavam os espinhos da distância; e o corpo frágil, muitas vezes, desmoronava tanto pela fraqueza física como emocional. As cidades, com seus nomes estranhos e complicados, ficaram na mente de Levi: Katowice, Ternopol, Proskurov, Slutsk, Stárye Doróghi, Zhemerinka, Iasi, Curtici, Szób, dentre tantas outras. Por que lembrar os nomes, se, junto a eles, vinha a rememoração da dor, da incerteza em relação ao dia de amanhã e da distância de casa cada vez mais doída?

O tempo passava, e a viagem seguia lenta, ninguém podia ajudá-los. A guerra destruiu cidades, pessoas inocentes morreram e sonhos não puderam ser realizados. As cidades eram esqueletos, os sobreviventes eram esqueletos. Por isso, caso eles contassem tudo o que viram e o que passaram no campo e nos vilarejos até a chegada à cidade de origem, iriam passar por mentirosos. A monstruosidade era inimaginável, escapava aos esquemas cômodos e habituais de se interpretar o mundo.

Houve a necessidade de recordar, sendo um desabafo para o sobrevivente e, ao mesmo tempo, uma partilha da dor, da experiência para que a sociedade tomasse conhecimento da maldade e do totalitarismo, sob o comando do exército nazista. Mas, assim como a experiência foi de catástrofe, a língua emudeceu, ela nasceu de uma falta e era também uma sobrevivente da catástrofe. “A língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido, como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora. Essa atualização é ela mesma violenta”⁴⁷⁹. A linguagem trafegou na linha do indizível, tanto que a relação entre linguagem e testemunho esteve sempre se esbarrando na dualidade: simultânea necessidade de lembrar, contar e a sua impossibilidade de compreender e, sobretudo, de simbolizar a catástrofe.

A escrita foi comparada por Levi como uma semente, que germinou, cresceu e virou uma planta. Ele, através da escrita, estava tentando germinar para a vida.

⁴⁷⁸ LEVI, P. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p. 16.

⁴⁷⁹ SELIGMANN-SILVA, M. A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, R; FIGUEIREDO, V. (orgs.) **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001 p. 372.

“Não se pode renunciar ao objetivo de compreender, já que só o horizonte intelectual da compreensão garante a sobrevivência psíquica do sujeito, preservando-o do abismo da insensatez”⁴⁸⁰. A dor, muitas vezes, empurrava-o para trás, não deixando a planta seguir a sua natureza: crescer, virar flor, fruto, dar sementes. A narração oral, a escrita e a mistura da química com a literatura tornaram a vida de Levi menos triste. A plantinha interior queria viver. No entanto, o peso, a culpa, a dor por ter visto tantos amigos, tantos judeus morrerem aos poucos, pelo trabalho exaustivo, pela fome esmagadora, pelo cansaço, pela doença, ou, rapidamente, na câmara de gás voltavam à mente nas noites, na insônia, na depressão. Ele lutou contra essa tristeza profunda, escreveu, relatou, tentou gritar, mas seu grito ficou preso na garganta. A plantinha sofria, murchava, precisava de água, ou seja, de vitalidade, de ouvintes.

O sobrevivente não deixava de ser um morto camuflado. Tal foi o significado da sobrevivência: ele passou a viver como um cadáver. Depois do trauma, o sujeito voltou a nascer, como uma plantinha feia, pequenina, sem cor, era a flor e a náusea do poeta brasileiro Drummond. Os questionamentos de Levi, como o asfalto cinza, negro, sem vida, continuavam voltados para a experiência no campo de concentração e para a vida atual, ou melhor, se é que se pode chamar vida depois da morte em Auschwitz. Como viver, como pensar, como sorrir, se muitos morreram? Levi constituiu família (a planta deu sementes), porém muitas almas não conseguiram, secaram ainda crianças ou no ventre de suas mães. A possibilidade de compreensão sucumbia. O trauma se tornava uma dor permanente, sem possibilidade de superação.

Na obra **A tabela periódica**, Levi dedicou um capítulo para falar sobre a escrita, de forma indireta, através do elemento chave do livro e da vida: *o Carbono*. Levi imaginou o carbono entrando na corrente sangüínea, migrando e batendo à porta de uma célula nervosa. O carbono, dentre tantas funções, seria o responsável pela escrita, pelo movimento da mão que preenchia as páginas da História:

⁴⁸⁰ BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005 p. 182.

Essa célula pertence a um cérebro, e este é o meu cérebro, de mim que escrevo, e a célula em questão, e nela o átomo em questão, se dedica a minha escrita, num gigantesco e minúsculo jogo que ninguém jamais escreveu. É aquela que neste instante, a partir de um labiríntico entrelaçamento de sim e de não, faz com que minha mão percorra um certo traçado no papel e o marque com essas volutas que são signos; um impulso duplo, para cima e para baixo, entre dois níveis de energia, leva essa minha mão a imprimir no papel esse ponto: este⁴⁸¹.

Revestir os fatos com palavras era necessário, uma obrigação. A escrita impulsionou a vida, diminuindo o peso dos ombros de Primo Levi na medida em que ele compartilhou com os leitores e com a humanidade em geral a sua experiência, a sua dor e a sua descida ao inferno. A escrita assim como os seus filhos, Lisa e Renzo, eram sementes. A narração foi uma forma de frutificar as recordações. Levi, como um velho narrador, precisou de ouvintes: quem o escutou, assumiu também a função de discípulo, isto é, recebeu a incumbência de transmitir às próximas gerações o contexto social e político do século XX, cujo ápice da violência foi a Segunda Guerra Mundial, de cultuar os mortos do genocídio, em que judeus, negros, homossexuais e doentes mentais foram eliminados, como se tivessem uma doença contagiosa, e de lutar para que eventos semelhantes não se proliferem ou sejam assimilados na modernidade.

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens⁴⁸².

A memória e a história do sobrevivente deveriam servir, sim, para a libertação dos seres humanos, para a reflexão sobre a vida, sobre o que é ser humano e, além disso, ser fonte de crescimento pessoal e moral. Porém, os testemunhos, muitas vezes, foram esquecidos, postos em escanteio ou na “vala comum” e tapados com a terra do esquecimento. Não havia mais interlocutores no mundo moderno e veloz.

⁴⁸¹ LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 p.233.

⁴⁸² LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et. al.]. 5.ed. Campinas: UNICAMP, 2003 p. 471.

Levi estava descontente, assim como muitos outros sobreviventes. Ele não via mais esperanças e remissão no homem. Ele estava fraco, com a sua consciência em crise. Entretanto, ninguém pensava que ele fosse tirar a vida, já que havia lutado tanto por ela. Em decorrência disso, o companheiro do campo de concentração, Jean Samuel, ficou horrorizado com a morte do amigo. E o que mais o assombrou foi o fato de ele ter escolhido o dia 11 de abril para dar fim a sua vida, pois era justamente o dia do aniversário de libertação dos prisioneiros de Buchenwald (11 de abril de 1945).

Quarenta anos após a libertação desse campo, Levi se suicidou. Talvez em meio à tristeza, à depressão profunda, a sua morte fosse mais um ato de heroísmo, mais uma forma de lutar para que os sobreviventes fossem lembrados e que as catástrofes não se repetissem incessantemente. Não foi mera coincidência a sua morte ser nesta data, uma data significativa para quem viveu no campo de concentração e passou por situações atroz. Com a sua morte, pode-se deduzir mais um contraponto, dos tantos que nortearam a vida do escritor: Levi se entregou à dor, mas resistiu a ponto de lutar para que a libertação dos prisioneiros fosse lembrada com a sua própria morte. Com isso, lançou questionamentos sobre as catástrofes e mobilizou a imprensa e a mídia. O futuro estava novamente lançado em direção aos jovens, aos interlocutores e aos leitores em geral: pensar e buscar conhecimentos, únicas formas de libertação, aprendera isso com seu amigo Pikolo, que lhe fora fiel até a morte. Mais uma semente fôra plantada, bastava saber se ela germinará, e se os frutos vingarão.

Richard Kearney⁴⁸³ ratificou a importância de se lembrar o passado, ou seja, o sobrevivente tinha um compromisso com o passado para que o presente pudesse ser atualizado. Quem sofreu com a experiência traumática não queria lembrar, muito menos recuperar, através da linguagem ou do próprio ato de pensar, os eventos, devido ao choque. Levi deixou as suas obras, discutiu a questão da Shoah, foi a escolas, a universidades. Ele fez a sua parte, jogou sementes, lembrou, partilhou a experiência, marcou o seu nome na História e contribui para a História: aquela que dá voz aos es-

⁴⁸³ KEARNEY, R. Remembering the past: the question of narrative memory. *Philosophy & Social Criticism*. London: SAGE Publications, 1998 v. 24.

quecidos, aos dominados. E lembrar não é apenas indispensável, como narrativa, que perdura no tempo, que passa de geração a geração, mas também como compromisso ético de rememorar o genocídio. O testemunho é indispensável, mesmo que seja um soluço, uma lágrima, uma voz quase inaudível, que sai junto com um aperto na garganta ou no peito. Levi contou a sua História e foi sepultado com o seu número na lápide – 174.517 – símbolo de que o nazismo não pode ser esquecido.

O tapete da vida seguiu o seu curso, com nós e pontos para amarrar os fios da vida de Levi. No tapete, estava não só a sua história pessoal, como também da coletividade. No centro, os bordados realçavam a História da expansão do nazismo na era moderna, o que facilitou o plano totalitário e a criação dos campos de concentração, a purificação da raça, a dor de ver o povo judeu ser dizimado, perder a casa. A estrela de Davi, no tapete, tinha manchas vermelhas, de sangue e de tristeza. Na era nazista, todos os judeus estavam no mesmo barco, rumo ao inferno, sem nada, nus e esperando só a morte. Num canto do tapete, perto da franja, havia um girassol, pequeno, mas que significava as amizades, o companheiro que sorria ou segurava a mão de Primo Levi na travessia para que Caronte, o demônio dos “olhos de brasa”⁴⁸⁴ não o assustasse.

Levi atravessou a margem, sem ser julgado por “Minos”⁴⁸⁵, voltou para casa, casou, teve filhos, trabalhou, escreveu, testemunhou, morreu. Esse era o ciclo da vida, da planta e de Primo Levi; o tapete com suas cores, diferenças, olhares se completava. Veio Penélope e, à noite, puxou fio por fio, até não restar nada dele. O leitor terá a incumbência de achar os fiapos e refazer o tapete para que Primo Levi, os sobreviventes, a Shoah e as catástrofes em geral não passem despercebidas.

⁴⁸⁴ ALIGHIERI, D. **Divina Comédia**. Trad. J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2006 p. 15.

⁴⁸⁵ ALIGHIERI, D. **Divina Comédia**. Trad. J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2006 p. 15

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, B. **Holocausto**. 6.ed. São Paulo: Sherit hapeita do Brasil, 1985.
- ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, W. [et al.]. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, W. [et al.]. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. **Teoria estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Martins fontes, 1988.
- AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- _____. **Lo que queda de Auschwitz**: el archive y el testigo. Valencia: Pre-Textos, 2000.
- AGUIAR, O. A. Violência e banalidade do mal. São Paulo. **CULT: Revista Brasileira de Literatura**, 2008 n. 129.
- ALIGHIERI, D. **Divina Comédia**. Trad. J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- ANDRADE, C. D de. **A rosa do povo**. São Paulo: Jose Olympio, 1988.
- ANISSIMOV, M. **Primo Levi ou la tragedia de un optimista**. Trad. Teresa Grarín Sanz de Bremond. Madrid: Complutense, 2001.
- ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. Trad. Jacy Alves de Seixas. In: BRESCIANI, S; NAXARA, M. (org.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, UNICAMP, 2001.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Entre o passado e o presente**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- _____. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1980.
- ASSY, B. Eichmann, banalidade do mal e pensamento em Hannah Arendt. In: MO-RAES, E. J.; BIGNOTTO, N. (orgs). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- AVELAR, I. **Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina**. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BALLONE, G. **Da lesão à emoção**. Disponível em: www.psiqoweb.med.br. Acesso em 14 de setembro de 2008.
- BARENGHI, M. A memória da ofensa. Trad. Maurício Santana Dias. **Novos Estudos**. Novembro de 2005.
- BATISTINI, A. **Lo Specchio di Dedalo: autobiografia e biografia**. Bologna: Il Mulino, 1990.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense [sd].
- _____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense [sd].
- _____. **Rua de mão única**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BENVENISTE, É. O Vocabulário das Instituições Indo-européias. Volume II: **Poder, Direito, religião**. Trad. D. Bottmann, Campinas: UNICAMP, 1995.

BETTELHEIM, B. **Sobrevivir**. El Holocausto una generación después. 2. ed. Barcelona: Crítica, 1983.

BIBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo, 1990.

BIEZMA, J. del P.; CASTILLO, J. B.; PICAZO, M. D. **Autobiografía y modernidad literaria**. Castilha: Universidad Castilla-La Mancha, 1991.

BIGNOTTO, N. Arendt e o totalitarismo. **CULT: Revista Brasileira de Literatura**, 2008 n. 129.

BIRMAN. O lugar do psíquico na experiência da loucura. **Ciências Hoje** n. 4, 1983.

BRAUNSTEIN, N. **Sobrevivendo ao trauma**. Trad. Marylink Kupferberg. Disponível em <http://nestorbraunstein.com/escritos/> Acesso em 10 de julho de 2008.

BRAVO, A, JALLA, D (orgs.). **La vita offesa**. Storia e memoria dei Lager nazisti nei racconti di duecento sopravvissuti. Trad. Maurício Santana Dias. Milão: Angeli, 1986.

CABALLÉ, A. **Narcisos de tinta**: ensayos sobre la literatura autobiográfica en lengua castellana (siglos XIX y XX). Madrid: Megazul [sd].

CARNEIRO, M. L. T. **Holocausto**: crime contra a humanidade. São Paulo: Ática, 2004.

CARUTH, C. **Unclaimed Experience**: trauma, narrative, and history. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

CASTEL, R. **Desigualdade e questão social**. São Paulo: EDUC, 2004.

CERTEAU, M. Le corps torture, parole torturée. In: _____. **Cahiers pour un temps**. Paris: Centro Georges-Pompidou, 1987.

CONSTANTINO EL AFRICANO. **De melancholia**. Buenos Aires: Fundación Acta, 1992.

COSTA-LIMA, L. **Mimeses**: desafio do pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CYTRYNOWICZ, R. **Memória da barbárie**. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. 2.ed. São Paulo: Nova Stella, 1991.

_____. O silêncio dos sobreviventes: diálogo e rupturas entre a memória e a História do Holocausto. IN: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.

DIAS, M. S. Primo Levi e o zoológico humano. In: LEVI, P. **71 contos**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DIDIER, B. **Le journal intime**. Paris: Universitaires de France, 1976.

ELIAS, N. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FELMAN, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. Trad. Cláudia Valladão de Mattos. In: NESTROVSKI, A; SELIGMANN-SILVA, M. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

FELMAN, S; DORI LAUB. M. D. **Testimony: crises of witnessing in literature, psychoanalysis and history**. New York: Routledge, 1992.

FRANCHETTI, P. **Nostalgia, exílio e melancolia: leituras de Camilo Pessanha**. São Paulo: USP, 2001.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

_____. **Luto e melancolia**. Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. O estranho In: _____. **Obras Completas**. Trad. Jaime Salomão. São Paulo: Imago, 1976 p. 301.

_____. **O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. **O mal-estar da civilização**. Obras completas. São Paulo: Imago. CD Rom

_____. **Tomo III**, 1986.

FRIEDLANDER, S. **Memory, History, and the Extermination of the Jews of Europe**. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

GAGNEBIN, J. M. A (im)possibilidade da poesia. **CULT – Revista de Literatura Brasileira**: São Paulo, 1999.

_____. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, S; NAXARA, M. **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____. Palavras para Hurbinek. In: NETROSVKI, A. SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

GANS, E. **Chronicles of love and resentment**. Disponível em: www.anthropoetics.ucla.edu/views/home.html. Acesso em dezembro de 2006.

GINZBURG, J. Autoritarismo e Literatura: a História como trauma. Revista **VIDYA**. Santa Maria – RS. Jan/Jun.2000.

_____. **Olhos turvos, mentes errantes** – elementos melancólicos em Lira dos Vinte anos, de Álvares de Azevedo. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

GUARDINI, R. **De la mélancolie**. Paris: Seuil, 1953.

GUSDORF, G. Condiciones y límites de la autobiografía. Trad. Ángel G. Loureiro. In: DOBARRO, A. **La autobiografía y sus problemas teóricos**: estudios e investigación documental. Barcelona: Anthropos, 1991.

HARTOG, F. A arte da narrativa histórica. In: DOMINIQUE, J; BOUTIER, J. **Pasados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: Moraes, 1983.

HOBSBAWN, E. **Era dos extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KEARNEY, R. Remembering the past: the question of narrative memory. **Philosophy & Social Criticism**. London: SAGE Publications, 1998 v. 24.

KRAMER, E. S. Silêncio de um passado petrificado. **International Forum of Psychoanalysis 7**, Scandinavian Univ. Press, 1998.

KRAUSE-VILMAR, D. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política. In: MILMAN, L; VIZENTINI, P. F. (org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

KRISTEVA, J. **Sol negro**: depressão e melancolia. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LACAN, J. **Seminário I**. Editora Cidade. 1954.

LACAPRA, D. **History and memory after Auschwitz**. Nova York: Cornell University Press, 1998.

LAGES, S. K. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. São Paulo: USP, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et.al]. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEENHARDT, J, PESAVENTO, S. J. **Discurso histórico, narrativa literária**. Campinas: UNICAMP, 1999.

LEJEUNE. P. **El Pacto Autobiográfico y otros estudios**. Trad. Ana G. Loureiro. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.

LEVI, P. **A tabela periódica**. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. **A trégua**. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **La Ricerca delle radici** – Antologia personale. Turim: Einaudi, 1981.

_____. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Se não agora, quando?** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1955.

LOMBARDI, A. A ética da memória. São Paulo. **CULT**: Revista Brasileira de Literatura, 1999 n. 23.

LOUREIRO, K; SCARAMUSSA, Z. **O diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri** (séculos XIII e XIV). <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num2/lulioedante.html>. Acesso em 11 de setembro de 2008.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Revista Projeto História**. São Paulo: Educ, 1998 n.17.

MALHERBE, M. Liberdade e necessidade na filosofia de Hobbes. Trad. Maria Isabel Limogi. Nantes: **Lettres et Langages**. [sd].

MAY, G. **L' Autobiographie**. Paris: P. U.P, 1979.

MILMAN, L. Negacionismo: Gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual. IN: MILMAN, L; VIZENTINI, P. F. (org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MONTENEGRO, A. T. Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. In: GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

MORRUS, M. R. **A assustadora história do holocausto**. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

NAGERA, H. (org.). **Conceitos psicanalíticos básicos da Teoria dos Instintos**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix [sd]. v. III.

_____. **Conceitos psicanalíticos básicos de metapsicologia, conflitos, ansiedade e outros temas**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix [sd] v. IV.

NESTROVSKI, A. Catástrofe e representação. **Psicanálise e Literatura, Artes e Ofícios**. Porto Alegre. Ano VIII, N. 15, nov. 98.

PULLELLA, P. **Rabino diz que Pio 12 traiu os judeus**. www.popnews.com.br. Acesso em 6 de setembro de 2008.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROSENFELD, K. O anjo aterrador e as ruínas da História. **Zero Hora**: Porto Alegre, 2001.

SABIMO, M. “Onde estava Deus?”. **Revista Veja**. 7 de junho de 2006.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d’ Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTRE, J-P. **Ser e o Nada**: Ensaios de Ontologia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M. A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, R; FIGUEIREDO, V. (orgs.) **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. A história como trauma. In: NETROVSKI, A & SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. A literatura do trauma. **CULT** – Revista de Literatura Brasileira: São Paulo, 1999. Ano II n. 23.

_____. Apresentação da questão. In: _____. (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. Catástrofe, História e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: _____. (org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003.

SEMPRUN, J. **A escrita ou a vida**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TELLENBACH, H. **La mélancolie**. Paris: PUF, 1979.

THOMPSON, I. **Primo Levi**: a life. New York: Picador Edition, 2004.

TIBURI, M. **Filosofia cinza**: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita. Porto Alegre: Escritos, 2004.

TODOROV, T. **Em face do extremo**. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1995.

VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.

VIÑAR, M; VINÃR, M. **Exílio e tortura**. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.

ZUCCARELLO, M. F. **A Literatura de Levi e o cinema de Benigni**: vida e morte nos campos de concentração nazistas. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/encontro.htm>. Acesso em 29 de agosto de 2008.

WALDMAN, B; DE MARCO, V. A experiência do horror. **CULT** – Revista Brasileira de Literatura. Ano V n. 53.

WEINTRAUB, K. J. Autobiografía y conciencia histórica. In: DOBARRO, A. N. (coord.). **La autobiografía y sus problemas teóricos: estudios e investigación documental**. Barcelona: Anthropos, 1991.

WIESEL, E. **Palavras de estrangeiro**. Trad. Celina Portacarrero. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

WHITE, H. As ficções da representação factual. In: _____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. Trad. José Laurênio de Melo. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1992.

Joselaine Brondani Medeiros
Curriculum Vitae

Janeiro/2009

Joselaine Brondani Medeiros

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Joselaine Brondani Medeiros
Nome em citações bibliográficas MEDEIROS, J. B.
Sexo feminino

Filiação Adão José de Medeiros e Celaine Maria Brondani Medeiros
Nascimento 20/11/1975 - São Luiz Gonzaga/RS - Brasil
Carteira de Identidade 8040124532 SJS - RS - 11/05/2000
CPF 77391497053

Endereço residencial DR. Pantaleão n. 50 Apto: 201
centro - Santa Maria
97010180, RS - Brasil
Telefone: 55 32221442
URL da home page: <http://>

Endereço profissional

-
- Brasil

URL da home page: <http://>

Endereço eletrônico

e-mail alternativo : jobrmedeiros@hotmail.com

Formação Acadêmica/Titulação

2005 - 2009 Doutorado em Lingüística e Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
Título: Murmúrios na escuridão: a voz quase inaudível do sobrevivente Primo Levi em *É isto um homem?* e *A trégua*, Ano de obtenção: 2009
Orientador: Urbano Zilles
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: Literatura testemunhal História violência desumani, Primo Levi
Áreas do conhecimento : Teoria Literária

2001 - 2002 Mestrado em Letras.
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, Brasil
Título: No porão da Memória: o Cárcere, a luta e o aprendizado, Ano de obtenção: 2003
Orientador: Rosani Úrsula Ketzer Umbach
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Palavras-chave: Literatura História Memória
Áreas do conhecimento : Literatura Comparada, Literatura Brasileira
Setores de atividade : Educação superior

1997 - 2000 Graduação em Letras.

Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, Brasil

Formação complementar

- 2004 - 2004** Extensão universitária em Curso de Extensão.
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, Brasil
- 2004** Extensão universitária em Curso de Extensão Literatura e Autoritarismo.
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, Brasil

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS

Vínculo institucional

- 2006 - Atual** Vínculo: Estudante da Instituição de En , Enquadramento funcional: Estudante da Instituição de Ensino PUCRS , Carga horária: 2, Regime: Parcial

Atividades

- 06/2005 - 08/2006** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras
Especificação:
Membro da Comissão Organizadora da Revista Letras de Hoje
- 06/2005 - Atual** Conselhos, Comissões e Consultoria, Faculdade de Letras, Departamento de Pós-Graduação em Letras
Especificação:
Comissão Organizadora da Revista Letras de Hoje - PUCRS

2. Centro Integrado de Preparação do Estudante - CIPEL

Vínculo institucional

- 2004 - 2004** Vínculo: professor , Enquadramento funcional: professor , Carga horária: 0, Regime: Parcial

Atividades

02/2004 - 04/2004 Ensino médio

Especificação:
Literatura Brasileira

Áreas de atuação

1. Literatura Brasileira
2. Teoria Literária
3. Língua Portuguesa

Idiomas

- | | |
|-----------------|--|
| Inglês | Compreende Razoavelmente , Fala Pouco, Escreve Bem, Lê Bem |
| Espanhol | Compreende Bem , Fala Razoavelmente, Escreve Bem, Lê Bem |
| Italiano | Compreende Razoavelmente , Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Razoavelmente |

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. MEDEIROS, J. B.

Graciliano Ramos: um sobrevivente da ditadura de Getúlio Vargas. Guavira Letras. , v.IV, p.34 - 43, 2008.

Palavras-chave: autoritarismo ditadura década de 30

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

2. MEDEIROS, J. B.

O Índio brasileiro: de dono da terra à marginalização. Textura (Canoas). , v.V1, p.32 - 43, 2008.

Palavras-chave: Literatura, marginalização, índio

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

3. MEDEIROS, J. B.

O testemunho em É isto um homem? de Primo Levi. Literatura e Autoritarismo. , 2007.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária, Literaturas Clássicas

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: http://coralx.ufsm.br/grpesqla/main.php?popconteudo_8

4. MEDEIROS, J. B.

Literatura vinda das prisões. IV Seminário Internacional Em Letras Linguagem Ensino e Inclusão Social. , 2004.

Palavras-chave: Literatura prisão autoritarismo

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação do evento como ouvinte e como comunicante

5. MEDEIROS, J. B.

Cárcere: eu do prisioneiro estilhaçado. . , 2002.

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page:

www.congressocorpo.hpg.com.br

6. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere e a voz dos prisioneiros: uma amostra de luta contra a exclusão social. . , 2002.

Palavras-chave: Literatura prisão crítica social

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

7. MEDEIROS, J. B., GINZBURG, J., UMBACH, R. K., OURIQUE, J. L., KLOSS, M., MOURA, S. P.

Entrevista com David William Foster. Expressão Revista do Centro de Artes e Letras. , v.v.1, p.143 - 148, 2001.

Palavras-chave: autoritarismo estudos culturais preconceito

Áreas do conhecimento : Estudos Culturais

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Artigos aceitos para publicação

1. MEDEIROS, J. B.

Baudelaire: fragmentação e melancolia em meio à multidão. Instrumento (Juiz de Fora). , 2008.

Capítulos de livros publicados

1. MEDEIROS, J. B., Zilbermnn, R

Buriti-Bom e Buriti-Grande: patriarcalismo e erotismo In: Corpo de Baile: roannce, viagem e erotismo no sertão ed.Porto Alegre : PUCRS, 2007, v.III, p. 137-147.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. MEDEIROS, J. B.

A História da Revolução Farroupilha e suas entrelinhas em A prole do Corvo de Luiz Antonio de Assis Brasil In: VII Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Sujeito e Representação, 2008, Santa Maria.

VIII Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Sujeito e Representação. , 2008.

Palavras-chave: Literatura gaúcha, desmitificação, violência

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

2. MEDEIROS, J. B.

Primo Levi: um sobrevivente da barbárie In: Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2007, São Paulo.

Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo: ABRALIC, 2007.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://www.abralic.org.br]

3. MEDEIROS, J. B.

Baudelaire: fragmentação e melancolia em meio à multidão In: Encontro de poesia Mário Quintana, 2006, Rio Grande.

. , 2006.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária, Literaturas Clássicas

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

participação como ouvinte e como comunicante

4. MEDEIROS, J. B.

Riobaldo: memória e imaginação In: VI Seminário Internacional em Letras: Margens e Imagens, 2006, Santa Maria.

. , 2006.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

5. MEDEIROS, J. B.

Um Burrinho Pedrês no meio da caminho In: VI Semana de Letras da PUCRS - As Letras inventam mundos, 2006, Porto Alegre.

. , 2006.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante

6. MEDEIROS, J. B.

A sociedade corrompida em O judeu de Malta, de Christopher Marlowe In: V Seminário Internacional em Letras: Múltiplas Linguagens - Trânsitos de Fronteira, 2005, Santa Maria.

. , 2005.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

7. MEDEIROS, J. B.

Cárcere: eu do prisioneiro estilhaçado In: Corpo I. O Corpo Torturado, 2002, São Leopoldo.

. , 2002.

Palavras-chave: prisão violência despersonalização

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

8. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere e a voz dos prisioneiros: uma amostra de luta contra a exclusão social In: VIII Congresso Internacional ABRALIC, 2002, Belo Horizonte.

VIII Congresso Internacional ABRALIC. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Palavras-chave: Memórias do Cárcere prisão crítica social

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. MEDEIROS, J. B.

Atravessando fronteiras: Literatura e Sociedade em Graciliano Ramos e Guimarães Rosa In: II Seminário de Estudo Literários, 2007

II Seminário de Estudos Literários. Cachoeira do Sul: ULBRA, 2007.

Referências adicionais : Brasil/Português.

2. MEDEIROS, J. B.

Educação e Cidadania: contribuições da Literatura In: VIII Congresso Internacional de Educação Popular, 2007, Santa Maria.

VIII Congresso de Educação Popular. Santa Maria: Gráfica Universitária, 2007. p.150 -

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. MEDEIROS, J. B.

Primo Levi: um sobrevivente da barbárie In: XI Encontro Regional da ABRALIC, 2007

XI Encontro Regional da ABRALIC. , 2007.

Referências adicionais : Brasil/Português.

4. MEDEIROS, J. B.

A perda (ou busca?) da identidade em O Xará, de Jhumpa Lahiri In: VI Seminário Internacional em Letras: Margens e Imagens, 2006, Santa Maria.

. , 2006.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

5. MEDEIROS, J. B.

História a contrapelo: a Literatura testemunhal de Éisto um homem? e a Trégua, de Primo Levi In: XI Seminário de teses em andamento - Linguagem, pesquisa e ética na contemporaneidade, 2005, Campinas.

. , 2005.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária, Literaturas Clássicas

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

6. MEDEIROS, J. B.

Intrigas e Traições em O Soldado Fanfarrão, de Plauto, e Júlio César, de Shakespeare In: V Seminário Internacional em Letras: múltiplas Linguagens - Trânsitos de Fronteira, 2005, Santa Maria.

. , 2005.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

7. MEDEIROS, J. B.

Literatura encarcerada: uma análise de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos e É isto um homem? de Primo Levi In: IV Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Ensino e Inclusão Social, 2004, Santa Maria.

. , 2004.

Palavras-chave: Literatura História violência totalitarismo

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação do evento como ouvinte e como comunicadora

8. MEDEIROS, J. B.

Literatura vinda das prisões In: I Simpósio Internacional de Literatura brasileira e Hispano-Americana Contemporânea, 2003, Brasília.

. Brasília: UNB, 2003.

Palavras-chave: Prisão Literatura violência

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante

9. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere: denúncia e crítica social In: 2.º Encontro do Núcleo de Estudos - Linguagem, Cultura e Sociedade, 2002, Santa Maria.

. , 2002.

Palavras-chave: Literatura História Crítica Social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page:

<http://www.ufsm.br/labler/grpesq>

Participação como ouvinte e como comunicante

10. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere e a voz dos prisioneiros: uma amostra de luta contra a exclusão social In: VIII Congresso Internacional ABRALIC, 2002, Belo Horizonte - MG.

Mediações - Programa e resumos do VIII Congresso Internacional ABRALIC 2002. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

Palavras-chave: prisão denúncia despersonalização

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante

11. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere: uma estreita fronteira entre a autobiografia e a ficção In: II Seminário Internacional em Letras - Memória e Escrita, 2002, Santa Maria.

. , 2002.

Palavras-chave: Literatura História autobiografia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

12. MEDEIROS, J. B.

Murmúrios na escuridão: as vozes dos presos na década de 30 In: 21.^a Semana de Letras e 7.^o Seminário Internacional de Língua e Literatura, 2002, Santa Maria.

. , 2002.

Palavras-chave: prisão violência denúncia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante

13. MEDEIROS, J. B.

No porão da Memória: o Cárcere, a luta e o aprendizado In: XVII Jornada Acadêmica Integrada, 2002, Santa Maria.

. , 2002.

Palavras-chave: Literatura História Crítica Social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

14. MEDEIROS, J. B.

Walter Benjamin e a História: olhos no passado para a reconstrução do presente In: Colóquio Nacional Tecnologia, Cultura e Formação ainda Auschwitz, 2002, Piracicaba - SP.

Colóquio Nacional Tecnologia, Cultura e Formação ainda Auschwitz. , 2002.

Palavras-chave: Literatura História Walter Benjamin

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como comunicante

15. MEDEIROS, J. B.

A Representação do Autoritarismo em Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos In: VII Seminário de Teses em Andamento, 2001, Campinas.

VII Seminário de Teses em Andamento. , 2001.

Palavras-chave: Literatura História Memória

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante

16. MEDEIROS, J. B.

A Representação do autoritarismo em Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos In: XVI Jornada Acadêmica Integrada, 2001, Santa Maria.

. , 2001.

Palavras-chave: Literatura autoritarismo crítica social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como comunicante

17. MEDEIROS, J. B., GINZBURG, J.

Graciliano Ramos e o Autoritarismo da Década de 30 In: Anos 30 Cultura e Política - Jorge Amado, 70 anos de Literatura, 2001, Salvador.

Anos 30 Cultura e Política - Jorge Amado, 70 anos de Literatura. , 2001.

Palavras-chave: Autoritarismo Década de 30 Literatura História

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

18. MEDEIROS, J. B., GINZBURG, J.

Uma Breve Compreensão do Autoritarismo e da Ditadura no Brasil In: Seminário Internacional em Letras: propostas e tendências, 2001, Santa Maria.

Seminário Internacional em Letras: propostas e tendências. , 2001.

Palavras-chave: Autoritarismo Literatura História

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo expandido)

1. MEDEIROS, J. B.

A difícil tarefa de voltar para casa: A trégua, de Primo Levi In: II Mostra de Pós-graduação da PUCRS, 2007, Porto Alegre.

II Mostra de Pós-graduação. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Apresentação de Trabalho

1. MEDEIROS, J. B.

A História da Revolução Farroupilha e suas entrelinhas em A prole do Corvo, de Luiz Antonio de Assis Brasil, 2008. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Literatura gaúcha, desmitificação, violência

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Evento: VIII Seminário Internacional em Letras: linguagem, sujeito e representação

2. MEDEIROS, J. B.

A difícil tarefa de voltar para casa: A trégua, de Primo Levi, 2007. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: II Mostra de Pós-Graduação; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

3. MEDEIROS, J. B.

Educação e Cidadania: contribuições da Literatura, 2007. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Clube Recreativo Dores; Cidade: Santa Maria; Evento: VIII Congresso Internacional de Educação Popular; Inst.promotora/financiadora: MOBREC

4. MEDEIROS, J. B., GINZBURG, J., UMBACH, R. K.

Primo Levi: um sobrevivente da barbárie, 2007. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: USP; Cidade: São Paulo; Evento: XI Encontro Regional ABRALIC; Inst.promotora/financiadora: ABRALIC

5. MEDEIROS, J. B.

Um sobrevôo sobre a História da Literatura Judaica no Brasil, 2007. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos Olhares, Múltiplas Perspectivas; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

6. MEDEIROS, J. B.

A perda (ou a busca?) da identidade em O Xará, de Jumpha Lahiri, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante; Local: UNIFRA; Cidade: Santa Maria; Evento: VI Seminário Internacional em Letras: Margens e Imagens; Inst.promotora/financiadora: UNIFRA

7. MEDEIROS, J. B.

O testemunho de Primo Levi em É isto um homem?, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária, Literaturas Clássicas

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

participação como ouvinte e como comunicante; Local: UFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: V Jornada de Literatura e Autoritarismo e Simpósio Memórias da repressão; Inst.promotora/financiadora: UFSM

8. MEDEIROS, J. B.

Riobaldo: memória e imaginação, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante; Local: UNIFRA; Cidade: Santa Maria; Evento: VI Seminário Internacional em Letras: Margens e Imagens; Inst.promotora/financiadora: UNIFRA

9. MEDEIROS, J. B.

Um Burrinho Pedrês no meio do caminho, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Participação como ouvinte e como comunicante; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: VI Semana de Letras; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

10. MEDEIROS, J. B.

Um duelo-sem-duelo, no conto Duelo, de Guimarães Rosa, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

participação como ouvinte e como comunicante; Local: Teatro Renascença; Cidade: Porto Alegre; Evento: Colóquio Internacional Guimarães Rosa; Inst.promotora/financiadora: UFRGS

11. MEDEIROS, J. B.

A sociedade corrompida em O judeu de malta, de christopher Marlowe, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Centro Universitário Franciscano - UNIFRA.; Cidade: Santa Maria - RS.; Evento: V Seminário Internacional em Letras: múltiplas linguagens, trânsitos de fronteira; Inst.promotora/financiadora: Curso de Letras

12. MEDEIROS, J. B.

História a contrapelo: a Literatura testemunhal de É isto um homem? e A trégua, de Primo Levi, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária, Literaturas Clássicas

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: IEL-Campinas; Cidade: Campinas; Evento: XI Seta - Linguagem, pesquisa e ética na contemporaneidade; Inst.promotora/financiadora: Unicamp

13. MEDEIROS, J. B.

Intrigas e traições em O soldado fanfarrão, de Plauto, e Julio César, de Shakespeare, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Centro Universitário Franciscano - UNIFRA>; Cidade: Santa Maria - RS.; Evento: V Seminário Internacional em Letras: múltiplas linguagens, trânsitos de fronteira; Inst.promotora/financiadora: Curso de Letras

14. MEDEIROS, J. B.

Violência e Autoritarismo em Os tambores silenciosos, de Josué Guimarães, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: UFSM; Cidade: Santa Maria - RS.; Evento: Seminário de Literatura e Autoritarismo; Inst.promotora/financiadora: UFSM

15. MEDEIROS, J. B.

Literatura Encarcerada: uma análise de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, e É isto um homem?, de Primo Levi, 2004. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Literatura História violência totalitarismo

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

participação como ouvinte e como comunicante; Local: UNIFRA; Cidade: Santa Maria - RS.; Evento: IV Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Ensino e Inclusão Social; Inst.promotora/financiadora: Centro Universitário Franciscano - UNIFRA.

16. MEDEIROS, J. B.

Literatura vinda das prisões, 2003. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Prisão Literatura violência

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante; Local: UNB; Cidade: Brasília; Evento: I Simpósio Internacional de Literatura brasileira e Hispano-Americana Contemporânea; Inst.promotora/financiadora: Universidade de Brasília

17. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere: um viés para se revisar a História, 2003. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Memórias do Cárcere Literatura História

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como comunicante e como ouvinte; Local: FURG; Cidade: Rio Grande - RS; Evento: I seminário Nacional - História da Literatura; Inst.promotora/financiadora: Fundação Universidade do Rio Grande - FURG

18. MEDEIROS, J. B.

Anos Mofados, vidas destruídas - uma análise do conto Os sobreviventes, de Caio Fernando Abreu, 2002. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Campus - Santiago; Cidade: Santiago - RS; Evento: semana Acadêmica do Curso de Letras; Inst.promotora/financiadora: URI

19. MEDEIROS, J. B.

Cárcere: eu do prisioneiro estilhaçado, 2002. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: UNISINOS; Cidade: São Leopoldo; Evento: Corpo I. O Corpo Torturado; Inst.promotora/financiadora: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

20. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere: Denúncia e Crítica Social, 2002. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: UFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: 2. o Encontro do Núcleo de Estudos - Linguagem, Cultura e Sociedade; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

21. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere e a voz dos prisioneiros: uma amostra de luta contra a exclusão social, 2002. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Campus Pampulha; Cidade: Belo Horizonte - MG; Evento: VIII Congresso Internacional ABRALIC 2002; Inst.promotora/financiadora: UFMG

22. MEDEIROS, J. B.

Memórias do Cárcere: uma estreita fronteira entre a autobiografia e a ficção, 2002. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UNIFRA; Cidade: Santa Maria; Evento: II Seminário Internacional em Letras - Memória e Escrita; Inst.promotora/financiadora: Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

23. MEDEIROS, J. B.

Múrmúrios na escuridão: as vozes dos presos na década de 30, 2002. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: prisão violência denúncia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: UFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: 21.ª Semana de Letras e 7.º Seminário Internacional de Língua e Literatura; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

24. MEDEIROS, J. B.

No porão da memória: o Cárcere, a luta e o aprendizado, 2002. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: História Sociologia Memória

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira,Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: UFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: XVIII Jornada Acadêmica Integrada; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

25. MEDEIROS, J. B.

A Representação do Autoritarismo em Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, 2001. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: UFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: XVI Jornada Acadêmica Integrada; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

26. MEDEIROS, J. B.

A representação do autoritarismo em Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, 2001. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Autoritarismo década de 30 memória

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Participação como ouvinte e como comunicante; Local: UNICAMP; Cidade: Campinas; Evento: VII Seminário de teses em Andamento; Inst.promotora/financiadora: UNICAMP

27. MEDEIROS, J. B.

A representação do autoritarismo em Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos, 2001. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: URI; Cidade: Santiago; Evento: II Semana Acadêmica de Letras; Inst.promotora/financiadora: URI - Campus Santiago

28. MEDEIROS, J. B.

Repressão e Literatura: Perspectivas, 2001. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Câmara de vereadores de Santa Maria; Cidade: Santa Maria; Evento: I Jornada de Literatura e Autoritarismo; Inst.promotora/financiadora: UFSM

29. MEDEIROS, J. B.

Uma breve compreensão do autoritarismo e da ditadura no Brasil, 2001. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Centro Universitário Franciscano; Cidade: Santa Maria; Evento: Seminário Internacional em Letras: propostas e tendências; Inst.promotora/financiadora: Centro Universitário Franciscano

30. MEDEIROS, J. B.

Literatura e Sociedade: uma forma de emancipação do ser humano, 2008. (Conferência ou palestra,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: <http://www.forummundialeduacao.org/article229.html>; Local: Santa Maria; Cidade: Santa Maria; Evento: Fórum Mundial da Educação

31. MEDEIROS, J. B.

Literatura e sociedade: uma forma de emancipação do ser humano, 2008. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Literatura História Crítica Social

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: <http://www.forummundialeduacao.org/article229.html>; Evento: Fórum Mundial de Educação

32. MEDEIROS, J. B.

Atravessando Fronteiras: Literatura e sociedade em Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, 2007. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: ULBRA; Cidade: Cachoeira do Sul; Evento: II Seminário de Estudos Literários; Inst.promotora/financiadora: curso de Letras da ULBRA

33. MEDEIROS, J. B.

Literatura e suas contribuições pra a formação do cidadão, 2007. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Projeto Vida; Cidade: Palmas - Tocantins; Evento: Projeto de Cursinho Pré-vestibular Popular; Inst.promotora/financiadora: Centro de Educação Popular

34. MEDEIROS, J. B.

Literatura vinda das prisões, 2004. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: Literatura prisão autoritarismo

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: UNIFRA; Cidade: Santa Maria - RS.; Evento: IV Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Ensino e Inclusão Social; Inst.promotora/financiadora: Centro Universitário franciscano - UNIFRA

35. MEDEIROS, J. B.

Modernidade, Alegoria, Nacionalismo e Literatura, 2002. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Palavras-chave: alegoria literatura década de 30

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Salão de Atos do Colégio Marista Santa Maria; Cidade: Santa Maria; Evento: II Jornada de Literatura e Autoritarismo: a produção cultural em regimes autoritários; Inst.promotora/financiadora: UFSM

36. MEDEIROS, J. B.

Adorno, Auschwitz e a repressão hoje, 2001. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Auditório da SEDUFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: I Encontro Tempos de Repressão; Inst.promotora/financiadora: UFSM

37. MEDEIROS, J. B.

O autoritarismo em Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos, 2001. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Auditório Audimax - CE - UFSM; Cidade: Santa Maria; Evento: II Encontro Tempos de Repressão; Inst.promotora/financiadora: UFSM

Produção Técnica

Demais produções técnicas

1. MEDEIROS, J. B.

A Literatura e suas contribuições para a formação do cidadão, 2007. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 3 horas.

2. MEDEIROS, J. B., OURIQUE, J. L., CALLEGARO, L.

Curso de Extensão, 2004. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português. 60 horas.

Eventos

Participação em eventos

1. Apresentação Oral no(a) **VIII Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Sujeito e Representação**, 2008. (Seminário)

A História da Revolução Farroupilha e suas entrelinhas em A prole do Corvo, de Luiz Antonio de Assis Brasil.

2. Apresentação Oral no(a) **Fórum Mundial da Educação**, 2008. (Seminário)

Literatura e Sociedade: uma forma de emancipação do ser humano.

3. **I Curso de Formação de Profissionais da Educação**, 2008. (Seminário)

.

4. **II Simpósio Memórias da Repressão**, 2008. (Simpósio)

.

5. Apresentação Oral no(a) **II Mostra de Pós-Graduação**, 2007. (Outra)

A difícil tarefa de voltar para casa: A trégua, de Primo Levi.

6. Apresentação Oral no(a) **II Seminário de Estudo Literários**, 2007. (Seminário)

Atravessando Fronteiras: Literatura e Sociedade em Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

7. Apresentação Oral no(a) **VIII Congresso Internacional de Educação Popular**, 2007. (Congresso)

Educação e Cidadania: contribuições da Literatura.

8. Apresentação Oral no(a) **XI Encontro Regional da ABRALIC**, 2007. (Encontro)

Primo Levi: um sobrevivente da barbárie.

9. Apresentação Oral no(a) **VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos olhares, Múltiplas Perspectivas**, 2007. (Seminário)

Um sobrevôo sobre a História da Literatura Judaica no Brasil.

10. **61 Seminário de Estudos Avançados**, 2007. (Seminário)

.

11. **Colóquio Internacional Guimarães Rosa**, 2006. (Outra)

Colóquio Internacional Guimarães Rosa.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

12. **Encontro de poesia Mário Quintana**, 2006. (Encontro)

Encontro de poesia Mário Quintana.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

participação como ouvinte e como comunicante

13. **Seminário Josué Guimarães: vencendo tempos e fronteiras**, 2006. (Seminário)

Seminário Josué Guimarães: vencendo tempos e fronteiras .

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

14. Seminário Internacional Érico Veríssimo - Retratos da Vida Inteira, 2005. (Seminário)
Seminário Internacional Érico Veríssimo - Retratos da Vida Inteira.

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

participação como ouvinte

15. V Seminário Internacional em Letras: Múltiplas Linguagens - Trânsito de Fronteiras, 2005. (Seminário)

V Seminário Internacional em Letras: Múltiplas Linguagens - Trânsitos de Fronteira.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

16. VI seminário Internacional de História da Literatura, 2005. (Seminário)

VI Seminário Internacional de História da Literatura.

Áreas do conhecimento : Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

17. IV Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Ensino e Inclusão Social, 2004. (Seminário)

IV Seminário Internacional em Letras: Linguagem, Ensino e Inclusão Social.

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como Ouvinte e como comunicante

18. I Seminário Nacional - História da Literatura, 2003. (Seminário)

I Seminário Nacional - História da Literatura.

Palavras-chave: Memórias do Cárcere Literatura História

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

19. I Simpósio Internacional de Literatura Brasileira e Hispano-Americana Contemporânea, 2003. (Seminário)

I Simpósio Internacional de Literatura Brasileira e Hispano-Americana Contemporânea.

Palavras-chave: Prisão Literatura violência

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

20. Semana Acadêmica do Curso de Letras, 2002. (Congresso)

Anos Mofados, vidas destruídas - uma análise do conto Os sobreviventes, de Caio Fernando Abreu.

Palavras-chave: Literatura ditadura despersonalização

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

21. Corpo I. O Corpo Torturado, 2002. (Congresso)

Corpo I. O Corpo Torturado.

Palavras-chave: prisão violência despersonalização

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

22. II Jornada de Literatura e Autoritarismo, 2002. (Seminário)

II Jornada de Literatura e Autoritarismo.

Palavras-chave: alegoria literatura década de 30

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como ministrante de oficina

23. II Seminário Internacional em Letras - Memória e Escrita, 2002. (Seminário)

II Seminário Internacional em Letras - Memória e Escrita.

Palavras-chave: autobiografia memória testemunho

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

24. VIII Congresso Internacional ABRALIC 2002, 2002. (Congresso)

VIII Congresso Internacional ABRALIC 2002.

Palavras-chave: Literatura prisão crítica social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

25. XVII Jornada Acadêmica Integrada, 2002. (Outra)

XVII Jornada Acadêmica Integrada.

Palavras-chave: Literatura memória História

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

26. 2.º Encontro do Núcleo de Estudos - Linguagem, Cultura e Sociedade, 2002. (Encontro)

2.º Encontro do Núcleo de Estudos - Linguagem, Cultura e Sociedade.

Palavras-chave: década de 30 História crítica social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

27. 21.a Semana de Letras e 7.º Seminário Internacional de Língua e Literatura, 2002. (Seminário)

21.ª Semana de Letras e 7.º Seminário Internacional de Língua e Literatura.

Palavras-chave: prisão violência denúncia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

28. As Múltiplas Vozes de Walter Benjamin, 2001. (Seminário)

As Múltiplas Vozes de Walter Benjamin.

Palavras-chave: Walter Benjamin holocausto

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

29. I Encontro Internacional de Estudos Culturais, 2001. (Seminário)

I Encontro Internacional de Estudos Culturais.

Palavras-chave: estudos culturais grupos marginalizadosl autoritar

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como palestrante

30. I Encontro Tempos de Repressão, 2001. (Seminário)

I Encontro Tempos de Repressão.

Palavras-chave: autoritarismo violência crítica social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como palestrante

31. I Jornada de Literatura e Autoritarismo, 2001. (Seminário)

I Jornada de Literatura e Autoritarismo.

Palavras-chave: autoritarismo crítica social denúncia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como palestrante

32. II Encontro Tempos de Repressão, 2001. (Seminário)

II Encontro Tempos de Repressão.

Palavras-chave: Literatura autoritarismo crítica social

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como palestrante

33. II Semana De Letras, 2001. (Seminário)

II Semana Acadêmica de Letras URI - Campus Santiago.

Palavras-chave: Literatura memória denúncia

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como comunicante

34. Semana Acadêmica - Um elo entre a teoria e a prática, 2001. (Congresso)

Semana Acadêmica - Um elo entre a teoria e a prática.

Palavras-chave: ensino de Literatura

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

35. Semana Acadêmica: um elo entre a teoria e a prática, 2001. (Outra)

Semana Acadêmica: um elo entre a teoria e a prática.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

36. Seminário Internacional em Letras: Propostas e Tendências, 2001. (Seminário)

Seminário Internacional em Letras: Propostas e Tendências.

Palavras-chave: questionamneto da historiografia, Literatura memória

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como comunicante

37. VII Seminário de Teses em Andamento, 2001. (Seminário)

VII Seminário de Teses em Andamento.

Palavras-chave: autoritarismo ditadura prisão

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

38. XVI Jornada Acadêmica Integrada, 2001. (Outra)

XVI Jornada Acadêmica Integrada.

Palavras-chave: autoritarismo ditadura década de 30

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

39. I Congresso Ibero-Americano de formação de professores, 2000. (Congresso)

I Congresso Ibero-Americano de formação de professores.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

40. I Congresso Internacional de Educação Popular - o educador do futuro e o futuro do educador, 2000. (Congresso)

I Congresso Internacional de Educação Popular - o educador do futuro e o futuro do educador.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

41. Seminário Internacional Subjetividade e Escrita, 2000. (Seminário)

Seminário Internacional Subjetividade e Escrita.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

42. XV Jornada Acadêmica Integrada, 2000. (Outra)

XV Jornada Acadêmica Integrada.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

43. XX Semana de Letras e VI Seminário Internacional de Língua e Literatura, 2000. (Seminário)

XX Semana de Letras e VI Seminário Internacional de Língua e Literatura.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

44. Curso de Letras: História e Perspectivas, 1999. (Congresso)

Curso de Letras: História e Perspectivas.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

45. IV Semana Acadêmica do Curso de Letras - Pesquisa e Ensino na Áreas de Letras: as interfaces do conhecimento, 1999. (Outra)

IV Semana Acadêmica do Curso de Letras - Pesquisa e Ensino na Áreas de Letras: as interfaces do conhecimento.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

46. Literatura e História - Perspectivas e Convergências, 1999. (Congresso)

Literatura e História - Perspectivas e Convergências.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

47. Novas Propostas: Códigos e Linguagem, 1999. (Congresso)

Novas Propostas: Códigos e Linguagem.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

48. Semana Cultural Acadêmica do Curso de Letras, 1999. (Outra)

Semana Cultural Acadêmica do Curso de Letras.

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte

49. XIII Jornada Acadêmica Integrada, 1998. (Outra)

XIII Jornada Acadêmica Integrada.

Palavras-chave: português como língua estrangeira aprendido

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação como ouvinte e como comunicante

Organização de evento

1. MEDEIROS, J. B.

Curso de Extensão, 2004. (Outro, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

2. MEDEIROS, J. B.

II Jornada de Literatura e Autoritarismo: a produção cultural em regimes autoritários, 2002. (Congresso, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

3. MEDEIROS, J. B.

I Encontro Internacional de Estudos Culturais, 2001. (Congresso, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

4. MEDEIROS, J. B.

I Jornada de Literatura e Autoritarismo, 2001. (Congresso, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

5. MEDEIROS, J. B.

II Encontro Tempos de Repressão, 2001. (Congresso, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Referências adicionais : Brasil/Português.

6. MEDEIROS, J. B.

IV Semana Acadêmica do Curso de Letras, 1999. (Outro, Organização de evento)

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Literatura Comparada

Referências adicionais : Brasil/Português.

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicado em periódico.....	7
Artigos aceitos para publicação.....	1
Capítulos de livros publicados.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	27
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	29
Apresentações de Trabalhos (Conferência ou palestra).....	8

Produção Técnica

Curso de curta duração ministrado (extensão).....	1
Curso de curta duração ministrado (aperfeiçoamento).....	1

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	10
Participações em eventos (seminário).....	26
Participações em eventos (simpósio).....	1
Participações em eventos (encontro).....	3
Participações em eventos (outra).....	9
Organização de evento (congresso).....	4
Organização de evento (outro).....	2

Outras informações relevantes

1 Durante a Graduação em Letras, fui monitora da disciplina de Português IV por 2 anos e participei do projeto Revisores de textos, trabalhando como corretora de redação em cursinhos Pré-Vestibulares e como corretora de monografias e dissertações de mestrado e doutorado. Trabalhei em cursinhos pré-vestibulares ministrando aulas de redação. Durante o Curso de mestrado, fui bolsista (CAPES), entreguei todos os relatórios e a dissertação dentro dos prazos estipulados pelo Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Participação no Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo e O Autoritarismo como tema da Literatura na RDA, no Brasil e na Hispano-América, sob coordenação da Prof. Dr. Rosani Ketzer Umbach. Realização de Docência Orientada, sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg, totalizando uma Carga Horária de 15 h/semanais, na disciplina de Teoria da Literatura, do Curso de Graduação em Letras - habilitação Espanhol. Aprovação no Concurso do magistério do Estado do Rio Grande do Sul - Ensino Médio, aprovação no concurso da Unipampa Atuação como professora de Literatura no Centro Integrado de Preparação do Estudante - CIPEL. Bolsista doutorado CNPQ - PUCRS. Participação de projetos do Acervo Literário, sob orientação da Prof. Dr. Maria da Glória Bordini e Prof. Dr. Maria Luísa Remédios